



Parágrafo único -UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
**COORDENADORIA DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

# CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

# PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

Florianópolis, 2003/2006

**CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSC**

**Reforma Curricular**

**Projeto Político Pedagógico**

**2006**

Comissão para a elaboração do Projeto Político Pedagógico do Curso de  
Ciências Sociais

Portaria no. 001/CCSO/2003 - 09/06/2003

Professores (as):

- Antonella Tassinari
- Elizabete Farias da Silva
- Janice Tirelli Ponte de Sousa
- Maria Soledad Etcheverry
- Miriam Hartung
- Remy Fontana

Alunos (as):

- Ludmilla Carvalho
- Fernando Baptista

## Sumário

Apresentação.....	05
1. Histórico e contextualização.....	08
2. Diagnóstico.....	13
3. As bases legais do curso de ciências sociais.....	29
4. Princípios e objetivos do curso de ciências sociais .....	31
5. Bacharel e licenciado: perfil e campo de atuação do profissional egresso.....	33
6. Estrutura do curso e organização curricular.....	37
7. Estágios curriculares: concepção e composição.....	45
8. A organização curricular .....	49
9. Concepção e composição dos trabalhos de conclusão de curso e estágio curricular profissional.....	133
10. Concepção e composição das atividades Complementares.....	135
11. As formas de avaliação.....	138
Anexos.....	141

## APRESENTAÇÃO

A presente proposta curricular do Curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina foi elaborada e aprovada pelo respectivo colegiado de curso na data de 01/02/2006, após discussão entre professores, alunos e departamentos que atuam no curso em diferentes encontros, seminários, fóruns, etc.

Ao longo dos últimos anos a reformulação do curso tornou-se uma exigência dada a necessidade de uma adequação às mudanças sociais aceleradas que atingem o processo educacional no seu conjunto e que incidem particularmente nas metodologias educacionais, no perfil do aluno ingressante e nos diversos espaços de atuação profissional dos cientistas sociais.

O Curso de Ciências Sociais procurou, assim, dar respostas abrangentes a estas mudanças, por meio da participação do corpo docente e discente, em fóruns regionais e nacionais sobre as questões curriculares e profissionais das três áreas das Ciências Sociais - Antropologia, Ciência política e Sociologia. Além disso, promoveram-se seminários no âmbito da própria UFSC reunindo professores e alunos para diagnóstico da situação do curso<sup>1</sup>, produziram-se textos que serviram como instrumentos norteadores das discussões<sup>2</sup>, formaram-se comissões, paritárias, visando a ampliação do debate sobre o currículo atual e a necessidade de sua reformulação.

A primeira comissão de reformulação do currículo atual (em vigor desde 1989) foi criada na Gestão do Colegiado de 1999-2001 e composta pelos professores Ricardo Virgilino, então presidente do Colegiado, Paulo Freire Vieira, Maria Regina Lisboa, Maria Amélia Diecke, Klaus Frey e Janice Tirelli Ponte de Sousa. Deste esforço resultou o documento *Relatório da Comissão para a Reforma do Curso de Graduação em Ciências Sociais da UFSC*. Na ocasião, o debate sobre as novas diretrizes curriculares nacionais para o ensino superior e formação de professores era incipiente no contexto

---

<sup>1</sup> I Semana de Avaliação do Curso de Ciências Sociais da UFSC - realizada em 1995; II Seminário de Avaliação do Curso de Ciências Sociais - realizada em 1996; III Semana de Ciências Sociais em 1997; IV Semana de Ciências Sociais em 2002; I Jornada para elaboração do Projeto Político Pedagógico do curso de Ciências Sociais em 2003; VII Semana de Ciências Sociais e II Jornada Político Pedagógica do Curso de Ciências Sociais em 2004.

<sup>2</sup> “Os Cientista Sociais e a Busca de Identidades profissionais, de autoria do Prof. Dr. Erni Seibel em outubro de 1996; “ Subsídios para o Seminário de Avaliação do Curso de Ciências Sociais , elaborados pelo CAEn; “ Perfil dos alunos do Curso de Ciências Sociais / 1996, elaborado pelas Coordenadoria do Curso; “Pré-Proposta de Reestruturação Curricular do Curso “, elaborada pelo Departamento de Antropologia, em 1996; “Perfil dos alunos do Curso de Ciências Sociais ”, elaborado pela Profa. Dra. Ligia Luchmann em 2001-02.

institucional e refletia o baixo interesse no cumprimento das exigências legais, que emanavam dos novos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Paradoxalmente, isso vinha ocorrendo no âmbito das licenciaturas, de onde partiam a maior motivação e mobilização por mudanças, visando à qualificação dos cursos de formação de professores.

Na gestão do Colegiado 2001-2003<sup>3</sup>, a coordenação do curso instalou o Fórum da Graduação do Curso de Ciências Sociais, dando prosseguimento aos esforços para a reforma curricular. Isto se fez em correspondência a um incremento das discussões regionais e nacionais do período. Propiciou, por outro lado, um maior envolvimento dos professores em encontros dos cursos de Ciências Sociais no Brasil (ENCCS), trazendo muitos subsídios às discussões internas.

A gestão seguinte (2003-2005<sup>4</sup>) partiu do resultado das discussões acumuladas, prosseguindo nos trabalhos de definição de um Projeto Político Pedagógico de acordo com exigências institucionais e legais atualizadas<sup>5</sup>. Foi importante, neste período, a participação do curso no *Colóquio das Licenciaturas* criado pelo Centro de Educação, no 2º semestre de 2003, onde interagiram doze licenciaturas da UFSC. Este novo quadro possibilitou a retomada mais detalhada da reforma por uma nova comissão, agora composta pelos professores Antonella Imperatriz Tassinari, Elizabete Farias da Silva, Janice Tirelli Ponte de Sousa, Maria Soledad Etcheverry, Miriam Furtado Hartung, Remy José Fontana e os(as) alunos(as) Ludmila Ludke de Carvalho e Fernando Baptista.

O Projeto Político Pedagógico, ora encaminhado para a apreciação dos colegas professores, representa a síntese de um processo que envolveu a atuação de muitos professores e alunos, nestes últimos dez anos, na perspectiva da qualificação do curso. Anteriormente à apresentação técnica da proposta incluímos uma abordagem histórico - diagnóstica do curso, visando ampliar a análise das implicações e responsabilidades relativas às exigências formais das novas diretrizes curriculares. Procurou-se, assim, especificar as orientações dos procedimentos a serem adotados, objetivando organizar a

---

<sup>3</sup> Gestão da Profa. Dra. Ligia Luchamn.

<sup>4</sup> Gestão Prof. Dra. Janice Tirelli Ponte de Sousa.

<sup>5</sup> VII Encontro Nacional dos Cursos de Ciências Sociais, em Niterói.

memória documental do curso, cuja lacuna tem dificultado as rotinas administrativas e prejudicado a construção de identidade do curso.

Após a realização do Fórum da graduação a presente proposta foi analisada e aprovada pelo colegiado do curso, que ora a envia às instâncias superiores da UFSC para apreciação, aprovação e implantação no tempo determinado pela legislação vigente.

# 1) HISTÓRICO E CONTEXTUALIZAÇÃO

## 1.1) ORIGENS: INICIATIVAS E CONTEXTO

Enquanto as Ciências Sociais no Brasil, nos anos de 1960 e 1970, constituíam-se num reduto estratégico de intelectuais, agrupados em instituições como o ISEB no Rio ou a USP em São Paulo, que se contrapunham ao obscurantismo da ditadura militar, em Santa Catarina a área apenas esboçava sua organização acadêmica. Como em outros lugares, o cenário que se apresentava era de disputa entre posições mais conservadoras e aquelas de oposição ao autoritarismo vigente<sup>6</sup>.

Antes da existência de um curso próprio de Ciências Sociais <sup>7</sup>, os primeiros professores que se encarregavam de ministrar disciplinas da área para alguns cursos da UFSC eram economistas, historiadores, juristas, filósofos (destes, alguns ex-seminaristas, impregnados de um *tomismo* de corte mais teológico que filosófico). As bases institucionais do curso de Ciências Sociais da UFSC se constituíram a partir deste conjunto de intelectuais e de suas iniciativas. Parte era formada de intelectuais “tradicionais” e professores “convencionais” mais que acadêmicos. Porém, já havia um número significativo de pesquisadores e produtores de conhecimento tal como hoje os consideramos.

---

<sup>6</sup> Há quem veja a emergência de um curso de Sociologia, em 1973, em plena ditadura (Governo Médici) como um ato de afirmação democrática, pelas ressonâncias contestadoras associadas a este campo do conhecimento. Para outros, dada a presença de notórios conservadores, complacentes com o regime militar, entre os professores que encabeçam sua instalação, sua dimensão ‘subversiva’ não parece sustentável. A hipótese sobre as motivações subjacentes à criação deste curso aponta em duas direções: de um lado, uma resposta aos influxos desenvolvimentistas e de diferenciação social que ocorriam em Santa Catarina; de outro, a oportunidade de criação de um nicho de reflexão e intervenção pedagógica para um segmento afinado com o conservadorismo social da Igreja Católica. Complementar a estas duas ‘fontes’, um grupo de historiadores, nucleados no Museu de Antropologia, traria um aporte de maior arejamento crítico e de *práxis* acadêmica, ainda incipiente é verdade, aos esforços de organização do curso.

<sup>7</sup> Criado em 1973 e reconhecido pelo decreto presidencial n.81.144 de 1978, o curso de graduação em Ciências Sociais na UFSC integra o Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Sua organização administrativa e pedagógica compõe-se do Depto. de Antropologia (ANT) e do Depto. de Sociologia e Ciência política (SPO). Antes desta configuração atual o departamento teve outras duas designações, Departamento de Sociologia (SCL) e Departamento de Ciências Sociais (CSO). Academicamente se expressa pelos cursos de graduação, de mestrado e doutorado, além de quase duas dezenas de Núcleos e Laboratórios de Pesquisa. Os cursos funcionam nos períodos matutino e noturno, com uma estrutura curricular direcionada à capacitação analítica e interpretativa e de intervenção na realidade social. Sua grade curricular é composta de disciplinas obrigatórias e optativas, de estágios e outras práticas pedagógicas e acadêmicas. Seus alunos de graduação habilitam-se a dois diplomas, de bacharelado e de licenciatura.

Assim, não surpreende que o curso, em seu início, tenha como eixo o ensino, mais discursivo e livre, do que a originalidade de um pensamento que brota de pesquisa ou de uma reflexão a partir de problemáticas significativas. Elaboração e publicação de estudos resultam de um esforço individualizado, fragmentado, ainda não suficiente para impregnar nem dinamizar as relações entre professores, alunos e uma comunidade científica, o que acontecerá mais tarde.

## 1. 2) INSTITUIÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DO CURSO

Em seu momento de instalação, o curso de Ciências Sociais da UFSC padecia de constrangimentos institucionais, políticos e ideológicos, não só administrativamente, mas em termos de seus vínculos orgânicos, conexões estratégicas e orientações normativas, o que se evidenciava pelo fato de ter o chefe de departamento nomeado pelo Reitor, como era prática no período. Não se pretende negar, porém, a existência, entre alguns de seus primeiros professores, de uma postura de resistência democrática e, mais ainda, entre as primeiras turmas de alunos. Também não se pode descartar a idéia de que, dado o pouco prestígio social da área naquele momento e a quase inexistência de um mercado de trabalho, alguns alunos vinham em busca de um diploma universitário, supostamente “fácil”, inclusive como egressos de um mecanismo de vestibular que contemplava ingressos de segunda ou terceira opções.

Como se vê, as fragilidades, incipiências e rarefação institucional, acadêmica e sócio-política que delineavam os primórdios do curso não auguravam uma promissora trajetória. Que o curso, gradativamente tenha se firmado, consolidado uma reputação e reconhecimento social e acadêmico ao longo das últimas duas décadas deve ser creditado igualmente aos esforços acadêmicos de seus quadros docentes, à sua luta sindical por condições de trabalho dignas e por uma universidade democrática e de qualidade, mas também pelas demandas dos estudantes e pelas pressões de uma sociedade que cresceu em diferenciação e exigências.

O primeiro currículo contemplava áreas de conhecimento e disciplinas como museologia, folclore, arqueologia, antropologia, sociologia da educação e ciência política. A antropologia já nesta época apresentava certa maturidade

acadêmica, ressaltando-se a erudição e o denodo de Oswaldo Rodrigues Cabral e Silvio Coelho dos Santos.

Uma preocupação da época - expressa na organização curricular - era enfatizar uma formação profissionalizante, num contexto de pouca clareza sobre o âmbito de intervenção dos sociólogos, que apenas no início dos anos 1980 terão sua atividade reconhecida pelo Ministério do Trabalho. Especialmente relevante era distinguir as atribuições profissionais entre sociólogos e assistentes sociais. Enquanto estes já asseguravam uma identidade e espaço de atuação razoáveis no mercado de trabalho, aqueles ainda buscavam criar ou afirmar sua identidade e, mais problematicamente, conquistar um espaço de atuação num contexto social e cultural que via a disciplina, no mínimo, com alguma desconfiança ou incompreensão. À antropologia, mais especificamente, parecia ter-se reservado o estudo ou o “cuidado” com os “índios”, que buscavam resistir à sua degradação cultural e afirmar seu direito à diversidade. No litoral de Santa Catarina, também se afirmava, via investigação arqueológica, os estudos dos sambaquis.

Por outro lado, a cunha autoritária, guardiã dos interesses estratégicos e ideológicos do regime militar, encontrava sua expressão curricular nas disciplinas OSPB (Organização Social e Política Brasileira) e EPB (Estudos dos Problemas Brasileiros). Convém lembrar que estas disciplinas eram obrigatórias para todas as áreas acadêmicas, isto é, não eram exclusivas das humanidades. Cabe lembrar que a luta universitária para livrar-se destes resíduos obscurantistas prolongou-se por muitos anos.

Uma grande inflexão curricular do curso de Ciências Sociais ocorreu no final dos anos 1970, com a criação de curso de Especialização, e posteriormente de Mestrado, onde a questão da renovação e qualificação dos docentes tornou-se premente. Adequar as novas responsabilidades de docência, pesquisa e extensão ao nível da pós-graduação com as continuadas exigências da docência do curso de graduação, além de encargos administrativos atribuídos aos professores, constituiu-se em desafio para manter a permanente dimensão crítica, permeada por tensões, negociações e ajustes.

A reforma curricular iniciada em 1985 pretendeu aprofundar a formação teórico-metodológica, além de apontar, pela diversidade de ofertas de

disciplinas optativas, para uma diferenciação profissionalizante. Embora estes esforços significassem um passo adiante, as condições para sua eficaz realização ainda eram incipientes e o mercado de trabalho para cientistas sociais ainda extremamente rarefeito. O que, entretanto, apesar de tudo se afirmava, era o compromisso com valores de mérito acadêmico, a progressiva produção intelectual e a intervenção pedagógica mais qualificada.

A criação da pós-graduação daria ensejo à contratação de mestres e doutores, nacionais e estrangeiros, na condição de efetivos ou de professores-visitantes, que juntos ao grupo de professores já presentes no departamento de Ciências Sociais definiram um momento de inflexão, a partir do qual se consolidaria uma dinâmica acadêmica propriamente dita, bastante promissora. Superavam-se gradativamente antigas práticas de ensino, descartavam-se conteúdos programáticos obscuros, caducavam discursos e intervenções pedagógicas e administrativas inconsistentes. Outros horizontes, balizados por rigor acadêmico, práticas de pesquisa e produção teórica arejariam a atmosfera, motivando alunos e professores e dando maior visibilidade e reconhecimento institucional e social a esta área de conhecimento.

### 1. 3) DESAFIOS PRESENTES E PERSPECTIVAS

As transformações estruturais das sociedades contemporâneas impactam as reflexões e as representações científicas sobre elas. Os cursos de Ciências Sociais são assim confrontados com necessidades incontornáveis de revisões, renovações, ajustes e adequações de suas estruturas, práticas, objetivos, finalidades e pertinência aos novos tempos e às novas exigências. No âmbito da UFSC tem havido algum empenho nestas direções pela realização, nos últimos 10 anos, de semanas de Ciências Sociais, seminários de avaliação do curso, fóruns e jornadas de debates sobre a natureza, formato e currículo do curso. O atual processo de redefinição do projeto político pedagógico inscreve-se neste fluxo de questionamentos, de busca de atualização e maior sintonia com a dinâmica das sociedades contemporâneas, que fazem desta época um tempo acelerado, de alteração de relações sociais e de seus paradigmas explicativos.

Concretamente, o que está em pauta é uma reforma curricular visando assegurar a melhor formação acadêmica possível, de profissionais que

encontrem colocação no mercado de trabalho, sem se verem submetidos ou conduzidos pela lógica de um mercado que se apresenta em nome da sociedade, estimulando o espírito crítico e emancipatório próprio das Ciências Sociais .

## 2. DIAGNÓSTICO

### 2.1) O CURSO E SUAS CONDIÇÕES DIDÁTICO- PEDAGÓGICAS

O Curso de Ciências Sociais é uma unidade pedagógica do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH), vinculado aos Departamentos de Antropologia (ANT) e Sociologia e Ciência política (SPO). Está composto por um quadro docente altamente qualificado, conforme podemos verificar na tabela abaixo, que indica o número de professores e suas respectivas titulações, por departamento:

Tabela I

Situação do Quadro Docente do curso de Ciências Sociais

<b>Titulação</b>	<b>Depto. de Antropologia</b>	<b>de</b>	<b>Depto. de Sociologia e Ciência política</b>	<b>Total</b>
Doutores:				
Efetivos	14		20	34
Recém-Doutores	01		01	02
Mestres			02	02
Especialistas			01	01
Total Geral	15		24	39

Seu corpo de professores exerce atividades de ensino, extensão e pesquisa; estas últimas realizadas a partir de dezenove (19) núcleos e laboratórios<sup>8</sup>, em treze (13) linhas de investigação, incorporados nos cursos de pós-graduação em Antropologia Social e Sociologia Política.

<sup>8</sup> **Programa de Pós Graduação em Sociologia e Ciência política:** LEES - Laboratório Empresariado, Estado e Sociedade; LASTRO Laboratório de Sociologia do Trabalho; NPMS- Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais; TMT- Núcleo de Pesquisa e de Estudos sobre as Transformações do Mundo do Trabalho; NIPP- Núcleo Interdisciplinar em Políticas Públicas; NDM - Núcleo de Meio Ambiente e Desenvolvimento; NEAF – Núcleo de Estudos da Agricultura Familiar; NETEC Núcleo de Educação, Tecnologia e Cultura; NISRA – Núcleo Interdisciplinar Sustentabilidade e Redes Agroalimentares; NEJ – Núcleo de Estudos da Juventude Contemporânea; SOCITEC – Núcleo de Estudos da Sociedade, Ciência e Tecnologia.

**Programa de Pós Graduação em Antropologia Social:** LEVIS – Laboratório de Estudos da Violência; MUSA – Núcleo de Arte, Cultura e Sociedade na América Latina e no Caribe; NAUI- Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural; NAVI – Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos de Imagem; NEPI – Núcleo de Estudos de Populações Indígenas; NESSI – Núcleo de Identidades de Gênero e

Direcionado para a pesquisa acadêmica, bacharelado, e para o magistério, licenciatura, o curso desenvolve um conjunto de atividades que objetivam a aquisição e a produção de conhecimentos acerca da totalidade social e de sua dinâmica. O curso é composto pelas três áreas de conhecimento que formam o seu eixo central - Antropologia, Ciência política e Sociologia - desenvolvendo estudos sobre temáticas que abrangem: o sistema político, as políticas públicas, as instituições sociais (família, escola, religião, e outras), o sistema empresarial, as transformações no mundo do trabalho, as relações sociais produzidas pela agricultura familiar, as relações sócio-técnicas, a sociedade de risco, os movimentos sociais, a diversidade sócio-cultural, as gerações e suas sociabilidades, as relações de gênero, a problemática indígena, as questões raciais e étnicas, o desenvolvimento e o meio ambiente, entre tantas outras questões de interesse social.

O esforço de investimento em pesquisa do corpo docente, evidenciado por esse amplo espectro de temas de investigação acima mencionados, juntamente com um consenso formado nos últimos anos sobre a necessidade de integração entre os cursos de graduação e de pós-graduação, têm resultado na melhoria constante da qualidade do curso.

O curso de Ciências Sociais, oferecido nos turnos matutino e noturno, apresenta atualmente uma estrutura curricular orientada para o desenvolvimento da capacitação analítica, interpretativa e de intervenção na realidade. Está organizado em um conjunto de disciplinas obrigatórias (1962 horas aula no Bacharelado e 1926 horas aula na Licenciatura) e optativas (648 horas no Bacharelado e 216 horas aula na Licenciatura) e outras atividades acadêmicas complementares.

A graduação em Ciências Sociais habilita para o bacharelado e/ou para a licenciatura, num conjunto de disciplinas subdivididas em núcleos de formação, quais sejam:

a) núcleo de formação básica, que além das disciplinas oferecidas por outros departamentos da UFSC (História, Geografia, Economia e Estatística) é

---

Subjetividades; NIGS – Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas; NUR – Núcleo de Antropologia das Religiões; Núcleo de Pesquisa em Antropologia Fundamental - A-Funda.

**Laboratório de Apoio:** LABICS- Laboratório de Imagem das Ciências Sociais e LAB – Laboratório de Antropologia.

composto por disciplinas que têm como objetivo a formação teórico-metodológica nas áreas que formam a identidade do curso: Antropologia, Ciência política e Sociologia. Nesse sentido, os conteúdos teóricos (disciplinas obrigatórias e optativas) oferecidas por cada área, e os conteúdos metodológicos ( Epistemologia das Ciências Sociais, Métodos e Técnicas de Pesquisa I e II), também compõem este eixo de formação. Um outro conjunto de disciplinas visa atender às necessidades específicas de cada habilitação e a opção pela licenciatura ou bacharelado dá-se a partir da 5ª fase;

b) núcleo de formação livre constitui-se de disciplinas oferecidas por outros cursos da Universidade, podendo o aluno optar por cursá-las de acordo com a sua livre escolha;

c) núcleo de formação complementar, disciplinas cujos créditos são atribuídos pela vinculação do aluno em atividades de pesquisa, extensão e ensino realizadas com a supervisão de um professor orientador.

No caso do bacharelado, desde 1989, além de cursar as disciplinas do núcleo de formação básica e de completar a carga horária exigida pelo curso com disciplinas optativas, o aluno opta no último semestre, sob orientação de um professor do quadro, por um estágio supervisionado com apresentação de um relatório da atividade realizada, ou elabora um trabalho de conclusão do curso (TCC). Desde a vigência da atual legislação já foram concluídos, aproximadamente 300 trabalhos de conclusão de curso (TCC). É possível, também, o cumprimento de estágio curricular supervisionado do aluno em outras organizações não acadêmicas, sob a orientação de um professor do curso. Esta opção foi utilizada apenas uma única vez, no âmbito de uma organização governamental, sendo praticamente desconhecida pelo corpo docente e discente.

A opção pela licenciatura estabelece que além das disciplinas do núcleo de formação básica, exceto Métodos e Técnicas de Pesquisa II, o aluno deve cursar um conjunto de disciplinas didático-pedagógicas como Psicologia da Educação, Sociologia da Educação, Didática Geral, Metodologia de Ensino e Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º graus, Práticas de Ensino. Deverá também realizar um estágio supervisionado em uma instituição de ensino, como requisitos para o exercício do magistério junto ao ensino básico.

Preocupados e atentos às mudanças sociais e seus desdobramentos no perfil do aluno ingressante no curso, bem como às novas demandas de atuação, os professores e alunos vêm, periodicamente, realizando seminários de avaliação conjunta. Pode-se tomar como momentos importantes desse processo de avaliação algumas iniciativas que sistematizaram uma discussão coletiva dos problemas próprios do curso.

Durante a década de 1990 vários encontros dinamizaram a reflexão crítica do curso. Na I Semana de avaliação do curso de Ciências Sociais, realizada pela coordenadoria, em 1995, pesquisas e documentos analíticos de professores foram apresentados como subsídios às discussões. As questões levantadas serviram de base a um programa de gestão do colegiado no período 1995 - 1997. Na ocasião, o relatório parcial de pesquisa da profa. Regina Lisboa sobre os alunos das Ciências Sociais, no período 1990 a 1994, apresentou uma análise da relação candidato / vaga no Curso, e apontou uma tendência para a diminuição da sua procura. Segundo a autora isso ocorria, principalmente, no curso noturno, que muito embora entre 1986 e 1989 tenha mantido uma média de cinco candidatos na disputa de vagas, nos anos 90, teve este número diminuído para dois.<sup>9</sup>

As preocupações que centralizaram a atenção dos professores e dos estudantes do curso neste período de quatro anos, de 1990 a 1994, foram: desarticulação dos programas e das disciplinas, desmotivação dos alunos, problemas didáticos pedagógicos e a formação teórico-metodológica. Questões estas acrescidas de outras tantas já presentes nas discussões promovidas nas gestões anteriores, como: sistema de avaliação das disciplinas; relação pós-graduação – graduação; relação teoria e prática; ampliação das práticas de pesquisa (Plano de Trabalho 95/97); alto nível de evasão do curso; inadequação de uma grade curricular bastante fechada; incertezas quanto ao mercado de trabalho (Minella, 1995, Seibel, 1996).

---

<sup>9</sup> Conforme texto *Sobre a trajetória dos alunos no Curso de Ciências Sociais : algumas reflexões, Relatório Parcial de Pesquisa, Prof. Regina Lisboa*: “ (...) contraditoriamente, num momento em que se vivia uma certa expansão no mercado de trabalho da área com a visibilidade das Ciências Sociais no mundo da política e da cultura. O que chama a atenção para o debate da época é o cuidado quanto à afirmação categórica e generalizada da queda do interesse pelo curso, e a consideração sobre outras variáveis que reforçavam o contrário tais como: a especificidade do curso noturno, o baixo índice no vestibular, a condição de aluno trabalhador que caracterizava o corpo docente”.

O que parecia ser uma tendência se esboçando, posteriormente, reverteu-se, já que ao longo da segunda metade da década de 1990 e início dos anos 2000, verifica-se um crescimento substancial do interesse pelo curso, como podemos observar na tabela a seguir, onde aparece o registro da relação aluno por vaga nos vestibulares dos últimos dez anos:

Tabela II  
Relação Vaga/Candidatos no período 1994-2004

Curso	Ano	Total de Vagas	Opção 1	
			Inscritos	Candidato Vaga
Diurno	1994	35	106	<b>3,0</b>
Noturno	1994	35	58	<b>1,6</b>
Diurno	1995	35	29	<b>0,8</b>
Noturno	1995	35	144	<b>4,1</b>
Diurno	1996	35	201	<b>5,7</b>
Noturno	1996	35	48	<b>1,3</b>
Diurno	1997	35	46	<b>1,3</b>
Noturno	1997	35	183	<b>5,2</b>
Diurno	1998	40	252	<b>6,3</b>
Noturno	1998	40	84	<b>2,1</b>
Diurno	1999	40	69	<b>1,72</b>
Noturno	1999	40	256	<b>6,40</b>
Diurno	2000	40	268	<b>6,7</b>
Noturno	2000	40	84	<b>2,13</b>
Diurno	2001	40	176	<b>4,40</b>
Noturno	2001	40	220	<b>5,50</b>
Diurno	2002	40	204	<b>5,10</b>
Noturno	2002	40	206	<b>5,15</b>
Diurno	2003	40	175	<b>4,38</b>
Noturno	2003	40	207	<b>5,18</b>
Diurno	2004	40	174	<b>4,35</b>
Noturno	2004	40	207	<b>5,18</b>

A preocupação com a evasão aparece por ocasião da realização do II Seminário de Avaliação do curso de Ciências Sociais (1996). Nessa ocasião, os professores e estudantes propuseram alguns elementos para uma reforma curricular: revisão do número de créditos, revisão do conteúdo das ementas e abertura da grade curricular para disciplinas optativas oferecidas em outros cursos (Lüchmann, 1996). Esse debate reforçou uma discussão do currículo

que apontou para o projeto político pedagógico, apoiado numa epistemologia do ensino das Ciências Sociais .

Assim, a II Semana de Ciências Sociais, realizada em 1997, esteve voltada, prioritariamente, para os debates em torno da reforma do currículo. Nesta oportunidade, os temas acima foram aprofundados, novas sugestões agregadas, sobretudo no campo didático-pedagógico, tais como a possibilidade de realização de trabalhos de conclusão de curso em equipe e uma orientação mais eficaz do estudante desde seu ingresso.

No final dos anos 1990 e início dos 2000 iniciou-se um trabalho de aprofundamento desses debates, no âmbito do colegiado de curso. Encontros continuaram a ocorrer e novas propostas e sugestões vieram à tona, sem que, no entanto, se lograsse chegar à conclusão sobre um encaminhamento mais preciso sobre a reforma curricular. A nova comissão que assumiu os trabalhos na gestão do Colegiado de Curso 1999-2001<sup>10</sup> sistematizou o conjunto de informações anteriores e sugeriu outras a serem contempladas no escopo de um diagnóstico mais amplo do curso. Parte desse diagnóstico está registrada em Silva (2001), onde constam as considerações feitas na comissão apontando a necessidade de a reforma curricular envolver o conjunto de sujeitos do curso (professores, alunos e funcionários), assim como as instâncias administrativas. Chamava a atenção para o risco de a sua elaboração circunscrever-se apenas aos escaninhos burocráticos. Para evitar esse risco, existia a compreensão de que seria necessária uma ação que envolvesse todos os integrantes do curso, criando um ambiente de curiosidade intelectual coletiva. Apontava para a formação de profissionais preparados, capazes de proceder a análises fecundas acerca dos fenômenos sociais, bem como não perder de vista o comprometimento do aluno para a melhoria da qualidade do ensino.

Os debates dessa comissão deixaram, assim, a compreensão de um conjunto de dificuldades que deveriam ser superadas, para que se procedesse a uma reestruturação bem-sucedida do curso. Isso, sobretudo para equacionar um dos fenômenos que segundo seu relator era preocupante: o da evasão escolar. Preocupação de várias gestões do colegiado do curso, mas ainda não

---

<sup>10</sup> Comissão Compostas pelos professores: Ricardo Virgilio (Coordenador do Curso), Paulo Freire Vieira, Klaus Frey, Regina Lisboa, Janice Tirelli Ponte de Sousa, Maria Amélia Diecke.

superada, conforme podemos perceber nos argumentos registrados no documento e na tabelas seguintes:

*“O aluno tende a assumir uma trajetória errática a partir da metade do curso, quando é defrontado com a necessidade de escolha diante das disciplinas optativas. Não há qualquer forma de orientação ao estudante para a composição de seu currículo, no sentido de assegurar certa coerência e organicidade na escolha das disciplinas optativas. De outro lado, a oferta das disciplinas do curso tem sido realizada, em parte, obedecendo a injunções circunstanciais, tais como a disponibilidade e o interesse dos docentes, dificultando, mesmo aos estudantes com maior grau de consciência do tema que desejam estudar, a composição de um currículo mais articulado (...). Tal pulverização no esforço de formação do estudante tem conseqüências indesejáveis. Além de acarretar relativo desânimo ao aluno devido à precária integração entre os conteúdos das disciplinas que este é obrigado a cursar, também conduz à formação de um profissional com insuficiente manejo de instrumental analítico para o tratamento de problemas sociais específicos. Isso pode representar fato importante na restrição das possibilidades de inserção profissional do egresso do curso de Ciências Sociais em instituições públicas e privadas para desempenhar atividades condizentes com sua formação”. (Silva, 2001, p. 5).*

Os dados estatísticos sobre a situação do curso reforçam, também, esta análise sobre a pertinência da preocupação com os dados das evasões no início da década de 1990. Nas Tabela III elaboramos uma síntese da situação do CSO nos últimos 10 anos, em percentuais e em números absolutos, com o agregado de informações, aqui designadas genericamente de evasões (trancamentos, desistências, abandonos), com relação aos dados (percentuais e absolutos) do CFH e dos ingressantes anuais no vestibular ( 80 vagas por ano). Nos Gráficos I, II e III que se seguem, os mesmos dados do CSO estão especificados por categoria (formados, evasão, trancamentos) para fins de comparação com o conjunto dos dados do CFH.

Tabela III - Comparativo da Situação Alunos do CFH e CSO

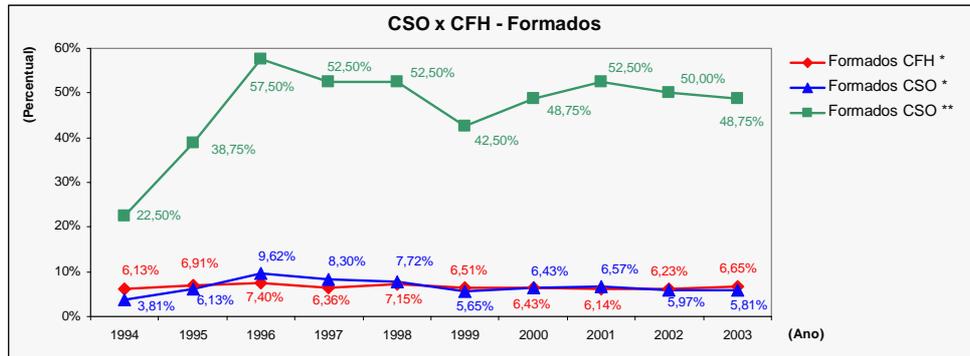
Situação dos alunos do Curso de Ciências Sociais - CSO comparativamente aos alunos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas - CFH

Ano	Matriculados		Formados				Trancamentos				Evasões				
	CFH	CSO	CFH	%*	CSO	%*	%**	CFH	%*	CSO	%*	CFH	%*	CSO	%*
1994	2.351	472	144	6,13%	18	3,81%	22,50%	774	32,92%	171	36,23%	149	6,34%	31	6,57%
1995	2.473	506	171	6,91%	31	6,13%	38,75%	969	39,18%	197	38,93%	274	11,08%	54	10,67%
1996	2.459	478	182	7,40%	46	9,62%	57,50%	1099	44,69%	226	47,28%	349	14,19%	72	15,06%
1997	2.627	506	167	6,36%	42	8,30%	52,50%	1011	38,48%	222	43,87%	347	13,21%	69	13,64%
1998	2.825	544	202	7,15%	42	7,72%	52,50%	743	26,30%	175	32,17%	524	18,55%	124	22,79%
1999	3.119	602	203	6,51%	34	5,65%	42,50%	309	9,91%	85	14,12%	343	11,00%	93	15,45%
2000	3.234	607	208	6,43%	39	6,43%	48,75%	277	8,57%	74	12,19%	239	7,39%	59	9,72%
2001	3.373	639	207	6,14%	42	6,57%	52,50%	313	9,28%	60	9,39%	251	7,44%	64	10,02%
2002	3.484	670	217	6,23%	40	5,97%	50,00%	320	9,18%	82	12,24%	246	7,06%	62	9,25%
2003	3.549	671	236	6,65%	39	5,81%	48,75%	329	9,27%	90	13,41%	214	6,03%	68	10,13%
Total	29.494	5.695	1.937		373			6.144		1.382		2.936		696	
Média				6,59%		6,60%	46,63%		22,78%		25,98%		10,23%		12,33%

\* em relação a todos os alunos matriculados no ano; \*\* em relação ao número de alunos que ingressam no ano (80)

Fonte: NPD/UFSC - Comissão Reforma Curricular 2003-05

Gráfico I - Comparativo dos Formados - CSO X CFH



GráficoII -T rancamentos CSO X CFH

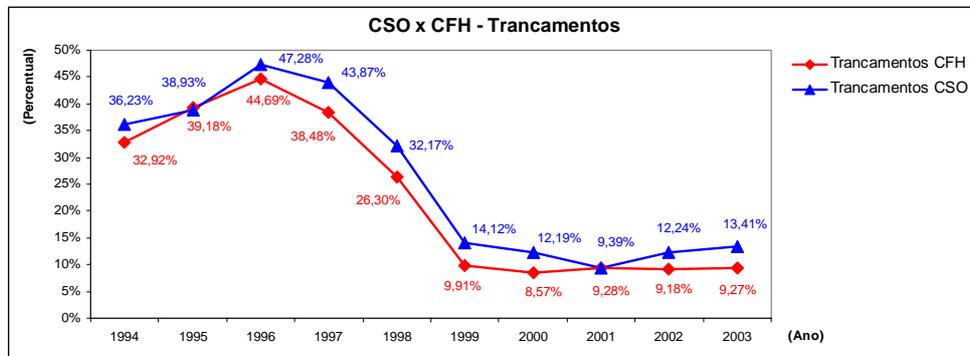
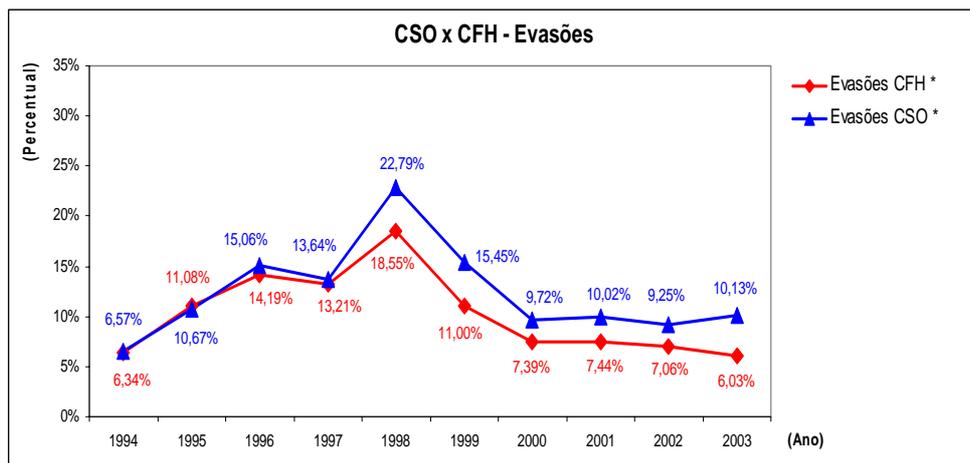


Gráfico III - Comparativo das Evasões - CSO X CFH



Pode-se observar que a situação do Curso de Ciências Sociais em relação aos dados agregados dos demais cursos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas registra uma tendência de relativa elevação nos seus índices de evasões e trancamentos em praticamente todos os períodos

considerados. Apesar de contarmos com um número equivalente de poucos alunos formandos entre as unidades comparativas – e isso estaria sinalizando para um problema compartilhado por todos os cursos das Ciências Humanas – devemos considerar, por outro lado, uma vulnerabilidade particular das Ciências Sociais na tendência elevada à interrupção da formação acadêmica, seja por evasão ou trancamento. Esse fenômeno requer, sem dúvida, uma atenção urgente dos integrantes do curso, considerando-se que a capacidade de manutenção do aluno no seu interior é um indicador importante do curso em constituir-se como opção de formação profissional efetiva.

Evidentemente que poderia ser alegado que a interrupção se deve a níveis de dificuldade por alto padrão de exigências, mas acreditamos que esse não seja o caso. Ao contrário, os critérios de avaliação dos alunos são estipulados para níveis de exigência bastante moderados. No caso específico do curso de Ciências Sociais a tendência para taxas relativamente elevadas de interrupção na trajetória dos alunos parece momentânea, como após as greves que marcaram os anos de 1998, 1999, 2001, por exemplo. Índices mais baixos, como a média de 9,75% de 2000 em diante, não nos exime da análise do ensino/ formação que oferecemos; da ressonância dos conteúdos das disciplinas para jovens egressos de um ensino médio de pouco preparo para o trabalho intelectual; dos métodos de ensino aplicados, etc.

É importante, também, levarmos em consideração estes aspectos, sobretudo diante da situação bastante favorável do Curso em quesitos tais como: o de ser o único curso de Graduação em Ciências Sociais no estado de Santa Catarina que é público e gratuito, o que supostamente deveria atrair aqueles quadros mais vocacionados e/ou capacitados a enfrentarem maior concorrência; o de possuir um quadro docente altamente qualificado que atuam junto aos programas de pós-graduação nas áreas de Antropologia Social e de Sociologia Política.

Avaliamos, portanto, que estes números são uma indicação da necessidade de mudanças, no sentido da reversão do quadro da nossa graduação. Tal preocupação está orientando as iniciativas e debates. Entre as iniciativas aventadas com este intuito, pode ser citada a pesquisa de levantamento do perfil do aluno de Ciências Sociais, realizada com o objetivo de saber quem são, por que optaram pelo curso, quais suas expectativas

profissionais, como avaliam o curso e quais as sugestões para a sua melhoria<sup>11</sup>.

## 2.2) O PERFIL DOS ALUNOS DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS<sup>12</sup>

Tomando como referência os dados levantados na ocasião (2002), os estudantes de Ciências Sociais da UFSC são, na sua maioria, mulheres (56%), estão na faixa etária entre os 18 e 24 anos, ou nas faixas próximas entre 18 e 21 (29%) e entre 21 a 24 anos (20%). Decresce esta presença de gênero nas faixas dos 24 a 27 anos (9%), dos 27 a 30 anos (8%), dos 30 a 35 anos (6%) e aumenta na dos 35 a 45 anos (11%). A maioria dos alunos (as), 76%, é solteira, 16% são casados(as) e 5% divorciados(as). A maioria, também, não têm filhos(as), 77%, e os 23% restantes têm de um a três filhos(as). Coerente com a faixa etária jovem do curso, 26% moram com os pais, 20% com cônjuge e filhos(as), 29% dividem a moradia com alguém, 11% moram sozinhos e 6% alegam morar em pensão.

Dos(as) estudantes pesquisados(as) 50% são procedentes do Estado de Santa Catarina, 19% do Rio Grande do Sul e 11% de São Paulo. Somados Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná, tem-se que 72% são oriundos (as) da região sul contra 27% de outras regiões do país. Apenas 1% é procedente de outros países.

Um dado importante dessa pesquisa indica que, mesmo ainda bastante jovens, os alunos estão inseridos no mercado de trabalho, sendo que 58% estão desempregados (as), 6% destes(as) alegam estar buscando trabalho pela primeira vez e 19% não estão buscando trabalho. No geral os (as) alunos(as) do curso de Ciências Sociais recebem na sua maioria de três a cinco salários mínimos e, apenas 8%, recebem mais de cinco salários. Os (as) que trabalham estão exercendo atividades completamente diferentes da área: 13% são “atendentes /auxiliares /assistentes administrativos”; 9% trabalham no comércio; 8% trabalham como bolsistas; 4% exercem funções no serviço público; 4% atuam na área da educação; 2% na área de serviços e 2% na área militar.

---

<sup>12</sup> Pesquisa realizada na Gestão 2001-2003, e Coordenada pela Profª. Dra. Lígia H. Luchmann

A dispersão e diversidade de sua participação tornam imprecisa uma indicação de interesses dos estudantes do curso de Ciências Sociais de intervenção na realidade social, supostamente mais compatível com a área. Além do que se verifica no Quadro I abaixo, a participação no movimento estudantil (12%), por exemplo, está próxima a vinculação dos(as) estudantes nos movimentos religiosos independentes (11%), mas ambas ficam atrás daquelas relativas ao engajamento em atividades esportivas e artísticas, inclusive das indicações sem resposta quanto a algum tipo de participação. Induzem à interpretação de que há uma ausência de interesse de participação em alguma atividade mais compromissada socialmente.

Quadro I - Vínculos sociais e associativos dos (as) alunos (as) do CSO

<b>Outras atividades</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Esportes	42	22
Artes	36	19
Partido políticos	21	11
Associações	14	7
ONGs	7	4
Sindicatos	6	3
Outros	11	6
Sem resposta	54	28
<b>Total</b>	<b>149</b>	<b>100</b>

Quanto às opções e expectativas para o ingresso no curso, segundo o levantamento feito, 45% dos (as) alunos(as) pesquisados(as) escolheram o curso para adquirir uma “cultura geral”. A baixa incidência do fator “expectativa profissional” parece estar relacionada, entre outros fatores, ao significativo número de alunos (as), já inseridos no mercado de trabalho, que procuram o curso para a aquisição de cultura geral ou para alargar seu horizonte profissional como mostra o Quadro II.

Quadro II - Motivação para o Curso

<b>Motivação para o Curso</b>	<b>nº</b>	<b>%</b>
Aquisição de cultura geral	63	40
Perspectiva profissional	51	33
Questões ideológicas	9	9
Curso mais acessível	3	2
Outros	18	12
Sem resposta	14	4
<b>Total</b>	<b>158</b>	<b>100</b>

O desconhecimento do campo de atuação na área das Ciências Sociais está, também, indicado entre a representação que os (as) alunos(as) têm do curso quando apontam a docência (23%) e a pesquisa (18%) como suas únicas possibilidades. A mesma tendência verifica-se na expectativa profissional dos (as) estudantes (docência, 20% e pesquisa, 12%) embora um número significativo da amostra não tenha indicado nenhuma ou pouca expectativa com relação ao curso (13%).

A maioria dos(as) alunos(as), 84%, ingressou no curso como primeira opção e no primeiro vestibular (69%). Tais índices são indicativos de um compromisso inicial do(a) aluno(a) no CSO pelo empenho em se dedicar ao campo das Ciências Sociais. Vale destacar, ainda, o interesse de 73% dos(as) alunos(as) pela atividade de pesquisa e a constatação de uma igualdade de preferências (21%) entre as três áreas do curso: Antropologia, Ciência política e Sociologia. A opinião coletada dessa amostra entre os (as) estudantes do CSO se refere a um conjunto de alunos(as) em que 20% deles(as) é bolsista e 80% não têm nenhum vínculo mais orgânico com o curso para além de sua matrícula anual.

### 2.3) AVALIAÇÕES RECENTES

As discussões feitas durante a 6ª Semana de Ciências Sociais (2002) agregaram novas contribuições para o debate do curso. Houve a concordância em torno de questões que apontaram para uma melhor qualificação do curso e, em relação ao currículo: equilibrar a presença entre as três áreas (Antropologia, Sociologia e Ciência Política), diminuir a carga de créditos de 6 para 4 horas aulas nas disciplinas em geral; incorporar as teorias

contemporâneas como obrigatórias; revisar as ementas e faça a adequação dos conteúdos; introduzir os conteúdos sobre as Ciências Sociais no Brasil (nas três áreas); viabilizar as disciplinas com caráter de seminários abertos articulando as três áreas; promover o encontro entre professores da mesma área – integração horizontal – visando a troca de experiências didático-pedagógicas e a solução de continuidade dos conteúdos; oportunizar a participação dos alunos não bolsistas junto aos núcleos/laboratórios de pesquisa; institucionalizar os seminários de discussão dos trabalhos de conclusão de curso antecipando a orientação e a elaboração para o 7º semestre; introduzir, na grade curricular, disciplinas que possam valer como prática como componente curricular para licenciatura, obedecendo a nova legislação que amplia a carga horária prática para 480 horas. Pode-se dizer que os debates sobre os impasses ocorridos ao longo da história do curso confirmaram as dificuldades e a fragilidade de seu projeto pedagógico e a exigência de respostas interdepartamentais, interdisciplinares mais sistemáticas para sua sustentabilidade.

A partir dos subsídios recolhidos no curso e nas novas exigências da legislação que regulamenta os cursos de Ciências Sociais no país, a comissão de reforma curricular assumiu a atribuição de analisar a nova legislação e propor um outro projeto pedagógico, com maior ênfase na flexibilidade e na autonomia. Os eventos organizados em torno desta questão (I e II Jornada político pedagógica do curso) propuseram materializar este objetivo e são sintetizados a seguir.

#### 2.4) AS JORNADAS POLÍTICO PEDAGÓGICAS DE 2003 E 2004

As Jornadas I e II do Projeto Político Pedagógico do CSO realizadas em novembro de 2003 e maio de 2004, respectivamente, recolheram subsídios para a proposta preliminar mais recente do projeto pedagógico do curso, elaborada pela comissão de Reforma Curricular. Inclusive, nestas jornadas procurou-se esclarecer as exigências das novas diretrizes curriculares das áreas de Ciências Humanas e Sociais, cuja compreensão da sua regulamentação é, geralmente, considerada específica para aproximar o interesse dos cientistas sociais.

Nas duas ocasiões, as discussões tomaram como referência o anteprojeto elaborado pela Comissão de Reforma Curricular, o qual abrange (1) princípios e orientações do curso; o (2) perfil do profissional egresso nos seus campos de atuação; as (3) competências gerais da licenciatura e do bacharelado; a (4) proposta de grade curricular para o curso; a (5) metodologia do ensino das Ciências Sociais e a problematização das (6) atividades complementares na formação dos alunos de Ciências Sociais.

Confirmaram-se as lacunas já apontadas sobre o curso e, no currículo proposto, foram feitas sugestões para a sua superação visando: 1) a interdisciplinaridade entre as três áreas e 2) a abertura para a questão transdisciplinar no compartilhamento de disciplinas, visando o enfrentamento da complexidade epistemológica e a obsolescência contemporânea dos cursos de Ciências Sociais. Destacou-se o compromisso do curso com a inserção profissional e a necessidade de se criar estratégias para a captação de demandas da sociedade, de modo a poder identificar novos espaços de atuação, tais como a educação informal (ou seja, em instituições educativas não convencionais), empresas privadas, órgãos públicos, organizações não governamentais, entre outros. Nesta linha de preocupações foi relevante o tema da falta de capacitação dos(as) alunos(as) nas áreas relacionadas a um possível perfil voltado para o planejamento e consultoria. Enfatizou-se também a necessidade do Colegiado buscar convênios com diversos órgãos públicos, poder legislativo, hospitais, ONGs, sindicatos, etc., no sentido de aumentar o leque de opções para a realização do estágio supervisionado dos(as) alunos(as), curricular e extra-curricular.

Um dos temas mais debatidos nestes dois encontros foi a autonomia dos(as) alunos(as) na escolha das disciplinas e, conseqüentemente isso levou a uma discussão acerca dos pré-requisitos. O debate não chegou a qualquer consenso sobre o assunto. Os argumentos oscilaram entre de um lado, uma posição plenamente favorável à quebra do pré-requisito e, de outro, um grande receio quanto ao termino do pré-requisito.

Em defesa da autonomia dos alunos chamou-se a atenção de que não se trata de abandoná-los à própria sorte, mas de fortalecer a estrutura do curso e as formas de orientação na grade curricular no sentido de balizar as decisões e escolhas dos(as) alunos(as), inclusive abrindo a possibilidade de escolherem

de disciplinas de outros cursos. Por outro lado, ponderou-se a respeito da necessidade de se considerar a relação entre autonomia dos(as) alunos(as) e seu nível de informação. Curiosamente, grande parte dos(as) alunos(as) manifestou cautela quanto ao fim do pré-requisito, pois considerou que tal proposta poderia resultar em um comprometimento do ritmo “adequado” de aprendizado, principalmente, nas disciplinas teóricas obrigatórias.

Estes dois encontros permitiram recolher opiniões de alunos(as) e professores(as) sobre a inclusão/exclusão de disciplinas, concentração de conteúdos teóricos e metodológicos, atribuição de créditos a atividades extra-classe de diversas naturezas, carga horária das atividades práticas e teóricas, envolvimento dos alunos em projetos de pesquisa e extensão, apoio às atividades complementares como as propostas para o novo Laboratório de Atividades Complementares (LAC), formação mais integrada nas três áreas, aumento do prazo para conclusão do trabalho de conclusão de curso, estratégias de avaliação que não necessariamente aquelas da pós-graduação.

Outros problemas levantados referiram-se à necessidade de melhoria e atualização nas condições de realização do curso, tais como material didático atualizado, acesso às novas tecnologias para o aprendizado, procedimentos e dinâmicas de aula, maior relação entre as três áreas do curso, estímulo à criação de eventos que visem uma reflexão mais coletiva. Tais preocupações motivam e motivaram, na ocasião, professores e alunos, no sentido de comprometimento com um novo projeto político pedagógico para o curso de Ciências Sociais da UFSC.

Resumindo, pode-se dizer que nestes dois últimos encontros para discussão do projeto político pedagógico do curso de Ciências Sociais deram subsídios para o aprimoramento do trabalho que vinha sendo realizado pela comissão de reforma curricular. Estes encontros, por exemplo, corroboraram sobremaneira questões referentes ao currículo da Licenciatura que já vinham sendo discutidas nos colóquios (ao todo sete) da licenciatura, promovidos pelo centro de Educação da UFSC, nos quais ficou evidente a importância da dimensão pedagógica para a elaboração de nosso projeto de formação de professores, em conjunto com os outros cursos da UFSC.

Estas questões aqui reunidas, ainda que não esgotem um diagnóstico da situação atual do curso, serviram como um conjunto indicativo para a elaboração de um currículo que supere as dificuldades apontadas.

### 3. AS BASES LEGAIS DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

A presente proposta pedagógica do Curso de Ciências Sociais, bacharelado e licenciatura, da Universidade Federal de Santa Catarina, de graduação plena, baseia-se nos seguintes suportes legais:

- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96;
- Diretrizes Curriculares para os cursos de Ciências Sociais - Antropologia, Ciência política e Sociologia - estabelecidas pela Resolução nº 17/02 - CES/CNE, integrante do Parecer nº 1363/01 - CES;
- Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena - instituídas pela Resolução nº 01/2002 - CP/CNE, integrante do Parecer nº 009/2001/CP;
- Parecer n.1.363/01- CES que trata da aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Ciências Sociais e outros;
- Resolução n. 001/ CUN/ 2000, que dispõe sobre os princípios de funcionamento dos cursos de formação de professores oferecidos pela UFSC;
- Resolução n.005/ Ceg/2000 ( de 27 de setembro de 2000);
- Parecer n. 583/2001-CES/CNE (de 04/04/2001);
- Parecer n.28/01-CP/CNE que estabelece a duração e a carga horária dos cursos de formação de professores da Educação Básica em nível superior, curso de licenciatura de graduação plena;
- Resolução nº 02/2002 - CP/CNE, integrante do Parecer nº 28/01 - CP/CNE, que institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de formação de professores da Educação Básica em nível superior;
- Regulamento dos Cursos de Graduação da UFSC.
- Parecer n.108/03-CES/CNE;
- Parecer n.67/03-CES/CNE, referencial para as Diretrizes Curriculares Nacionais- DCNs dos Cursos de Graduação.

Com o intuito de aproximar o ensino superior da educação básica, este projeto também considera os seguintes parâmetros para a educação nacional:

- Parâmetros Curriculares Nacionais (Educação Infantil)
- Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Fundamental - 1ª a 4ª séries)
- Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Fundamental - 5ª a 8ª séries)
- Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)
- Referenciais Curriculares Nacionais para Escolas Indígenas

#### 4. PRINCÍPIOS E OBJETIVOS DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

O Curso de Ciências Sociais está orientado pelo princípio pedagógico de formar as novas gerações para sua capacitação analítica, interpretativa e intervenção junto à realidade social.

O egresso do curso de Ciências Sociais, licenciado ou bacharel, deverá estar habilitado a refletir criticamente sobre a complexidade da vida social, sua dinamicidade, a diversidade entre as culturas e as relações entre sociedades. Nesse sentido, também examinará o próprio conhecimento, igualmente produto social, cultural, político e histórico.

Tal compreensão e conhecimento sobre a vida social resultam de uma formação que enfatiza a conexão e a interdependência, necessárias, entre teoria e pesquisa empírica, entendendo-se que o avanço do conhecimento teórico é produzido através da própria pesquisa empírica, que por sua vez, pauta suas questões, problemas e hipóteses nos conhecimentos teóricos já acumulados.

Além dessas habilidades, o egresso licenciado deve possuir - e refletir sobre - os instrumentos pedagógicos que o habilitam a transmitir, nos níveis de ensino básico e superior, formas de compreensão sobre a vida social, contribuindo para a formação de indivíduos que reflitam crítica e criativamente sobre sua existência como cidadãos.

Considerando o perfil desejado para os(as) egressos(as), o curso de Ciências Sociais da UFSC tem como objetivos:

- Oferecer uma estrutura curricular que estimule e possibilite aos(as) estudantes o exercício da autonomia intelectual, de uma perspectiva crítica diante da sociedade, bem como a aquisição de uma formação humanística;
- Propiciar aos estudantes uma formação teórico-metodológica sólida, ancorada nas três áreas do curso - antropologia, ciência política e sociologia;
- Fornecer instrumentos para que os(as) estudantes possam estabelecer relações entre a pesquisa e a prática social;
- Garantir oportunidades efetivas para o aprendizado de competências fundamentais para o futuro exercício profissional dos(as) alunos(as);

- Promover a reflexão sistemática sobre o conhecimento adquirido através de experiências práticas em conexão com conteúdos teóricos;
- Promover a articulação entre as disciplinas, as linhas e os núcleos de pesquisa, as áreas de formação e os projetos de extensão desenvolvidos pelos departamentos que atuam no curso;
- Conciliar a autonomia dos(as) estudante na composição de seu currículo com uma oferta mais estruturada de disciplinas no sentido de concentração de esforços formativos;
- Permitir e estimular o conhecimento sobre as possibilidades de inserção profissional e identificação de novos campos de atuação.

## 5. BACHAREL E LICENCIADO: PERFIL E CAMPO DE ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL EGRESSO

### 5.1) ÁREAS DE ATUAÇÃO

A concentração em Bacharelado habilita preferencialmente para as seguintes modalidades profissionais:

- i) Profissional que atue no planejamento e gestão social, consultorias, assessorias, laudos, pareceres, relatorias e formação dos recursos humanos junto a empresas públicas, privadas, organizações não governamentais, governamentais (legislativo setor, partidos políticos, sindicatos, movimentos sociais e atividades similares; e instituições da sociedade civil nos diferentes âmbito que abrangem as políticas públicas e sociais mais amplas (saúde, educação, meio ambiente, planejamento urbano, segurança, relações internacionais, comunicações, forense (jurídica e carcerária), etc.);
- ii) Pesquisador na área acadêmica ou profissional mais ampla e docência em ensino superior;

A concentração em Licenciatura habilita, preferencialmente, para as seguintes modalidades de ensino:

- i) Professor da Educação Básica Fundamental e Médio;
- iii) Em âmbito interdisciplinar, atendendo os objetivos da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio) atinentes às ciências Sociais;
- iv) Atuando nas disciplinas de Sociologia no Ensino Médio;
- v) Atuando nas disciplinas relativas às questões étnicas e multiculturais do Ensino Fundamental;
- vi) Atuando nas disciplinas de Antropologia, Ciência política e Sociologia do Ensino Superior.

### 5.2) COMPETÊNCIAS E HABILIDADES GERAIS DOS(AS) EGRESSOS(AS)

- i) Conhecer, relacionar e refletir sobre a bibliografia teórica e metodológica, clássica e contemporânea, das três áreas das Ciências Sociais - Antropologia, Ciência política e Sociologia;
- ii) Buscar e ampliar de forma autônoma seus conhecimentos, através da qualificação e atualização profissional contínuas;

iii) Articular teoria, pesquisa e prática social, através da participação em núcleos, grupos, programas e projetos de pesquisa e extensão;

iv) Conhecer e refletir sobre o processo de planejamento e realização de pesquisa em Ciências Sociais;

v) Reconhecer e acompanhar a trajetória das Ciências Sociais no Brasil, participando de suas instâncias associativas, seus encontros científicos e seus meios de divulgação reconhecidos;

vi) Pautar-se por princípios da ética democrática: dignidade humana, justiça, respeito mútuo, participação, responsabilidade, diálogo e solidariedade, para atuação como profissionais e como cidadãos;

vii) Orientar suas escolhas e decisões metodológicas e didáticas por valores democráticos e por pressupostos epistemológicos coerentes;

viii) Gerenciar o próprio desenvolvimento profissional, através da elaboração e desenvolvimento de projetos pessoais e coletivos de estudo e de trabalho, buscando continuamente fontes de informação e aperfeiçoamento, numa atitude de disponibilidade e flexibilidade para mudanças;

### 5.3) COMPETÊNCIAS E HABILIDADES ESPECÍFICAS - BACHARELADO

- i) Analisar e interpretar as condições sociais com base no conhecimento crítico dos fundamentos, questões, enfoques, preocupações e tendências teóricas e metodológicas dos campos que integram as Ciências Sociais;
- ii) A partir do conhecimento crítico das contribuições teóricas e metodológicas no campo das Ciências Sociais, elaborar/construir/propor questões e reflexões relevantes para a pesquisa em Ciências Sociais ;
- iii) Elaborar, planejar, coordenar, buscar recursos, assessorar e desenvolver projetos de pesquisa em órgãos públicos, organizações não governamentais;
- iv) Compreender e analisar questões sociais específicas, a partir de conhecimento teórico aprofundado em determinados temas, sendo capaz de propor, planejar e gerir soluções apropriadas;
- v) Realizar laudos antropológicos, diagnósticos sócio-culturais, relatórios sobre impactos sócio-ambientais;
- vi) Assessorar movimentos sociais, organizações não governamentais.

#### 5.4) COMPETÊNCIAS E HABILIDADES ESPECÍFICAS - LICENCIATURA

- i) Conhecer e dominar os conteúdos básicos relacionados à antropologia, à ciência política e à sociologia, adequando-os às atividades escolares próprias das diferentes etapas e modalidades de ensino;
- ii) Relacionar os conteúdos básicos das áreas de antropologia, ciência política e sociologia, que serão objeto de ensino, com: a) fatos, tendências ou movimentos da atualidade; b) fatos significativos da vida pessoal, social e profissional dos alunos;
- iii) Compreender os processos de sociabilidade e de ensino e aprendizagem na escola e nas suas relações com o contexto econômico, cultural, político e social em que estão inseridos, atuando sobre eles;
- iv) Promover uma prática educativa que leve em conta as características dos alunos e de seu meio social, seus temas e necessidades do mundo contemporâneo;
- v) Criar, planejar, gerir, realizar e avaliar situações didáticas eficazes para a aprendizagem e para o desenvolvimento dos alunos, utilizando os conhecimentos das Ciências Sociais, das temáticas sociais transversais ao currículo escolar e dos contextos sociais considerados relevantes para a aprendizagem escolar;
- vi) Utilizar estratégias diversificadas de avaliação e aprendizagem e, a partir de seus resultados, formular propostas de intervenção pedagógica, considerando o desenvolvimento de diferentes capacidades dos alunos;
- vii) Analisar a própria prática profissional no interior do contexto educativo como instrumento constante de auto-avaliação e aperfeiçoamento de sua prática pedagógica;
- viii) Buscar continuamente as fontes da cultura popular e erudita e reconhecer as tendências de transformação do mundo contemporâneo, potencializando a qualidade da intervenção educativa;
- ix) Reconhecer os aspectos físicos, cognitivos, afetivos e emocionais do desenvolvimento individual tanto de uma perspectiva científica quanto relativa às representações culturais e às práticas sociais de diferentes grupos e classes sociais;
- x) Reconhecer diferentes concepções sobre os temas próprios da docência, tais como currículo e desenvolvimento curricular, transposição didática, planejamento, organização de tempo e

espaço, gestão da classe, interação grupal, avaliação das situações didáticas e da aprendizagem dos alunos, relação professor-aluno;

- xi) Reconhecer a dimensão cultural, social, política e econômica da educação, o papel social do professor, as leis relacionadas à infância, adolescência, educação, profissão;
- xii) Considerar os temas da ética e da cidadania, da sexualidade e das relações de gênero, da diversidade cultural e as questões de poder associadas a esses temas, reconhecendo que esses temas das Ciências Sociais são a base da contextualização dos conteúdos (proposta nos PCN de Ensino Médio) e do tratamento dos Temas Transversais (conforme os PCN de Ensino Fundamental);
- xiii) Ultrapassar os limites disciplinares, favorecendo o desenvolvimento de propostas de trabalho interdisciplinar, articuladas em torno de temas comuns;
- xiv) Desenvolver uma reflexão sistemática sobre o conhecimento adquirido com a experiência didática em conexão com o conhecimento teórico.

## 6) ESTRUTURA DO CURSO E ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

Com base nas diversas consultas realizadas em eventos programados para discussão do PPP, recomendadas no parecer n.009/2001/CP, a organização curricular propõe uma grade que considera o equilíbrio entre a autonomia do aluno na composição do seu currículo e o nível de informação e formação necessárias para definição dessa escolha. Em decorrência desta concepção, que surge das consultas junto aos professores e alunos, a Comissão propõe conciliar uma formação básica obrigatória que possa fundamentar a autonomia do(a) aluno(a) e, ao mesmo tempo, não esbarrar no gerenciamento de horas do Curso e dos departamentos que ofertam disciplinas. Destaca-se, nessa decisão da comissão, a influência do posicionamento de cautela dos alunos, quanto à abertura da grade para não comprometer o ritmo adequado de aprendizado. Mantêm-se, assim, quando necessários, pré-requisitos para as disciplinas obrigatórias do eixo de formação específica. Deste modo, o Curso oferece um currículo que prevê a oferta estruturada de disciplinas com a autonomia intelectual do estudante na composição de sua formação acadêmica.

A partir das orientações das Diretrizes Curriculares para os Cursos de Ciências Sociais (Parecer 1363/01- CES de março de 2002) o curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina se caracteriza como um curso único, em dois períodos (diurno e noturno), que oferece *duas habilitações* a saber, Bacharelado e Licenciatura Plena em Ciências Sociais, com a duração mínima de 8 e 9 semestres e máxima de 16 e 18 semestres para, respectivamente, o bacharelado diurno e noturno, e a duração mínima de 9 semestres e máxima de 18 semestres para a Licenciatura, com conteúdos curriculares obrigatórios e eletivos, ministrados sob a forma de organização em créditos. Nos quatro primeiros semestres os(as) alunos(as) concentram seu aprendizado nos campos de formação específica da sociologia, antropologia e ciência política e a partir do 5º semestre fazem sua opção pelo campo de formação especializada, nos campos de atuação profissional para o bacharelado e/ ou licenciatura.

O eixo norteador da organização curricular é a formação ampla e integrada do(a) aluno(a) das Ciências Sociais como pesquisador e professor.

Pretende-se que desde os primeiros estágios do curso o (a) aluno(a) tenha acesso a conteúdos da área de atuação educativa e investigativa como base na sua formação na área, e que se possa fornecer instrumentos que o aproximem, de modo articulado, a uma capacitação de qualidade para a pesquisa e para a prática social como dimensões complementares. Nesse sentido, a prática tem como pressuposto sua intersecção com a teoria e é entendida como ação e reflexão social. As duas habilitações equivalem-se, portanto, em qualidade e conteúdo, dentro da ênfase de uma formação teórico-metodológica sólida e uma preocupação profissionalizante orientada pelas três áreas disciplinares – antropologia, sociologia e ciência política, conforme previsto nos objetivos do curso.

A estrutura curricular desenvolve o eixo de formação específica por meio de conteúdos disciplinares de caráter teórico e prático, metodológico e pedagógico, tanto obrigatórios quanto eletivos. As disciplinas teóricas previstas incorporam temáticas consideradas centrais na formação dos (as) alunos(as) nas três áreas que compõem as Ciências Sociais, apoiadas no pensamento clássico e contemporâneo e problematizadas nos seus pressupostos epistemológicos. Aquelas de caráter metodológico tomam como orientação este percurso anterior, procurando garantir o acesso à abrangência da informação e suas implicações na aplicação prática das metodologias de pesquisa social. A partir do 3º semestre do curso são incorporadas disciplinas de formação pedagógica orientadas pelo entendimento de que alguns conteúdos pedagógicos são fundamentais para a formação do perfil do egresso, tanto o licenciado que atuará no magistério, ensino básico e médio – não excluindo a pós-graduação, quanto o bacharel direcionado para a pesquisa em pós-graduação e magistério no ensino superior.

Cabe destacar que, seguindo as orientações da legislação vigente (Parecer n.28/01-CP / CNE), a prática como componente curricular está prevista desde o início do curso e apoiada no trabalho voltado para a transposição didática, prática da pesquisa e extensão por meio dos núcleos, laboratórios e linhas de pesquisa existentes nos depts de antropologia e sociologia e ciência política. É a partir das disciplinas obrigatórias que se contemplam créditos para viabilizar esta concepção de abertura da produção da pesquisa e extensão para a graduação, isto é, o contato e o engajamento

com a prática efetiva da profissão do futuro bacharel e do licenciado. Estas atividades práticas de caráter formativo específico (obrigatórias ou eletivas), bem como outras iniciativas de caráter complementar (obrigatórias ou eletivas) se desenvolverão a partir da experiência-ação-reflexão desencadeada pela LAC - Laboratório de Atividades Complementares - proposto como um espaço de convergência interdisciplinar.

Visando desenvolver o espírito investigativo propõe-se que na grade curricular fique a critério do aluno a complementação de matrícula em disciplinas optativas, a partir do 2º semestre, conforme seu interesse, desde que não exijam pré-requisitos, e que se efetive a matrícula em disciplinas obrigatórias, ainda não cursadas, cuja oferta está prevista naquele semestre. Caberá ao Colegiado do curso, indeferir o pedido de matrícula do aluno em disciplinas eletivas quando não cumpridas por FI, CI e Reprovação nas disciplinas obrigatórias.

O antigo sistema de organização do curso por **fases** é, assim, substituído pelo **semestre**, agora tomado como referência de um percurso que realiza os núcleos de formação básica e complementar do curso e, ao mesmo tempo, permite uma construção mais flexível da proposta curricular pelo aluno.

Serão consideradas como componentes curriculares na formação dos bacharéis e licenciados atividades de caráter científico - culturais desde que acompanhadas e orientadas por um docente, num total de 200hs como: seminários, apresentações, exposições, visitas, ações de caráter científico-técnico, cultural e comunitário, produções coletivas, relatório de pesquisa, ensino dirigido, aprendizado de novas tecnologias de comunicação e ensino, etc, resolução estágios práticos, monitorias, estudos de caso e outras participações de aproveitamento acadêmico.

#### 6.1) INTEGRAÇÃO VERTICAL E HORIZONTAL

O detalhamento das possibilidades de integração vertical e horizontal permitidas por esta proposta curricular deverá ser feito quando da especificação do programa das disciplinas.

Todavia, é possível exemplificar a forma como elas estarão presentes na proposta a partir da análise relacional das disciplinas ofertadas em um dos semestres:

Disciplina	H/a Sala	H/a Prát.	Total Sem	Depto
História contemporânea	4		72	HIST
Introdução à antropologia	4	2	108	ANT
Introdução à sociologia	4	2	108	SPO
Introdução à ciência política	4	2	108	SPO
Produção Textual Acadêmica	4		72	LLV
Total	20	6	468	

A integração horizontal é garantida na articulação dos conteúdos introdutórios, que deverão, nas horas práticas, abordar o estudo de temas comuns à luz de cada uma das suas áreas de conhecimento. As disciplinas introdutórias deverão estar articuladas, no semestre, com as atividades interdisciplinares orientadas pelos professores responsáveis pela disciplina.

A integração deverá ser incentivada, também, através do LAC- Laboratório de Atividades Complementares (detalhado no item das Atividades Complementares) - criado como indutor de atividades de pesquisa, ensino e extensão e mediador da teoria/ prática no curso e que atuará como integrador das disciplinas introdutórias, viabilizando projetos comuns que surjam da integração do acompanhamento conjunto dessas disciplinas.

Conforme as reivindicações dos alunos e dos professores na II jornada de discussão da Reforma Curricular, as disciplinas de História contemporânea e de Produção Textual Acadêmica estarão presentes como suportes à compreensão e desenvolvimento das disciplinas teóricas das três áreas de conhecimento do curso de Ciências Sociais, ao mesmo tempo em que deverão permitir aos alunos a aquisição de conhecimentos teóricos e metodológicos para melhor compreender e acompanhar as discussões e atividades propostas e próprias de cada disciplina teórica. A continuidade dessa integração no decorrer do curso (integração vertical) será realizada nas disciplinas teóricas e metodológicas seguintes, por meio de programas integrados em torno de objetivos e uma bibliografia básica obrigatória.

Já nas disciplinas ligadas à discussão sobre métodos e técnicas de pesquisa, a integração ocorre a partir do eixo orientador dos conteúdos de Epistemologia das Ciências Sociais, presentes desde o 2º semestre do curso

com a disciplina de Fundamentos filosóficos da pesquisa científica, pré-requisito para os conteúdos desenvolvidos nas disciplinas Epistemologia das Ciências Sociais e Métodos e Técnicas de Pesquisa I e II.

## 6.2) FLEXIBILIDADE

A organização dos conteúdos do Curso segue os propósitos da flexibilidade curricular, sugeridos pelo Parecer 583/01 e 776/97, evitando apoiar-se na alternativa do aumento das disciplinas eletivas, na definição da composição do currículo exclusivamente pelo estudante, na diminuição da carga horária ou excesso de inclusão de atividades complementares. Os Seminários e Jornadas Pedagógicas realizadas nos últimos anos indicaram a necessidade de equilíbrio entre estas alternativas, uma vez que poderiam se resumir apenas a soluções operativas do curso e esquecidas no que se refere aos seus fundamentos.

Procuramos, assim, manter a coerência da formação e ao mesmo tempo assegurar a margem de escolha do aluno, propondo os pré-requisitos como recurso eventual para garantir os objetivos de integração horizontal e vertical entre as disciplinas, o que foi aplicado para um determinado conjunto de disciplinas como: Fundamentos filosóficos da pesquisa científica , Epistemologia das Ciências Sociais e metodologias de pesquisa.

Ainda nos conteúdos obrigatórios e na direção de uma maior flexibilidade, considerou-se dispensável a exigência de pré-requisitos para as disciplinas teóricas clássicas e contemporâneas, bem como à disciplina pensamento social brasileiro, visto que não se priorizará uma contextualização histórica cronológica (conforme proposto na última Jornada Pedagógica do Curso, em 2004).

A partir da 2ª fase, ao iniciarem, por meio da participação nos núcleos, o contato com a prática de pesquisa, laboratórios e das linhas de pesquisa dos departamentos de antropologia e de sociologia e ciência política, os(as) alunos (as) poderão complementar sua carga horária com disciplinas optativas e de livre escolha entre as oferecidas interna e externamente ao curso, ampliando sua aprendizagem sobre as Ciências Sociais, no conjunto das demais áreas de conhecimento.

Deve-se lembrar que as 200 horas de atividades científico-culturais incluem tarefas que permitem, ao longo do curso, a integração cultural e interagem com esses três diferentes domínios da atuação profissional. São de livre escolha dos(as) alunos(as) e devem ser administradas por eles(as) mediante apresentação de comprovação de frequência e desempenho, quando houver avaliação, junto à coordenadoria do curso.

### 6.3.) INTERDISCIPLINARIDADE, TRANSDISCIPLINARIDADE

O curso de Ciências Sociais compõe-se interdisciplinarmente por três áreas de conhecimento que estão em constante diálogo. É, portanto constitutiva a concepção de interação entre disciplinas do curso, evidenciada num esforço curricular. Petraglia (1993) considera, em favor da melhoria da qualidade do ensino, o “cultivo do professor” e propõe que o projeto interdisciplinar começa pelo cultivo do corpo docente, compreendendo aprimoramento pessoal, estudos de referências teóricas norteadoras da prática e mudança de mentalidade e postura diante da vida. Adotou-se na presente proposta a idéia de uma interdisciplinaridade apoiada no envolvimento do conjunto do corpo docente. Toma-se como pressuposto uma postura sem preconceito teórico, necessária à conduta inter-relacional e multidimensional na tentativa de integrar as várias áreas do saber que compõem as Ciências Sociais.

Apesar do currículo proposto não estar estruturado no sistema de módulos, se identifica a concepção de interdisciplinaridade nos blocos de disciplinas que interagem desde a simples comunicação de idéias à integração construída ao longo da experiência de ensino e aproximação de conceitos diretores (da Epistemologia das Ciências Sociais, da terminologia, da metodologia) que interagem e fazem a interface de conhecimentos.

É nesta direção que se propõe:

(1) Fundamentos filosóficos da pesquisa científica, disciplina que deverá tratar da filosofia da ciência, das diferentes formas de conhecimento (lógica e hermenêutica), da relação teoria e prática, além de envolver uma discussão inter e multidisciplinar que subsidie o desenvolvimento das discussões posteriores sobre a Epistemologia das Ciências Sociais e posterior abordagem

metodológica da investigação nas unidades de Métodos e Técnicas de Pesquisa I e II;

(2) as disciplinas teóricas das três áreas - que tratam das questões relacionadas aos processos sociais, políticos e culturais do pensamento contemporâneo e clássico – permitem o acompanhamento das disciplinas eletivas, ofertadas pelos professores do curso de Ciências Sociais e demais cursos da universidade. A previsão planejada de inclusão de disciplinas optativas de outros cursos, conforme interesse das linhas de pesquisa dos professores, é tomada como referência para uma abrangência coerente de um rol de conteúdos que contribuam para uma formação complementar adequada e com base na diversidade.

Acreditamos, deste modo, colocar nosso aluno diante de um quadro formativo e informativo que permitirá a absorção de uma pluralidade de abordagens e problemáticas importantes para a formação conceitual e crítica.

As linhas de pesquisa núcleos e laboratórios interdisciplinares, coordenados pelos professores do curso e dos quais participam muitos alunos da graduação, também confirmam a compreensão do curso de continuar constituindo-se sobre o princípio da interdisciplinaridade e aprofundamento da interação com as áreas que fazem interface com o curso. Ressalte-se, que o desenvolvimento de projetos de pesquisa e extensão - por estas unidades de investigação e intervenção social, pelos núcleos do Depto SPO e ANT - ocorrem juntamente com diversas áreas: educação, biologia, zootécnica, agronomia, ciências da computação, áreas que abrem suas disciplinas para o curso eletivo de nossos alunos, conforme o interesse temático.

A partir da metade do curso, cada habilitação, guardando a sua especificidade, também realiza essa interação. Na licenciatura, os estágios proporcionam a integração entre esses componentes.

#### 6.4) ARTICULAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA

A articulação entre teoria e prática é contemplada por diferentes disciplinas desde o início do curso. Tanto para o bacharelado quanto para a licenciatura, estão propostas disciplinas obrigatórias com 6 horas-aula, sendo duas dedicadas ao conhecimento prático. Destas, uma parte corresponde às 480 horas obrigatórias de prática pedagógica como componente curricular

(PPCC), conforme exige a legislação (para a licenciatura). Nas horas práticas prevê-se o desenvolvimento dos conteúdos de pesquisa e de transposição didática. No conjunto de atividades práticas pode-se destacar:

- a) Aprendizagens específicas sobre conteúdos das Ciências Sociais;
- b) Aproximações continuadas com o campo de estágio tendo como base as Diretrizes Curriculares Nacionais para antropologia, sociologia e ciência política;
- c) Observação e prática pedagógica das Ciências Sociais.

Optou-se por este modelo de inclusão do PPCC no currículo de ambas as habilitações, ou seja, também para o bacharelado, visto ter-se como perspectiva a formação do cientista social como *pesquisador e professor*, atendendo-se, assim, as exigências da Resolução 02/02.

## 7) ESTÁGIOS CURRICULARES: CONCEPÇÃO E COMPOSIÇÃO

Os estágios curriculares ocupam lugar privilegiado nesta proposta que considera como princípio geral que o aprendizado das habilidades exigidas pelo futuro exercício profissional do bacharel e do licenciado em Ciências Sociais deve ocorrer através de oportunidades concomitantes de experiências práticas e reflexão teórico-metodológica.

### BACHARELADO

Embora não obrigatórios, os estágio serão valorizados na formação dos alunos de Ciências Sociais, sendo consideradas como atividades curriculares até 400 horas de estágio supervisionado<sup>13</sup>. Nesse caso, as atividades deverão ser registradas na coordenação de estágio, conforme especificação abaixo, com a elaboração de projeto no início e de relatório no final do período do estágio. As atividades de estágio que atingirem 400 horas deverão ser objeto de trabalho de conclusão da Graduação, na modalidade estágio curricular profissional (ECP), conforme orientações adiante.

O estágio, remunerado ou não, deverá ser realizado em instituição relacionada com a prática profissional das Ciências Sociais, considerando o que está especificado no item Campo de atuação do profissional egresso do curso. Poderá ser realizado a partir do segundo semestre, em qualquer momento do curso. A participação do aluno em núcleo de pesquisa ou projeto de extensão é considerada também como oportunidade de estágio.

O(a) aluno(a) elaborará e desenvolverá um **projeto de estágio**, orientado por um professor do curso de Ciências Sociais de uma área afim daquela em que está sendo realizado o estágio, e coordenado por um profissional no local de realização do estágio. A implementação do estágio se dará mediante a apresentação da seguinte documentação:

1. Projeto contendo:
  - a) Identificação do aluno e do local de realização do estágio;
  - b) Descrição do projeto de estágio;

---

<sup>13</sup> Observe-se que as horas práticas de estágio não substituem horas de aula nas disciplinas.

- c) Objetivos e metas;
  - d) Plano descritivo das atividades previstas para o estagiário;
  - e) Cronograma de desenvolvimento do estágio (incluindo a elaboração de relatórios parciais e finais);
2. Termo de responsabilidade pela supervisão e orientação do estagiário, assinado pelo coordenador do projeto;
  3. Carta de um professor do Curso de Ciências Sociais, ligado à temática do projeto do estágio, aceitando a orientação do estagiário;
  4. Termo de Compromisso de Estágio para o projeto proposto.

Ao final do estágio o aluno deverá entregar, à coordenação do curso, o relatório do estágio realizado, devidamente analisado e assinado pelo professor orientador e pelo coordenador do estágio.

As horas de estágio serão validadas no histórico escolar somente após a aprovação do relatório pela coordenação do estágio e pelo profissional responsável no local do estágio.

O estágio que atingir 400 horas poderá ser objeto de trabalho de conclusão de graduação. Neste caso, o (a) aluno (a) deverá matricular-se nas disciplinas ECP I e ECP II, sob a orientação de um professor do curso de Ciências Sociais e apresentar projeto de intervenção na perspectiva das Ciências Sociais, o qual deverá ser defendido em banca constituída de três membros, sendo dois professores do curso de Ciências Sociais e o supervisor do estágio no local onde foi realizado. O trabalho de conclusão de graduação, diferente do relatório de estágio mencionado no parágrafo anterior, deve ir além de um relato de atividades e discutir, teoricamente, a experiência do estágio (conforme especificado no item sobre trabalhos de conclusão).

## LICENCIATURA

O estágio supervisionado da licenciatura segue as disposições da legislação (conforme a Resolução nº 01/2002 - CP/CNE, integrante do Parecer nº 009/2001/CP, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena; e a Resolução nº 02/2002 - CP/CNE, integrante do Parecer nº 28/01 - CP/CNE, que institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de formação de professores da Educação Básica em nível superior), perfazendo 504 horas de estágio curricular supervisionado, a partir da segunda metade do curso.

O estágio curricular supervisionado será realizado em estabelecimentos de ensino conveniados no CED e na coordenação de estágios do curso. Será realizado em duas disciplinas, de 252 horas cada, oferecidas pelo MEN (Departamento de Metodologia de Ensino) ao longo dos 7º e 8º semestres. Ficará no intervalo entre disciplinas que contribuirão para a consolidação da experiência do estágio, no 4º e no 8º semestres, respectivamente: Didática e Seminário de Licenciatura, ambas oferecidas pelo Departamento de Metodologia de Ensino. Na disciplina estágio supervisionado I, prevista para o 7º semestre, os(as) alunos(as) deverão ser envolvidos com conteúdos que priorizem a relação pesquisa-ensino, tomando a primeira como fundamento da atividade de ensino-aprendizagem, para reconhecimento do campo escolar e elaboração de um projeto de estágio, a ser executado no semestre seguinte (estágio supervisionado II). Esta disciplina objetiva a familiarização do (a) aluno(a) com o campo escolar, apoiada na atitude teórico-prática, auxiliada pelos instrumentos da pesquisa social (protocolos de campo, roteiros de entrevista, análise de documentos, planos de aula), bem como pela participação, no contexto escolar, de reuniões sistemáticas a atividades integrativas do cotidiano escolar. O estágio I é o momento das primeiras aproximações com a escola e outras instituições de caráter educativo para observação e levantamento de informações e dados, discussão e análise do material de campo e definição do problema e elaboração de um projeto de ensino. No Estágio Curricular Supervisionado II (8º semestre), o(a) aluno(a) deverá atuar integralmente nas escolas e executar o planejamento da atividade

docente, através do desenvolvimento do projeto de ensino que elaborou anteriormente. Os resultados dessa experiência serão avaliados, comunicados e divulgados no 9º semestre com a elaboração do trabalho de conclusão da licenciatura (TCL). A exposição pública desses resultados, durante os seminários da licenciatura, deverá contribuir para a sistematização da experiência e elaboração do TCL.

As outras disciplinas oferecidas do 4º ao 8º semestres também contribuirão para a compreensão da experiência vivenciada durante o estágio curricular supervisionado. A idéia é de uma experiência de estágio “sanduíche”: antecedida e sucedida por disciplinas que contribuam para uma reflexão sobre esta experiência. As disciplinas cursadas durante o estágio deverão incluir em seu programa a discussão sobre essa experiência, em relação aos conteúdos propostos.

## 8) A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

### BACHARELADO E LICENCIATURA

8.1. Conteúdos curriculares de formação específica, complementar e licenciatura:

#### 1º e 2º semestres \_\_\_\_\_

- ❖ Reconhecer a contribuição e a especificidade das Ciências Sociais na compreensão de temas clássicos e contemporâneos;
- ❖ Identificar questões sociais da atualidade e utilizar conceitos das três áreas para refletir sobre elas;
- ❖ Conhecer abordagens teóricas clássicas e contemporâneas das três áreas, conceitos e temas;
- ❖ Exercitar a prática de leitura, interpretação e elaboração de textos de Ciências Sociais;
- ❖ Conhecer as principais fontes de divulgação especializadas da pesquisa em Ciências Sociais;
- ❖ Identificar as características dos textos científicos (citações, bibliografia, resenhas, fichamentos, etc.);
- ❖ Compreender a história de cada área, a sucessão de correntes teóricas e a transformação de seus conceitos.
- ❖ Início das atividades no LAC – que está proposto como convergência teórico-prática das três áreas de conhecimento;
- ❖ O primeiro ano deverá articular a integração semelhante a um conselho de classe composto por professores e alunos, visando o esforço interdisciplinar e articulação de bibliografia mínima nas três áreas. Nos demais semestres o LAC será espaço de acompanhamento e apoio das atividades práticas das disciplinas em que estes conteúdos estejam incluídos.
- ❖ Compreender os fundamentos filosóficos da pesquisa científica.
- ❖ Início das atividades de transposição didática, a partir das referências analíticas desenvolvidas pelas três áreas durante os 1os. Semestres.

## DISCIPLINAS

### 1º semestre

---

Introdução à Antropologia	108 h/a
Introdução à Sociologia	108 h/a
Introdução à Ciência Política	108 h/a
História contemporânea	72 h/a
Produção Textual Acadêmica	72 h/a

### 2º semestre

---

Teoria Antropológica I	108 h/a
Teoria Sociológica I	108 h/a
Teoria Política I	108 h/a
Fund. Filos. da pesq. Cient.	72 h/a

### 3º e 4º semestres

---

- ❖ Início das disciplinas da licenciatura;
- ❖ Conhecer as condições de surgimento das Ciências Sociais e identificar autores, conceitos, métodos, abordagens e questões das teorias clássicas e contemporâneas (bacharelado e licenciatura), bem como suas contribuições teóricas, o contexto histórico e sócio-econômico de elaboração e origens epistemológicas;
- ❖ Participar de atividades dos núcleos de pesquisa;
- ❖ Relacionar as questões sociais tratadas pelas teorias clássicas e contemporâneas com produções artístico-culturais da mesma época, assim como questões do ensino na educação básica e suas transposição didática;
- ❖ Disciplina prática de pesquisa/prática de extensão visa o conhecimento sobre os projetos de pesquisa desenvolvidos pelos professores do curso.

Esta atividade deverá ser desenvolvida da seguinte forma:

- ✓ Núcleos/laboratórios deverão receber no máximo dois alunos(as) para participarem de suas atividades de pesquisa e extensão;
- ✓ Os coordenadores de núcleos/laboratórios acompanharão os(as) alunos(as) na elaboração do roteiro das atividades que desenvolverão nos núcleos, especificando a forma de inserção destes(as) alunos(as) nos projetos em andamento;

- ✓ O número de alunos (as) recebidos por cada núcleo/laboratório deverá ser comunicado à Coordenação do curso com antecedência de um semestre, para que seja incluído no horário do(a) aluno(a);
- ✓ Os(as) alunos(as) deverão se inscrever nos núcleos tendo em vista suas áreas e temáticas de interesse;
- ✓ O(a) professor(a) do núcleo/laboratório que coordenará as atividades dos(as) alunos(as) receberá carga horária de um (01) crédito por aluno, que recomenda-se, não substitua a carga de hora aula, mas deverá constar do plano docente e departamental;
- ✓ A continuidade da inserção do aluno no núcleo/laboratório se transformará em crédito mediante plano de trabalho registrado no LAC, no máximo por mais um semestre, podendo contar créditos como “Outras Atividades Científico-Culturais” conforme número de horas dedicadas.

## DISCIPLINAS

### **3º semestre**

---

Teoria Antropológica	II	72 h/a
Teoria Política	II	72 h/a
Teoria Sociológica	II	72 h/a
Epistemologia das Ciências Sociais		108 h/a
Prática de Pesquisa e Extensão		72 h/a
Teoria da Educação		72 h/a (licenciatura)

### **4º semestre**

---

Teoria Antropológica	III	108 h/a
Teoria Política	III	108 h/a
Teoria Sociológica	III	108 h/a
Organização escolar		72 h/a
Psicologia Social		72 h/a

### **5º e 6º semestres**

---

- ❖ Estudo das metodologias de pesquisa e ensino em Ciências Sociais;
- ❖ Permanecem disciplinas metodológicas e optativas em comum para o bacharelado e a Licenciatura;
- ❖ Aprofundamento teórico sobre temas específicos (nas disciplinas optativas) e início do processo de formulação do trabalho de conclusão;

- ❖ Horas consideradas no PPCC na concepção da formação do professor pesquisador.

## DISCIPLINAS

### **5º semestre**

---

Pensamento Social Brasileiro	108 h/a
Métodos e Técnicas de Pesquisa I	108 h/a
Economia Política	72 h/a
Optativa 1	72 h/a
Optativa 2	72 h/a
Didática	72 h/a (licenciatura)
Sociologia da Educação	72 h/a (licenciatura)

### **6º semestre**

---

Métodos e Técnicas de Pesquisa II	108 h/a (bacharelado)
Estatística Aplicada às Ciências Sociais	72 h/a (bacharelado)
Optativa 3	72 h/a
Optativa 4	72 h/a
Optativa 5	72 h/a
Metodologia do Ensino de Ciências Sociais	108 h/a (licenciatura)
Psicologia da Educação	72 h/a (licenciatura)

### **7º, 8º e 9º semestre**

---

- ❖ Aprofundamento teórico segundo temas específicos (optativas);
- ❖ Consolidar a formação em Ciências Sociais através da concretização de uma pesquisa num trabalho de conclusão de curso (TCC) ou trabalho de estágio curricular profissionalizante (ECP) para habilitação no bacharelado ou trabalho de conclusão de licenciatura (TCL) para habilitação em Licenciatura.

## DISCIPLINAS

### **7º Semestre**

---

Seminário de Pesquisa	72 h/a (bacharelado)
TCC I e ECP I	180 h/a (bacharelado)
Estágio Supervisionado I	252 h/a (licenciatura)
Estudos Afro-Brasileiros <sup>14</sup>	72 h/a (licenciatura)
Optativa 6	108 h/a

### **8º Semestre**

---

<sup>14</sup> Conforme resolução n. 01 de 17 de julho de 2004. Diretrizes curriculares nacionais para Educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.

TCC II e ECP II  
Estágio Supervisionado II

180 h/a (bacharelado)  
252 h/a (licenciatura)

### **9º Semestre**

---

TCL  
Seminário de Licenciatura

144 h/a (licenciatura)  
72 h/a (licenciatura)

8.2) Carga horária semanal por habilitação  
BACHARELADO - MATUTINO

**1º Semestre**

Carga horária semanal = 22hs

Disciplina	Carga horária Créditos	Horas teóricas	Horas práticas	Depto. responsável
Produção Textual Acadêmica	72	4		LLV
Introdução à Antropologia	108	4	2	ANT
Introdução à Ciência Política	108	4	2	SPO
Introdução à Sociologia	108	4	2	SPO
Total	396	16	6	

**2º Semestre**

Carga horária semanal= 24hs

Disciplina	Carga horária Créditos	Horas teóricas	Horas práticas	Depto. responsável
História Contemporânea	72	4		HST
Prática de Pesquisa	36		2	CSO
Teoria Antropológica I	108	4	2	ANT
Teoria Política I	108	4	2	SPO
Teoria Sociológica I	108	4	2	SPO
Total	432	16	8	

**3º Semestre**

Carga horária semanal= 22hs

Disciplina	Carga horária Créditos	Horas Teóricas	Horas Práticas	Depto. responsável
Fundamentos Filosóficos da Pesquisa Científica	72	4		FIL
Teoria Antropológica II	72	4		ANT
Teoria Política II	72	4		SPO
Teoria Sociológica II	72	4		SPO
Epistemologia das Ciências Sociais	108	6		CSO
Total	396	18		

**4º semestre**

Carga horária semanal = 22hs

Disciplina	Carga horária Créditos	Horas teóricas	Horas práticas	Depto. responsável
Psicologia Social	72	4		PSI
Teoria Antropológica III	108	4	2	ANT
Teoria Política III	108	4	2	SPO
Teoria Sociológica III	108	4	2	SPO
Total	396	16	6	

### 5º semestre

Carga horária semanal = 22hs

Disciplina	Carga horária Créditos	Horas teóricas	Horas práticas	Depto. responsável
Prática de Pesquisa	36		2	CSO
Economia Política	72	4		CNM
Métodos e Técnica de pesquisa I	108	4	2	CSO
Pensamento Social Brasileiro	108	6		CSO
Optativa 1	72	4		SPO/ ANT
Total	396	18	4	

### 6º Semestre

Carga horária semanal = 22hs

Disciplina	Carga Horária Créditos	Horas teóricas	Horas práticas	Depto. responsável
Métodos e Técnica de Pesquisa II	108	4	2	CSO
Estatística aplicada às Ciências Sociais	72	4		INE
Optativa 2	72	4		ANT/SPO
Optativa 3	72	4		ANT/SPO
Optativa 4	72	4		ANT/SPO
Total	396	20	2	

### 7º Semestre

Carga horária semanal = 22hs

Disciplina	Carga Horária Créditos	Horas teóricas	Horas práticas	Depto. Responsável
Seminário de Pesquisa I	72		4	CSO
Optativa 5	72	4		SPO/ ANT
Optativa 6	72	4		SPO/ ANT
TCC I/ECP I	180	10		SPO/ANT
Total	396	18	4	

### 8º Semestre

Carga horária semanal = 14hs

Disciplina	Carga horária Créditos	Horas teóricas	Horas práticas	Depto. Responsável
Seminário de Pesquisa II	72		4	CSO
TCC II e ECP II	180		10	SPO/ANT
Total	252		10	

**Carga horária total 3260**  
**Créditos de formação específica 3060**  
**Créditos de formação complementar 200**

BACHARELADO - NOTURNO

**1º Semestre**

Carga horária semanal = 18hs

Disciplina	Carga horária Créditos	Horas teóricas	Horas práticas	Depto. Responsável
Introdução à Antropologia	108	4	2	ANT
Introdução à Ciência Política	108	4	2	SPO
Introdução à Sociologia	108	4	2	SPO
Total	324	12	6	

**2º Semestre**

Carga horária semanal = 18hs

Disciplina	Carga horária Créditos	Horas teóricas	Horas Práticas	Depto. Responsável
Teoria Antropológica I	108	4	2	ANT
Teoria Política I	108	4	2	SPO
Teoria Sociológica I	108	4	2	SPO
Total	324	12	6	

**3º Semestre**

Carga horária semanal = 20hs

Disciplina	Carga horária	Horas teóricas	Horas práticas	Depto. Responsável
História Contemporânea	72	4		HST
Produção Textual Acadêmica	72	4		LLV
Teoria Antropológica II	72	4		ANT
Teoria Política II	72	4		SPO
Teoria Sociológica II	72	4		SPO
Total	360	20		

**4º Semestre**

Carga horária semanal= 20hs

Disciplina	Carga Horária	Horas Teóricas	Horas Práticas	Depto. Responsável
Teoria Antropológica III	108	4	2	ANT
Teoria Política III	108	4	2	SPO
Teoria Sociológica III	108	4	2	SPO
Prática de pesquisa	36		2	CSO
Total	360	12	8	

**5º Semestre**

Carga horária semanal = 20hs

Disciplina	Carga Horária	Horas Teóricas	Horas Práticas	Depto. Responsável
Economia Política	72	4		CNM
Fundamentos Filosóficos da Pesquisa Científica	72	4		FIL
Pensamento Social Brasileiro	108	6		CSO
Epistemologia das Ciências Sociais	108	4	2	CSO
Total	360	18		

## 6º Semestre

Carga horária semanal = 20hs

Disciplina	Carga horária	Horas teóricas	Horas práticas	Depto. responsável
Psicologia Social	72	4		PSI
Estatística aplicada às Ciências Sociais	72	4		INE
Métodos e Técnica de Pesquisa I	108	4	2	CSO
Prática de Pesquisa	36		2	CSO
Optativa 1	72	4		
Total	360	16	4	ANT/SPO

## 7º Semestre

Carga horária semanal = 18hs

Disciplina	Carga horária	Horas teóricas	Horas práticas	Depto. responsável
Métodos e Técnicas de Pesquisa II	108	4	2	CSO
Optativa 2	72	4		SPO/ANT
Optativa 3	72	4		SPO/ANT
Optativa 4	72	4		SPO/ANT
Total	324	16	2	

## 8º Semestre

Carga horária semanal = 18hs

Disciplina	Carga Horária	Horas Teóricas	Horas Práticas	Depto. Responsável
TCC I e ECP I	180	10		SPO/ANT
Optativa 5	72	4		SPO/ANT
Seminário de Pesquisa I	72		4	CSO
Total	324	14	4	

## 9º Semestre

Carga Horária Semanal = 18hs

Disciplina	Carga horária	Horas teóricas	Horas práticas	Depto. responsável
TCC II e ECP II	180	10		SPO/ANT
Seminário de Pesquisa II	72		4	CSO
Optativa 6	72	4		SPO/ANT
Total	324	14	4	

**Carga Horária Total** 3260  
**Créditos de formação específica** 3060  
**Créditos de formação complementar** 200

LICENCIATURA

**1º Semestre**

Carga horária semanal = 22hs

Disciplina	Carga horária Créditos	Horas teóricas	Horas práticas PPCC	Depto. responsável
Produção Textual Acadêmica	72	4		LLV
Introdução à Antropologia	108	4	2	ANT
Introdução à Ciência Política	108	4	2	SPO
Introdução à Sociologia	108	4	2	SPO
Total	396	16	6	

**2º Semestre**

Carga horária semanal= 24hs

Disciplina	Carga horária Créditos	Horas teóricas	Horas práticas PPCC	Depto. responsável
História Contemporânea	72	4		HST
Prática de Pesquisa	36	1	1	CSO
Teoria Antropológica I	108	4	2	ANT
Teoria Política I	108	4	2	SPO
Teoria Sociológica I	108	4	2	SPO
Total	432	17	7	

**3º Semestre**

Carga horária semanal= 22hs

Disciplina	Carga horária Créditos	Horas Teóricas	Horas Práticas PPCC	Depto. responsável
Fundamentos Filosóficos da Pesquisa Científica	72	4		FIL
Teoria Antropológica II	72	3	1	ANT
Teoria Política II	72	3	1	SPO
Teoria Sociológica II	72	3	1	SPO
Epistemologia das Ciências Sociais	108	6		CSO
Total	396	19	3	

**4º semestre**

Carga horária semanal = 22hs

Disciplina	Carga horária Créditos	Horas teóricas	Horas práticas PPCC	Depto. responsável
Teoria da Educação	72	4		EED
Teoria Antropológica III	108	4	2	ANT
Teoria Política III	108	4	2	SPO
Teoria Sociológica III	108	4	2	SPO
Total	396	16	6	

## 5º Semestre

Carga Horária Semanal = 22hs

Disciplina	Carga horária	Horas teóricas	Horas práticas PPCC	Depto. Responsável
Métodos e Técnicas de Pesquisa I	108	6		CSO
Pensamento Social Brasileiro	108	6		CSO
Prática de Pesquisa	36	1	1	CSO
Didática	72	2	2	MEN
Psicologia da Educação	72	3	1	PSI
Total	396	18	4	

## 6º Semestre

Carga Horária Semanal= 20hs

Disciplina	Carga Horária	Horas Teóricas	Horas Práticas PPCC	Depto. Responsável
Sociologia da Educação	72	3	1	SPO
Metodologia do Ensino das Ciências Sociais	72	4		MEN
Organização Escolar	72	3	1	MEN
Optativa I	72	4		SPO/ANT
Optativa II	72	4		SPO/ANT
Total	360	18	2	

## 7º Semestre

Carga Horária Semanal = 22hs

Disciplina	Carga Horária	Horas Teóricas	Horas Práticas PPCC	Depto. Responsável
Estágio Supervision. I	252	14		MEN
Estudos Afro-brasileiros	72	3	1	ANT
Optativa III	72	4		SPO/ ANT
Total	396	21	1	

## 8º Semestre

Carga Horária Semanal = 4hs

Disciplina	Carga Horária	Horas Teóricas	Horas Práticas	Depto. Responsável
			PPCC	
Estagio Supervisionado II	252			MEN
Optativa IV	72	4		SPO/ANT
Total	324	4		

## 9º Semestre

Carga Horária Semanal = 12

Disciplina	Carga Horária	Horas Teóricas	Horas Práticas	Depto. Responsável
Seminários Licenciatura	72		4	MEN/ SPO/ANT
Trabalho de Conclusão (TCL)	144	8		MEN
Total	216	8	4	

**Carga Horária Total 3512**

**Créditos de formação específica 2088**

**Créditos de formação complementar 200**

**Créditos de formação pedagógica 1224**

**Carga Horária PPCC 594**

### 8.3) Ementas

#### DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS

#### DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

##### 1. ANT 5312 – INTRODUÇÃO À ANTROPOLOGIA (108 horas/aulas)

EMENTA: A constituição da Antropologia como disciplina e seu campo de estudo. A crítica ao etnocentrismo e o relativismo cultural. Os modelos dualistas: natureza e cultura; indivíduo e sociedade. Questões de método: trabalho de campo e observação participante.

##### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. BAMBERGER, Joan. "O Mito do Matriarcado: Porque os Homens Dominam a Sociedade Primitiva?" in M. Rosaldo & L. Lamphere. *Mulher, Cultura e Sociedade* (orgs). Rio: Paz e Terra, 1979 .
2. CLASTRES, Pierre. "O Arco e o Cesto" in *A Sociedade Contra o Estado*. Rio: Francisco Alves, 1982.
3. DA MATTA, Roberto. 1983. "O Biológico e o Social" In *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*. Petrópolis: Vozes.
4. DA MATTA, Roberto. "Panema" in *Ensaio de Antropologia Estrutural*. Petrópolis: Vozes, 1977 . DA MATTA, Roberto.1983. "Trabalho de campo" In *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*. Petrópolis: Vozes.
5. DA MATTA, Roberto. 1986. "Você tem cultura?" In *Explorações*. Rio de Janeiro: Rocco.
6. EVANS-PRITCHARD, E.E. "A Noção de Bruxaria como Explicação dos Infortúnios" in *Textos de Aula*, n1 3, Ed. UnB. (também em *Bruxaria, Oráculos e Magia*. Rio: Zahar Editor)
7. EVANS-PRITCHARD, E. E. 1978. "Introdução" In Os Nuer. São Paulo: Perspectiva.
8. GEERTZ, Clifford. "Um Jogo Absorvente: Notas sobre a Briga de Galos Balinesa" in *A Interpretação das Culturas*. Rio: Zahar, 1978.
9. GEERTZ, Clifford. 1966. "A transição para a humanidade" In Tax, S. et alli. *Panorama da Antropologia*. Rio de Janeiro, Lisboa: Fundo de Cultura. (pg. 31-43)
10. GEERTZ, Clifford. 1978. "O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem" In *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.
11. HERZ, Robert. A Preeminência da Mão Direita. *Religião e Sociedade*, no. 1
12. INGOLD, Tim. Humanidade e Animalidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*.
13. LAPLANTINE, François. APRENDER ANTROPOLOGIA. São Paulo: Brasiliense, 1988 .
14. LARAIA, Roque. *CULTURA: Um Conceito Antropológico*. Rio: Jorge Zahar Ed., 1986.
15. LEACH, Edmund. "Nascimento Virgem". in EDMUND LEACH. São Paulo: Ática, 1983. (Grandes Cientistas Sociais, vol 38)
16. LÉVI-STRAUSS, Claude. "Las Tres Fuentes de la Reflexión Etnológica" in Jose Llobera (org). *La Antropologia como Ciencia*. Barcelona: Anagrana
17. MALINOWSKI, Bronislaw. 1984. Argonautas do Pacífico ocidental. São Paulo: Abril Cultural.
18. MINER, Horace. 1973. "Ritos Corporais entre os Nacirema" In ROMNEY, A. K. e DE VORE P. L. (ed.) *Introductory Anthropology*. Winthrop Publishers. Cambridge. (trad. Selma Erlich)
19. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. 1998. "O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escutar" In *O trabalho do antropólogo*. São Paulo-Brasília: Unesp-Paralelo.
20. SAHLINS, Marshall. "La Pensée Bourgeoise" in *A Cultura na Prática*. Rio: Ed. UFRJ
21. SEEGER, Anthony. "Pesquisa de Campo: Uma Criança no Mundo". in *Os Índios e Nós*. Rio: Ed. Campus, 1980.
22. VELHO, Gilberto. 1994. "Observando o familiar" In *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar.

## 2. ANT XXXX - TEORIA ANTROPOLÓGICA I (108 horas/aulas)

EMENTA: O evolucionismo social. O culturalismo norte-americano. A antropologia social britânica.

### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. BENEDICT, Ruth. Padrões de Cultura. [1934]. Lisboa, Livros do Brasil. S/d. ("Prefácio"; "Introdução"; I parte, capítulos 1, 2 e 3)
2. BOAS, Franz. Stocking, George W. (org.) A formação da antropologia americana: 1883-1911. Rio de Janeiro, Contraponto/Editora da UFRJ, 2004. ("Os objetivos da etnologia"[1889]. " Sobre sons alternantes". [1889]. "Trabalho de campo para a Associação Britânica, 1888-1897". [1898]. )
3. BOAS, Franz. As limitações do método comparativo em Antropologia. (Apostila)
4. BOAS, Franz. Prefacio; Introducció;n; La mentalidad del hombre primitivo e el progreso de la cultura. Questiones fundamentales de Antropologia cultural. Buenos Aires. Lautaro, 1943.
5. ENGELS, F. A origem da família, da propriedade privada e do estado. [1884]. (Prefácio à 1ª e à 4ª edição; Capítulos I e IX)
6. EVANS-PRITCHARD, E. E. Os Nuer. [1940]. São Paulo, Perspectiva, 1978. (Introdução e Capítulo III)
7. FRAZER, James G. O Ramo de Ouro. [1922]. São Paulo, Circulo do Livro, 1978. (Introdução de Mary Douglas; Prefácio à edição de 1911; Parte 1: Capítulos: 1, 2, 3, 4,, 5, 6)
8. KROEBER, Alfred. Sistemas classificatórios de parentesco. LARAIA, R. Organização Social. Rio de Janeiro, Zahar. 1969
9. LOWIE, Robert. Organização Social. PIERSON, D. Organização Social. São Paulo. Martins Editora. 1946.
10. MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas no Pacífico Ocidental. [1922]. São Paulo, Abril Cultural, Coleção *Os pensadores*, 1976.
11. MALINOWSKI, B. Malinowski. Antropologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo. Ática. 1986. ((Malinowski Vida e Obra; Prefácio de Frazer; Prólogo; Introdução; Cap. I, II e II
12. MEAD, Margaret. Sexo e temperamento. [1934]. São Paulo, Perspectiva, 1979. ("Prefácio à edição de 1950"; "Prefácio à edição de 1963"; "Agradecimentos"; "Introdução"; "As implicações desses resultados"; "Conclusão").
13. MORGAN, Lewis Henry. A sociedade primitiva. [1871]. Lisboa, Presença-Martins Fontes, 1980 (Prefácio; Capítulos 1, 2 e 3)
14. RADCLIFFE-BROWN, A. R. Estrutura e função na sociedade primitiva. [1935-1940]. Lisboa, Edições 70, s/d. (Introdução; Capítulos IX e X).
15. RADCLIFFE-BROWN. Antropologia. São Paulo, Ática, Coleção Grandes cientistas sociais, 1978. (O método Comparativo em Antropologia Social) (orig. 1951)
16. RIVERS, W.H.R. O método genealógico na pesquisa antropológica (1910). História e Etnologia (1920); A unidade da Antropologia (1922). OLIVEIRA, Roberto C (org.). A Antropologia de Rivers. Campinas, Editora da Unicamp, 1991.
17. TYLOR, Edward B. La ciencia de la cultura. Kahn, J.S. El conceito de cultura, textos fundamentales. Barcelona, Anagrama, 1975.

### 3. ANT XXX – TEORIA ANTROPOLÓGICA II (72 horas/aulas)

EMENTA: A escola sociológica francesa e o estruturalismo francês.

#### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. DELACAMPAGNE, Christian & TRAIMOND, Bernard. 1997. "A Polêmica Sartre/Lévi-Strauss.
2. Revisitada. Nas Raízes das Ciências Sociais de Hoje". Les Temps Modernes, 596, novembro/dezembro.
3. GOLDMAN, Marcio. "Lévi-Strauss e os sentidos da História". Revista de Antropologia, 1999, vol.42, no. 1-2, p.223-238
4. MOISES, Beatriz Perrone. "Claude Lévi-Strauss, aos 90". Revista de Antropologia, 1999, vol.42, no.1-2, p.09-25.
5. SIGAUD, Lygia. "As Vicissitudes do 'Ensaio Sobre o Dom'". Mana. 5 (2):89-124, 1999
6. SPERBER, Dan. 1992. "Claude Lévi-Strauss" in O Saber dos Antropólogos. Lisboa: Edições 70
7. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. "Entrevista: Lévi-Strauss Nos 90: A Antropologia de Cabeça Para Baixo". Mana. 4 (2):119-126, 1998
8. LÉVI-STRAUSS, Claude. "Voltas Ao Passado". Mana 4(2):107-117, 1998
9. LÉVI-STRAUSS, C. "Campo da Antropologia" in Antropologia Estrutural Dois. Rio: Tempo Brasileiro, 1976. (p. 11-40)
10. LÉVI-STRAUSS, C. "Jean Jacques Rousseau Fundador das Ciências do Homem". Idem. (p. 41-51)
11. LÉVI-STRAUSS, C. "Los três fuentes de la reflexión etnológica" In J.Llobera. L'antropologia como ciencia. Barcelona: Editorial Anagrama.
12. LÉVI-STRAUSS, C. "Como surge um etnógrafo" In Tristes Trópicos. Lisboa: Edições 70. 1976 (p. 45-54)
13. LÉVI-STRAUSS, C. "A crise moderna da antropologia" In Revista de Antropologia, 1962, (p.21-26)
14. LÉVI-STRAUSS, C. "O futuro da etnologia" In Minhas Palavras. São Paulo: Brasiliense, 1984 (p. 19-35)
15. LÉVI-STRAUSS, C. "Análise estrutural em lingüística e antropologia". Idem. (p.45-70)
16. LÉVI-STRAUSS, C. "A Noção de Estrutura em Etnologia". Idem. (p. 313-360)
17. LÉVI-STRAUSS, C. "Posfácio ao capítulo XV". Idem. (p.361-383)
18. LÉVI-STRAUSS, C. "Introdução: história e etnologia" In Antropologia Estrutural. Rio: Tempo Brasileiro, 1976 (p. 13 - 44)
19. LÉVI-STRAUSS, C. "Estrutura e dialética". Idem. (267-276)
20. LÉVI-STRAUSS, C. "Raça e história". Antropologia Estrutural Dois. Rio: Tempo Brasileiro, 1976. (p. 328-366)
21. LÉVI-STRAUSS, C. "Universalização e Particularização" in O Pensamento selvagem. Rio: CEN, 1976, (p. 189-221)
22. LÉVI-STRAUSS, C. "O indivíduo como espécie". Idem. (p. 222-249)
23. LÉVI-STRAUSS, C. "O tempo redescoberto". Idem. (p. 250-279)
24. LÉVI-STRAUSS, C. "História e Dialética". IDEM. (P. 280-306)
25. LÉVI-STRAUSS, C. "Histoire et Ethnologie", Annales E.S.C., 38 (6), 1983, (p. 1217-31)
26. LÉVI-STRAUSS, C. "O totemismo hoje" in Lévi-Strauss. São Paulo: Abril Cultural. (Col. Os Pensadores). (p.89-181)
27. LÉVI-STRAUSS, C. "A ciência do concreto". Pensamento Selvagem. (p. 19-55)
28. LÉVI-STRAUSS, C. "A lógica das classificações totêmicas". Idem. (p. 56-97)
29. LÉVI-STRAUSS, C. "Os sistemas de transformações". Idem. (p. 98-133)
30. LÉVI-STRAUSS, C. "Totem e casta". Idem. (p. 134-160)
31. LÉVI-STRAUSS, C. "Categorias, elementos, espécies e números". Idem. (p. 161-188)
32. LÉVI-STRAUSS, C. Mitológicas I: O cru e o cozido. São Paulo: Cosac & Naif. 2004.
33. LÉVI-STRAUSS, C. A via das máscaras. Lisboa: Editorial Presença. 1981.
34. LÉVI-STRAUSS, C. A oleira ciumenta. São Paulo: Brasiliense. 1986.

#### 4. ANT XXXX - TEORIA ANTROPOLÓGICA III (108 horas/aulas)

EMENTA: Teorias antropológicas contemporâneas. As diferentes teorias da cultura. O movimento cognitivista. As críticas pós-coloniais e as novas expressões da antropologia.

##### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. ERIBON, Didier & Claude Lévi-Strauss: De perto e de longe. Ed. Nova Fronteira. (pp.129-154)
2. GEERTZ, Clifford. Anti Anti-Relativismo. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 8 (3): 5-19 (1988).
3. GOLDMAN, Marcio. Antropologia Contemporânea, Sociedades Complexas e Outras Questões. Anuário Antropológico/1993, pp. 113-153 (1995).
4. GOLDMAN, Márcio. Alguma Antropologia. Rio: Relume/Dumará/NuAP, 1999
5. HANNERZ, Ulf. Fluxos, Fronteiras, Híbridos: Palavras-Chave da Antropologia Transnacional, in MANA 3(1): 7-39 (1997).
6. LATOUR, Bruno. Jamais Fomos Modernos: Ensaio de Antropologia Simétrica. Rio, Editora 34, 1994, pp. 7-52.
7. LEACH, Edmund. "Cabelo Mágico", "Nascimento Virgem" e "Categorias Verbais e Insultos Animais" *In* LEACH. São Paulo, Ática.
8. LYOTARD, Jean-François. O Pós-Moderno. Rio, José Olympio Editora, 1986, pp. 3-34.
9. PEIRANO, Mariza. "Onde está a Antropologia?". MANA 3(2):67-102, 1997.
10. SAHLINS, M. Culpado, mas por Outros Motivos...(homepage do Instituto Socioambiental)
11. SAHLINS, Marshal. "O 'Pessimismo Sentimental' e a Experiência Etnográfica: por que a cultura não é um 'objeto' em via de extinção" (PARTES I e II) *in* MANA 3(1): 43-73, 1997 e MANA 3(2): 103-150, 1997.
12. SAHLINS, Marshal. Cultura e Razão Prática. Rio de Janeiro, Zahar (capítulos escolhidos)
13. SPERBER, Dan. O simbolismo em geral. Ed. Cultrix São Paulo.
14. STAVENHAGEN, Rodolfo. Etnodesenvolvimento: Uma Dimensão Ignorada no Pensamento Desenvolvimentista, in Anuário Antropológico/84, pp. 11-44 (1985).
15. STRATHERN, Marilyn. "Novas Formas Econômicas: um relato das Terras Altas da Papua-Nova Guiné" *in* MANA 4(1): 109-139, 1998.
16. VIVEIROS DE CASTRO, E. "O Nativo Relativo". In MANA 8(1): 113-148, 2002
17. ZALUAR, Alba. Relativismo Cultural na Cidade? In Anuário Antropológico/90, pp. 137-155 (1993).

## DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA

### ÁREA DE SOCIOLOGIA

#### 1. SPO 5127 - INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA (108 horas/aula)

EMENTA: Perspectiva histórica do desenvolvimento da sociologia como ciência. Introdução ao debate e dilemas teóricos centrais da Sociologia a partir da contribuição das principais matrizes clássicas (estrutura X ação; consenso X conflito; tradição X modernidade; subjetividade X objetividade) e seus desdobramentos contemporâneos. A imaginação sociológica como experiência crítica da sociedade.

#### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. CHARON, Joel M. (2001) Sociologia. São Paulo: Editora Saraiva.
2. SORJ, Bernardo (2000) A Nova Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
3. ALEXANDER, Jeffry (1987), "O novo movimento teórico", in Revista Brasileira de Ciências Sociais, n.4, vol.2.Pp.5-25.
4. BAUMAN, Zygmunt (1999), Modernidade e Ambivalência. Rio de Janeiro: Editora Zahar. Introdução e capítulos 1, 2 e 7.
5. BAUMAN, Zygmunt (1998), O malestar da Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: Editora Zahar. Introdução e capítulos 1, 2, 3 e 9.
6. BOURDIEU, Pierre (1989), O poder simbólico. Rio de Janeiro: Editora Difel. Cap. 3 e 7.
7. BERGER, P. e Luckman (1969), A construção social da realidade.
8. BOURDIEU, Pierre (1990), Coisas ditas. São Paulo: Editora Brasiliense. Caps: Espaço social e poder simbólico; A codificação; Pontos de referência e Das regras às estratégias
9. COULON, Alain (1995), Etnometodologia. Petrópolis: Editora Vozes.
10. GIDDENS, Anthony (1989), A constituição da sociedade. São Paulo: Ed. Martins Fontes. Introdução.
11. GIDDENS, A. ; Beck, U. e Lasch, Scott, Modernização reflexiva. Política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora da Unesp
12. GOFFMAN, Erving (1974), Manicômios, Prisões e Conventos. São Paulo: Editora Perspectiva. Capítulo: As características das instituições totais. Pp 13-108.
13. GOFFMAN, Erving (1975), A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Editora Vozes.
14. MILLS, W. (1978), A imaginação sociológica.
15. SANTOS, Boaventura de Sousa (1999): Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Editora Cortez. Cap. 9.
16. TOURAINE, Alain (1999), Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes. Petrópolis: Editora Vozes.

#### 2. SPO 5152 - TEORIA SOCIOLOGICA I (108 horas/aula)

EMENTA: Pensamento Social Clássico: a sociologia positivista de Emile Durkheim; o materialismo histórico e dialético de Karl Marx e seus desdobramentos contemporâneos.

#### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. ANDERY, Maria A. Para compreender a ciência. Ed. Educ. p. 378 a 401.
2. ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho. SP, Boitempo, 4 ed. 2001. Pp 101-117.
3. ARON, Raymond. As etapas do pensamento sociológico. SP Martins Fontes, 5 ed.1999, pp 287 – 363.
4. ARON, Raymond. As etapas do pensamento sociológico. SP, Martins Fontes, 1987
5. CASTRO, Ana Maria de E.; DIAS, Edmundo Fernando. Introdução ao pensamento sociológico. p. 03 a 27.
6. CHAUI, Marilena. O que é ideologia. SP, Brasiliense, 1981

7. COSTA, Cristina. Sociologia: introdução à uma ciência da sociedade. São Paulo: Ed. Moderna, 1997.
8. CUPANI, A. A crítica do positivismo e o futuro da filosofia. Fpolis, UFSC, 1985
9. COUTINHO, Carlos N. Gramsci. Porto Alegre, L&PM, 1981. p. 61-110.
10. DURKHEIM, E. Educação e sociologia. SP, Melhoramentos.
11. DURKHEIM, E. As regras do método sociológico. SP: Martins Fontes, 2002.
12. DURKHEIM, E. Da divisão do trabalho social. SP: Martins Fontes, 2004. p.367-390.
13. DURKHEIM, E. O suicídio. SP: Martins Fontes, 2000. p. 09-25.
14. DURKHEIM, E. Suicídio. In: RODRIGUES, J.A (org) Durkheim. Sociologia.
15. FORACCHI, M e MARTINS, J.S. (orgs). Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia. RJ, Livros Técnicos e Científicos, 1978.
16. FROMM, Erich. O materialismo histórico de Marx. In: FROMM, Erich. Conceito Marxista do Homem. RJ, Zahar, 1979 p 19-28
17. GIDDENS, Anthony. Capitalismo e moderna teoria social. Lisboa, Presença, 1990
18. GIDDENS, Anthony. As Idéias de Durkheim. SP, Cultrix, 1981. p. 3- 12
19. GOLDMANN, Lucien. Dialética e cultura. RJ, Paz e terra, 1979
20. HUBERMAN, Leo. História da riqueza do homem. RJ, Livros Técnicos e Científicos, 1986
21. IANNI, Octavio (org) Karl Marx: sociologia. SP, Ática, 1979
22. KONDER, Leandro. O que é dialética. RJ, Brasiliense, 1978.
23. KOSIK, Karel. Dialética do concreto. RJ, Paz e Terra, 1976. pp 9 – 20
24. KOWARICK, Lucio. Capitalismo e marginalidade na América latina. RJ, Paz e terra, 1985
25. LARANGEIRA, Sonia. Classes e movimentos sociais na América Latina: questões para debate. SP, Hucitec, 1990. Pp 19-29
26. LOWY, Michael. As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen.
27. LÖWY, Michael. Método dialético e teoria política. RJ, paz e terra, 1978
28. LÖWY, Michael. Ideologias e ciências sociais. Elementos para uma análise marxista. SP, Cortez, 2000
29. MARTINS, Carlos B. O que é sociologia. SP, Brasiliense, 1991
30. MARX/ENGELS. Manifesto comunista. Várias ed.
31. MARX, K. A maquinaria e a indústria moderna. In O Capital livro primeiro, volume I, cap. XIII (várias edições.)
32. MARX, K. A acumulação primitiva. In O Capital
33. MARX, K, ENGELS, F. Manifesto do partido comunista. PA: Villa Martha, 1980, p.13-39.
34. MARX, K. Trabalho alienado (1<sup>o</sup> Manuscrito) In: FROMM, p.89-102
35. MARX, K. Prefácio a “Uma contribuição à crítica da economia política”. In: FROMM, op.cit. p.187-188.
36. MARX, K. Posfácio à 2<sup>a</sup> ed. da obra “O capital”. In: FERNANDES, F. op. cit. p 422 – 430
37. MARX, K. Compra e venda da força de trabalho. O capital, vol I (Coleção “Os Economistas”) p. 134-141
38. MARX, K. e ENGELS, F. A ideologia alemã. In: FERNANDES, F. (org). Marx, Engels: história. SP, Ática, 1989 p182-214 (“K. Marx e F. Engels: A história dos homens”)
39. MÉSZÁROS, István. Marx: A teoria da alienação. RJ, Zahar, 1981
40. NAVES, Márcio B. Marx, ciência e revolução. Ed. Unicamp/Moderna, 2000.p.12- 46.
41. RODRIGUES, J.A (org) Durkheim. Sociologia. SP, Ática, 1999. p. 7 - 37SP, Ática, 1999. p. 108-122.
42. SILVA, Ricardo. A ideologia do Estado autoritário no Brasil. Chapecó, Argos, 2004. p. 31-61.
43. SINGER, Paul. Curso de introdução à economia política. RJ, Forense, 2000
44. WOOD, Ellen M. Cap. II a origem do capitalismo. p. 75 a 123. Ed. Busca Vida. P. 17 a 33.

### 3. SPO 5153 - TEORIA SOCIOLOGICA II (72 horas/aula)

EMENTA: Pensamento social clássico: a sociologia compreensiva de Max Weber; o neofuncionalismo de Robert Merton; o estrutural-funcionalismo de Talcott Parsons e seus desdobramentos contemporâneos.

#### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. WEBER, M. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. Há várias edições. (Ref. BU/UFSC: 261 W375e)
2. \_\_\_\_\_. Economia e Sociedade, Brasília: Ed. da UNB, 2000, p.3-19. (Ref. BU/UFSC: 330.101 W375e)
3. \_\_\_\_\_. Os três tipos de dominação legítima. *In*: COHN, G. Weber. S.Paulo: Atica, 1979, p. 128-141. (Ref. BU/UFSC: 316.2WEBER W375m)
4. \_\_\_\_\_. Classe, Estamento e Partido. *In*: H.H. GERTH e C.W. MILLS, (orgs.) Ensaio de Sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. Cap.VII, p. 211-228. (Ref. BU/UFSC: 301.199WEBER W375e)
5. SELL, Carlos Eduardo. Sociologia Clássica. Itajaí: Ed. UNIVALI, 2002. Cap.III. (Ref. BU/UFSC: 316.S467s)
6. QUINTANEIRO, Tânia *et. alli*. Um Toque de Clássicos. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1995. Cap. 3.
7. (Ref. BU/UFSC: 316 Q7t)
8. ROCHER, G. Sociologia Geral. Lisboa: Presença, 1977, vol. 3, p.137-166. (Ref. BU/UFSC: Não disponível)
9. DAVIS, K. e MOORE, W. Alguns princípios de estratificação. *In*: BERTELLE A.R. *et alli*. (orgs.). Estrutura de Classe e Estratificação Social. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1966, p. 101-116. (Ref. BU/UFSC: Não disponível)
10. MERTON, R. K. Sociologia: teoria e estrutura. S.Paulo: Mestre Jou, 1970, p.127-150. (Ref. BU/UFSC: 316 M575s)
11. PARSONS, T. A interação social. *In*: CARDOSO, F.H. IANNI, O. Homem e Sociedade. São Paulo: Editora Nacional, 1970, p.125-127. (Ref. BU/UFSC: 316.454.6 C268h)
12. CASTRO, A.M. de e DIAS, E. F. Introdução ao Pensamento Sociológico. Rio de Janeiro: Eldorado, 1983, 197- 242. (Ref. BU/UFSC: 316 C355i)
13. ROCHER, Guy. Talcott Parsons e a Sociologia Americana. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. (Ref. BU/UFSC: Não disponível)
14. JOAS, Hans. Interacionismo simbólico. *In*: Giddens, Anthony e Turner, Jonathan (orgs.). Teoria social hoje. São Paulo: Editora da UNESP, 1999, p. 127-174. (Ref. BU/UFSC: Não disponível)
15. CARVALHO FERREIRA, José Maria *et alli* . Teorias da Interação. *In*: Sociologia. Lisboa: McGraw-Hill, 1995, p. 289-311. (Ref. BU/UFSC: Não disponível)
16. COULON, Alain. A escola de Chicago. Campinas: Papyrus, 1995, p. 29-122. (Ref. BU/UFSC: Não disponível)
17. VILA NOVA, Sebastião. Donald Pierson e a Escola de Chicago na Sociologia Brasileira: entre humanistas e messiânicos. Lisboa: Vega, Cap. III: Chicago e a Sociologia nos Estados Unidos (1883-1935), 1998, p. 57-78. (Ref. BU/UFSC: Não disponível)
18. GUESSER, Adalto & PELLEGRINI, Edenilse. A Etnometodologia e a Análise da Conversação e da Fala. Florianópolis. 2003. *Mimeo*. 23p. Disponível no site: <http://cfh.ufsc.br/~adalto/etnometodologia>.
19. HERITAGE, John C. Etnometodologia. *In*: GIDDENS, Anthony/TURNER, Jonathan (org.): Teoria social hoje. São Paulo: Editora da UNESP, 1999, p. 127-174. (Ref. BU/UFSC: Não disponível)
20. ARON, R. As Etapas do Pensamento Sociológico. São Paulo: Martins Fontes/UNB, 1987, p. 461-540. (Ref. BU/UFSC: 316.2 A769e)
21. BLUMER, Herbert. A sociedade concebida como uma interação simbólica. *In*: BIRNBAUM, Pierre & CHAZEL, François. Teoria Sociológica. Tradução de Gisela Stock de Souza e Hélio de Souza. São Paulo: Hucitec/EdUSP, 1977, p. 36-40. (Ref. BU/UFSC: 301.19 B619t)
22. CICOUREL, Aaron. A Etnometodologia. *In*: BIRNBAUM, Pierre & CHAZEL, François. Teoria Sociológica. Tradução de Gisela Stock de Souza e Hélio de Souza. São Paulo: Hucitec/EdUSP, 1977, p. 60-62. (Ref. BU/UFSC: 301.19 B619t)

23. COULON, Alain. Etnometodologia. Petrópolis: Vozes, 1995. (Ref. BU/UFSC: 397 C855e)
24. FREUND, J. A Sociologia de Max Weber. Rio de Janeiro: Forense, 1970. (Ref. BU/UFSC: 316.2WEBER W375m)
25. GERTH, H. H. e MILLS, C. W. (orgs.) Ensaio de Sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. Introdução: o homem e sua obra. (Ref. BU/UFSC: 301.199WEBER W375e)
26. GOFFMAN, Erving. A apresentação de si mesmo na vida cotidiana. *In*: BIRNBAUM, Pierre & CHAZEL, François. Teoria Sociológica. Tradução de Gisela Stock de Souza e Hélio de Souza. São Paulo: Hucitec/EdUSP, 1977, p. 40-48. (Ref. BU/UFSC: 301.19 B619t)
27. HAGUETTE, Maria Teresa F. Interacionismo Simbólico. *In*: Metodologias Qualitativas na Sociologia. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 157-163. (Ref. BU/UFSC: 316 H147m)
28. \_\_\_\_\_. Etnometodologia. *In*: Metodologias Qualitativas na Sociologia. Petrópolis: Vozes, 1992. Também disponível no site: <http://www.cfh.ufsc.br/~adalto/etnometodologia/>
29. MAC RAE, R.G. As idéias de Weber. São Paulo: Cultrix, 1985. (Ref. BU/UFSC: 301.199WEBER M174i)
30. MEAD, George H. O jogo livre (folgado), o jogo regulamentado e o "outro-generalizado". *In*: BIRNBAUM, Pierre & CHAZEL, François. Teoria Sociológica. Tradução de Gisela Stock de Souza e Hélio de Souza. São Paulo: Hucitec/EdUSP, 1977, p. 26-32. (Ref. BU/UFSC: 301.19 B619t)
31. MELLA, Orlando. El Interaccionismo Simbólico. *In*: Naturaleza y Orientaciones Teórico-Metodológicas de la Investigación Cualitativa. 1998. Disponível no site: <http://www.reduc.cl/mella.pdf>
32. TRAGTEMBERG, M. (org.) Weber. Textos Seleccionados. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Col. Os Pensadores). Introdução: vida e obra. (Ref. BU/UFSC: 082 W375e)

#### 4. SPO 5154 - TEORIA SOCIOLÓGICA III (108 horas/aula)

EMENTA: Pensamento Social Contemporâneo: a praxeologia de Pierre Bourdieu; a Escola de Frankfurt; o pós-modernismo de Michel Foucault, Boaventura de Souza Santos, Latour e outros; a contribuição da sociologia brasileira à teoria da globalização: Otávio Ianni.

##### BIBLIOGRAFIA MINIMA

1. FOUCAULT, Michel. Genealogia e Poder. *In*: \_\_\_\_\_, Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Graal, 1979, p. 167-177;
2. FOUCAULT, Michel. Método. *In*: História da Sexualidade I. A vontade de saber. Rio de Janeiro, Graal, 1985, 7ª. ed., p. 88-97.
3. ERIBON, Didier. Michel Foucault. São Paulo, Cia. das Letras, 1990, p. 221-243 e 244-263);
4. FOUCAULT, Michel. Os recursos para o bom adestramento. *In*: **Vigiar e Punir. História da Violência nas Prisões**. Petrópolis, Vozes, 1977, p. 125-152;
5. DELEUZE, Giles. Um novo cartógrafo (Vigiar e Punir). *In*: \_\_\_\_\_, Foucault. São Paulo, Brasiliense, 1988, p. 33-53.
6. ORTIZ, Renato. A procura de uma sociologia da prática. *In*: ORTIZ, Renato (org.) e FERNANDES, Florestan (coord.) Pierre Bourdieu. São Paulo, Ática, 1983, p. 07-36. (Série Grandes Cientistas Sociais);
7. BOURDIEU, Pierre. O campo científico. *In*: ORTIZ, Renato (org.) e FERNANDES, Florestan (coord.). Pierre Bourdieu. Op. cit. p. 122-155.
8. YOUNG-BRUEHL, Elizabeth. Prefácio. *In*: \_\_\_\_\_ Hannah Arendt. Por amor ao mundo. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995, p. 11-21.
9. LAFER, Celso. Hannah Arendt: vida e obra. *In*: ARENDT, Hannah. Homens em tempos sombrios. São Paulo, Cia. das Letras, 1998, 3ª. ed., p. 233-249
10. ARENDT, Hannah. O anti-semitismo como uma ofensa ao bom senso. *In*: \_\_\_\_\_. Origens do totalitarismo. Anti-semitismo. Imperialismo. Totalitarismo. São Paulo, Cia. Das Letras, 1998, 3ª. ed., p. 23-30.
11. HELLER, Agnes. Sobre os preconceitos. *In*: \_\_\_\_\_. O cotidiano e a história. São Paulo, Paz e Terra, 1990, p. 43-63.

12. HELLER, Ágnes. A estrutura da vida cotidiana. In: \_\_\_\_\_, O cotidiano e a história. Op. cit., p. 17-41.
13. MARCUSE, Herbert. Herbert Marcuse fala aos estudantes. In: LOUREIRO, Isabel (org.). Herbert Marcuse. A grande recusa hoje. Petrópolis/Rio de Janeiro, Vozes, 1999, p. 57-70.
14. Herbert Marcuse (Entrevista) Marcuse – Vida e Obra. In: LOUREIRO, Isabel (org.) Herbert Marcuse. A grande recusa hoje. Op. cit., p. 11-25.
15. FREITAG, Bárbara. O histórico da Escola de Frankfurt. In: A teoria crítica ontem e hoje. São Paulo, Brasiliense, 1988, p. 9-30.
16. HABERMAS, Jurgen. Três perspectivas: hegelianos de esquerda, hegelianos de direita e Nietzsche. In: \_\_\_\_\_, O discurso filosófico da modernidade. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1990, p. 57-80.
17. SANTOS, Boaventura de Souza . Subjetividade, cidadania e emancipação. In: \_\_\_\_\_, Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade. São Paulo, Cortez, 1995, p. 235-280.
18. FERNANDES, Florestan. Entrevista. In: \_\_\_\_\_, A condição de sociólogo. São Paulo, Hucitec, 1978, p. 03-41.
19. MARTINS, José de Souza. Florestan Fernandes: ciência e política, uma só vocação. In: \_\_\_\_\_, Florestan. Sociologia e Consciência Social no Brasil. São Paulo, Ed. Da USP, 1998, p. 55-86.
20. MARTINS, José de Souza. As hesitações do moderno e as contradições da modernidade no Brasil. In: \_\_\_\_\_, A sociabilidade do homem simples. Cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo, Hucitec, 2000, p. 17-54.
21. MARTINS, José de Souza. O senso comum e a vida cotidiana. In: Idem, p. 55-64.
22. IANNI, Octávio. A produção sociológica brasileira. In: \_\_\_\_\_, Sociologia e Sociedade no Brasil. São Paulo, Ed. Alfa-Omega, 1975, p. 17-56;
23. IANNI, Octavio. “A mentalidade do homem simples” e “O homem simples na grande cidade” In: \_\_\_\_\_, Sociologia e sociedade no Brasil. Idem, p. 87-92 e p. 93-96.

##### **5. SPO 5132 - SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO (108 h/aula)**

EMENTA: Análise dos aspectos históricos do desenvolvimento da sociologia e da sociologia da educação, estudos clássicos e contemporâneos da sociologia da educação. A educação no processo de produção e reprodução das relações sociais.

##### **BIBLIOGRAFIA MÍNIMA**

1. FREITAG, Barbara. Escola, Estado e Sociedade. SP, Moraes, 4ª ed., 1980.p. 15-43
2. DURKHEIM, Émile. Educação e Sociologia. SP, Melhoramentos, 11ª ed., 1978. Cap. I p. 33-56.
3. CUNHA, L. A. Educação e Desenvolvimento Social no Brasil. RJ, Fco Alves, 1978. Cap. I. p. 27-63.
4. NOGUEIRA, Mª Alice. A Sociologia da Educação do Final dos anos 60/início dos anos 70: o nascimento do paradigma da reprodução. Em Aberto. Brasília, ano 9 (46), 1990. p. 49-58.
5. BOURDIEU, Pierre e PASSERON, J. C. A Reprodução. RJ, Fco Alves, 1975.
6. APPLE, Michael. Educação e Poder. Porto Alegre, Artes Médicas, 1984. p. 108-150.
7. OFFE, Claus. Sistema educacional, sistema ocupacional e política de educação - Contribuição à determinação das funções sociais do sistema educacional. Educação e Sociedade, nº 35, abril/90. p. 09-59.
8. CUNHA, L. A. Op. cit. p. 233-288.
9. ARROYO, Miguel G. Educação e exclusão da cidadania. In: BUFFA, Ester et all. Educação e Cidadania: quem educa o cidadão ? SP, Cortez, 1987.
10. GOHN, Mª da Glória. Movimentos Sociais e Educação. SP, Cortez, 1992. Cap. 1.
11. NEVES, L. M. W. Educação e Desenvolvimento: retoma-se uma velha discussão ? In: Sistema Educacional e Novas Tecnologias. Rev. Tempo Brasileiro, 105, abr/jun 1991. p. 25-50.
12. BARRETO, Elba S. S. Reformulações do papel e Funções do Estado nas Políticas de Educação. (Mimeo), ANPOCS, 1993.

13. DEMO, Pedro. A Sociologia Crítica e a Educação - Contribuições das Ciências Sociais para a Educação. In: Em Aberto, Brasília, ano 9 (46) abr/jun 1990.
14. DIAS, Edmundo F. Educação e Cidadania: classes e racionalidades (Mimeo).
15. DIAS, Fernando C. Durkheim e a Sociologia da Educação no Brasil. Em Aberto, Brasília, ano 9 (46), 1990.
16. DRAIBE, Sonia. As Políticas Sociais e o Neo-liberalismo. Rev. USP, 17, mar/abr/mai 1993.
17. FREITAG, Barbara. Política Educacional e Indústria Cultural. SP, Cortez, 1987.
18. GOHN, M<sup>a</sup> da Glória. A Formação da Cidadania no Brasil através das lutas e Movimentos Sociais. In: CIDADANIA - TEXTOS, GEMDEC, Faculdade de Educ., UNICAMP. 1, maio de 1994.
19. GOMES, Candido. A Educação em Perspectiva Sociológica. SP, EPU, 1985.
20. MARTINS, Carlos B. A. A Pluralidade dos mundos e das condutas sociais: a contribuição de Bourdieu para a Sociologia da Educação. Em Aberto. Brasília, anp 9 (46), 1990.
21. MELLO, Guiomar. Social-Democracia e Educação. Teses para discussão. SP, Cortez, 1990.
22. MORRISH, Ivor. Sociologia da Educação. RJ, Zahar, 1975.
23. OFFE, Claus. Problemas Estruturais do Estado Capitalista. RJ, Tempo Bras. 1984.
24. PETITAT, André. Produção da Escola / Produção da Sociedade. P. A. Artes Médicas, 1994.
25. SAVIANI, Demerval. Neo-liberalismo ou Pós-liberalismo ? Educação Pública, crise do Estado e Democracia na A. L. In: VELLOSO, Jacques e outros. Estado e Educação. SP, Papyrus, 1992.
26. SILVA, Tomaz Tadeu. O que Produz e o que Reproduz em Educação. Rev. Educ. Teoria e Crítica. p.a. artes Médicas, 1992.
27. SPOSITO, Marília P. A Ilusão Fecunda. A Luta por Educação nos Movimentos Populares. SP, HUCITEC, 1993.
28. ZALUAR, Alba (org.) Violência e Educação. SP, Cortez, 1992.

## ÁREA DE CIÊNCIA POLITICA

### 1. SPO 5208 - INTRODUÇÃO À CIÊNCIA POLÍTICA (108 horas/aula)

EMENTA: História do surgimento do conceito de política. Política e teoria política na antiguidade greco-romana. As diferentes dimensões do objeto da Ciência política. O Estado moderno e a transformação da política clássica. Conceitos fundamentais da Ciência política: Poder, Dominação, Legitimidade, Estado, Governo, Povo, Cidadania, Liberdade, Igualdade.

#### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. COMPARATO, Fábio Konder. "Mensagem às Escolas de Governo". Mimeo, SP, dez.1999.
2. GARCIA, Marco Aurélio. Em defesa da política. São Paulo: Editora SENAC, 2001.
3. SARTORI, Giovanni. A Política, Brasília: Editora UNB.
4. OZAÍ, Antonio. Qual é o objetivo da Política?
5. ALVES, Rubem. Sobre política e jardinagem. Folha de S.Paulo, 19/05/2000.
6. CARNOY, M. Estado e Teoria Política, Campinas: Papyrus.1988.
7. BOBBIO, Norberto. Estado, Governo e Sociedade. Para uma teoria geral da política, Rio: Paz e Terra. 1987.
8. BOBBIO, Norberto. *et al.* Dicionário de Ciência Política. Brasília: Ed. UNB, 1992.
9. SANTOS, Boaventura de Sousa. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. S.Paulo: Cortez. 1995.
10. FIORI, José Luís O vôo da coruja: uma leitura não liberal da crise do Estado desenvolvimentista. Rio: EdUERJ. . 1995.
11. FONTANA, Remy J. "O PT no poder. É possível um governo de esquerda?O PT no governo. É possível uma esquerda no poder?", In Democratic life after the transition: In Search of Governability in Brazil. PhD Thesis, School of Politics and Sociology, Birkbeck College, University of London, 2003.

### 2. SPO 5226 - TEORIA POLÍTICA I (108 horas/aula)

EMENTA: Estudo das principais contribuições clássicas da teoria política moderna, entre o contexto do Renascimento e o contexto das revoluções francesa e americana.

Maquiavel e o Estado moderno. O republicanismo moderno (Harrington, Milton, Morus); vertentes do contratualismo (Hobbes, Locke, Rousseau); Conservadorismo e liberalismo (Burke, Montesquieu, Tocqueville). Os "federalistas" e a revolução americana (Madison, Jay, Hamilton).

#### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. BOBBIO, Norberto (1991). Thomas Hobbes. Rio de Janeiro, Campus.
2. BURKE, Edmund. (1982). Reflexões sobre a Revolução em França. Brasília, Ed. UnB.
3. CHEVALLIER, Jean-Jacques (1982). História do Pensamento Político, 2 tomos, Rio de Janeiro, ed. Guanabara.
4. \_\_\_\_\_. (1995). As Grandes Obras Políticas de Maquiavel a Nossos Dias. Rio de Janeiro, ed. Agir.
5. CONSTANT, Benjamin. (1985) "Da Liberdade dos Antigos Comparada à dos Modernos", in: Filosofia e Política 2, Porto Alegre, L&PM.
6. FERNANDES, Florestan (1983). Marx e Engels (História) (Coleção Grandes Cientistas Sociais), SãoPaulo, Ática.
7. HOBBS, Thomas (1974). O Leviatã. (Col. Os Pensadores). São Paulo, Abril Cultural.
8. KRISCHKE, Paulo (org.) (1992). O Contrato Social:Ontem e Hoje. São Paulo, Cortez Editora.
9. LOCKE, John (1978). Segundo Tratado sobre o Governo Civil. (Col. Os Pensadores). São Paulo, Abril Cultural.
10. \_\_\_\_\_. (1978). Carta sobre a Tolerância (Col. Os Pensadores). São Paulo, Abril Cultural.
11. MACPHERSON, C.B. (1979). A Teoria Política do Individualismo Possessivo de Hobbes a Locke, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

12. MADISON, James, HAMILTON, Alexander & JAY, John. (1993). Os Artigos Federalistas. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
13. MAQUIAVEL, Nicolau (1977), O Príncipe. São Paulo, Hemus. (há várias edições).
14. \_\_\_\_\_. (1982). Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio. Brasília, ed, UnB.
15. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. O Manifesto Comunista. (diversas edições).
16. MARX, Karl. ( ?? ). O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte, in: Coleção Os Pensadores, Abril Cultural.
17. MILL, John Stuart (1991). Sobre a Liberdade. Rio de Janeiro, Vozes.
18. \_\_\_\_\_. (1981). Considerações sobre o Governo Representativo. Brasília, ed, UnB.
19. MONTESQUIEU, Charles de S. O Espírito das Leis. (1993), São Paulo, Martins Fontes.
20. PAIM, Antônio, PROTA, Leonardo e RODRIGUEZ, Ricardo. (1999). As Grandes Obras da Política em seu Contexto Histórico. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura.
21. QUIRINO, Célia G. e SOUZA, Maria T.S. (org.) (1992). O Pensamento Político Clássico. São Paulo, T.ªQueiroz.
22. QUIRINO, Célia G., VOUGA, Cláudio e BRANDÃO, Gildo M. (org.) (1998). Clássicos do Pensamento Político. São Paulo. Edusp.
23. ROUSSEAU, Jean-Jacques (1973). Do Contrato Social. (Col. Os Pensadores). São Paulo, Abril Cultural.
24. \_\_\_\_\_. (1973). Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens. (Col. Os Pensadores). São Paulo, Abril Cultural.
25. SKINNER, Quentin. (1988). Maquiavel. Pensamento Político. São Paulo, Brasiliense.
26. TOCQUEVILLE, Alexis. (1969). Democracia na América. São Paulo, Editora Nacional.
27. \_\_\_\_\_. (1979). O Antigo Regime e a Revolução. Brasília, Ed. UnB.

### 3. SPO 5227 - TEORIA POLÍTICA II (72 horas/aula)

EMENTA: Estudo das principais correntes de pensamento e dos autores clássicos do pensamento político moderno, situado entre as primeiras décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Liberalismo e utilitarismo (Bentham, James Mill, Stuart Mill). Socialismo utópico (Saint-Simon, Owen, Fourier). Anarquismo (Stirner, Proudhon, Bakunin). Marxismo (Marx, Engels, Lênin Gramsci). Elitismo (Weber, Pareto, Mosca, Michels).

#### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. BAKUNIN, Mikhail. O Socialismo Libertário. São Paulo, Editora Parma, 1979.
2. BOETIE, Etienne de La. Discurso da Servidão voluntária. SP, Brasiliense, 1986.
3. CHATELET, François e outros. História das idéias políticas. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1985.
4. CHEVALIER, Jean-Jacques. História do pensamento político. Tomo II, RJ, Zahar Editores, 1982.
5. CROSSMAN, R. H. S. Biografia do Estado Moderno. SP, Livraria Editora Ciências Humanas, 1980.
6. FALCON, Francisco e MOURA, Gerson. A Formação do mundo contemporâneo. RJ, Campus, 1981.
7. LARANJEIRA, Sonia (org.) Classes e Movimentos Sociais na América Latina. SP, Editora Hucitec, 1990.
8. MARX, Karl e ENGELS, F. "O manifesto comunista" in LASKI, Harold. O Manifesto Comunista de Marx e Engels. RJ, Zahar Editores, 1978.
9. PRZEWORSKI, Adam. "A Social-Democracia como fenômeno histórico". in Revista Lua Nova. SP, CEDEC/Marco Zero, Outubro 1988, nº 15, pag. 41-81.
10. TOUCHARD, Jean. História das Idéias Políticas. Lisboa, Publicações Europa-América, 1970.
11. WEFFORT, Francisco L. Os clássicos da política. Vol. 2, SP, Editora Ática S.A., 1989.
12. WILSON, Edmund. Rumo à estação Finlândia. SP, companhia das Letras, 1986.
13. WRIGHT, Erick Olin e outros. Reconstruindo o marxismo. Petrópolis, Vozes, 1993.

#### 4. SPO 5228 - TEORIA POLÍTICA III (108 horas/aula)

EMENTA: Estudo das principais correntes de pensamento e autores da teoria política contemporânea desde o pós-segunda guerra mundial. Pluralismo (Shumpeter, Dahl, Downs, Lindblom). Neomarxismo (Poulantzas, Offe, Habermas, Przeworski, Elster). Neoliberalismo (Mises, Hayek, Friedman). Neoinstitucionalismo (Skocpol, Tilly, Evans, Hall, North, Riker). Neo-republicanismo (Arendt, Skinner, Pettit). Teorias da democracia.

#### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. BALANDIER, Georges. O Poder em Cena. Brasília: UnB, 1982.
2. BOTTOMORE, Tom (ed). (1988). Dicionário do Pensamento Marxista. Rio: Jorge Zahar ed.
3. GIDDENS, Anthony e TURNER, Jonathan. Teoria, Social Hoje. S. Paulo: Unesp, 1999.
4. GIDDENS, A. Política, sociologia e teoria social. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.
5. BOBBIO, N. Teoria geral da política: a filosofia política e as lições dos clássicos. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
6. BOBBIO, Norberto. O Conceito de Sociedade Civil. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
7. BOBBIO, Norberto e BOVERO, Michelangelo. Sociedade e Estado na Filosofia Política Moderna. S. Paulo: Brasiliense, 1986.
8. BOBBIO, Norberto et alli. Dicionário de Política. Brasília: UnB, 1986.
9. POULANTZAS, Nicos. As classes sociais no capitalismo de hoje. 2 ed., Rio: Zahar, 1978.
10. POULANTZAS, Nicos. Poder político e classes sociais. Porto: Portucalense, 2 vols., 1971.
11. SAES, Décio. Estado e Democracia: ensaios teóricos. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1998.
12. RABINBACH, Anson (1994). "Intellectual Crisis or Paradigm Shift?", International Labor and Working Class History, 46, Fall.
13. RABINOW, Paul (ed.) (1984). The Foucault Reader. New York: Pantheon Books.
14. REES, John (ed.) (1998). Essays on History Materialism. London: Bookmarks.
15. ROSENAU, Pauline Marie (1992). Post-Modernism and the Social Sciences. New Jersey: Princeton University Press.
16. SKINNER, Quentin. As fundações do pensamento político moderno. S. Paulo: Cia. das Letras, 2003.
17. SKOCPOL, Theda (ed.) (1984). Vision and Method in Historical Sociology. Cambridge: Cambridge University Press.

## DISCIPLINAS COMPARTILHADAS: ANTROPOLOGIA, CIÊNCIA POLÍTICA E SOCIOLOGIA.

### 1. CSO 7417 - EPISTEMIOLOGIA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS (108 horas/aula)

EMENTA: Conceito de epistemologia. Análise crítica das principais linhas de reflexão epistemológica em Ciências Sociais. Fundamento de teoria do conhecimento. Estrutura lógica dos enunciados científicos. Problemas epistemológicos centrais para a prática da Ciência Social (relação ciência-ideologia, conceito de objetividade, relação ciência social, ciência-natural, conceito de lei e teoria, construção de modelos multifatoriais, reducionismo, individualismo e holismo metodológicos, etc.). Ciência, tecnologia, sociedade e política.

#### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. A Construção Social da Realidade. Petrópolis, Vozes, 1998 (15ª ed.)
2. SANTOS, Boaventura de S. 1999 (1987). *Um discurso sobre a ciência*. Porto: Edições Afrontamento.
3. ALVES, Rubem. 1987 (1981). *Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras*. SP: Brasiliense, p. 10/67.
4. GEERTZ, Clifford. 2001. O legado de Thomas Kuhn: o texto certo na hora certa. *Nova luz sobre a Antropologia*. RJ: Zahar.
5. KUHN, Thomas. S. 1978. *A estrutura das revoluções científicas*. SP: Perspectiva.
6. EPSTEIN, Isaac. 1990. Thomas Kuhn: a cientificidade entendida como a vigência de um paradigma. IN: OLIVA, Alberto. *Epistemologia: a cientificidade em questão*. Campinas-SP: Papyrus, p. 103/130.
7. ARAÚJO, Inês L. 1998. *Introdução à Filosofia da Ciência*. Curitiba: Ed. Da UFPR, p. 27/68
8. WACQUANT, Loic J. D. "Positivismo". In: OUTHWAITE, W. e BOTTOMORE, T. (eds.). Dicionário do Pensamento Social do Século XX. Rio de Janeiro, Zahar, 1996. p.592-596.
9. CHALMERS, A F. O que é ciência, afinal? São Paulo, Brasiliense, 1993 (2ª impressão, 1997)
10. FOUREZ, Gérard. A Construção das Ciências. Introdução à Filosofia e à Ética das Ciências. São Paulo, Ed.UNESP, 1995, p.37-61. (Cap. 2 – Reflexões Epistemológicas. O método científico: a observação).
11. POPPER, Karl. Lógica das Ciências Sociais. Rio de Janeiro/Brasília, Tempo Brasileiro/Ed.UNB, 1978, p.13-34. (Cap. 1 – A Lógica das Ciências Sociais).
12. KUNH, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas. São Paulo, Perspectiva, 1990, p. 29-42 (Cap. 1 – A Rota para a Ciência Normal)
13. LATOUR, Bruno e WOOLGAR, Steve. A Vida de Laboratório. A Produção de Fatos Científicos. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1997, p. 9-34 (Cap. 1 – A Etnografia das Ciências).
14. KROPF, Simone e FERREIRA, Luiz Otávio. A prática da ciência: uma etnografia no laboratório. História, Ciências e Saúde, Vol. IV (3), nov.1997-fev.1998, p.589-597.
15. SANTOS, Boaventura de Sousa. Um Discurso sobre as Ciências. Porto, Afrontamento, 1987 (12ª edição)
16. GIDDENS, Anthony. O que é Ciência Social? In: GIDDENS, Anthony. Em Defesa da Sociologia. São Paulo, Ed. UNESP, 2001, p. 97-113
17. MORIN, Edgar. Por uma Reforma do Pensamento. In: PENA-VEJA, Alfredo e NASCIMENTO, Elimar P. (orgs.). O Pensar Complexo. Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro, Garamond, 1999, p. 21-34.
18. BENAKOUCHE, Tamara. Duas Culturas, Três Culturas... ou Redes? Dilemas da Análise Social da Técnica. In: BAUMGARTEN, Maíra. A Era do Conhecimento: Matrix ou agora? Brasília/Porto Alegre, Ed. UNB/ Ed. da UFRGS, 2001, p.45-59.
19. GADOTTI, Moacir. 1995. A dialética: concepção e método. *Concepção dialética da educação: um estudo introdutório*. São Paulo: Cortez.

20. MOREIRA, Janine. La "libertad" em Jean-Paul Sartre. Parte da tese de doutorado: La dimensión educativa de la Extensión Rural em el contexto da agroecologia: las relaciones entre saberes tradicional e moderno. Espanha: Universidade de Córdoba.
21. BOURDIEU; CHAMBOREDON e PASSERON. 2000. *A profissão de sociólogo*. Petrópolis: Vozes, p. 9/44.

## 2. CSO 7413 - MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA I (108 horas/aulas)

EMENTA: As diversas concepções sobre o método nas Ciências Sociais. A construção do objeto. Tipos de pesquisa. Problemas gerais de planejamento, execução e avaliação do processo da pesquisa. Estrutura da explicação e da predição em Ciência Social.

### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. WRIGHT MILLS, C. 1975. A imaginação sociológica. R.J: Zahar. Cap. 6, p. 131/143.
2. BECKER, H. 1993. Métodos de pesquisa em Ciências Sociais. SP: HUCITEC. Cap. 1, p. 17/46
3. MINAYO, M.C. (org.).1994. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade? RJ: Vozes. Cap. I, p. 9/29
4. CARDOSO, R. (org.) 1986. A aventura antropológica: teoria e pesquisa. RJ: Paz e Terrap. 95/105
5. MINAYO, M.C. 1993. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. SP – RJ: HUCITEC-ABRASCO. P. 37/88
6. BRUYNE, HERMAN e SCHOUTHEETE. 1977. Dinâmica de pesquisa em ciências sociais. RJ: F. Alves. P. 136/152
7. DESLANDES, S. 1994. A construção do projeto de pesquisa. IN: MINAYO (org.). *Op. Cit.* P. 31/50.
8. ECO, U. 1977. Como se faz uma tese. SP: Perspectiva. P. 7/34
9. QUIVY, R. e CAMPENHOUDT, L. 1992. Manual de investigação em ciências sociais. Lisboa: Gradiva. Cap. Terceira etapa, p. 89/106
10. PAULILO, M. Ignez. 1990. O "ser" e o "deveria ser" no conceito da pequena produção. Anais do XXVIII Congresso da SOBER. Brasília: SOBER, p. 77/107
11. BOUDON, R. 1971. Métodos quantitativos em Sociologia. RJ: Vozes. Cap.II. p. 31/68
12. GOOD & HATT. 1973. Método em pesquisa social. SP: Nacional. Cap. 11
13. HAGUETTE, T. M. 1992. Metodologias qualitativas na sociologia. RJ: Vozes Segunda parte, p. 61/105.
14. SELLTIZ et al. 1987. Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais. SP: EDU. Vol. I, p. 81/104

## 3. CSO 7414 - MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA II (108 horas/aulas)

EMENTA: As relações entre teoria e dados: uso de roteiros, entrevistas, genealogias, historia de vida. A experiência etnográfica. O trabalho de campo. Observação participante. Processos de coleta, análise e interpretação de dados. Discussão preliminar sobre o projeto de pesquisa para o trabalho de conclusão de curso.

### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. BECKER, Howard. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. Ed. Hucitec, 1992.
2. BOURDIEU, Pierre. Lições de Aula. Aula Inaugural no Collège de France. São Paulo, Editora Ática, 1988.
3. CARDOSO, Ruth (org). Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, p.146-156.
4. DAMATTA, Roberto. Relativizando. Uma introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro, Rocco, 1987.
5. ECO, Humberto. Como se faz uma tese. São Paulo Perspectiva, 1989.
6. ECO, Humberto. Interpretação e superinterpretação. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
7. FEDLMAN-BIANCO, Bela. Antropologia das Sociedades Contemporâneas – Métodos. São Paulo, Global, 1987p. 345-374.
8. GEERTZ, Clifford. El antropólogo como autor. Barcelona, Paidós, 1989.cap 2 a 5.

9. GOLDENBERG, Miriam. A arte de pesquisar. Rio de Janeiro, Record, 1999
10. HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias qualitativas na sociologia. Petrópolis, Vozes, 1987.
11. LANGNESS, L. L. A História de Vida na Ciência Antropológica. São Paulo, EPU, 1973.
12. MEDINA, Cremilda de A. Entrevista – Diálogo Possível. São Paulo, Ática, 1986.
13. MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). Pesquisa Social. Petrópolis, Vozes, 1999
14. PEIRANO, Mariza G. S. Uma antropologia no Plural. Três Experiências Contemporâneas. Brasília, Editora da UNB, 1992.
15. PEIRANO, Mariza G. S. 1995. A favor da Etnografia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 1995.
16. POLLAK, Michael. "Memória, esquecimento e silêncio". Estudos Históricos, v.2, n.3, 1979:3-15
17. VELHO, Gilberto. Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.
18. VICTORIA, Ceres; KNAUDT, Daniela e AGRA HASSEN, Maria de Nazareth. 2000. Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema. Porto Alegre, Tomo Editorial.
19. ZALUAR, Alba (org) Desvendando Máscaras Sociais. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1980, p.77-86.

#### 4. CSO XXXX - PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO (108 horas/aula)

EMENTA: Contribuições Teóricas das Ciências Sociais no Brasil. História da Sociologia Brasileira: o ensino de sociologia, suas fases e os ensaístas, realismo literário e sociologia, as Ciências Sociais e as apresentações do Brasil. Sociologia crítica: o negro na sociedade de classes, a revolução Brasileira (a evolução política do Brasil e a Revolução Burguesa), subdesenvolvimento e dependência.

#### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. COSTA, Sílvio; SANTOS, Nivaldo dos. Positivismo e República. In: COSTA, Sílvio (org.). *Concepções e Formação do Estado Brasileiro*. São Paulo: Anita Garibaldi, 1999, pp. 11-31.
2. ARANTES, Paulo E. *O Positivismo no Brasil*. In: *Novos Estudos Cebrap* n.21, jul. 1988, pp. 185-194.
3. BOSI, Alfredo. Arqueologia do Estado Providência. In: *Dialética da Colonização*. São Paulo: Cia das Letras. pp. 273-307.
4. LANDER, Edgardo. Ciencias Sociales: saberes coloniales y eurocéntricos. IN: *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO; UNESCO, 2005. pp. 11-40.
5. IANNI, Octávio. Tendências do pensamento brasileiro. In: *Tempo Social*, vol. 12 n. 2, nov 2000, pp. 55-74.
6. LIEDKE FILHO, Enno D. A sociologia no Brasil: história, teorias e desafios. IN: *Sociologia na América Latina*, ALAS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. pp.376-436.
7. FERNANDES, Florestan. Ciência e Sociedade na Evolução do Brasil. In: FERNANDES, Florestan. *A Sociologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1977, pp. 15-24 (cap.1).
8. FERNANDES, Florestan. Desenvolvimento Histórico-social da Sociologia no Brasil. In: FERNANDES, Florestan. *A Sociologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1977, pp. 25-49. (cap.2).
9. IANNI, O. Notícias da Sociologia Brasileira. In: IANNI, O. *Sociologia da Sociologia*. São Paulo: Ática, 1989, pp. 7-21.
10. MAGNANI, Silvia L. *O Movimento Anarquista em São Paulo (1906-1917)*. São Paulo: Brasiliense, 1982, pp. 11-37.
11. MAGNANI, Silvia L. A Análise Libertária da Realidade Brasileira. In: MAGNANI, Silvia L *op. cit.*, 1982, pp. 139-182.
12. FERNANDES, F.; JARDIM, S. *Rebeldes Brasileiros: homens e mulheres que desafiam o Poder*. Vol.2. Coleções caros Amigos. São Paulo, s/d.
13. IANNI, O. Florestan Fernandes e a Formação da Sociologia Brasileira. In: IANNI, O. (org.). *Florestan Fernandes: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986, pp. 7-45.

14. FERNANDES, F. Sociedade Escravista. In: IANNI, O. (org.). *Florestan Fernandes: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986, pp.225-265.
15. FERNANDES, F. *A sociedade escravista no Brasil; 25 anos depois: O negro na era atual*. IN: FERNANDES, F. *Circuito fechado*. São Paulo: Hucitec, 1977. pp. 11-93.
16. FERNANDES, F. A Concretização da Revolução Burguesa. In: IANNI, O. (org.). *Florestan Fernandes: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986, pp. 266-281.
17. FERNANDES, F. Revolução Burguesa e Capitalismo Dependente. In: FERNANDES, F. *A Revolução Burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: ZAHAR Editores, 1981. 3 ed. pp. 200-366.
18. FERNANDES, F. Existe uma teoria do autoritarismo?. In: FERNANDES, F. *Apontamentos sobre a Teoria do Autoritarismo*. São Paulo: Hucitec, 1979, pp. 3-18 (cap.1).
19. FERNANDES, F. A ditadura militar e os papéis políticos dos intelectuais na América Latina. IN: FERNANDES, F. *Circuito fechado*. São Paulo: Hucitec, 1977. pp. 99- 141.
20. FERNANDES, F. O estudo sociológico do subdesenvolvimento econômico. IN: FERNANDES, F. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. pp. 21-103.
21. FERNANDES, F. Capitalismo dependente e imperialismo. In: FERNANDES, F. *Em Busca do Socialismo: últimos escritos e outros textos*. São Paulo: Xamã, 1995. pp. 139-144.
22. FERNANDES, F. Sociologia e socialismo. In: FERNANDES, F. *Em Busca do Socialismo: últimos escritos e outros textos*. São Paulo: Xamã, 1995, pp. 159-164.
23. CANDIDO, Antonio. Tentativa de perfil. In: CRESPO, Regina; FALEIROS, Maria I. (orgs.); *Humanismo e compromisso: ensaios sobre Octávio Ianni*. São Paulo: UNESP, 1996, pp. 17-20.
24. COHN, Amélia. A vocação de mestre. In: CRESPO, Regina; FALEIROS, Maria I. (orgs.); *op.cit.*, 1996, pp. 21-23.
25. BASTOS, Elide Rugai. Octávio Ianni: a questão racial e questão nacional. In: CRESPO, Regina; FALEIROS, Maria I. (orgs.); *op.cit.*, 1996, pp. 79-99.
26. Raças e classes sociais no Brasil
27. IANNI, O. *Raças e classes sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972, pp. 97-149. (cap.IV e V).
28. IANNI, O. Raça e Classe. In: IANNI, O. *Raças e classes sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972, pp. 225-248 (cap.IX).
29. IANNI, O. A história da mundialização. In: IANNI, O. *A Sociedade Global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992, pp. 53-68 (cap.III).
30. IANNI, O. As formas do poder global. In: IANNI, O. *A Sociedade Global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992, pp. 125-146 (cap. VII).
31. IANNI, O. A dialética da globalização. IANNI, O. *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997, pp. 135-162 (cap.VIII).
32. IANNI, O. Globalização, guerra e revolução. In: IANNI, O. *Capitalismo, Violência e Terrorismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, pp. 13-36 (cap.1).
33. FERNANDES, F. As contradições da modernização. In: FERNANDES, F. *Em Busca do Socialismo: últimos escritos e outros textos*. São Paulo: Xamã, 1995, pp.145-157.
34. OLIVEIRA, Francisco. Para além do princípio do mercado. IN: *Revista Latino-americana de Estudos do Trabalho*, ano 4, nº 6, 1998, pp. 5-8.
35. IANNI, O. Neo-socialismo. In: IANNI, O. *Capitalismo, Violência e Terrorismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, pp. 347-367.
36. FERNANDES, F. Sociologia e Socialismo. In: FERNANDES, F. *Em Busca do Socialismo: últimos escritos e outros textos*. São Paulo: Xamã, 1995, pp..
37. FERNANDES, F. Reflexões sobre as “revoluções interrompidas” (uma rotação de perspectivas). IN: FERNANDES, F. *Poder e contra-poder na América Latina*. Rio de Janeiro: ZAHAR Editores, 1981. pp. 69-120.
38. IANNI, O. As ciências sociais e a modernidade-mundo: uma ruptura histórica e epistemológica. *Revista de Ciências Humanas*, n.10, 2001. Curitiba: UFPR, pp. 29-70.
39. CANDIDO, Antonio. *Florestan Fernandes*. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.
40. FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2003.
41. IANNI, O. *Enigmas da Modernidade-Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
42. IANNI, O. (org.). *Florestan Fernandes: sociologia crítica e militante*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

43. MARTINEZ, Paulo (org.). *Florestan ou Sentido das Coisas*. São Paulo: Boitempo, 1998.
44. MARTINS, José de Souza. *Florestan: Sociologia e Consciência Social no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1998.
45. MICELLI, Sergio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Sumaré, 1995.
46. SALLUM JR., Brasília. Notas sobre o surgimento da Sociologia Política em São Paulo. In: *Política e Sociedade*, v.1 n.1. Florianópolis: UFSC; Cidade Futura, 2002, pp. 73-86.
47. SILVA, Ricardo. *A Ideologia do Estado Autoritário no Brasil*. Chapecó: Argos, 2004.
48. PAIVA, Vanilda (org.). *Pensamento Social Brasileiro*. São Paulo: Editora Cortez, 2005

#### **5. CSO XXXX - SEMINÁRIO DE PESQUISA (72 horas/aula)**

EMENTA: Início do processo de elaboração do trabalho de conclusão de curso. Encontros coletivos, sob a supervisão docente, para discussão metodológica dos projetos de trabalho de final de curso dos alunos do bacharelado.

#### **BIBLIOGRAFIA MÍNIMA**

Não há, visto tratar-se disciplina destinada à discussão dos projetos de TCC dos alunos formandos.

#### **6. CSO XXXX - PRÁTICA DE PESQUISA**

EMENTA: Conhecimento sobre os projetos de pesquisa desenvolvidos pelos professores do curso nos núcleos de pesquisa e estudo dos dois principais departamentos do curso.

#### **BIBLIOGRAFIA MÍNIMA**

A bibliografia tratada nesta disciplina dependerá do projeto no qual o aluno irá se inserir no Núcleo de Pesquisa/Estudos escolhido.

## OUTROS DEPARTAMENTOS

### DEPARTAMENTO DE INFORMÁTICA E ESTATÍSTICA

#### 1. INE 7512 - ESTATÍSTICA APLICADA ÀS CIÊNCIAS SOCIAIS (72 horas/aula)

EMENTA: Probabilidade. Estatística descritiva. Estimação de parâmetros e testes de hipóteses. Teste não paramétrico. Correlações.

#### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. BARBETTA, P. A. - Estatística Aplicada às Ciências Sociais. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994.
2. LEVIN, J. - Estatística Aplicada às Ciências Humanas. 2ª edição. São Paulo: Editora Harbra, 1985.
3. STEVENSON, J. S. - Estatística Aplicada à Administração. São Paulo: Editora Harbra, 1981.

### DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

#### 1. HST XXXX - HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA I (72 horas/aula)

EMENTA: Estudo dos desdobramentos da Revolução Francesa no contexto da formação e fortalecimento da sociedade industrial moderna e suas abordagens teóricas e de ensino.

#### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. ARON, Raymond. As etapas do pensamento sociológico. Trad. Sérgio Bath. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
2. BENJAMIM, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. In: Obras escolhidas. Trad. José Carlos Barbosa e Hemerson Baptista. São Paulo. Brasiliense, 1989.
3. BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras.
4. BOBBIO, Norberto. Liberalismo e democracia. Trad. Marco Aurélio Nogueira. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
5. ENGELS, Friedrich. Do socialismo utópico ao socialismo científico. São Paulo: Editora Moraes, s/d.
6. HOBBSAWM, Eric. A era das revoluções. Trad. Maria Lopes Teixeira e Marcos Pimentel. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
7. HOBBSAWM, Eric. A era do capital 1848-1875. Trad. Luciano Costa. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
8. HOBBSAWM, Eric. A era dos Impérios 1875-1914. Trad. Siene Campos e Yolanda Toledo. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
9. MARX, Karl. O capital. 9ª ed. Trad. Reginaldo Santana. São Paulo: Difel, 1984. Livro I.
10. MARX, Karl. O dezoito brumário de Louis Bonaparte. Trad. José Moura e Eduardo Chitas. Lisboa: Avante, 1984.
11. MAYER, Arno. Dinâmica da contra-revolução na Europa (1870-1956). Trad. M. Gonçalves. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
12. MILL, John Stuart. Da liberdade. Trad. Jacy Monteiro. São Paulo: Ibrasa.
13. PERROT, Michele. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
14. RUDE, George. A multidão na História: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
15. SALIBA, Elias Tomé. As utopias românticas. São Paulo: Brasiliense, 1984.
16. THOMPSON, Edward P. A Formação da Classe Operária Inglesa. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
17. TOCQUEVILLE, Alexis. Lembranças de 1848: as jornadas revolucionárias em Paris. Trad. Modesto Florenzano. São Paulo: Cia das Letras, 1991.
18. WALLERSTEIN, I. O capitalismo histórico. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Brasiliense, 1995.
19. WEBER, Max. Ética Protestante e o Espírito Capitalista. São Paulo: Abril Cultural.

20. WOOD, Ellen Meiksins. A origem do capitalismo. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

## DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

### 1. FIL 7XXX - FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA PESQUISA CIENTÍFICA (72 HORAS)

EMENTA: Formas básicas de raciocínio: dedução e indução. Correntes epistemológicas e ontológicas clássicas: empirismo, racionalismo e nominalismo. Realismo e idealismo. Positivismo, estruturalismo e dialética. Questões relativas à definição e justificação do conhecimento.

#### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA:

1. CHISHOLM, R. (1976) Teoria do conhecimento. Rio de Janeiro: Zahar
2. COPI, I. (1973) Introdução à Lógica. Rio de Janeiro: Ed. Mestre Jou.
3. DUTRA, L. H. (2000) Epistemologia da Aprendizagem. Rio de Janeiro, Ed. LP&A.A .
4. GLYMOUR, C. (1991) Thinking things thought. Cambridge: The MIT Press.
5. POPPER, K. (1974) A lógica da pesquisa científica. Belo Horizonte: Itatiaia.
6. RUSSELL, B. (2001) Os problemas da filosofia. Coimbra: Ed. Livraria Almedina.
7. COLEÇÃO 'OS PENSADORES". Ed Abril. Volumes relativos a Descartes, Hume, Kant, Comte e Carnap.

## DEPARTAMENTO DE LINGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

### 1. LLV XXXX - PRODUÇÃO TEXTUAL ACADEMICA I (72 horas/aula)

EMENTA: Estudo e Produção de textos técnico-científicos relevantes para o desempenho das atividades acadêmicas tais como: resumo, resenha, artigo e seminário. Prática Pedagógica.

#### BIBLIOGRAFIA MINIMA

1. ABREU, A.S. Curso de Redação. 6ª. Edição. São Paulo, 1997.
2. ANDERY, M.A.P.A. et. al. Para compreender a ciência: uma perspective histórica. 6ª. Edição. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo; São Paulo, Educ, 1996.
3. FLORES, L.L.; OLIMPIO, L.N.; CANCELIER, N.L. Redação: o texto técnico/científico e o texto literário. 2ª edição. Florianópolis, EDUFSC, 1994.
4. LAKATOS, E.M. MARCONI, M DE A. Metodologia do trabalho científico. São Paulo, Atlas, 1996.
5. MEURER, J.L.; MOTTA-ROTH, D. (Org.) Parâmetros de textualização. Santa Maria, Editora da UFSM, 1997.
6. MOTTA-ROTH, D. Gêneros discursivos no ensino de línguas para fins acadêmicos. In: FORT-KAMP, Mailce Borges Mota; TOMITICH, Leda Maria Braga (Org.) Aspectos da lingüística aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn. Florianópolis, Insular, 2000.
7. KOCH, I. V., TRAVAGLIA, L.C. A coerência textual. 5ª edição. São Paulo, Contexto, 1993.
8. PADUA, E.M.M; DE. Metodologia da pesquisa: abordagem teórico - prática. Campinas, São Paulo, Papirus, 1996.
9. SEVERINO, A.J. Metodologia do trabalho científico. 15ª edição. São Paulo, Cortez, Autores Associados, 1989.
10. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, SISTEMA DE BIBLIOTECAS. Normas para apresentação de documentos científicos. Curitiba, Editora da UFPR, 2000, v. 1-10.

## DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

### 1. CNM XXXX - ECONOMIA POLITICA (72 horas/aula)

EMENTA: Introdução à Economia Política das escolas que estabeleceram os paradigmas da Ciência Econômica na interpretação das economias capitalistas. Apresentação da Economia Política contemporânea e suas análises sobre o capitalismo contemporâneo.

#### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. ALBAN, Marcus. Crescimento sem Emprego. Salvador: Casa da Qualidade, 1999
2. FUSFELD, Daniel R. A Era do Economista. São Paulo, Saraiva, 2001
3. LANGE, Oskar. Moderna Economia Política. São Paulo, Ed. Vértice, 1986
4. NAPOLEONI, Cláudio. O Pensamento Econômico do Século XX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979
5. SADER, E. & GENTILI, P. (orgs.) Pós-Neoliberalismo II. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999
6. ROBINSON, J.; EATWELL, J. Introdução à Economia. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

## DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

### 1. PSI XXX – PISCOLOGIA SOCIAL (72 horas/aulas)

Ementa: Histórico. Objeto de estudo. Métodos e técnicas de pesquisa. Relação indivíduo-sociedade. Relações interpessoais. Grupos. Relações intergrupais.

#### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA:

1. ABRANTES, A. A.; Silva, N. R. da; Martins, S. T. F. (2005) (orgs). Método histórico-social na Psicologia Social. Petrópolis/RJ: Vozes.
2. CERCLÉ, A.; Somat, A. (2001) - Manual de Psicologia Social. Lisboa: Instituto Piaget.
3. FARR, R. (1998) - As raízes da Psicologia Social Moderna. Petrópolis: Vozes.
4. LANE, S. T. M. e SAWAIA, B. B. (1995) (Orgs.). Novas veredas da Psicologia Social. São Paulo: EDUC/Brasiliense.
5. RODRIGUES, A; ASSMAR, E. M. L.; JABLONSKY, B. (2002) - Psicologia Social. Petrópolis: Vozes.
6. SAWAIA, B.B. (1999) (Org.) As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis/RJ: Vozes.
7. VALA, J.; MONTEIRO, M. B. (Eds.)(2005)- Psicologia Social. Lisboa: Fundação Calouse Gulbenkian.

## DISCIPLINAS OPTATIVAS

### DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

#### 1. ANT 7203 - CULTURA BRASILEIRA (72 horas/aula)

EMENTA: O Significado da Cultura Brasileira. Conceitos de Cultura Brasileira. O Significado conteúdo da Arte. O teatro no Brasil. Primeiras Manifestações. O teatro na atualidade. A Leitura Brasileira. A Literatura no período colonial. A literatura Contemporânea. O cinema Brasileiro. Primeiras Manifestações. O cinema novo. Comunicação de Massa.

#### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. BASTOS, Rafael. J. de. 1996. "A "Origem do Samba" como Invenção do Brasil (por que as canções têm música?)", Revista Brasileira de Ciências Sociais 31:
2. BIRMAN, Patricia. 2003. "Sobre o mal à brasileira e o mal-estar que nos acompanha", in: Debates do NER, Porto Alegre, ano 4, n.4, jul/2003.
3. BOSI, Alfredo. 1992. "Plural, mas não caótico". In: *Cultura Brasileira: Temas e Situações* (Org. do Autor), São Paulo, Atica.
4. CARVALHO, José J [1994] 'O encontro de velhas e novas religiões: esboço de uma teoria dos estilos de espiritualidade', in: MOREIRA, A & ZICMAN, R (orgs.) Misticismo e Novas Religiões. Petrópolis: Vozes/UFS-IFAN.
5. DAMATTA, Roberto. "Treze pontos riscados em torno da Cultura Popular", in: Anuário Antropológico 92, Rio: Tempo Brasileiro, 1994. pp. 49-67
6. DAMATTA, Roberto. 1985. "Espaço: casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil", in: A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil, São Paulo: Brasiliense.
7. DAMATTA, Roberto. 1985. "Morte: A morte nas sociedades relacionais-reflexões a partir do caso brasileiro", in: A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil, São Paulo: Brasiliense.
8. DAMATTA, Roberto. 1981. "Digressão: a fábula das três raças ou o problema do racismo à brasileira" In: Relativizando: uma Introdução à Antropologia Social. Petrópolis: Vozes.
9. DAMATTA, Roberto. 1982. "As raízes da violência no Brasil: reflexões de um antropólogo social". In: A Violência Brasileira. São Paulo: Brasiliense.
10. DAMATTA, Roberto. 1991. "A ilusão das relações raciais", in: O que faz o Brasil, Brasil?, Rio: Rocco.
11. DAMATTA, Roberto. 1990. Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro. Rio: Guanabara.
12. DUARTE, Luiz F. 1986. "O espaço cultural dos nervos e nervosos", in: Da Vida Nervosa na Classes Trabalhadoras Urbanas, Rio: Jorge Zahar.
13. FRY, Peter. "Feijoada e soul food: notas sobre a manipulação de símbolos étnicos e nacionais", in: Para Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira. Rio: Zahar.
14. GASPARG, Maria Dulce. 1988. Garotas de Programa: Prostituição em Copacabana e Identidade Social, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

15. GREENFIELD, Sidney M [1985] 'Romarias: terapia e a ligação entre as curas e a imaginação', in: CAVALCANTE, A M (org.) Fé, Saúde e Poder. Fortaleza: Ed. UFCe.
16. FONSECA, Claudia. 1991. "Cavalo amarrado também pasta: honra e humor em um grupo popular brasileiro" In: Revista Brasileira de Ciências Sociais n. 15.
17. MALUF, Sônia. 2002. Mitos Coletivos e Narrativas Pessoais: Cura Ritual e Trabalho Terapêutico nas Culturas da Nova Era (Manuscrito).
18. PAULILO, Maria Ignez. O Peso do Trabalho Leve. Ciência Hoje 5(8), 1986.
19. OLIVEN, Ruben G. "O nacional e o regional na construção da identidade brasileira", "Em busca do tempo perdido: o movimento tradicionalista gaúcho», in: A parte e o todo: diversidade cultura no Brasil-Nação.
20. ORTIZ, Renato. Cultura popular e identidade nacional. São Paulo: Brasiliense, 1985.
21. RIBEIRO, Darcy. 1979. "Sobre o óbvio, in: Ensaio Insólitos. Porto Alegre: L&PM.
22. RODRIGUES, José C. 1992. "Quando a morte é festa", in: Antropologia do Poder. Rio: Terra Nova.
23. RABELO, M C [1994] 'Religião, ritual e cura ', in: ALVES, P C & MINAYO, M C S (orgs) Saúde e Doença: Um Olhar Antropológico. Rio de Janeiro: Fiocruz.
24. RIFIÓTIS, Theophilos. 1999. "Nos campos da violência: diferença e positividade", in: Antropologia em Primeira Mão (Programa de Pós-graduação em Antropologia Social / UFSC), (19).
25. SANCHIS, P. 1997. "O campo religioso contemporâneo no Brasil", In: ORO, A.P. & STEIL, C.A. (orgs.) Globalização e Religião. Petrópolis: Vozes.
26. VELHO, Gilberto. 1978. "Duas categorias de acusação na cultura brasileira contemporânea", in: FIGUEIRA, Sérvulo A. (coord) Sociedade e Saúde Mental. Rio: Campus.
27. VIANNA, Hermano. O Mistério do Samba. 2a. ed. Rio: Zahar, 1995.

## **2. ANT 7320 - RELAÇÕES DE GÊNERO (72 horas/aula)**

EMENTA: O conceito de gênero segundo diferentes escolas teóricas. Identidades de gênero. Parentesco, família, filiação e reprodução. Feminismo e movimento gay. Desejo e sexualidade. Amor, conjugalidade e celibato. Masculinidade, Poder e violência. Representações do masculino e do feminino. Análise crítica dos estudos clássicos na Antropologia sobre o lugar das relações de gênero em sociedades tribais e complexas.

## **3. ANT7321 - RELAÇÕES INTERÉTNICAS (72 horas/aula)**

EMENTA: Grupo étnico. Processos sócio-culturais de construção de identidade étnicas. Particularidades históricas e processos de diferenciação. Etnicidade e estrutura social. Antagonismo, discriminação e conflito racial. Status e mobilidade. Sociedades pluriétnicas, cultura e política.

BIBLIOGRAFIA MÍNIMA:

1. BARTH, Friedrik(ed.)(1970). "Introductio" to Ethnic Groups and Boundaries. London:George Allen & Unwin.
2. CARDOSO DE OLIVEIRA, R. (1972). Identidade, Etnia e Estrutura Social: São Paulo:Pioneira.
3. CUNHA, M.C. da (1986). Antropologia no Brasil: mito, história, etnicidade. São Paulo: Brasiliense/EDUSP.
4. EPSTEIN, A.L.(1978). Ethos and Identity. London/Chicago:Tavistok/Aldine Publishing.
5. LÉVI-STRAUSS, C.(org.)(1977). L' Identité. Paris: Quadrige/PUF.
6. SEYFERTH, G. (1982). Nacionalismo e Identidade Étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: Fund. Catarinense de Cultura.
7. SEYFERTH, G.(1990). Imigração e Cultura no Brasil. Brasília: Editora UnB.
8. SANSONE, Livro. Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra no Brasil. Salvador: Pallas, 2003.

#### **4. ANT7322 - ETNOLOGIA INDÍGENA (72 horas/aula)**

EMENTA: As sociedades indígenas das terras baixas da América do Sul com ênfase naquelas situadas no Brasil: localização, lingüística, história, arqueologia, antropologia biológica. O campo da etnologia sobre a região: esboço histórico e panorama atual. Etnografias recentes, conjuntos linguístico-culturais e sínteses regionais.

#### **BIBLIOGRAFIA MÍNIMA**

1. RIBEIRO, Darcy. Os Índios e a Civilização. Petrópolis, Vozes, 1979, pp. 487-503.
2. RICARDO, Carlos Alberto. Povos Indígenas no Brasil: 1991-95. São Paulo, Instituto Socioambiental, 1996.
3. RICARDO, Carlos Alberto. "Os Índios" e a Sociodiversidade Nativa Contemporânea no Brasil, in A Temática Indígena na Escola: Novos Subsídios Para Professores de Segundo Grau, Aracy L. da Silva e Luís Donisete B. Grupioni, orgs., Brasília, MEC/MARI/UNESCO, 1995, pp. 29-55.
4. TEIXEIRA, Raquel F. A. As Línguas Indígenas no Brasil, in Aracy L. da Silva e Luís Donisete B. Grupioni, orgs. (1995), pp. 291-311.
5. CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (org.) "Introdução a uma História Indígena" in. História dos Índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
6. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. & Carneiro da Cunha, Manuela. "Introdução" in: Amazônia: Etnologia e História Indígena. eds. dos autores, SP: USP, 1993. Pp. 9-15.
7. ROOSEVELT, Anna C. Arqueologia Amazônica in: Carneiro da Cunha, Manuela (org.) História dos Índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. pp. 53-86.
8. SEEGER, A.; da Matta; R. & Viveiros de Castro, E. B. "A Construção da Pessoa nas Sociedades Indígenas Brasileiras" in: Oliveira Filho, João Pacheco (org.) Sociedades

- Índigenas e Indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1987. Ou edição do Boletim do Museu Nacional, 1979.
9. CLASTRES, Pierre. "Arqueologia da violência: a guerra nas sociedades primitivas" in: Arqueologia da Violência, São Paulo, Cosac & Naify, 2004, pp. 229-270.
  10. CLASTRES, Pierre. "A Sociedade Contra o Estado" e "Independência e Exogamia", in A Sociedade Contra o Estado. Cosac & Naify, 2003, pp. 65-93; 207-234.
  11. FRANCHETTO, Bruna. Línguas e História no Alto Xingu. In Os Povos do Alto Xingu. História e Cultura. Rio de Janeiro, RJ: Ed. UFRJ, 2001.
  12. FRANCHETTO, Bruna & Heckenberger, Michael (orgs.) Introdução. In Os Povos do Alto Xingu. História e Cultura. Rio de Janeiro, RJ: Ed. UFRJ, 2001.
  13. HECKENBERGER, Michael Estrutura, História e Transformação: A Cultura Xinguana na Longa Durée, 1000-2000 d.c." in: FRANCHETTO, Bruna & HECKENBERGER, M. (orgs.) Os Povos do Alto Xingu. História e Cultura. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
  14. GALVÃO, Eduardo. Cultura e Sistema de Parentesco das Tribos do Alto-Xingu in: Índios e Brancos no Brasil: Encontro de Sociedades. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Pp. 73-116.
  15. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Indagação Sobre os Kamayurá, o Alto-Xingu e Outros Nomes e Coisas: Uma Etnologia da Sociedade Xinguara, in Anuário Antropológico/94: 227-269 (1995).
  16. DA MATTA, R. Um Mundo Dividido: a estrutura social dos índios Apinayé. Petrópolis. Vozes, 1976. (trechos)
  17. MELATTI, J.C. "Nominadores e Genitores: um aspecto do dualismo krahô" in Egon Schaden, (org), Leituras de Etnologia Brasileira. SP, Cia. Editora Nacional, 1973.
  18. MAYBURY-LEWIS, D. A Sociedade Xavante. Rio de Janeiro, Francisco Alves. Pp. 359-376.
  19. BANDEIRA, Maria De L. Os Kariris de Mirandela: Um Grupo Indígena Integrado. Salvador. Universidade Federal da Bahia, 1972, pp. 11-46.
  20. COELHO DOS SANTOS, SÍLVIO. ÍNDIOS E BRANCOS NO SUL DO BRASIL – A DRAMÁTICA EXPERIÊNCIA DOS XOKLENG. PORTO ALEGRE: MOVIMENTO, 1987, pp. 11-53.
  21. CARNEIRO DA CUNHA, M & E. Viveiros de Castro. "Vingança e Temporalidade" in Anuário Antropológico/85
  22. FAUSTO, Carlos. Inimigos fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia. São Paulo: EDUSP, 2001, pp.322-333;
  23. VIVEIROS DE CASTRO, E. "O Mármore e a Murta: Sobre a Inconstância da Alma Selvagem". Revista de Antropologia, Vol 35, 1992 (também em A Inconstância da Alma Selvagem. São Paulo, Cosac & Naify, 2002, pp.183-264)
  24. VIVEIROS DE CASTRO, E. Araweté: Os Deuses Canibais. Rio: Jorge Zahar/Anpocs (Trechos)

25. VILAÇA, Aparecida. Fazendo corpos: reflexões sobre morte e canibalismo entre os Wari' à luz do perspectivismo. Rev. Antropol., 1998, vol.41, nº.1, p.09-67.
26. VILAÇA, Aparecida. O que Significa Tornar-se Outro? Xamanismo e Contato interétnico na Amazônia. RBCS. Vol. 15, nº 44, outubro/2000.
27. LIMA, Tânia Stolze. "A Alma e a Vida" in: A Parte do Cauim. Etnografia Juruna. Tese de Doutorado, PPGAS/Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1995. pp. 137-161.
28. RODRIGUES, Patrícia de Mendonça. "Xamanismo: o poder do corpo" in: O Povo do Meio. Tempo, Cosmo e Gênero entre os Javaé da Ilha do Bananal. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia Social, UnB, Brasília, 1993.
29. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. "Xamanismo e Sacrifício" in: A Inconstância da Alma Selvagem. São Paulo, Cosac & Naify, 2002, pp. 457-472.
30. AGOSTINHO, P. KWARIP: Mito e ritual no Alto Xingu. São Paulo, EPU/EDUSP (trechos)
31. CARNEIRO DA CUNHA, M. Os Mortos e os Outros. Uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó. São Paulo: Ed. Hucitec, 1978, pp. 1-23.
32. MENEZES BASTOS, Rafael J. 2001. "Ritual, História e Política no Alto Xingu: Observações a partir dos Kamayurá e do Estudo da Festa da Jaguatirica (Jawari)" in: Franchetto, Bruna & Heckenberger, Michael (orgs.) Os Povos do Alto Xingu. História e Cultura. Rio de Janeiro, RJ: Ed. UFRJ.
33. TEIXEIRA-PINTO, M. IEIPARI: Sacrifício e Vida Social entre os Índios Arara. São Paulo, HUCITEC/Anpocs, 1997 (trechos)
34. VIERTLER, Renate. A Refeição das Almas: uma interpretação etnológica do funeral dos índios Bororo. São Paulo, EDUSP/HUCITEC, 1991
35. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Identidade Étnica, Identificação e Manipulação, in Identidade, Etnia e Estrutura Social. São Paulo, Pioneira, 1976, pp. 1-31.
36. OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. Uma Etnologia dos "Índios Misturados"? Situação Colonial, Territorialização e Fluxos Culturais, Mana 4(1): 47-77 (1998).
37. TURNER, Terence. De Cosmologia a História: resistência, adaptação e consciência social entre os Kayapó in: Viveiros de Castro, Eduardo B. & Carneiro da Cunha, Manuela. Amazônia: Etnologia e História Indígena. eds. dos autores, SP: USP, 1993. pp. 44-66.
38. COELHO DOS SANTOS, Silvio. Os Índios Xokleng: Memória Visual. Florianópolis, Edufsc, 1997, pp. 21-52/113-119.
39. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Musicalidade e Ambientalismo na Redescoberta do Eldorado e do Caraíba: Uma Antropologia do Encontro Raoni-Sting. In Revista de Antropologia 39(1): 145-189 (1996).
40. TACCA, Fernando de A Imagética da Comissão Rondon: Etnografias Fílmicas Estratégicas. Campinas, SP: Papirus, 2001, pp.12-53.

41. TURNER, Terence. Imagens Desafiadas: A Apropriação Kayapó do Vídeo, in Revista de Antropologia, 36: 81-121 (1994).
42. LANGDON, Esther Jean. A Cultura Siona e a Experiência Alucinógena, in Grafismo Indígena: Estudos de Antropologia Estética, Lux Vidal, org., SP, Studio Nobel, 1992, pp. 67-87.
43. LAGROU, Elsie Maria. *O que nos diz a arte Kaxinawa sobre a relação entre identidade e alteridade?* in: MANA 8 (1): 29-61, 2002.
44. VIDAL, Lux B. e Aracy Lopes da Silva. Conclusão: Antropologia Estética: Enfoques Teóricos e Contribuições Metodológicas, in Grafismo Indígena: Estudos de Antropologia Estética. Lux Vidal, org., SP, Studio Nobel, 1992, pp. 279-293.
45. MENEZES BASTOS, Rafael A *Musicológica Kamayurá. Para uma Antropologia da Comunicação do Alto Xingu*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999. pp. 27-59; 197-240; 241-249.
46. MENEZES BASTOS, Rafael e Hermenegildo José de. *A Festa da Jaguatirica: Primeiro e Sétimo Cantos -Introdução, Transcrições, Traduções e Comentários*. in Ilha 4(2): 133-174 (2002).
47. MELLO, Maria Ignês Cruz *Iamurikuma: Música, Mito e Ritual entre os Wauja do Alto Xingu*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, PPGAS. UFSC, 2005. Trechos a definir.
48. MONTARDO, Deise Lucy "O fazer-se de um belo guerreiro – música e dança no jeroky guarani" in: Sexta-Feira, Antropologia, Artes, Humanidades. Nº7, São Paulo: Pletora, pp.67-73.
49. SEEGER, A. O que Podemos Aprender Quando Eles Cantam? Gêneros Vocais do Brasil Central, in Os Índios e Nós: Estudos Sobre Sociedades Tribais Brasileiras, Rio, Campus, 1980, pp. 83-104.
50. LASMAR, Cristiane. De Volta ao Lago de Leite. Gênero e Transformação no Alto Rio Negro. São Paulo: Ed. Unesp/ISA/NUTI, 2005. (trechos)
51. LEA, Vanessa R. 1999. *Desnaturalizando Gênero na Sociedade Mebengôkre* in: Revista de Estudos Feministas. Vol. 7, n. 1 e 2. CFCH/UFSC; IFCS/UFRJ, 1999.
52. RODRIGUES, Patrícia de Mendonça *O surgimento das armas de fogo: alteridade e feminilidade entre os Javaé* in: Revista Estudos Feministas. Vol. 7, n. 1 e 2, IFCHS/UFRJ; CFH/UFSC, 1999.
53. SILVA, Aracy Lopes & Ferreira, Mariana Kawall Leal (org.) Antropologia, História e Educação: a questão indígena e a escola. Série Antropologia e Educação. São Paulo: FAPESP: Global, MARI, 2001.
54. SILVA, Aracy Lopes Pequenos "xamãs": crianças indígenas, corporalidade e escolarização in: Silva, Aracy Lopes; Macedo, Ana Vera L. da Silva & Nunes, Ângela (orgs.). Crianças Indígenas. Ensaios Antropológicos. Série Antropologia e Educação. São Paulo: FAPESP: Global, MARI, 2002.

55. CARRARA, Eduardo Um pouco da educação ambiental Xavante in: Silva, Aracy Lopes; Macedo, Ana Vera L. da Silva & Nunes, Ângela (orgs.). Crianças Indígenas. Ensaios Antropológicos. Série Antropologia e Educação. São Paulo: FAPESP: Global, MARI, 2002.
56. BALÉE, William. Biodiversidade e os Índios Amazônicos in: Viveiros de Castro, Eduardo B. & Carneiro da Cunha, Manuela. Amazônia: Etnologia e História Indígena. SP: USP, 1993. pp. 385-393.
57. ALMEIDA, Mauro Barbosa & CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (orgs.) Enciclopédia da Floresta. O Alto Juruá: Práticas e Conhecimentos das Populações. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. pp. 9-30.

### **5. ANT7332 - ORGANIZAÇÃO SOCIAL E PARENTESCO (72 horas aula)**

EMENTA: O parentesco em diferentes sociedades tradicionais e modernas. Fundamentos teóricos sobre parentesco e organização social. Etnografias brasileiras.

BIBLIOGRAFIA MÍNIMA:

1. AUGÉ, Marc. "Introdução ao vocabulário do parentesco" In Augé, Marc (org.) Os domínios do parentesco. Lisboa, Edições 70, pp 11-74.
2. AUGUSTINS, GEORGES. Comment se perpétuer? Devenir des lignées et destins des patrimoines dans les paysanneries européennes. Nantere: Société d'ethnologie, 1989.
3. CÂNDIDO, Antonio. Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 4 ed. São Paulo: Duas cidades. (capítulos
4. COULANGES, Fustel de. "A família" In A cidade antiga. São Paulo: Martins Fontes. 1981.
5. DUMONT, Louis. Introduction à deux théories d'anthropologie sociale. Paris-La Haye, Mouton, 1971. (I e II partes)
6. FIRTH, Raymond. "Estructura y organización em uma comunidade pequena" In Elementos de Antropologia Social. Buenos Aires: Amorrortu editores S.A. 2001 (1951)
7. FOX, Robin. La Roja Lámpara del Incesto. México, Fondo de Cultura Económica, 1990.
8. HERITIER, Françoise. A coxa de jupiter: reflexão sobre os novos modos de procriação. In Revista de estudos feministas, vol 8, Fpolis, 2000.
9. HÉRITIER, Françoise. "Parentesco" In Enciclopédia Einaudi. Parentesco. Vol. 20. Imprensa Nacional/Casa da Moeda. 1989, pp 27-80.
10. HÉRITIER, Françoise. "Incesto" In Enciclopédia Einaudi. Parentesco. Vol. 20. Imprensa Nacional/Casa da Moeda. 1989.
11. JOLAS, Tina e outros. Une campagne voisine. Paris: Éditions de La Maison des Scieces de l'Homme, 1990.
12. LÉVI-STRAUSS, C. As estruturas elementares de parentesco. Petrópolis: Vozes, 1982.
13. LOWIE, Robert H. "Organização Social" In PIERSON, Donald (org). Estudos de Organização Social. São Paulo: Martins Fontes. 1970.

14. NEEDHAN, RODNEY. Introduction. Remarques sur l'analyse de la parenté. La parenté en question... Paris: Éditions Seuil, 1977.
15. RADCLIFFE-BROWN, A.R. Estrutura e função nas sociedades primitivas. Lisboa: Perspectivas do Homem/Edições 70, 1989. (1 a 5)
16. RADCLIFFE-BROWN, A. Sistemas Políticos Africanos de Parentesco e Casamento. Lisboa, Fundação
17. RIVERS, W.H.R. "O método genealógico na pesquisa antropológica" In Roberto CARDOSO DE OLIVEIRA (org.) A antropologia de Rivers. Campinas: Editora da Unicamp. 1991 (1910).
18. TRAUTMANN, Thomas R. Lewis Henry Morgan and the invention of kinship. University of California Press, Berkeley and Los Angeles, California, London. 1987.
19. VERNIER, Bernard. La genèse sociale des sentiments. Aînés e cadets dans l'île grecque de Karpathos. Paris: Éditions de l'EHESS. 1991.
20. WAGLEY, Charles. Uma comunidade Amazônica (estudo do homem nos trópicos). São Paulo: Companhia Editora Nacional, Brasileira, vol. 290. 1957.
21. WILLEMS, Emílio. Uma vila brasileira. Tradição e Transição. São Paulo: Difusão Européia do livro. 1961.

#### **6. ANT7323 - ANTROPOLOGIA URBANA (72 horas/aula)**

EMENTA: O fenômeno urbano. Organização social e espaço. Territórios e territorialidade. Apropriações e intervenção no espaço público. A dicotomia rural-urbano.

#### **BIBLIOGRAFIA MÍNIMA**

1. AGIER, Michel. Lugares e redes – as mediações da cultura urbana. In: Além dos territórios. Ana Maria NIEMEYER e Emília Pietrafesa de Godoy (orgs.). Campinas: Mercado de Letras, 1998. (41-63).
2. ARANTES, Otilia, Beatriz Fiori. O lugar da arquitetura depois dos modernos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Studio Nobel, 1993 (95-155).
3. ARANTES, Antonio. <sup>a</sup> Paisagens Paulistanas. Transformações do espaço público. Campinas: Unicamp, 2000. (A guerra dos lugares. Mapeando zonas de turbulência).
4. AUGÉ, Marc. Los no lugares. Espacios del anonimato. Uma antropologia da la sobremodernidad. Barcelona: Gedisa, 1998
5. BAUMAN, Zigmunt. Comunidade. A busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
6. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. "Do sertão à cidade: quantos territórios!". In: Territórios do cotidiano. Uma introdução a novos olhares e experiências. Zilá Mesquista e Carlos Rodrigues Brandão (Orgs), Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995, (155 - 176).
7. CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: 34 LTDA, 2003. Parte III. Segregação urbana, enclaves fortificados e espaço público (ver).

8. CORDEIRO, Graça Índias e COSTA, Antonio Firmino. Bairros: contexto e interseção. In: Antropologia Urbana. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Gilberto Velho (org.), Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999 (58-80).
9. CARDOSO, Ruth. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. Ruth Cardoso (Org.). A aventura antropológica. Teoria e Pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
10. D'ADESKY, Jacques. Acesso diferenciado dos modos de representação afro-brasileira no espaço público. In: Revista de Patrimônio. Histórico e Artístico Nacional. N 25, 1997 (306-317).
11. DA MATTA, Roberto. A casa & a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987 (31-71).
12. DURHAM, Eunice R. A caminho da cidade. São Paulo: Perspectiva, 1984. "Urbanização e migração" (19- 45). "O migrante rural na cidade" (145-213).
13. HALL, Stuart. A identidade cultural na Pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP& A, 2004.
14. HEILBORN, Maria Luiza. Corpos na cidade: sedução e sexualidade. In: Antropologia Urbana. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Gilberto Velho (org.), Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999 (98-109).
15. MAGNANI, José Guilherme. Festa no pedaço. Cultura popular e Lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984. A rede de lazer (120-169).
16. MAGNANI, José Guilherme & TORRES, Lílian De Lucca (Orgs.). Na Metrópole. Textos de Antropologia Urbana. São Paulo: EDUSP, 1996 (12-54).
17. MOURA, Cristina Patriota De. Vivendo entre muros: o sonho da aldeia. In: Pesquisas urbanas. Desafios do trabalho antropológico. Gilberto Velho e Karina Kuschnir (orgs.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2003 (43-55).
18. RIGAMONTE, Rosani Cristina. "Severinos, Januárias e Raimundos: Notas de uma pesquisa sobre os migrantes Nordestinos na Cidade de São Paulo", In: José Guilherme Magnani & Lílian Torres De Lucca (Orgs.). Na Metrópole. Textos de Antropologia Urbana. São Paulo: EDUSP, 1996 (230-252).
19. SIMMEL, Georg. "A metrópole e a vida mental". In: O fenômeno Urbano. Otávio Velho (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 1979 (11-26)
20. VELHO, Gilberto. Individualismo e Cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1999 (121-133).
21. VELHO, Gilberto. Projeto e Metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. Unidade e fragmentação em sociedades complexas (11-31). Trajetória individual e campo de possibilidades (31-49). Memória, identidade e projeto (97-106). O grupo e seus limites (106-114).
22. WIRTH, Louis. "O urbanismo como modo de vida". In: O fenômeno Urbano. Otávio Velho (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 1979 ( 90-114).

## **7. ANT7336 - SOCIEDADES CAMPONESAS (72 horas/aula)**

EMENTA: Conceitos básicos e tradições teóricas no estudo do campesinato. Organização econômica, relações sociais e moralidade nas sociedades camponesas.

### **BIBLIOGRAFIA MÍNIMA**

1. DARNTON, R. O Grande Massacre de Gatos. Rio de Janeiro, Graal, 1986.
2. BLOCH, Marc. A terra e seus homens. Agricultura e vida rural nos séculos XVII e XVIII. Edusc, SP, 2001.
3. HEREDIA, Beatriz e GARCIA Jr., Afrânio – “Trabalho familiar e campesinato”. América Latina, 14 (1-2), 1971.
4. PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura – “O sitiante brasileiro e o problema do campesinato”. In: O Campesinato Brasileiro. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.
5. KAUTSKI, K. - A Questão Agrária. Rio de Janeiro, Laemmert, 1968.
6. MARTINS, José de Souza. O cativo da Terra. Hucitec, SP, 1996.
7. POLANYI, Karl. A grande transformação. As origens da nossa época. Editora Campus, RJ, 2000.
8. SILVA, José Grazziano da. Progresso técnico e relações de trabalho na agricultura. São Paulo: Hucitec, 1981.
9. SILVA, José Grazziano da. Estrutura agrária e produção de subsistência na agricultura brasileira. Hucitec, 1980.
10. WILLIAMS, Raymond . O Campo e a Cidade na História e na Literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
11. WOLF, Eric - Una tipología del campesinado latinoamericano.. Nueva Vision, Buenos Aires, 1977.
12. WOORTMANN, Ellen. Herdeiros, Parentes e compadres. Ucitec, SP, Edunb, Brasília, 1994.
13. WOORTMANN, Klass.; WOORTMANN, Ellen. O trabalho da terra. Unb, Brasília, 1997.

## **8. ANT XXXX - ANTROPOLOGIA VISUAL (72 horas/aula)**

EMENTA: A imagem como objeto de estudo antropológico. A história da sub-disciplina e algumas de suas principais tendências. A "antropologia compartilhada". As teorias e práticas de técnicas audiovisuais (fotografia, vídeo, cinema, multimídia) na pesquisa antropológica.

### **BIBLOGRAFIA MÍNIMA**

1. ASSIS BRASIL, Giba. 1999. "A montagem". In. Leite, I.B. (org) *Ética e Estética em Antropologia* Florianópolis: PPGAS.
2. AUMONT, Jacques. 2002. "A montagem". In: *A estética do Filme*. SP: Papirus p.53-88
3. AUMONT, Jacques. 2002. "O filme como representação visual e sonora". In: *A estética do Filme*. SP: Papirus p.19-52.
4. BARTHES, Roland. 1981 "A câmara clara". Edições 70, Lisboa.
5. BAUDRILLARD, J. 1993 *Televisão/Revolução: o caso Romênia em André Parente* (org) *Imagem Máquina*. RJ, editora 34.p.147-154

6. BENJAMIN, Walter. 1975 "A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução" in *Os Pensadores* n.XLVIII. SP, Abril Cultural.
7. COLLEYN, Jean-Paul. 1995. "Entrevista: Jean Rouch, 54 anos sem tripé". In: *Cadernos de Antropologia e Imagem* n. 1 .p. 65-74.
8. COLLIER JR., John. 1973 *Antropologia Visual: A Fotografia como Método de Pesquisa*. São Paulo: EPU-EdUSP Capítulo I e Capítulo II
9. FRANCE, Claudine. 2000. "Antropologia Fílmica. Uma gênese difícil mas promissora" In: France, Claudine (org). *Do Filme Etnográfico à Antropologia Fílmica*. Campinas, Unicamp pp.17-40.
10. GALLOIS, D. & Carelli, V. 1995 Víde e diálogo cultural- experiência do Projeto Víde nas Aldeias". In: *Horizontes Antropológicos*, Ano 1, nº 2.
11. GAUTHIER, Guy. 1995 "Finalement, qu'est-ce au juste que le documentaire?" *Le documentaires un autre cinéma*. Paris:Nathan p. 243-248 (leitura opcional)
12. GAUTHIER, Guy. 1995 "La vie telle qu'elle est...et telle qu'on la raconte" *Le documentaires un autre cinéma*. Paris:Nathan Cap. 1, p. 11-28. (leitura opcional)
13. GAUTHIER, Guy. 1995 "Le tournage: un regard et une éthique" In: *Le documentaires un autre cinéma*. Paris:Nathan pp. 111-138.(leitura opcional)
14. GURAN, Milton. 2000 Fotografar para descobrir/fotografar para contar em *Cadernos de Antropologia e Imagem* RJ, UERJ, v.10, n.1pp155-165.
15. GURAN, Milton. *Linguagem fotográfica e informação*. Capitulo Linguagem Fotográfica p 15 a 54
16. HEIDER, Karl. 1995. "Uma história do filme etnográfico". In: *Cadernos de Antropologia e Imagem* n. 1 .p. 31-54.
17. JEHEL, P. "Fotografia e antropologia na França no século XIX". In *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, 6 (1): pp. 123-137, 1998.
18. JORDAN, Pierre. 1995. "Primeiros contatos, primeiros olhares ". In: *Cadernos de Antropologia e Imagem* n. 1 .p. 55-64.
19. KOSSOY, Boris. 2000 Realidades e Ficções na Trama Fotográfica SP Atelie Editorial.
20. LEITE, Miriam L. Moreira. 2001 *Retratos de Família* cap. 1 - A Imagem através das palavras. SP, Fapesp. p. 23-51
21. LOIZOS, Peter. 1995. "A inovação no filme etnográfico (1955-1985). In: *Cadernos de Antropologia e Imagem* n. 1 .p.55-64.
22. LOURDOU, Pierre. 2000 O comentário nos filmes etnográficos de Marcel Griaule. In: France, Claudine (org) *Do Filme Etnográfico à Antropologia Fílmica*. Campinas: Unicamp p.101-120.
23. MACDOUGAL, D. 1994 "Mas afinal, existe realmente uma antropologia visual?" em
24. MACHADO, A. 1997 *Pré-cinemas & Pós-Cinemas*. São Paulo, Papirus. Parte III, Pós-cinemas: ensaios sobre a contemporaneidade Cap. 2, O vídeo e sua linguagem; Cap 3, O dialogo entre o cinema e o video.

25. MENEZES, Paulo. 2003."Representificação: as relações (im)possíveis entre cinema documental e conhecimento" *Revista Brasileira de Ciências Sociais* n.51 p87-97.
26. PEIXOTO, Clarice. 2001 Les archives de la Planete: imagens da coleção de Albert Kahn em *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Vol 8.117-132 , Rio de Janeiro,UERJ, NAI
27. PIAULT, Marc. 1999 "Espaço de uma antropologia audiovisual" In: Eckert, Cornélia e P. Mont-Mór (org) *Imagem em Foco: novas perspectivas em antropologia*.P.Alegre:editora da Universidade.p.13-54.
28. PIAULT, Marc-Henri. 1994. "Antropologia e Cinema" em *Catálogo da Mostra Internacional do Filme Etnográfico*. RJ, p. 62-69
29. PINNEY, C. 1996 A história paralela da Antropologia e da fotografia. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*, n 2. A cidade em Imagens, Rio de Janeiro,UERJ, NAI.
30. RIAL, C. 2000 Guerra de Imagens - a cobertura do 11 de setembro na televisão global *Antropologia em Primeira Mão* PPGAS/UFSC.
31. RIAL, C. 2005 Imagens de estupro e sacrifício na guerra do Iraque.*Antropologia em Primeira Mão* PPGAS/UFSC.
32. RIAL, Carmen. 1998 Contatos Fotográficos em Koury, M. *Imagens e Ciências Sociais*. João Pessoa, UFPB. p.203/223. Ou *Primeria Mão*. n.48. PPGAS/UFSC.
33. RIAL, C. e GROSSI, M. Entrevista com Jean Rouch fevereiro 2003 (xerox)
34. ROUCH, Jean. 2000 O comentário improvisado na imagem In: France, Claudine (org) *Do Filme Etnográfico à Antropologia Fílmica*. Campinas, Unicamp p.125- 130.
35. SAMAIN, E. "1995 'Ver' e 'dizer' na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia". In: *Horizontes Antropológicos - Antropologia Visual*. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS.Pp. 19-48.
36. TACCA, Fernando. 1998 "O índio 'pacificado': uma construção imagética da Comissão Rondon" em *Cadernos de Antropologia e Imagem*. RJ, 6(1) 81-101.
37. VAZQUES, Pedro.1987 Aspectos da Fotografia brasileira no século dezenove. RJ, Museu de arte moderna do Rio de Janeiro.
38. VERTOV, Dziga. 1984 " On the significance of nonacted Cinema" em Michelson, Annette (org) *Kino-Eye – the writings of Dziga Vertov* University of California Press, p.35-38. (leitura opcional)
39. WINKIN, Y. 1988 *A nova comunicação, da teoria ao trabalho de campo*. Campinas, Papirus.
40. XAVIER, Ismail. 1990. "Cinema: revelação e engano". In: *O olhar*. SP: Companhia das Letras. p.367-384.

## **9. ANT XXXX - ANTROPOLOGIA DA ALIMENTAÇÃO (72 horas/aula)**

EMENTA: A comida como objeto antropológico. As diferentes escolas antropológicas e suas interpretações das práticas alimentares. Tabus e as prescrições alimentares. Alimentação e

classe social, gênero e etnia. Identidade e estilo de vida. Emigração e globalização alimentar. Distúrbios alimentares e identidade.

#### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. BARTHES, R. "Pour une psycho-sociologie de l'alimentation contemporaine" em *Cahiers des Annales* n.28. p.977/986.
2. BARTHES, Roland. "Le bifteck et les frites" e "Le vin et le lait" em *Mythologies* p.74/79.(em português, Mitologias).
3. BORDO, Susan "Anorexia Nervosa - psychopatology as the Crystallization of Culture" em COUNIHAN, Carole *Food and Culture*. NY/London, Routledge, 1997.p.226-250.
4. BOURDIEU, P." Introduction"p. I-VIII, 189-248, "L'habitus et l'espace des styles de vie", "Titres et quartiers de noblesse culturelle" e "Le choix du nécessaire" em *La Distinction: Critique Sociale du Jugement*. p.9/42 432/461.
5. BRILLAT-SAVARIN, J.-A. (1826) *La Physiologie du goût*. Paris, Julliard, 1965. (em português: *Psicologia do Gosto*)
6. CANDIDO, Antônio Os parceiros do Rio Bonito SP, Duas Cidades, 2001 (1964) Prefácio
7. CAPLAN, Pat "Fast-food/spoiled identity: Iranian migrants in the British catering trade" em *Food, Health and Identity*. London, Routledge, 1997.p.87-110
8. CAPLAN, Pat "'We never eat like this at home': Food on holiday" em *Food, Health and Identity*. London, Routledge, 1997.p.151-171.
9. CASCUDO, Luis da Camera *Antologia da Alimentação no Brasil* pp.125-129 e 143-151
10. CHÂTELET, N. "Conversation avec une anorexique et une boulimique" em *Autrement Nourritures* n.108, 1989 p.156/164.
11. CHIVA, Matty "Comment la personne se construit en mangeant" em *Communication* n. 31,1979, p.107/118.
12. DA MATTA, Roberto "Sobre Comidas e Mulheres" em *O que faz o brasil, Brasil....* RJ, Rocco, 1987.
13. DELGADO, "Cora, Coralina" em *ILHA - revista de antropologia* v.4 n.1 e 2, 2002 (no prelo).
14. DOUGLAS, M "As abominações do Levítico" em *Pureza e Perigo* p.57/74
15. DOUGLAS, M. "Deciphering a Meal" em GERRTZ. C (org) *Myth, Symbol and Culture*. N.Y., Norton, 1971.p.61/81.( "Les structures du culinaire", dans *Communications* n.31, 1979. p.145/170.)
16. DOURNES, J. "Modèle Structural et réalité ethnographique - à propos du triangle culinaire" em *L'Homme* IX, jan/mars 1969. p.42/48.
17. ELIAS, N. *O processo civilizatório*. Civilização Brasileira, 1990.
18. ESTERIK "From Marco Polo to McDonald's: Thai Cuisine in Transition" \*
19. EVANS-PRITCHARD, E. E. *The Nuer*. Oxford, Clarendon, 1940.
20. FISCHLER, C "Les voies du changement" em *L'Homnivore*. Paris, Odile Jacob, 1992. p.147/164.
21. FISCHLER, C. "Food, self et identity" em *Information* p.275/291.

22. FISCHLER, C. "Gastro-nomie et gastro-anomie" em *Communication* n.31 189/210
23. FISCHLER, C. "La formation du goût" e "Tours et détours du changement" em *L'Homnivore*. Paris, Odile Jacob, 1992. p.89/112 e 165/173.
24. FISCHLER, C."Le corps du mangeur" em *L'Homnivore*. Paris, Odile Jacob, 1992. p.297/371.
25. FISCHLER, C."Les aventures de la douceur" em *Autrement - Nourritures* n.108, 1989p.32/39
26. FLANDRIN, J-L "Le goût et la nécessité: sur l'usage des graisses dans les cuisines d'EuropeOccidentale" em *Annales* n.2, 1983. p.369/391.
27. FOUCAULT, M. "La culture du soi"em *Histoire de la sexualité 3 - le souci de soi*.Gallimard, 1984. p.53/85.
28. FRANCO, H. "As utopias da abundância: a cocanha" em *As utopias medievais* SP, Brasiliense, 1994. p.23/49.
29. FREUD, Anna "The Psychoanalytic Study of Infantile Feeding Disturbances" em COUNIHAN, Carole *Food and Culture*. NY/London, Routledge, 1997.
30. FREYRE, Gilberto. "Pratos Típicos do Brasil?" in *Sociétés* n.6 p.31.
31. FRY, Peter. "Feijoada e Soul Food: Notas sobre a Manipulação de Simbolos Etnicos e Nacionais" em *Para Ingles Ver - Identidade e Política na Cultura Brasileira*. Rio, Zahar, 1982.
32. GAULIN, Steven "Choix des aliments et Évolution" em *Communication* n. 31,1979, p.33/52.
33. GIDDENS, Anthony "The trajetory of the Self" em *Modernity and Self-Identity* London, Blackwell, 1991.p.70/108.
34. GOODY, J. "The state of play " in *Cooking,, Cuisine and Class- a study in comparative sociology* p. 10/39.1994 University of Cambridge Press.( "L'état de la question" in *Cuisine, Cuisine et classes sociales* p. 27/72.)
35. GOODY, Jack "Industrial Food - towards the development of a World Cuisine" em COUNIHAN, Carole *Food and Culture*. NY/London, Routledge, 1997.p.338-356.
36. GOODY, Jack. "Identité culturelle et cuisine internationale" em *Autrement - Nourritures* n.108 1989 p. 98/101.
37. GRIGNON, C "Les Enquetes sur la consommation et la Sociologie des Gouts: le cas de l'alimentation", artigo a aparecer na *Revue Economique* mai 1987.25p.
38. GRIGNON, C. "Hierarchical Cuisine or Standard Cooking" in *Food & Foodways*. 177/183.
39. HARRIS, M. "Ansia de carne" e "El cerdo abominable" em *Bueno para comer?* Madrid, Aliança Editorial, 1985.p.17/48 e 71/118. (ou em português *Vacas, Porcos, Guerras e Bruxas* RJ, Civ. Brasileira, 1978 p. 17-17-53).
40. HARRIS, M."Perros, gatos, dingos y demás mascotas" em *Bueno para comer?* Madrid, Aliança Editorial, 1985.p.195/221.

41. HARRIS, M "Bueno para pensar ou bueno para comer?" in *Bueno para comer?* Madrid, Aliança Editorial, 1985.p.11/16
42. HÉRITIER, F. "Etude comparé des sociétés africaines" xerox,1992.
43. KIMMEL, Alain "De l'histoire a l identité" em *Échos* n.77, 1995. p.4/6.
44. LANGE, F "La signification du repas" in *Manger ou les jeux et les creux du Plat*. Seuil.1975.p.74/84.
45. LANGE, F "Les manières de table" em *Manger ou les jeux et les creux du Plat*. Seuil.1975.p.24/55.
46. LEACH, E. "Aspects anthropologiques de la langue: injures et catégories d'animaux" em *L'unité de l'homme et autres essais*. Paris, Gallimard, 1980.
47. LÉVI-STRAUSS, C. "Le triangle culinaire" em *L'Arc* n.26 (Lévi-Strauss), 1965 p.19/29 (ou *Mythologiques III* - p. 339/411).Há uma tradução em português disponível em fotocópia.
48. MacCLANCY, Jeremy "Kid's Stuff "em *Consuming Culture*. London, Chapman, 1992.pp.93-97.
49. MacCLANCY, Jeremy "Taboo or not Taboo"em *Consuming Culture*. London, Chapman, 1992.pp.32-43.
50. MAFFESOLI, M. "La table, lieu de communication" in *Sociétés* n. 6.
51. MALINOWSKI, Bronislaw *Argonauts of the Western Pacific*. Nova York, Dutton., 1922
52. MALINOWSKI, Bronislaw *Coral gradens and their Magic*. Bloomington, Indiana University Press, 2 vols, 1965 [1935].
53. MEIGS, Anna "Food as a Cultural Construction" em COUNIHAN, Carole *Food and Culture*. NY/London, Routledge, 1997.
54. MENNEL, S "Les contrastes s'estompent, l variété s'accroît"em *Français et Anglais a Table du moyen âge à nos jours* p. 453/474.
55. MENNEL, S. "Introduction" em *Français et Anglais a Table - du moyen âge à nos jours* p.11/36
56. MENNEL, S. et alli *Sociology of Food*. London, SAGE,1992. p.1/18 e 28/34.
57. MENNEL, S. et alli *Sociology of Food*. London,SAGE,1992. p.20/27.
58. MENNEL, S. et alli *Sociology of Food*. London,SAGE,1992. p.48/53.
59. MENNEL, S."Les dégoûts alimentaires" em *Français et Anglais a Table - du moyen âge à nos jours* p.416/452
60. MENNEL, S.tephen et alli *Sociology of Food*. London,SAGE,1992. p.68/80
61. MINTZ, Sidney Comida e Antropologia: Uma breve revisão em *RBCS*, v. n. 2002.
62. MOLES, Abraham "Le système de la cuisine dans l'art de manger" em *Échos* n.77,1995. p.7/12.
63. Murrieta, Rui S. S.O Dilema do Papa-Chibé: Consumo Alimentar, Nutrição e Práticas de Intervenção na Ilha de Ituqui, baixo Amazonas, Pará in *Revista de Antropologia*, v. 41, n. 1. São Paulo: USP, 1977.

64. NAHOUM, Véronique "La belle femme" em *Communication* n.31. p.22/32 ("A mulher bela". História das Mulheres, vol. 3, p.121/139).
65. NAHOUM-GRAPPE, Véronique. "O que comem os franceses?", em *Cadernos da Fundação Carlos Chagas, Sao Paulo, 1984.*
66. PERLÈS, Catherine "Les origines de la cuisine" em *Communication* n. 31,1979,p.4/14.
67. POUILLON, Jean "Manières de table, manières de lit, manières de langage" em *NouvelleRevue de Psychanalyse (Destins du Canibalisme)* n. 6, 1972. p.9/25.
68. POULAIN, J-P *Sociologias da Alimentação*. Florianópolis, UFSC.2004.
69. RIAL, Carmen. "Os Charms dos fast-foods e a Globalização cultural" em *Antropologia Em Primeira Mão* n. 7, 1995.
70. RIAL, CS "Rumores sobre fast-foods " em *Antropologia Em Primeira Mão*
71. RIAL, CS "Antropologia da Alimentação" em a ser publicado no *Antropologia Em Primeira Mão*, 2002.  
 RIAL, CS "Brasil, 500 anos - pensando a comida" em *Antropologia Em Primeira Mão* 2002.
72. RICHARDS, Audrey I. and Widdowson, E. M. "A dietary study in North-Eastern Rhodesia" em *Africa* vol. IX n.2p.166-196
73. RICHARDS, Audrey Land, labour and diet in Northern Rodhesia. Londres, Oxford University Press 1951 [1939].
74. RICHARDS, Audrey, Hunger and work in a savage tribe. Glencoe, Illinois, Free Press, 1948 [1935].
75. SAHLINS, Marshal "La Pensée Bourgeoise" em *Culture and Pratical Reason*. Chicago University Press, 1976. p.166/204.(em português, *Cultura e Razão Prática*)
76. SAHLINS, Marshall "The segmentary lineage: an organization of predatory expansion". *American Anthropologist*, 63: 322-345, 1961.
77. SIMMEL, Georg [1910] "Sociologie du Repas" em *Echos* n.77, 1995.p 13-15 ou "The Sociology of the Meal" in *Food&Foodways* 345/350
78. SOLER, Jean "As razões da Bíblia" em FRANDRIN, Jean-Louis e Massimo Montanari *História da Alimentação* SP, Estação Liberdade, 1998. cap. 4 pp. 80-91
79. TUCHMAN, Gaye and Harry Gene Levine "New York Jews and Chinese Food" em *Journal of Contemporary Ethnography* vol.22 n.3, october 1992 p.382-407.
80. VERDIER, Y. "Pour une ethnologie culinaire" in *L'Homme* IX, 1969.
81. VERDIER, Yvonne "Pour une ethnologie culinaire"em *L'Homme*.IX, janvier/mars, 1969 p. 4-56.
82. WOORTMAN, Klaas "Hábitos e Ideologias Alimentares em Grupos Sociais de Baixa Renda. Relatório Final". *Série Antropologia* 20. Brasília: UnB, 1977.

#### **10. ANT XXXX - ANTROPOLOGIA DA MÍDIA (72 horas/aula)**

EMENTA: Teorias da mídia impressa e eletrônica. Apocalípticos e integrados: as diferentes escolas analíticas. Ética, mídia e poder. Teorias da escola funcionalista, teorias de recepção e

estudos culturais. Conceitos de repetição e serialidade. Etnografias de mídia e de audiência. Cybercultura.

#### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. ADORNO, T. e HORKHEIMER. "A Indústria Cultural. O iluminismo como Mistificação de Massas". In: Lima, Luiz da Costa Teoria da Cultura de Massa. RJ. ed.Saga. 1969.
2. BENJAMIM, W. "A Obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica" em Lima, L. Teoria da Cultura de Massas RJ, Paz e Terra, 1978, pp209-240. (bib. Central 659.3).
3. ECO, Umberto. Viagem pela hiper-realidade. RJ: Nova Fronteira, 1989.
4. MCLUHAN, Marshall. Understanding Media. London: Routledge & Kegan Paul Ltd. 1964 (1969: Os meios de comunicação como extensão do homem. SP: Cultrix.)
5. WINKIN, Yves. La nouvelle communication Paris, Seuil, 1981 (em português: A Nova Comunicação: da teoria ao trabalho de campo Campinas, Papirus).
6. SHOAT, Ella & STAM, Robert . "From Imperial family to the transnational Imaginary – media spectatorship". In: Wilson, Rob and Wimal Dissanayake (org) Global/Local Durham, London:Duke University Press. 1981. pp.145-170

#### 11. ANT XXXX - ANTROPOLOGIA E ESPORTE (72 horas/aula)

EMENTA: Teorias do corpo, dos jogos, do esporte. Esporte, mídia e poder. Sublimação, identificação, masoquismo, pulsão de morte; masculinidade; identidade nacional e totemismo clubístico. Origens do esporte moderno e história do futebol brasileiro: classe e raça.

#### BIBLIOGRAFIA MINIMA

1. DA MATTA, Roberto "Futebol: ópio do povo x drama social" em *Novos Estudos do Cebrap* n.4.
2. DA MATTA, Roberto *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio, Rocco, 1986:49-64.
3. FARIA JUNIOR, Alfredo "Futebol, Questões de Gênero e Co-Educação" em *Pesquisa de Campo* UFRJ, n.2,1995:17-39.
4. GIL, G. "O Drama do "Futebol-Arte" O debate sobre a seleção dos anos 70" em *RBCS* n.25 ano 9
5. GORDON Jr, Cesar "História Social dos Negros no Futebol Brasileiro" em *Pesquisa de Campo* UFRJ, n.2,1995:71-90.
6. RIAL, Carmen "Rugbi e judo: esporte e masculinidade"em *Masculino, Feminino, Plural* M.Grossi e J. Pedro, 1998.p.229/258.
7. RIAL,Carmen "Japonês está para TV assim como mulato para cerveja: imagens da publicidade no Brasil" em *Em Primeira Mão*,PPGAS, n.8,1-17, 1995.
8. ROSENFELD, Anatol *Negro, Macumba e Futebol* SP, Perspectiva, 1993: 74-106. e tbm "O futebol brasileiro" em *Argumento* , 1974.
9. SIMÕES, Regina *Evas ou Marias: o corpo da mulher na Antiguidade e Idade Média*, texto apresentado no Encontro de Historia do Esporte, Lazer e Educação Física, xerox.

#### 12. ANT XXXX - GLOBALIZAÇÃO CULTURAL (72 horas/aula)

EMENTA: Teorias da globalização cultural e sua relação com a Antropologia. Teorias da Modernidade e da Pós-Modernidade. . Globalização e transnacionalismo. Fluxos de pessoas: Processos migratórios e novas identidades. Multiculturalismo. Fluxos de imagens: mídia, imaginação e imaginário. Teorias do consumo.

#### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. APPADURAI, Arjun. 1990. "Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy". In Mike Featherstone (org.). *Global Culture*. Londres: Sage Publications. pp. 295-310.
2. AUGÉ, Marc. 1993. *Los "no lugares" espacios del anonimato* .Barcelona, Gedisa. cap. De los lugares a los no lugares.81-118 (em português *Os não -lugares*).
3. BASCH, Linda & Nina Glick Schiller, Cristina Szanton Blanc. 1994 "Transnational Projects: A New Perspective"; "Theoretical Issues"; "Different Settings, Same Outcome: Transnationalism as a Global Process". In *Nations Unbound. Transnational Projects, Postcolonial Predicaments and Deterritorialized Nation-States*. Langhorne, Gordon & Breach, pp. 1-19; 21-48; 225-265.
4. BAUDRILLARD, J. "Modernité" em *Enciclopédie Universalis* vol.12 pp.424-426
5. BERMAN, Marshall. 1886 *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986. (Capítulo V: Na Floresta dos Símbolos: algumas notas sobre o Modernismo em Nova York. p.273-330/346-347
6. CASAS, Laura Oso. 2004 *Españolas en París – estrategias de ahorro y consumo en las*
7. CHEAH, Pheng. 1998 "The Cosmopolitical - Today". In Pheng Cheah e Bruce Robbins (orgs.) *Cosmopolitics. Thinking and Feeling Beyond the Nation*. Minneapolis, University of Minnesota Press, pp. 20-41.
8. CLIFFORD, James. 1997 *Routes. Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. Cambridge (Mass.), Harvard University Press. ("Traveling Cultures". pp. 17-46.)
9. HANCHARD, Michel. 2003 "Acts of Misrecognition: Transnational Black Politics, Anti-imperialism and the ethnocentrism of Pierre Bourdieu e Loïc Wacquant *Theory, Culture and Society*. London: Sage v 20(4)pp 5-29.
10. HANNERZ, Ulf. 1996 *Transnational Connections.Culture, People and Places*. Londres. Routledge. ("Cosmopolitans and Locals in World Culture".pp. 102-111).
11. HANNERZ, Ulf. 1993 "The Withering away of the Nation?"in *Ethos* n.58: 81-90.
12. HANNERZ, Ulf. 1996 "Mediations in the global ecumene" in Pálsson, G. (org) *Beyond Boundaries* Oxford:Berg. pp 41-57.
13. KEARNEY, M. 1995. "The Local and the Global: the Anthropology of Globalization and Transnationalism". *Annual Review of Anthropology* 24: 547-565.
14. KEARNEY, M. 1996. *Reconceptualizing the Peasantry. Anthropology in Global Perspective*. Boulder, Colorado: Westview Press. ("Beyond Peasant Studies: changing social fields of identity and theory" e "Peasants'and the New Politics of Representation" pp. 115-135 e 171-186.)
15. MAUSS, Marcel. 1972. "La Nación y el Internacionalismo". In *Sociedad y Ciencias Sociales. Obras III* (pp. 328-341). Barcelona.

16. RIBEIRO, Gustavo Lins. 2000 *Cultura e Política no Mundo Contemporâneo*. Brasília: Edunb. ("A Condição da Transnacionalidade". pp. 93-129).
17. SAHLINS, Marshall. 1997. "O 'Pessimismo Sentimental' e a Experiência Etnográfica: Porque a cultura não é um 'objeto' em via de extinção" *Mana* 3 (2): 103-150.
18. SASSEN, Saskia. 1991 *The Global City*. New York, London, Tokyo. Princeton. Princeton University Press, pp. 03-34.
19. SKLAIR, Leslie. 1991 *Sociology of the Global System*. Baltimore. The Johns Hopkins University Press. pp 1-25
20. TOD, Emmanuel. 2002 *Après l'empire*. Paris: Gallimard. (Le myth du terrorisme universel pp41-69)

### 13. ANT XXXX - ETNOMUSICOLOGIA (72 horas/aula)

EMENTA: A música como objeto de estudo antropológico. Esboço histórico e panorama atual: musicologia comparada, etnomusicologia, antropologia da música, estudos musicais. Música como código sócio-cultural: principais tendências teórico-metodológicas, hoje. Música popular, erudita, folclórica, indígenas. Estudos recentes no Brasil.

#### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. AYTAI, Desidério. 1985. O mundo sonoro xavante. São Paulo, Universidade de São Paulo.
2. BEAUDET, Jean Michel. Ms. Sopros da Amazônia: As Orquestras Tule dos Wayãpi. Tradução inédita de G. Werlang do original de 1997.
3. BLACKING, John. Ms. Quão Musical é o Homem? Tradução inédita de G. Werlang do original de 1973.
4. CUNHA, Maximiliano Carneiro. 1999. A música encantada Pankararu - toantes, torés, ritos e festas na cultura dos índios Pankararu. Dissertação de Mestrado em Antropologia Cultural, Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
5. DAGHLIAN, Carlos, org. 1985. Poesia e Música. São Paulo: Perspectiva.
6. LUCAS, Glaura. 1999. Os Sons do Rosário: Um Estudo Etnomusicológico do Congado Mineiro – Arturos e Jatobá. Dissertação de Mestrado em Musicologia, Universidade de São Paulo. 2 volumes.
7. LUCAS, Maria Elizabeth, org. 1999. Música e Sociedade, "Horizontes Antropológicos", ano 5, n. 11.
8. LUCAS, Maria Elizabeth e R. J. de Menezes Bastos, org. 2000. Pesquisas Recentes em Estudos Musicais no Mercosul. Série "Estudos", n. 4 (PPGM/UFRGS).
9. MELLO, Maria Ignez Cruz. 1999. Música e Mito entre os Wauja do Alto Xingu. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.
10. ----- . 2005. Iamurikumã: Música, Mito e Ritual entre os Wauja do Alto Xingu. Florianópolis: PPGAS/UFSC, tese de doutorado.

11. MENEZES BASTOS, Rafael José de. 1978. A Musicológica Kamayurá: Para uma Antropologia da Comunicação no Alto-Xingu. Brasília: Funai (2ª. ed: Florianópolis: Editora da UFSC, 1999).
12. MENEZES BASTOS, Rafael José de. 1995. Esboço de uma Teoria da Música: Para Além de uma Antropologia Sem Música e de uma Musicologia Sem Homem, in "Anuário Antropológico" 1993, pp. 9-73.
13. MENEZES BASTOS, Rafael José de. 1996. A "Origem do Samba" como Invenção do Brasil (Por que as Canções Têm Música?), in Revista Brasileira de Ciências Sociais 31: 156-177.
14. MENEZES BASTOS, Rafael José de. 1996. Musicalidade e Ambientalismo na Redescoberta do Eldorado e do Caraiba: Uma Antropologia do Encontro Raoni-Sting, in "Revista de Antropologia" 39 (1): 145-189.
15. MONTARDO, Deise de Oliveira. 2002. Através do Mbaraka: Música e Xamanismo Guarani. São Paulo: Universidade de São Paulo. Tese de doutorado em Antropologia Social.
16. OLIVEIRA, Allan de Paula. 2004. O Tronco da Roseira: Uma Antropologia da Viola Caipira. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
17. PÉREZ, Josep Martí. 1996. Música y etnicidad: una introducción de la problemática, in "Transcultural Music Review", n. 2.
18. PIEDADE, Acácio Tadeu de C. 1997. Música Yepamasa: Por uma Antropologia da Música no Alto Rio Negro. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
19. -----, 2004. O Canto do Kawoka: Música, Cosmologia e Filosofia entre os Wauja do Alto Xingu. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Tese de doutorado em Antropologia Social.
20. SANDRONI, Carlos. 2001. Feitiço Decente: Transformações do Samba no Rio de Janeiro (1917-1933). Rio: Zahar.
21. SEEGER, Anthony. Ms. Por Que Cantam os Suyá: Uma Antropologia Musical de um Povo Amazônico. Tradução inédita de G. Werlang do original de 1987.
22. SILVA, Domingos Aparecido Bueno da. 1997. Música e Pessoalidade: Por uma Antropologia da Música entre os Kulina do Alto Purús. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
23. VIANNA, Hermano. 1995. O Mistério do Samba, 2ª. ed. Rio: Zahar.

#### **14. ANT XXXX - ANTROPOLOGIA DA ARTE (72 horas/aula)**

EMENTA: A arte como objeto de estudo antropológico: etnoestética, etnomusicologia, etnocoreologia e outros e sub-campos da área. Arte como código sócio-cultural: principais tendências teórico-metodológicas. Arte e artisticidade. Artes populares, eruditas, folclóricas e

índigenas. Etnografias clássicas, modernas e recentes sobre a arte. Estudos recentes no Brasil.

#### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA:

1. ADORNO, Theodor W. 1982. Teoria Estética. Lisboa: Edições 70, 11-27.
2. ----- . 1986. A Indústria Cultural, in "Sociologia: Theodor W. Adorno", G. Cohn, org., São Paulo: Ática, pp. 92-99.
3. ALMEIDA, K. P. de. 1998. Por Uma Semântica Profunda: Arte, Cultura e História no Pensamento de Franz Boas, in "Mana" 4 (2): 7-34.
4. BENJAMIN, Walter. 1969. A Obra de Arte no Tempo de suas Técnicas de Reprodução, in Sociologia da Arte, IV, G. Velho, org., Rio de Janeiro: Zahar, pp. 15-47.
5. CLIFFORD, James. 1998. Sobre o Surrealismo Etnográfico, in "A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Século XX", Rio de Janeiro: Edufrj, pp. 132-178.
6. DAMATTA, Roberto. 1973. Poe e Lévi-Strauss no Campanário: ou, A Obra Literária como Etnografia, in "Ensaio de Antropologia Estrutural", Petrópolis: Vozes, pp. 93-120.
7. ECO, Umberto. 1981. A Definição da Arte. Lisboa: Edições 70.
8. ELIAS, N. 1991. Mozart: Sociologia de Un Genio. Barcelona: Península.
9. GEERTZ, Clifford. 1998. A Arte como um Sistema Cultural, in "O Saber Local: Novos Ensaio em Antropologia Interpretativa", Petrópolis: Vozes, pp. 142-181.
10. HANNA, Judith Lynne. 1999. Dança, Sexo e Gênero: Signos de Dominação, Desafio e Desejo. Rio de Janeiro: Rocco.
11. LAGROU, Elsje Maris. 2003. Antropologia e Arte: Uma Relação de Amor e Ódio, in
12. "Ilha" 5(2): 93-113.
13. LÉVI-STRAUSS, Claude. 1970. O Desdobramento da Representação nas Artes da Ásia e da América, in "Antropologia Estrutural" (I), Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, pp. 267-291.
14. MELLO, Maria Ignez Cruz. 2003. Arte e Encontros Interétnicos: A Aldeia Wauja e o Planeta, "Antropologia em Primeira Mão" 54 (19 p).
15. MENEZES BASTOS, Rafael José de. 2005. "Les Batutas", 1922: Uma Antropologia da Noite Parisiense, in "Revista Brasileira de Ciências Sociais" (no prelo).
16. MENEZES BASTOS, Rafael e HERMENEGILDO José. 2002. A Festa da Jaguatirica: Primeiro e Sétimo Cantos – Introdução, Transcrição e Comentários, in "Ilha" 4(2): 133-174.
17. NETTO, Aristóteles Barcelos. 2002. A Arte dos Sonhos: Uma Iconografia Ameríndia. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia.
18. RIAL, Carmen. 1995. Japonês Está Para TV Assim Como Mulato Para Cerveja: Imagens da Publicidade no Brasil, "Antropologia em Primeira Mão" 8 (pp. 1-16).
19. TACCA, Fernando de. 2001. A Imagética da Comissão Rondon: Etnografias Fílmicas Estratégicas. Campinas: Papyrus.
20. TATIT, Luiz. 1996. O Cancionista: Composição de Canções no Brasil. SP: Edusp.

21. TURNER, T. 1993. Imagens Desafiantes: A Apropriação Kaiapó do Vídeo, in "Revista de Antropologia" 36: 81-121.
22. VIDAL, Lux B., org. 1992. Grafismo Indígena: Estudos de Antropologia Estética. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp/Edusp.
23. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo e Ricardo B. de Araújo. 1977. Romeu e Julieta e a Origem do Estado, in "Arte e Sociedade: Ensaio de Sociologia da Arte", G. Velho, org., Rio de Janeiro: Zahar, pp. 130-169.

#### **15. ANT XXXX - ANTROPOLOGIA DAS MINORIAS (72 horas aula)**

EMENTA: Minorias como tema antropológico. A construção de identidades sociais. Territorialidade, fronteiras simbólicas e etnicidade.

##### **BIBLIOGRAFIA MÍNIMA**

1. GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Zahar Editores. 1982. RJ. (Caps. 1 e 2)
2. BARTH, Fredrik. Los grupos étnicos y sus fronteras. Mexico. Fondo de Cultura econômica. 1976. (Introducción)
3. CUNHA, Manuela C. Negros, estrangeiros. Os libertos e sua volta à África. Brasiliense. SP. 1985. (Caps.: Introdução, Brasileiros em Lagos e Catolicismo em Lagos: o rebanho e seus pastores)
4. ARRUTI, José M.A. "A emergência dos 'remanescentes': notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas". In: Mana: Estudos de Antropologia Social. Outubro/1997. PPGAS-Museu Nacional-UFRJ. RJ.
5. AZEVEDO, Célia M. M. de. Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites - Séc. XIX. RJ. Paz e Terra. 1987.
6. CARNEIRO, Maria Luiza T. Preconceito racial no Brasil Colônia. SP. Brasiliense. 1983.
7. PERLONGHER, N. O negócio do michê. SP. Brasiliense. 1987. (pgs. 108 -154)
8. GASPAR, Dulce M. Garotas de programa: Prostituição em Copacabana e Identidade Social. Jorge Zahar. 1985.
9. FERNANDES, Tânia de S. Uma comunidade de Salvos: um estudo sobre Batistas na baixada fluminense. Tese de mestrado. Museu nacional. 1992.
10. RAMALHO, José R. O mundo do crime. A ordem pelo avesso. Graal. RJ. 1983. (cap. 2)
11. VIANNA. H. O mundo funk carioca. Jorge Zahar. 1988.

#### **16. ANT XXXX - INDIVÍDUO E SOCIEDADE (72 horas/aula)**

EMENTA: Pessoa e coletividade. Indivíduo, cultura e personalidade. A construção social da pessoa, grupo, identidade. Biografias e estrutura social.

##### **BIBLIOGRAFIA MÍNIMA**

1. BECKER, Howard S. Uma teoria da ação coletiva. Rio de Janeiro, Zahar. 1977.
2. BENEDICT, R. Padrões de Cultura.

3. BERGER, P. & T. LUCKMANN. A Construção Social da Realidade (trechos a selecionar)
4. DUMONT, Louis. O individualismo. Uma perspectiva Antropológica da ideologia moderna. Rocco. Rio de Janeiro, 2000.
5. DUMONT, Louis. Homo Aequalis. Gênese e plenitude da ideologia econômica. Edusc, Bauru, 2000.
6. DUMONT, Louis. Homo Hierarchicus. O sistema de Castas e suas Implicações. Edusp, São Paulo, 1992.
7. DURKHEIM, E. "Representações Individuais e Representações Coletivas" in Sociologia e Filosofia.
8. DURKHEIM, E. e MAUSS, M. "Algumas formas primitivas de classificação" (p. 183-203). Durkheim. Sociologia. Ática, São Paulo, 1988.
9. GELLNER, E. "O Contrato Social de Freud" in Antropologia e Política: revoluções no bosque sagrado.
10. HERTZ, Robert. "A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa". Religião e Sociedade. 1.
11. LINTON, R. Cultura e Personalidade.
12. MALINOWSKI, B. "As Práticas do Amor e a Psicologia da Vida Erótica" in A Vida Sexual dos Selvagens.
13. MAUSS, M. "A alma, o nome, a pessoa" in Ensaio de Sociologia. Zahar Editores, 5ª.edição, Rio de Janeiro, 1982.
14. MAUSS, Marcel "Ofício do etnógrafo, método sociológico". Marcel Mauss: Antropologia. São Paulo, Ática, 1979 (Grandes Cientistas Sociais).(p.53-59)
15. MAUSS, Marcel. "Observações preliminares"; "Métodos de observação".(p.27-30) Manual de etnografia. Dom Quixote, Lisboa, 1993.
16. MAUSS, Marcel. "Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do "eu". " Sociologia e Antropologia. São Paulo: Edusp, 1974.
17. MAUSS, Marcel. "Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimós". Sociologia e Antropologia. Vol. II. São Paulo, EPU, 1974. (p. 237-326)
18. MAUSS, Marcel. "Ensaio sobre a Natureza e a Função do Sacrifício". Ensaio de Sociologia. SP: Perspectiva, 1981. (p. 141-228)
19. MAUSS, Marcel. "A polaridade religiosa e a divisão do macrocosmos". Ensaio de Sociologia. Zahar Editores, 5ª.edição, Rio de Janeiro, 1982.
20. MAUSS, Marcel. "Sociologia". (com P. Fauconnet). Ensaio de sociologia. Zahar Editores, 5ª.edição, Rio de Janeiro, 1982
21. POLANYI, KARL. A grande transformação. As origens da nossa época. Editora Campus. Rio de Janeiro, 2000.
22. RADCLIFFE-BROWN, A.R. "Taboo" e "Sanções Sociais" in Estrutura e Função nas Sociedades Primitivas
23. RICOEUR, P. "Indivíduo e Identidade Pessoal" in Indivíduo e Poder.

24. SAHLINS, Marshall. Cultura e razão prática. Rio de Janeiro, Zahar. 1979.
25. SAHLINS, Marshall. Ilhas de História. Rio de Janeiro, Zahar. 1990.
26. SAHLINS, Marshall. História e Cultura. Apologias a Tucídides. Rio de Janeiro, Zahar. 2006
27. TOCQUEVILLE, Alex De. El Antiguo Regimen y la Revolución. Fondo de la Cultura.
28. TOCQUEVILLE, Alex De. A democracia na América. Edusp.
29. VERNANT, J.-P.. "Aspectos da Pessoa na Religião Grega" *in* Mito e Pensamento entre os Gregos.
30. VERNANT, J.-P.. "O Indivíduo na Cidade" *in* Indivíduo e Poder.
31. WEBER, Max. "Classe, estamento, Partido" (p.211-228). Ensaio de sociologia. Zahar Editores, 5ª.edição, Rio de Janeiro, 1982.
32. WEBER, Max. "A psicologia social das religiões mundiais" (p.309-346); "Índia: O brâmane e as castas"(p.449-470). Ensaio de sociologia. Zahar Editores, 5ª.edição, Rio de Janeiro, 1982.
33. WEBER, Max. Sociologia da religião. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. 3. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1994. (p.)
34. WEBER, Max. "A Psicologia Social das Religiões Mundiais" *in* Ensaio de Sociologia Zahar Editores, 5ª.edição, Rio de Janeiro, 1982.

#### **17. ANT XXXX - CULTURA E MEIO AMBIENTE (72 horas/aula)**

EMENTA: O meio ambiente na reflexão antropológica. Natureza e Cultura. Teorias antropológicas sobre a relação do homem com o meio ambiente.

#### **18. ANT XXXX - ANTROPOLOGIA E HISTÓRIA (72 horas/aula)**

EMENTA: A fronteira entre a Antropologia e a História. Temas, debates e conceitos: estrutura e acontecimento, diacronia e sincronia.

##### **BIBLIOGRAFIA MÍNIMA**

1. BIRSACK, Aletta. A Nova História Cultural. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
2. BLOCH, Marc. Os reis taumaturgos. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
3. BRAUDEL, Fernand. Escritos sobre a história. São Paulo, Perspectiva, 1978.
4. CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Negros estrangeiros. São Paulo, Brasiliense, 1979.
5. DARNTON, Robert. O beijo de Lamourette, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
6. DARNTON, Robert. O Grande Massacre de Gatos. SP: Companhia das Letras
7. ELIAS, Norbert. O processo civilizador: uma história dos costumes. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.
8. GEERTZ, C. Negara. Um estado teatro no século XIX. Lisboa, Difel, 1980  
GEERTZ, C. Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.
9. GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio, Zahar, 1978, pp 13-41
10. GINZBURG, Carlo. A micro-história e outros ensaios. Lisboa, Difel, 1989.
11. GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas e sinais. São Paulo, Companhia das Letras, 1988;

12. GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
13. LEFORT, Claude. As formas da história. São Paulo, Brasiliense, 1979. (caps. 1 e 2)
14. LÉVI-STRAUSS, Claude. "Introdução: História e Etnologia", "A Análise Estrutural em Linguística e em Antropologia" e "A Noção de Estrutura em Etnologia" in Antropologia Estrutural. Rio, Tempo Brasileiro.
15. LÉVI-STRAUSS, Claude - Tristes Trópicos. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
16. LÉVI-STRAUSS, Claude. "O Tempo Redescoberto" e "História e Dialética" in O Pensamento Selvagem, São Paulo, CEN, 1976.
17. NOVAIS, Fernando. História da vida privada no Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
18. SAHLINS, Marshall. Ilhas de Historia. Rio, Zahar, 1990.
19. SAHLINS, M. Como pensam os nativos, São Paulo, Edusp, 2001.  
SAHLINS, M. "Cosmologias do capitalismo" In: Religião e Sociedade, n. 16, 1992.
20. SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
21. SCHWARCZ, Lilia. As barbas do imperador. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

#### **19. ANT XXXX - ANTROPOLOGIA DA POLÍTICA (72 horas/aula)**

EMENTA: As origens e fundamentos do poder político. Processos de formação dos sistemas políticos. Relações e poder e comportamento simbólico. Organização política em sociedades sem estado.

#### **BIBLIOGRAFIA MÍNIMA**

1. AUSTIN, J.L. 1990. *Quando Dizer é Fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas.
2. BARREIRA, C. 1998. Crimes por Encomenda: violência e pistolagem no cenário brasileiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/NuAP.
3. BARREIRA, I. & PALMEIRA, M. (orgs). 1998. *Candidatos e Candidaturas: enredos de campanhas eleitorais no Brasil*. São Paulo: AnnaBlume. (5)
4. BELOCH, I. 1986. *Capa Preta e Lurdinha: Tenório Cavalcanti e o povo da Baixada*. Rio de Janeiro: Record.
5. BEZERRA, M.O. 1995. *Corrupção: um estudo sobre poder público e relações pessoais no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
6. BEZERRA, M.O. 1999. *Em Nome das Bases: política, favor e dependência pessoal*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará-NuAp. (5)
7. BIRMAN, P. NOVAES, R. & CRESPO, S. (orgs.) 1997. *O mal à brasileira*. Rio de Janeiro: UERJ.
8. BOSCHI, R. 1987. *A Arte da Associação: política de base e democracia no Brasil*. São Paulo/Rio de Janeiro: Vértice/luperj.
9. BOSCHI, R. (org.) 1983. *Movimentos Coletivos no Brasil Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar.

10. BOURDIEU, P. 1989. *O Poder Simbólico*. Lisboa: DIFEL/Rio de Janeiro: Bertand Brasil. (5)
11. BOURDIEU, P. 1996. *Razões Práticas. Sobre a teoria da ação*. Campinas: Papius. (5)
12. BURKE, P. 1994. *A Fabricação do Rei. A construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
13. CANDIDO, A. 1987. *Educação Pela Noite e Outros Ensaios*. São Paulo: Ática. (5)
14. DAGNINO, E. (org.) 1994. *Anos 90: política e sociedade no Brasil*. São Paulo: Brasiliense.
15. DAMATTA, Roberto. 1990. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro: Guanabara.
16. DINIZ, E. 1982. *Voto e Máquina Política: patronagem e clientelismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. (5)
17. DUMONT, L. 1985. *O Individualismo. Uma perspectiva Antropológica a Ideologia Moderna*. Rio de Janeiro: Rocco.
18. DUMONT, L. 1992. *Homo Hierarchicus. O sistema de castas e suas implicações*. São Paulo: Edusp.
19. FERNANDES, F. 1975. *A Investigação Etnológica no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
20. FIGUEIREDO, A.C. & LIMONGI, F. 1999. *Executivo e Legislativo na nova ordem constitucional*. Rio de Janeiro: FGV/Fapesp.
21. GEERTZ, C. 1980. *Negara: o estado teatro do século XIX*. Rio de Janeiro: Bertrand. (5)
22. GEERTZ, C. 1978. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
23. GEERTZ, C. 1998. *O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes. (5)
24. GOLDMAN, M. 1999. *Alguma Antropologia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. (5)
25. GRAHAM, R. 1997. *Clientelismo e política no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: UFRJ. (5)
26. KUSCHNIR, K. 2000. *O Cotidiano da Política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (5)
27. LANNA, M.P.D. 1995. *A Dívida Divina: troca e patronagem no Nordeste brasileiro*. São Paulo: Unicamp. (5)
28. LEACH, E.R. 1996. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*. São Paulo: Edusp. (5)
29. LEAL, V.N. 1997. *Coronelismo, Enxada e Voto. O Município e o Regime Representativo no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
30. LIMA JR., O.B. (org.) 1991. *Sistema Eleitoral Brasileiro: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Rio Fundo/luperj.
31. NOGUEIRA, O. 1962. *Família e Comunidade: um estudo sociológico de Itapetininga*. Rio de Janeiro: INEP.
32. PALMEIRA, M. & GOLDMAN, M. 1996. *Antropologia, Voto e Representação Política*. Rio de Janeiro: Contracapa. (5)
33. PEIRANO, M. 1992. *Uma Antropologia no Plural*. Brasília: Editora da UnB. (5)
34. PERISTIANI, J.G. (org.) 1965. *Honra e Vergonha. Valores das Sociedades Mediterrâneas*. Lisboa: Gulbenkian. (5)

35. PUTNAM, R. 1997. *Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro: FGV.
36. REIS, E, ALMEIDA, M.H.T. & FRY, P. (orgs.). 1995. *Pluralismo no espaço social e pesquisa*. São Paulo: ANPOCS/Hucitec.
37. SCHWARTZMAN, S. 1975. *São Paulo e o Estado Nacional*. São Paulo: DIFEL/Corpo e Alma do Brasil.
38. SHILS, E. 1992. *Centro e Periferia*. Lisboa: DIFEL.
39. SIMMEL, G. 1983. *Simmel*. São Paulo: Ática. (5)
40. TEIXEIRA, Carla C. 1998. *A Honra na Política*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. (5)
41. VEYNE, P. et al. 1987. *Indivíduo e Poder*. Lisboa: Edições 70.
42. WEBER, M. 1982. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara.

## **20. ANT XXXX - FAMÍLIA E PARENTESCO EM SOCIEDADES COMPLEXAS (72 horas/aula)**

EMENTA: A perspectiva antropológica sobre a família. Reprodução, sexualidade e parentesco. Papéis sexuais. Relações de gênero, família e sociedade. Teorias sobre parentesco e casamento. Parentalidade e conjugalidade. Casamento.

### **BIBLIOGRAFIA MÍNIMA**

1. AUGÉ, Marc. "Introdução ao vocabulário do parentesco" In Augé, Marc (org.) Os domínios do parentesco. Lisboa, Edições 70, pp 11-74.
2. BARROS, Myriam Lins de. (1987). Autoridade & afeto. Avós, filhos e netos na família brasileira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
3. BOURDIEU, Pierre. (1997). "Apêndice. O espírito da família". In: Razões práticas. Sobre a teoria da ação. Papirus Editora.
4. CÔRREA, Mariza. "Repensando a família no Brasil (notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil)" In Colcha de retalhos. Brasiliense. São Paulo. 1982. Pp. 13-38.
5. CORRÊA, Mariza. (1983). Morte em família: representações jurídicas de papéis sexuais, Rio de Janeiro, Graal.
6. BARCELOS, Dayse Macedo De. Família e ascensão social de negros em Porto Alegre. UFRJ, Museu Nacional, 1996. (capítulos a escolher)
7. DAUSTER, Tânia. "A invenção do amor: amor, sexo e família em camadas médias urbanas". Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira op. cit. pp 99-112.
8. D'INCAO, Maria Angela. "Mulher e família burguesa" In História das Mulheres no Brasil. Contexto, Unesp, São Paulo, 2001. pp 223-240.
9. FONSECA, Claudia. "Aliados e rivais na família" In Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. UFRGS, Porto Alegre, 2000. pp 53-88.
10. FONSECA, Claudia. "A outra família brasileira: antropologia, desigualdade e diferença"; "O que significa um filho?"; "Somando mães" In Caminhos da Adoção. Cortez, São Paulo, 2002, 2ª. edição. pp 13-24; 25-42; 75-100.

11. FIGUEIRA, S. (org). "O 'moderno' e o 'arcaico' na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social" In Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986. pp 11-30.
12. GREGORI, Maria Filomena. (1992). Cenas e Queixas, São Paulo, Ed. Paz e Terra/ANPOCS.
13. HEILBORN, Maria L. Dois é par: conjugalidade, gênero e identidade sexual em contexto igualitário. UFRJ, Museu Nacional. 1992. (capítulos a escolher)
14. HÉRITIER, Françoise. "Parentesco" In Enciclopédia Einaudi. Parentesco. Vol. 20. Imprensa Nacional/Casa da Moeda. 1989, pp 27-80.
15. HÉRITIER, Françoise. "Incesto" In Enciclopédia Einaudi. op. cit., pp 95-124.
16. HÉRITIER, Françoise. "Casamento" e "Família" In Enciclopédia Einaudi, op.cit. pp 140-146 e 81-94.
17. HÉRITIER, Françoise. "Homem/Mulher"; "Masculino/feminino". Enciclopédia Einaudi, op.cit. pp 11-26;
18. LÉVI-STRAUSS, Claude. "O problema do incesto" In As estruturas elementares de parentesco. Petrópolis, Vozes, 1982 (1949), pp 50-63.
19. LÉVI-STRAUSS, Claude. "O universo das regras"; "endogamia e exogamia"; "O princípio da reciprocidade" In As estruturas elementares de parentesco. op. cit., pp 69-107.
20. LÉVI-STRAUSS, Claude. "A família" In SHAPIRO, HARRY (org). Homem, cultura e sociedade. Editora Fundo de Cultura, Rio de Janeiro, 1972, pp 309-333.
21. RIBEIRO, Ivete e RIBEIRO, Ana Clara (orgs.). (1995). Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira. Rio de Janeiro, Fundação João XXIII, Edições Loyola.
22. SAMARA, Eni de Mesquita. A família brasileira. São Paulo, Brasiliense, 1983.
23. SARTI, Cynthia Andersen. (2003). A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Cortez. 2003.
24. SINGLY, François de. (2000a). O eu, o casal e a família. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
25. SINGLY, François de. (2000b). Família e individualização. Rio de Janeiro, Editora FGV.
26. TARNOVSKI, Flávio Luiz. Pais assumidos adoção e paternidade homossexual no Brasil contemporâneo. UFSC, PPGAS, Florianópolis, 2002.

## **21. ANT XXXX - ANTROPOLOGIA BRASILEIRA (72 horas/aula)**

EMENTA: História da antropologia no Brasil. A questão nacional. Conceitos, questões e tendências da antropologia no Brasil.

### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA:

1. MELATTI, Julio César. "A antropologia no Brasil: um roteiro". In Boletim Informativo e bibliográfico de Ciências Sociais – BIB. No. 17, 1984.

2. CORREA, Mariza. Historia da Antropologia no Brasil (1930-1960). São Paulo, Vértice, 1987.
3. \_\_\_\_\_ "Traficantes do Excêntrico: os antropólogos no BRASIL dos anos 30 aos 60" In Revista brasileira de ciências sociais. No. 06, 1988.
4. OLIVEIRA, Roberto Cardoso. " O que é isso que chamamos de antropologia brasileira?" In Anuário Antropológico 85.
5. LÉVI-STRAUSS, Claude. "São Paulo" In Tristes Trópicos. Lisboa, Perspectiva do Homem. Edições 70. 1986.
6. VELHO, Otávio. "Os processos sociais no Brasil pós-64: as Ciências Sociais" In SORJ, B. e ALMEIDA, (orgs.) Sociedade e Política no Brasil pós-64. São Paulo, Brasiliense, 1983.
7. VELHO, O'tavio. "Antropologia para sueco ver" In DADOS, no. 23. 1980.
8. PERIRANO, Marisa. Uma antropologia no Plural: três experiências contemporâneas. UNB, Brasília, 1980.
9. \_\_\_\_\_ A favor da etnografia. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 1995.
10. FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. Jose Olimpio, RJ, 1961.
11. BASTIDE, R.; FERNANDES, Florestan. Branços e negros em são Paulo. Editora Nacional. São Paulo, 1959.
12. CANDIDO, Antonio. Os parceiros do Rio Bonito. Duas Cidades, São Paulo, 1971.

## **22. ANT XXXX - ANTROPOLOGIA DA EDUCAÇÃO (72 horas/aula)**

EMENTA: Abordagens antropológicas sobre o processo de ensino e aprendizagem, englobando: estudos sobre socialização, escola de cultura e personalidade, análises sobre cultura e cognição, transmissão de conhecimentos através da oralidade, noções culturais de infância e desenvolvimento infantil, relações estabelecidas por meio da escola, educação escolar indígena.

### **BIBLIOGRAFIA MÍNIMA:**

1. DURKHEIM, Emile (1978): "A educação, sua natureza e função" In *Educação e Sociologia*, São Paulo: Melhoramentos, Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, p.33-56.
2. - MEAD, Margareth (1999): "Introdução" e "Os Arapesh das Montanhas" In *Sexo e Temperamento*, São Paulo: Perspectiva, 4ª edição, p.19-162.
3. - MEAD, Margareth (1999): "Os Mundugumor habitantes do rio", "Os Tchambuli habitantes do lago", "A implicação desses resultados" e "Conclusão" In *Sexo e Temperamento*, São Paulo: Perspectiva, 4ª edição, p.165-302.
4. - BENEDICT, Ruth (1972): "A criança aprende" In *O Crisântemo e a Espada*, São Paulo: Perspectiva, 213-247.
5. - GUSMÃO, Neusa (1997): "Antropologia e educação: origens de um diálogo" In *Cadernos Cedes*, ano XVIII, nº 43, p.8-25
6. - SCHADEN, Egon (1945): Educação e magia nas cerimônias de iniciação" In *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, vol III, nº 8, p.271-274.

7. - FERNANDES, Florestan (1966): "Notas sobre a educação na sociedade Tupinambá" In Educação e Sociedade no Brasil, São Paulo: Dominus e Edusp, p.144-201
8. - COHN, Clarice (2002): "A criança, o aprendizado e a socialização na Antropologia" In Lopes da Silva, Silva Macedo e Nunes (orgs): *Crianças Indígenas, ensaios antropológicos*, São Paulo: MARI/FAPESP/Global, p.213-235.
9. - NUNES, Ângela (1999): *A Sociedade das Crianças A'Uwe-Xavante, por uma Antropologia da Criança*, capítulos 3 e 4, Lisboa:Ministério da Educação, p.113-208.
10. - LOPES DA SILVA, Aracy (2001): "Uma 'Antropologia da Educação' no Brasil? Reflexões a partir da escolarização indígena" In Lopes da Silva e Ferreira: *Antropologia, História e Educação*, São Paulo: MARI/FAPESP/Global, p.29-43.
11. - MACEDO, Ana Vera (1995): "Estratégias Pedagógicas: a temática indígena e o trabalho em sala de aula" In Lopes da Silva & Grupioni: *A temática indígena na escola*, Brasília:MEC/MARI/UNESCO, p.527-568.
12. - BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental (1998): *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Temas Transversais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual*. Brasília: MEC/SEF. (documento)
13. - WALKERDINE, Valerie (1995): "O Raciocínio em Tempos Pós-Modernos" In *Educação e Realidade*, vol.20, nº 2, p.207-226. (texto para seminário)

### 23. ANT XXXX - PESSOA E CORPORALIDADE (72 horas/aula)

EMENTA: Introdução a uma abordagem antropológica da Pessoa e da corporalidade. Tomaremos como ponto de partida a reflexão antropológica clássica sobre as técnicas corporais e sobre a noção de Pessoa, pensados como construções simbólicas, sociais e históricas e os seus cruzamentos em diferentes campos da antropologia. Os estudos de etnologia ameríndia e a centralidade do idioma corporal. O individualismo moderno e seus desdobramentos quanto às concepções de corpo e Pessoa nas culturas urbanas contemporâneas. Gênero, corporalidade e subjetividade. Estudos sobre *embodiment*, experiência e performance. Tecnologia e novas visões sobre o corpo e a Pessoa. Expressões estéticas e midiáticas do corpo e do(s) sujeito(s) contemporâneos.

#### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. GOLDMAN, Marcio. "Uma categoria do pensamento antropológico: a noção de Pessoa" In Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 1996, v.39, nº1, pp.83- 109.
2. MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de Pessoa, a noção do 'Eu', in Sociologia e Antropologia, São Paulo, EPE/EDUSP, 1974, vol.1, pp.207-241.
3. LUKES, Steven. «Conclusion», In CARRITHERS, M. et alii (eds.) The category of person: anthropology, philosophy, history, Cambridge, Cambridge Un. Press, 1985, 282-303. [tradução no xerox]
4. LÉVY-BRUHL, Lucien. La mentalité primitive, Paris, Félix Alcan, 1927. [Introdução e Capítulo I]. [versão em espanhol]
5. LEENHARDT, Maurice. Do kamo. La personne et le mythe dans le monde mélanésien, Paris, Gallimard, 1971. Caps. II: «La notion du corps»; III: «Le vivant et le mort» e XI: «Structure de la Personne dans le monde Mélanésien», pp.54-70; 71-96 e 248-271. [Versão em espanhol]
6. GOLDMAN, Márcio. «Razão e diferença: afetividade, racionalidade e relativismo no pensamento de Lévy-Bruhl, Rio de Janeiro, Ed. Grypho, 1994. (Cap.5): 247-294.

7. MAUSS, Marcel. «As técnicas corporais» [1934], in MAUSS, Sociologia e Antropologia, São Paulo, EPU, 1974, vol. II, pp.209-233.
8. HERTZ, Robert. "La prééminence de la main droite" in Mélanges de sociologie religieuse et de folklore, Alcan. [versão em português]
9. MAUSS, Marcel. «Efeito físico no indivíduo da idéia de morte sugerida pela coletividade» [1926], in MAUSS, Sociologia e Antropologia, São Paulo, EPU, 1974, vol. II, 185-208.
10. MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos [1921], in MAUSS, Marcel. Ensaio de Sociologia, São Paulo, Perspectiva, 1981, 225-235.
11. SEEGER, A., DA MATTA, R. e VIVEIROS DE CASTRO, E. «A construção da Pessoa nas sociedades indígenas brasileiras», in: Boletim do Museu Nacional, Rio de Janeiro, Museu Nacional, nº32, maio 1979, pp.2-19.
12. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Araweté, os deuses canibais, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986, «Introdução: 1. Os deuses canibais»; Cap. II: «3. Nota breve sobre a Pessoa»; Cap VI: «1.b: Só os ossos esquecem», 22-32; 117-127; 494-526.
13. LIMA, Tânia Stolze. "O dois e seu múltiplo: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia Tupi", Mana 2, pp. 21-47.
14. DUMONT, Louis. Homo Hierarchicus: le système de castes et ses implications, Paris, Gallimard, 1966. Introduction, 13-35. [versão em português no xerox]
15. DUMONT, Louis. O individualismo. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio, Rocco, 1985a. Introdução, Cap. I: Gênese I. Do indivíduo-fora-do-mundo ao indivíduo-no-mundo; 11-31.
16. SIMMEL, Georg, A metrópole e a vida mental, in Velho, Otavio G. O fenômeno urbano, Rio Zahar, 1979.
17. ELIAS, Norbert. Mozart. Sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. [Partes]
18. ARAÚJO, Ricardo Benzaken de & VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. "Romeu e Julieta e a origem do Estado, in VELHO, Gilberto (org.), Arte e sociedade. Ensaio de sociologia da arte, Rio de Janeiro, Zahar, pp.130-169.
19. VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1994. Cap. II. Trajetória individual e campo de possibilidades, 31-48.
20. FOUCAULT, Michel. Tecnologias del Yo y otros textos afines, Barcelona, Paidós, 1990. (Também no *Ditos e Escritos*, Vol. II).
21. FOUCAULT, Michel. "O Sujeito e o poder" in RABINOW, Paul & DREYFUS, Hubert. Michel Foucault, uma trajetória filosófica, São Paulo, Ed. Forense Universitária, 1995.
22. FOUCAULT, Michel. História da sexualidade. III. A vontade de Saber, Cap. II: "A cultura de si", RJ, Graal, 1985, pp. 43-73.
23. RABELO, Miriam & ALVES, Paulo Cesar. Corpo, Experiência e Cultura. In : LEIBNING, Anette (org.) Tecnologias do corpo : uma antropologia das medicinas no Brasil. Nau Editora, 2004, 175-200.
24. DUARTE, Luiz Fernando Dias. Indivíduo e pessoa na experiência da saúde e da doença. Ciênc. saúde coletiva, 2003, vol.8, no.1, 173-183.
25. GOLDMAN, Márcio. «A construção ritual da pessoa: a possessão no Candomblé», in Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, Ed. Campus, agosto/1985, 12/1, 22-54.
26. GOLDENBERG, Mirian & RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas : o corpo como valor. In : GOLDENBERG, Mirian (org.) O nú e o vestido : dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca, RJ, Record, 2002, 19-40.
27. ALEM, Tania. As novas tecnologias reprodutivas: o estatuto do embrião e a noção de pessoa. Mana, Apr. 1997, vol.3, no.1, 75-94.

28. GUIMARAES JR., Mário J. L. De pés descalços no ciberespaço: tecnologia e cultura no cotidiano de um grupo social *on-line*. Horizontes. antropológicos, jan./jun. 2004, vol.10, no.21, p.123-154.
29. HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: TADEU DA SILVA, Romaz (org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, Vozes, 2000.
30. AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. Mana. Estudos de Antropologia Social, Oct. 2001, vol.7, no.2, 7-33.
31. BUTLER, Judith. “Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do ‘pós-modernismo’”, Pagu, 11, 1998, 11-42.
32. MOUFFE, Chantal. Por uma política da identidade nômade, Debate Feminista. Cidadania e feminismo, 1999, 266-275.

#### **24. ANT XXXX - ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS**

EMENTA: Relações raciais e racismo no Brasil. Relações interétnicas e Identidade étnica.

Estudos sobre os negros no Brasil.

##### **BIBLIOGRAFIA MÍNIMA**

1. SCHWARCZ, Lília Moritz. Retrato em branco e negro: jornais escravos e cidadãos Em São Paulo no final do século XIX. São Paulo. Companhia das Letras. 1987
2. NOGUEIRA, Oracy. Tanto preto quanto branco: estudo de relações raciais. São Paulo T. A Queiroz, 1981
3. BANTON, Michel. A idéia de raça. Lisboa: Martins Fontes.
4. SKIDMORE, Thomas E. Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
5. DUNN, L. C. e outros. Raça e Ciência II. São Paulo: Perspectiva.
6. SCHWARTZ, Lília M. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras.
7. SCHWARCZ, Lília Moritz, QUEIROZ, Renato da Silva. (orgs). Raça e diversidade. São Paulo: Edusp.
8. SEYFERTH, Giralda. “A invenção da raça e o poder dos estereótipos”. Anuário Antropológico/ 93, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
9. MAIO, M.C., SANTOS, R.V. (orgs.). Raça, ciência e sociedade. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB.
10. MONTES, Maria Lúcia. “Raça e identidade: entre o espelho, a invenção e a ideologia” In SCHWARCZ, Lília Moritz, QUEIROZ, Renato da Silva. (orgs). Raça e diversidade. São Paulo: Edusp. 1996. (pp. 47-75)
11. SEVCENKO, Nicolau. “As alegorias da experiência marítima e a construção do europocentrismo”. Idem. (pp. 113-145)
12. QUEIROZ, Renato da Silva. “Tanto preto quanto branco, mas sobretudo pretos”. Idem. (pp. 297-305)
13. FRY, Peter. A persistência da Raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África Austral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005.
14. REZENDE, C. B.; MAGGIE, Y. (orgs), Raça como retórica: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

15. GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. "Preconceito de cor e racismo no Brasil" In Revista de Antropologia da USP, São Paulo: 2004. (pp.9-43)
16. VENTURA SANTOS, Ricardo e MAIO, Marcos Chor Qual "retrato do Brasil"? Raça, biologia, identidades e política na era da genômica" In Mana. Estudos de Antropologia Social. 10(1) (pp. 61-95). PPGAS/Museu Nacional. Rio de Janeiro. 2004.
17. GOLDMAN, Márcio. "Segmentariedades e movimentos negros nas eleições em Ilhéus" In Mana. Estudos de Antropologia Social. 7(2) (pp. 57-93) PPGAS/Museu Nacional. Rio de Janeiro. 2001.

## **25. ANT XXXX - VIOLÊNCIAS E CONFLITOS: A CONSTRUÇÃO DO PERIGO E DA SUJEIRA**

EMENTA: Trata-se de uma introdução ao campo dos estudos sobre os fenômenos chamados genericamente de "violência" com especial atenção aos seus fundamentos, à sua construção simbólica e ao domínio das relações interpessoais. São destacadas os problemas teóricos e o estudo de situações empíricas, bem como os dilemas éticos e práticas de intervenção social.

BIBLIOGRAFIA MÍNIMA:

1. CLASTRES, Pierre. (1988). A sociedade contra o Estado. Rio de Janeiro, Francisco Alves.
2. CORRÊA, Mariza. (1981). Morte em família. São Paulo: Graal.
3. DAHRENDORF, Ralf. (1987). A lei e a ordem. Brasília, Bonn, Instituto Tancredo Neves/Fundação Friedrich Naumann.
4. GREGORI, Maria Filomena. (1993). Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e prática feminista. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra/ ANPOCS.
5. GROSSI, Miriam. (1995) "Novas/ velhas violências contra a mulher no Brasil". Revista Estudos Feministas (4).
6. LIMA, Roberto Kant de. (1994). A polícia na cidade do Rio de Janeiro: seus dilemas e paradoxos. Rio de Janeiro: Forense.
7. MORAES, E. (org.) (1983) Simmel: Sociologia. São Paulo: Editora Ática.
8. RIFIOTIS, Theophilos. (1997). "Nos campos da violência: diferença e positividade". Antropologia em Primeira Mão (19):1-18.
9. RIFIOTIS, Theophilos. (1999). "A Mídia, o leitor-modelo e a denúncia da violência policial: o caso Favela Naval (Diadema)". Revista São Paulo em Perspectiva 13(4):28-41.
10. RIFIOTIS, Theophilos. (2001). Les Médias et les Violences : points de repères sur la «réception». (Conferência no Centre Internatinal de Criminologie Comparée – Universidade de Montreal). Antropologia em Primeira Mão (51).
11. SOARES, Bárbara Musumeci. (1999). Mulheres invisíveis. Violência conjugal e novas políticas de segurança. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

12. SOARES, Luiz Eduardo et alli. (1996). Violência e Política no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, ISER/Relume Dulmará.
13. VELHO, Gilberto & ALVITO, Marcos. (1996). Cidadania e violência. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, Editora FGV.
14. ZALUAR, Alba (1999). "Violência e Crime". O que ler na Ciência Social brasileira. Antropologia (1970-1995). São Paulo, Brasília, Editora Sumaré, CAPES.

**26. ANT 7337 - LEITURAS ETNOGRÁFICAS I (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de trabalhos etnográficos sobre temas específicos na antropologia.

**27. ANT 7338 - LEITURAS ETNOGRÁFICAS II (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de trabalhos etnográficos sobre temas específicos na antropologia.

**28. ANT 7351 - TÓPICOS ESPECIAIS EM ANTROPOLOGIA I (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de temas específicos na Antropologia.

**29. ANT 7352 - TÓPICOS ESPECIAIS EM ANTROPOLOGIA II (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de temas específicos na Antropologia.

**30. ANT 7353 - TÓPICOS ESPECIAIS EM ANTROPOLOGIA III (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de temas específicos na Antropologia.

**31. ANT 7354 - TÓPICOS ESPECIAIS EM ANTROPOLOGIA IV (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de temas específicos na Antropologia.

**32. ANT 7355 - TÓPICOS ESPECIAIS EM ANTROPOLOGIA V (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de temas específicos na Antropologia.

**33. ANT 7356 - TÓPICOS ESPECIAIS EM ANTROPOLOGIA VI (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de temas específicos na Antropologia.

**34. ANT 7357 - TÓPICOS ESPECIAIS EM ANTROPOLOGIA VII (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de temas específicos na Antropologia.

**35. ANT 7358 - TÓPICOS ESPECIAIS EM ANTROPOLOGIA VIII (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de temas específicos na Antropologia.

**36. ANT 7359 - TÓPICOS ESPECIAIS EM ANTROPOLOGIA IX (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de temas específicos na Antropologia.

**37. ANT 7360 - TÓPICOS ESPECIAIS EM ANTROPOLOGIA X (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de temas específicos na Antropologia.

**38. ANT 7343 - DEBATES ATUAIS EM ANTROPOLOGIA** (72 horas/aula)

EMENTA: Estudo de um tema de interesse atual na área da antropologia.

## DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA

### ÁREA DE SOCIOLOGIA

#### 1. SPO 7121 - SOCIOLOGIA URBANA (72 horas/aula)

EMENTA: Problemas de conceituação e definição do objeto da Sociologia Urbana. Evolução histórica das diversas interpretações do fenômeno urbano. As relações entre urbanização e industrialização no Brasil. Problemas urbanos: a questão da habitação e da violência nas cidades. Intervenção do Estado e o planejamento urbano. A intervenção dos cidadãos e os movimentos sociais urbanos.

#### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. CASTELIS, Manuel. "Hay una sociologia Urbana?" (in) Problemas de investigacion en sociologia urbana. Argentina. Siglo Veintiuno, 1972, pp. 17-28 e 38-44.
2. SINGER, Paul. "A guisa de introdução: urbanização e classes sociais" (in) Economia Política da Urbanização. SP, Brasiliense, 1981, (8ª ed.) pp. 11-28.
3. PIATÃO. A República, Trad. de Carlos Alberto Nunes, Belém, Ed. da Universidade Federal do Para, 1988, pp. 94-105.
4. MOORE, Thomas. A Utopia, RJ, Athena Editora, 1937, pp. 75-79 e 93-101. Extrato da obra de Robert Owen (in) CHOAY, Françoise. O Urbanismo. Utopias e realidades: uma antologia. SP, Ed. Perspectiva, 1979, pp. 61-65.
5. ENGEIS, F. "A situação da classe operária na Inglaterra" (in) FERNANDO, Florestan (org.) K. Marx F. Engels. História, SP, Atica, 1989 (3ª ed.) pp. 308-318.
6. ENGEIS, F. A questão da habitação. BH, Aldeia Global, Ed., 1979, pp. 21-31.
7. WIRTH, Louis. "O Urbanismo como modo de vida" (in) VELHO, Otávio G. (org.) O Fenômeno Urbano, RJ, Zahar, 1967, pp. 97-122.
8. KOWARICK, Lucio. Capitalismo e marginalidade na América Latina. RJ, Paz e Terra, 1973, Cap. IV, pp. 74-79.
9. OLIVEIRA, Francisco. A Economia Brasileira: crítica à Razão Dualista, Petrópolis, Vozes/Cebrap, 1981, pp. 31-36.
10. RIBEIRO, I. C. de Queiroz e PECHMAN, R. O que é a questão da moradia. SP, Brasiliense, (Col. Primeiros Passos), 1983. (Será discutido sobretudo o cap. 3).
11. CHINELLI, Filipina. "Os loteamentos de periferia": (in) VALLADARES, Licia do P. (org) Habitação em Questão, RJ, Zahar, 1980, pp. 49-68.
12. LIMA, M. Helena B. "Em Busca da Casa Própria: autoconstrução na Periferia do Rio de Janeiro" (in) VALLADARES op. cit. pp. 69-91.
13. PAIXÃO, Antônio I. "Crimes e Criminosos em Belo Horizonte" (in) PINHEIRO, Paulo S. (org.) Crime, Violência e Poder. SP, Brasiliense, 1983, pp. 13-44.
14. ZALUAR, Alba. "Condomínio do Diabo: as Classes Populares Urbanas Urbanas e a Lógica do Ferro e do Fumo" (in) PINHEIRO, op. cit., pp. 251-277.
15. CHUDACOFF, Howard. A Evolução da Sociedade Urbana. RJ, Zahar, 1977, Cap. 3, pp. 91-112.
16. BANAKOUCHE, Tamara. "transformar o mundo e o espaço a partir das novas Tecnologias de Comunicação..." "Texto mimeo, extraído da Tese de Doutorado Du Téléphone aux Nouvelles Technologi: implications sociales et spatiales des réseaux de télécommunications au Brésil, Univ. de Paris XII, 1989.
17. TOFFIER, Alvin. A Terceira Onda. RJ, Record, 15ª ed. Caps 16 (pp. 199-211) e 19 (pp. 246-265).
18. BICCA, Paulo. "Brasília: mitos e realidades" (in) PAVIANI, Aldo (org.) Brasília: Ideologia e Realidade. Espaço Urbano em Questão, SP, Projeto Ed. 1985, pp. 101- 133.
19. BRASILEIRO, Ana Maria. "Políticas Sociais para Area Urbanas" (in) DINIZ, Eli (org.). Políticas Públicas para Área Urbanas. Dilemas e Alternativas, RJ, Zahar, 1982, pp. 43 66.

## 2. SPO 7156 - SOCIOLOGIA RURAL (72 horas/aula)

EMENTA: Raízes teóricas, tendências e perspectivas da Sociologia Rural. A Estrutura agrária brasileira: formas de uso e relações de propriedades. Estrutura agrária catarinense: evolução histórica, tendência e perspectivas. A cooperação do meio rural. Os camponeses e a política. O movimento do capital no campo: formas de desenvolvimento, tendências e perspectivas. Reforma agrária.

### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. PAULILO, M.I. 1996. *Terra à vista ... e ao longe*. Fpolis: Ed. da UFSC.
2. POLI, O 1999. *Movimentos Sociais*. Chapecó: Grifos, p. 1/62.
3. ABRAMOVAY, R. 1992. *Paradigmas do capitalismo agrário em questão*. SP –RJ- Campinas: HUCITEC; ANPOCS; UNICAMP.
4. DIEGUES, Antonio Carlos. 1996. *O mito moderno da natureza intocada*. SP: Hucitec.
5. PRESVELOU, C. 1996. Família, auto-suficiência alimentar e desenvolvimento. IN: PRESVELOU; ALMEIDA E ALMEIDA. *Mulher, família e desenvolvimento rural*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 13/23.
6. GONÇALVES NETO, W. 1997. *Estado e Agricultura no Brasil; política agrícola e modernização econômica brasileira 1960-1980*. SP: HUCITEC.
7. LEFF, H. 1998. *Ecologia, capital e cultura: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável*. Blumenau: Ed. da FURB.
8. ALMEIDA, J. 1999. *A construção social de uma nova agricultura*. Porto Alegre: UFRGS.
9. BLOS, W. 1999. O turismo rural na transição para um outro modelo de turismo rural. *Op. Cit.*, p. 199/222.
10. RODRIGUES, I. da S. 1999. A avaliação da paisagem para fins de desenvolvimento turístico. *Op. Cit.* P. 223/244
11. INCRA/FAO. 2000. Novo retrato da agricultura familiar: o Brasil redescoberto. Brasília, 74p.
12. FROEHLICH, J.M. 2000. Turismo rural e agricultura familiar: explorando (criticamente) o cruzamento de abordagens e estratégias para o “desenvolvimento”. IN: ALMEIDA e RIEDL (orgs.) *Ecologia, Lazer e Desenvolvimento*. Bauru, SP: EDUSC.
13. PAULILO, M.I. 2000. Mulher e cidadania. *Serviço Social em Revista*. Londrina: Ed. da UEL.
14. ANDRADE, M. C. de. 2002. *O Brasil e a questão agrária*. Recife: UFPe.
15. FERREIRA, A D. 2002. Processos e sentidos sociais do rural na contemporaneidade: indagações sobre algumas especificidades brasileiras. *Estudos Sociedade e Agricultura*. RJ: UFRRJ-CPDA, n. 18, abril de 2002.
16. ALVES, Maurício. 2002 Agricultura familiar: desequilíbrio ambiental e riscos sociais no município de São Ludgero-SC. *Revista de Ciências Humanas*, n. 31.
17. SILVA, M. M. 2003. A fumicultura em Santa Catarina: discutindo a rentabilidade à luz das implicações sociais e econômicas. IN: PAULILO e SCHMIDT. 2003. *Agricultura e espaço familiar em Santa Catarina*. Fpolis: UFSC.
18. PAULILO, DE GRANDI e SILVA. 2003. Mulher e atividade leiteira: a dupla face da exclusão. IN: PAULILO e SCHMIDT. *Op. Cit.*, p. 15/38.

## 3. SPO 7160 - SOCIOLOGIA DO TRABALHO (72 horas/aula)

EMENTA: Problemas de conceituação e definição do objetivo da sociologia do trabalho. Relações de produção, de trabalho e de distribuição. Trabalho assalariado nos diversos setores da produção. Industrialização: processo de trabalho, tecnologia e automação. Emprego e desemprego. Trabalho material e imaterial. Mundialização do capital e os mundos do trabalho. Sindicato e movimentos sociais.

### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. OFFE, C. Trabalho: Categoria chave da sociologia? In: Revista trabalho e Sociedade, RJ, Tempo Brasileiro, 1989, vol. 1.
2. ANTUNES, R. Adeus ao trabalho? SP, Brasiliense, 1995.

3. ANTUNES, R. Os sentidos do trabalho. SP, Boitempo, 2000.
4. LAFARGUE, P. O direito à pesquisa. SP, Kairós, 1980.
5. CASTEL, R. Metamorfoses da questão social. P. 95-209.
6. HOBBSAWM, E. Pessoas extraordinárias. RJ, Paz e Terra, 1999, cap. 2, 4, 5 e 8.
7. MARX, Karl. O processo de trabalho e processo de produzir mais valia. In: O capital. Liv. 1, Vol. 1, cap. V e VI. RJ, Civilização, 1968.
8. MARX, Karl. O capítulo inédito. SP, Ciências Humanas, 1978.
9. MARX, K. A cooperação. In: O capital. Liv. 1, Vol. 1, cap. XI. RJ, Civilização, 1968.
10. \_\_\_\_\_. Divisão do trabalho e manufatura. O capital, Liv. 1, Vol. 1, cap. XII, RJ, Civilização, 1968.
11. MARX, K. A jornada de trabalho. O capital, Liv. 1, Vol. 1, cap. XIII. RJ, Civilização, 1968.
12. MARX, K. A lei geral de acumulação capitalista. O capital, Liv. 1, Vol. 1, cap. XXIII. RJ, Civilização, 1968.
13. LOBO, E. A classe operária tem dois sexos. SP, Brasiliense, 1991.
14. \_\_\_\_\_. O gênero da representação: movimento de mulheres e representação política no Brasil (1980-1990). In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 17, 1991.
15. HOBBSAWM, E. Pessoas extraordinárias. RJ, Paz e Terra, 1999, cap. 7 e 17.
16. CUNHA, L. A. O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização. Brasília: Unesp, 2000. cap. 1 e 2.
17. CUNHA, L. A. O ensino profissional na irradiação do industrialismo. Brasília: Unesp, 2000, cap. 6.
18. PEREIRA, V.M.C. Quem são os desempregados para a sociologia? In: Natureza, História e Cultura: repensando o social. Porto Alegre, UFRGS. 1993.
19. AUED, B.W. Histórias de profissões em Santa Catarina. Florianópolis: Palotti, 1999.
20. AUED, B. W. Histórias de profissões em Santa Catarina. Florianópolis, Palotti, 1999.
21. ARRIGUI, G. A ilusão do desenvolvimento. Petrópolis, Vozes, 1996.
22. ANTUNES, R. A rebeldia do trabalho. Campinas. Unicamp, 1986.
23. \_\_\_\_\_. A crise e os sindicatos. Teoria e debate. Nº 20, 1993.
24. AZNAR, G. Trabalhar menos para trabalharem todos. SP, Página Aberta, 1995.
25. BRAVERMAN, H. Trabalho e capital monopolista. SP, Guanabara, 1974.
26. BRESCIANI, L.P. Tecnologia, Organização do trabalho e ação sindical: da resistência à contratação. SP, Escola Politécnica, 1991.
27. BRESCIANI, S. Introdução. In: Ensaios de Ego-história. RJ, ed. 70 Ltda, 1987.
28. BRIDGES, W. Um mundo sem empregos. SP, Makron, 1996.
29. BUENO, R. e outros. Capital e trabalho. RJ, Rio Fundo Editora, 1991.
30. CAPISTRANO, D. Adeus ao Trabalho? In. Revista Atenção. Página Aberta, Outubro de 1995.
31. CASTRO, N. e Guimarães. A. Trabalho, sindicalismo e reconversão industrial no Brasil nos anos 90. SP, In: Revista Lua Nova. Nº 22. CEDEC, 1990.
32. \_\_\_\_\_. Desigualdades raciais no mercado e nos locais de trabalho. In: Revistas Estudos Afro Asiáticos Nº 24, RJ, 1993.
33. COMIN, A. e outros. O mundo do trabalho. SP, Escrita, 1994.
34. DENIS, H. Histórias geral do pensamento econômico. Lisboa: Horizontes, 1974.
35. FRIEDMANN, G. Tendências de hoje, perspectivas de amanhã. In. Tratado de sociologia do trabalho. SP, Cultrix, 1973.
36. GOMES, A. C. A invenção do trabalhismo. SP, Vértice, 1968.
37. GORZ, A. Adeus ao roletariado. RJ, Forense, 1987.
38. HESÍODO. Os trabalhos e os dias. SP, Iluminuras, Projeto e Produção Editoriais, 1991.
39. HOBBSAWM, E. Mundos do Trabalho. RJ, Paz e Terra, 1987.
40. \_\_\_\_\_. A era dos extremos. SP, Brasiliense, 1995.
41. HIRATA, H. E outros. Alternativas sueca, italiana e japonesa ao paradigma fordista: elementos para uma discussão sobre o caso brasileiro. RS, (org) Gestão da qualidade, tecnologia e participação. Brasília. Cadernos Codeplan. Nº 1, 1992.
42. HARVEY, D. A condição pós moderna. SP, Loyla, 1989.
43. KEYNES, J. Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro. SP, Abril, 1983.
44. KLEIN, L. O professor decreta o fim da escola. In. Revista Intermeio. Vol. 1, nº 2, Campo Grande. Ed. UFMS, 1995.
45. KURZ, R. O colapso da modernização. SP, Paz e Terra, 1993.

46. LAMPEDUSA, G. O Leopardo. SP, Abril, 1974.
47. LIPIETZ, A. Audácia. Uma alternativa para o século 21. São Paulo: Nobel, 1991.
48. LEITE, M. de P. Novas tecnologia subjetividade operária. SP, Escrita, 1994.
49. LOPES, J. Sociedade Industrial no Brasil. RJ, Difel, 1965.
50. \_\_\_\_\_. Líneas fundamentales de la crítica de la economía política. (Grundrisse). Barcelona:Grijalbo, 1977.
51. MANTOUX, P. A revolução Industrial do Século XVIII. SP, Hucitec, S.D.
52. MARQUES, R.M. Automação Micro-Eletrônica e o Trabalho. SP, Bienal, S.D.
53. Mercado de Trábalo em Santa Catarina. In: Estudo Especial DIEESE. Florianópolis, junho de 199.
54. NAHEL, J.Trabalho Coletivo e Trabalho Produtivo. Lisboa, Editora Prelo, 1975.
55. NEDER, R.T. AutomaçãoE Movimentos no Brasil. SP, Hucitec, 1988.
56. NEG, O. Dialética, História e Movimento. SP, Instituto Goethe, 1989.
57. PAOLI, M. C. e outro. Pensando a Classe Operária: Os Trabalhadores Sujeitos ao imaginário acadêmico. In Revista Brasileira de História, SP, nº 6.
58. PEREIRA, L. Trabalho e Desenvolvimento no Brasil. SP, Difel, 1965.
59. PEREIRA, L. C. e outros. O Colapso da Modernidade. In. Novos Estudos Cebrap. Nº 36, junho, 1993.
60. PERROT, M. Os Excluídos. RJ, Paz e Terra, 1988.
61. \_\_\_\_\_. O Espírito da Época. In: Ensaio de Ego-História.RJ, Ed. 70, Ltda, 1987.
62. RESTRUTURAÇÃO TECNOLÓGICA NO COMÉRCIO EM SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS, dezembro de 1996.
63. RODRIGUES, NETO, B. de M. Marx. Taylor. Ford. SP, Brasiliense, 1988.
64. RODRIGUES, L. M. Sindicalismo e Sociedade. SP, Difusão Européia do Livro, 1968.
65. RUBIN, I. Teoria Marxista do Valor. SP, Brasiliense, 1980.
66. RIFKIN, J. O Fim dos Empregos. SP, Mackron Books, 1995.
67. SMITH, A. A Riqueza das Nação. SP, Abril Cultural, 1983.
68. SELIGMANN, E. Desgaste Mental do Trabalho. SP, Cortez Editora, 1994.
69. SIMÃO, A. Sindicato e Estado. SP, Dominus, 1996.
70. SERAFIM LEITE, S.I. Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil, Lisboa, Brotéria, 1953.
71. THOMPSON, E.P. A Formação da Classe Operária Inglesa. RJ, Paz e Terra, 1987.

#### 4. SPO 7161 - SOCIOLOGIA DAS ORGANIZAÇÕES (72 horas/aula)

EMENTA: Racionalização e história: do modo de produção asiático ao "capitalismo de organização". organização e Sociedade: a crise do capitalismo; da teoria da administração à Psicologia das organizações e do comportamento burocrático: mediação ou dominação - organização com sistema social; organização como poder político. Exploração do trabalho, participacionismo, co-gestão operária e auto-gestão social, na sociedade contemporânea.

#### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. CAMPUS, Edmundo (org). Sociologia da Burocracia, SP, Zahar, 1988.
2. LAPASSADADE, G. Grupos, Organizações e Instituições, RJ, Francisco Alves, 1977.
3. MOTTA, Fernando P. O que é Burocracia, SP, Brasiliense, 1981.
4. DEUTCHER, Tamara, Raízes da Burocracia.
5. TRATENBERG, M. Burocracia e Ideologia, SP, Editora Ática, 1980.
6. FARIA, José Henrique. O autoritarismo nas Organizações, Curitiba, Ed. Criar, FAE, 1985.
7. MARX, Karl, Crítica da Filosofia do Direito de hegel, Lisboa, Ed. Presença.
8. GARCIA, Fernando C. Partidos Políticos e Teorias das Organizações, SP, Cortez Morales.
9. MARTINS, Elcisa H.T. de Souza. O Estado ea Burocratização dos Sindicatos no Brasil, SP,
10. MARTINS, Luciano. A burocracia brasileira, UNICAMP.
11. TRATENBERG, M. Administração, Poder e Ideologia, SP, Ed. Ática.
12. WRIGHT, Erick Classe, Crise e Estado, RJ, Zahar.
13. MOTTA, Fernando P. BRESSER, Pereira. Introdução à Organização Burocratica, SP, 1980.

14. BRAUERMANN, Harry. Trabalho e Capital Monopolista - a Degradação do Trabalho no Século XX, RJ, Zahar.
15. ALVES, Denise. O Desenvolvimento Mercado, Petrópolis, Vozes, 1985.
16. CUNHA, Maria Clementina. O Espelho do Mundo : a história de um asilo: Paz e Terra.
17. COSTA, Nelson (org). Saúde Mental e Cidadania da Saúde Mental no Brasil, Petrópolis, Vozes
18. CANGLIANI, Nestor Garcia. As Culturas Populares no Capitalismo, SP, Brasiliense, 1985.
19. FOUCAULT, Michel. A Microfísica do Poder, RJ, Ed. Geral Ltada, 1981.
20. FALEIROS, Vicente de Paula. A Política Social do Estado Capitalista, SP, Cortez, 1983.
21. GOFFMANN, Erwing. Manicônios, Prisões e Conventos, SP, Ed. Perpesctiva, 1974.
22. LASCH, Christophor. O Mínimo Eu - Sobrevivência psíquica em tempos difíceis, SP, 1986.
23. SILVA, Carlos Eduardo Luis. Muito do Jardim Botânico, SP, 1988.
24. SZASZ, Jonas. A Fabricação da Loucura, Zahar.
25. COELHO, Teixeira. O que é Indústria Cultura, SO, Brasiliense, Col. Primeira, nº 08.
26. WINCKLET, Carlos Roberto. Pornografia e Sexualidade no Brasil. PA., Mercado Aberto, 1983.
27. NILASI, Luiz Augusto. O Paraíso Via-Embratel. RJ, Paz e Terra, 1978.
28. ARANTES, Antônio Augusto. O que é Cultura Popular, SP, Brasiliense, nº 36, 5ª Edição.
29. CASTORIANES, Cornélius.. Socialismo e Barbárie, SP, Brasiliense, 1983.
30. FGUILHERM, A e BOURDET, Auto-Gestão, uma experiência radical, SP, Zahar, 1976.
31. BASAGLIA, Franco. A Instituição Negada, Editora Graal.
32. CHAUI, Marilena. Conformismo e Resistência, SP, Brasiliense, 1986.
33. MAGNANI, José Guilherme. Festa no pedaço.
34. PEREIRA, C.M. O que é contra a cultura. SP, Brasiliense, Primeiros Passos.
35. VENOSA, Roberto (org). Participações e participações - Ensaios sobre auto-gestão, 1987.
36. VALADARES, Nanci. O governo pela autonomia, A família de que se fala e a família de sofre
37. MARCELLINO, N.C. Lazer e Humanização, Campinas, editora Paferies, 1983.

##### **5. SPO 7144 - SOCIOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO (72 horas/aula)**

EMENTA: As Ciências Sociais e a caracterização do desenvolvimento. Sociologia do Desenvolvimento: conceito e teorias. O desenvolvimento brasileiro e a acumulação monopolista. Atuação das classes e grupos sociais e o papel do Estado no Brasil.

##### **BIBLIOGRAFIA MÍNIMA**

1. SMITH, Adam. Uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações. Livro I, Cap. 1 a 3 pp. 1-13.
2. MEIER, Gerald; BALDWIN, Robert. Desenvolvimento econômico. SP, Mestre Jou, 1968. Pp. 37-70 (cap. 1:Análise clássica).
3. MARX, Karl. O Capital, seção 7, O processo de acumulação de capital. Cap. XXIII, "A lei geral da acumulação capitalista", In: FERNANDES, Florestan (Ed.). Marx Engels: História. SP, Ática, 1983, pp. 381-393.
4. GIDDENS, Anthony. A teoria do desenvolvimento capitalista. In: Capitalismo e moderna teoria social. Lisboa: Presença, 1990, pp. 83-105.
5. LÊNIN. O imperialismo, fase final do capitalismo. SP, Mandacaru, 1990, pp. 60-97 (Caps. 4,5,6 e 7)
6. CATANI, Afrânio Mendes. O que é imperialismo. SP, Brasiliense, 1981, pp. 10-58 (Lênin e a questão do Imperialismo).
7. DURKHEIM, Emile. "Solidariedade mecânica", "Solidariedade orgânica" e "Preponderância progressiva"
8. da solidariedade orgânica". In: RODRIGUES, José A. (Ed.) Durkheim. Sociologia. SP, Ática, 1984, pp. 73-96.

9. ARON, Raymond. As etapas do pensamento sociológico. SP, Martins Fontes; UnB, 1990, pp. 297-307.
10. PARETO, Vilfredo. Tratado de Sociologia Geral, 2178 e 2227 até 2236.
11. SZTOMPKA, Piotr. A sociologia da mudança social, pp. 249-262).
12. SCHUMPETER, Joseph. A teoria do desenvolvimento econômico. Cap. II.3. In Coleção Os Economistas. SP, Nova Cultura, 1988, pp 54-66.
13. SOUZA, Nali de Jesus de. Desenvolvimento econômico. SP, Atlas, 1999, pp. 174-189 (Cap. 6: Desenvolvimento na visão schumpeteriana).
14. ROSTOW, Walt. Etapas do desenvolvimento econômico. RJ, Zahar, 1974, pp. 16-30.
15. MACHADO, Lia Pinheiro. Alcance e Limites das teorias da modernização, In: Sociologia do desenvolvimento. RJ, Zahar, 185-206.
16. PREBISCH, Raul. Dinâmica do desenvolvimento latino-americano. RJ, Fundo de Cultura, 1968, pp. 11-31.
17. MANTEGA, Guido. A economia política brasileira. Petrópolis, RJ, Vozes, 1995, 8ª ed., pp. 32-48.
18. GUNDER-FRANK, André. Desenvolvimento do subdesenvolvimento latinoamericano. In: PEREIRA, Luis (Ed.). Urbanização e subdesenvolvimento. RJ, Zahar, 1976, pp. 25-38.
19. MANTEGA, Guido. A economia política brasileira. Petrópolis: Vozes, 1995, 8ª ed., pp. 210-236.
20. CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. Dependência e desenvolvimento na América Latina. RJ, Zahar, 1970, pp. 9-38 (Caps. 1 e 2).
21. SINGER, Paul. De dependência em dependência: consentida, tolerada e desejada. In: Estudos Avançados, 12(33), pp. 119-130, 1998.
22. SACHS, Ignacy. Trabalho, alimentação e energia no ecodesenvolvimento urbano. In: Espaços. Tempos e Estratégias do desenvolvimento. SP, Vértice, 1986, pp. 142-167.
23. VIEIRA, Paulo Freire. Meio ambiente, desenvolvimento e planejamento. In: VIOLA, Eduardo et alii (Eds.). Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania. Novos desafios para as ciências sociais. Florianópolis: UFSC; São Paulo: Cortez, 1995, pp. 45-98.
24. COCCO, Giuseppe et alii. Desenvolvimento local e espaço público na Terceira Itália: questões para a Brasileira. In: COCCO, Giuseppe et alii (Eds). Empresários e empregos nos novos territórios produtivos O caso da Terceira Itália. RJ: DP&A, 2002, pp. 13-32.
25. BAGNASCO, Arnaldo. A teoria do desenvolvimento e o caso italiano. In: ARBIX, Glauco et alii (Eds). Razões e ficções do desenvolvimento. SP, Edunesp, Edusp, 2001, pp. 349-363.
26. SALLUM Jr, Brasílio. Liberalismo e desenvolvimento no Brasil dos anos 90. In: ARBIX, Glauco et alii (Eds) Razões e ficções do desenvolvimento. SP, EdUnsp, Edusp, 2001, pp. 311-347.
27. FIORI, José Luis, Neoliberalismo e políticas. In: Os moedeiros falsos. Petrópolis, Vozes, 1997, pp. 201-213.
28. HIRST, Paul. Globalização: mito ou realidade? In: FIORI, José Luis et alii (Eds). Globalização: o fato e o Mito. RJ, EDUERJ, 1998, pp. 101-120.
29. TAVARES, Maria da Conceição; MELIN, Luiz Eduardo. Mitos globais e fatos regionais: a nova desordem Internacional. In: FIORI, José Luis et alii (Eds). Globalização: o fato e o mito. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998, pp. 41-54.

## 6. SPO 7165 - PLANEJAMENTO SOCIAL (72 horas/aula)

EMENTA: Antecedentes históricos do planejamento. Planejamento na concepção capitalista. Planejamento: conceito e limites. Aspectos metodológicos do planejamento geral e do Planejamento Social. Planejamento Social no Brasil, questões sociais, políticas, ideológicas e econômicas. Planos globais, regionais, setoriais. Prática de planejamento social.

### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. HELLER, Ágnes: a) "Valor e história", In: **O cotidiano e a história**, SP, Paz e Terra, 1989, p. 1-15 e b) "Estrutura da vida cotidiana", idem, p. 17-41
2. HELLER, Ágnes. "A situação moral na modernidade" In: HELLER, Ágnes e FEHÉR, Ferenc. **A condição política pós-moderna**, RJ, Civ. Brasileira, 1998, p. 69-89.

3. HELLER, Ágnes e FEHÉR, Ferenc. "Ética de cidadania e virtudes cívicas" In: **A condição política pós-moderna**, op. cit., p. 113-129.
4. ARENDT, Hannah. "As esferas pública e privada" In: **A condição humana**, RJ, Forense Universitária, 1991, 5 ed., p. 31-88.
5. HENRIQUE, Michele Catherin. "Caminhos do Voluntariado" In: *Ser voluntário: algo mais do que ocupar o tempo*, Dissertação de Mestrado, PPG em Sociologia Política, UFSC, 1995, p. 33-48.
6. ARIES, Philippe: a) "As idades da vida" e b) "A descoberta da infância" In: **História Social da Criança e da Família**, RI, Livros Técnicos e Científicos, 1981, p. 29-49 e p. 50-68.
7. LEITE, Minam Moreira "A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem" In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.) **História Social da Infância no Brasil**, SP, Cortez Ed., 1997, p. 17-50.
8. MARCÍLIO, Maria Luiza. "A roda de expostos e a criança abandonada na História do Brasil - 1726/1950" In: FREITAS, Marcos Cesar de (org.) **História Social da Infância no Brasil**, op. cit., p. 51-76.
9. MENDEZ, Emilio Garcia. "Legislações infanto-juvenis na América Latina: modelos e tendências" In: \_\_\_\_\_, **Infância e Cidadania na América Latina**, SP, Hucitec/Instituto Ayrton Senna, 1998, p. 19-37.
10. SCHERER -WARREN, Ilse. "A ação cidadã no combate à pobreza" In: GAIGER, Luís Inácio (org.) **Formas de combate e resistência à pobreza**, São Leopoldo, Ed. Unisinos, 1996, p. 13-22; b) SCHERER-WARREN, Ilse. "Introdução" In: \_\_\_\_\_ (org.) **Cidadania sem Fronteiras**, SP, Hucitec, 1999, p. 11-19.
11. SCHLICHTING, Sandra A. de Souza, *Movimento de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente: mitos e possibilidades*, Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Sociais, UFSC, 1997.
12. MORAES, Célio Vanderlei; a) "O Estatuto da Criança e do Adolescente"; b) "O Movimento de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente" In:
13. \_\_\_\_\_ A participação popular na gestão das políticas para a infância e a adolescência em Santa Catarina, Dissertação de Mestrado, PPG em Sociologia Política, UFSC, 1997, p. 45-50 e p. 51-69.
14. ARRETCHE, Marta T. 5. Mitos da descentralização. Mais democracia e eficiência nas políticas públicas? , *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 31, ano 11, junho de 1996, p. 44-66
15. SCHILITING, Sandra, op cit, p. 45-77.
16. ZALUAR, Alba, "As teorias sociais e os pobres: os pobres como objeto" In: \_\_\_\_\_ **A máquina e a revolta. As organizações populares e o significado da pobreza**, SP, Ed. Brasiliense, 1985, p. 9-32.
17. HELLER, Ágnes: a) "Valor e história", In: **O cotidiano e a história**, SP, Paz e Terra, 1989, p. 1-15 e b) "Estrutura da vida cotidiana", idem, p. 17-41
18. HELLER, Ágnes. "A situação moral na modernidade" In: HELLER, Ágnes e FEHÉR, Ferenc. **A condição política pós-moderna**, RJ, Civ. Brasileira, 1998, p. 69-89.
19. HELLER, Ágnes e FEHÉR, Ferenc. "Ética de cidadania e virtudes cívicas" In: **A condição política pós-moderna**, op. cit., p. 113-129.
20. ARENDT, Hannah. "As esferas pública e privada" In: **A condição humana**, RJ, Forense Universitária, 1991, 5 ed., p. 31-88.
21. HENRIQUE, Michele Catherin. "Caminhos do Voluntariado" In: *Ser voluntário: algo mais do que ocupar o tempo*, Dissertação de Mestrado, PPG em Sociologia Política, UFSC, 1995, p. 33-48.
22. ARIES, Philippe: a) "As idades da vida" e b) "A descoberta da infância" In: **História Social da Criança e da Família**, RI, Livros Técnicos e Científicos, 1981, p. 29-49 e p. 50-68.
23. LEITE, Minam Moreira "A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem" In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.) **História Social da Infância no Brasil**, SP, Cortez Ed., 1997, p. 17-50.
24. MARCÍLIO, Maria Luiza. "A roda de expostos e a criança abandonada na História do Brasil - 1726/1950" In: FREITAS, Marcos Cesar de (org.) **História Social da Infância no Brasil**, op. cit., p. 51-76.
25. MENDEZ, Emilio Garcia. "Legislações infanto-juvenis na América Latina: modelos e tendências" In: \_\_\_\_\_, **Infância e Cidadania na América Latina**, SP,

- Hucitec/Instituto Ayrton Senna, 1998, p. 19-37.
26. SCHERER -WARREN, Ilse. "A ação cidadã no combate à pobreza" In: GAIGER, Luís Inácio (org.) **Formas de combate e resistência à pobreza**, São Leopoldo, Ed. Unisinos, 1996, p. 13-22; b) SCHERER-WARREN, Ilse. "Introdução" In: \_\_\_\_\_ (org.) **Cidadania sem Fronteiras**, SP, Hucitec, 1999, p. 11-19.
  27. SCHLICHTING, Sandra A. de Souza, *Movimento de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente: mitos e possibilidades*, Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Sociais, UFSC, 1997.
  28. MORAES, Célio Vanderlei; a) "O Estatuto da Criança e do Adolescente"; b) "O Movimento de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente" In:
  29. \_\_\_\_\_ A participação popular na gestão das políticas para a infância e a adolescência em Santa Catarina, Dissertação de Mestrado, PPG em Sociologia Política, UFSC, 1997, p. 45-50 e p. 51-69.
  30. ARRETCHE, Marta T. 5. Mitos da descentralização. Mais democracia e eficiência nas políticas públicas? , *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 31, ano 11, junho de 1996, p. 44-66
  31. SCHILITING, Sandra, op cit, p. 45-77.
  32. ZALUAR, Alba, "As teorias sociais e os pobres: os pobres como objeto" In: \_\_\_\_\_ **A máquina e a revolta. As organizações populares e o significado da pobreza**, SP, Ed. Brasiliense, 1985, p. 9-32.

## 7. SPO 7172 - DEMOGRAFIA (72 horas/aula)

EMENTA: Teoria da Origem, sua fundamentação e composição demográfica. Demografia como ciência e abordagem social. Leis Sociais e Demografia. Natalidade, Sexualidade, Nupcialidade e fertilidade. Demografia Urbana, sob a ótica diferencial dos grandes e pequenos aglomerados. Composição da População Brasileira e Mundial. Migrações na sua divisão: emigração, êxodo e desenvolvimento. Planejamento familiar: Igreja, Métodos e o Aborto. População e poder Político. Mortalidade Infantil, intermediária e Geral. População e acumulação do capital.

### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. ÁVILA, Pe. FERNANDO, B. de. Introdução à Sociologia. 3ª Ed. Livraria Agir Ed., RJ, 1967.
2. BOTTOMORE, T. B. Introdução à Sociologia. 3ª Ed. Zahar, RJ, 1973.
3. CAMARGO, J. F. de. Êxodo Rural no Brasil. Ed. Conquista, 1980.
4. CHINOY, Eli. Sociedade: uma introdução à Sociologia. Cultrix, SP, 1976.
5. DAVIS, Kingsley. A Sociedade Humana. II Volume. Ed. Fundo de Cultura, SP, 1964.
6. DELLATORRE, M. B. L. O Homem e a Sociedade. Cia Ed. Nac. SP, 1972.
7. DOURADO, P. de G. Manual de Sociologia. Ed. Forense, 4ª Ed., 1973.
8. FERREIRA, P. Sociologia. Tomo II. José Konfino Ed. 1955, RJ.
9. FONTOURA, Amaral. Introdução à Sociologia. II Volume, 5ª Ed. Globo, PA, 1973.
10. GASSET, J. O Y. A Rebelião das Massas. 2ª Ed. Livro Ibero Americano, RJ, 1980.
11. CAMARGO, J. F. D. Demografia Econômica. Publicações da UFBA, 1959.
12. COSTA, M. A Urbanização e Migração Urbana. IPEA/INPESa, Série Monog., nº 21 RJ, 1975.
13. EHRLICH, Paul R. e EHRLICH, A H. População Recursos e Ambiente, Ed. Polígono, 1975.
14. GUSMÃO, P. D. de. Teorias Sociológicas. Ed. Forense, 1977.
15. HER, David M. Sociedade e População. Livraria Pioneira. Ed. SP, 1972.
16. LEÃO, A Carneiro. Fundamentos de Sociologia. 2ª Ed. Edições Melhoramentos, SP, 1954.
17. KOENIG, Samuel. Elementos de Sociologia. 2ª edição, Zahar, RJ, 1970.
18. MENDRAS, Henri. Princípios de Sociologia. Zahar Ed. RJ, 1969.
19. PEREIRA, J. S. A Previsão de Crescimento das População Urbanas. Public. Da FBA, 1958.
20. WELIS, H. G. A Construção do Mundo. II Volume. Cia Ed. Nasc. SP, 1943.

## 8. SPO7172 - CIÊNCIAS SOCIAIS E SAÚDE (72 horas/aula)

EMENTA: A construção do saber médico e do estatuto do normal e do patológico. Ecologia dos vetores. Doenças infecciosas emergentes. Representações sociais em saúde. Políticas de saúde.

### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. FOUCAULT, M. O nascimento da medicina social e O nascimento do hospital. In: Microfísica do poder. Rio de Janeiro:Graal, 1982, p. 79-98, p. 99- 111.
2. FOUCAULT, M. O Nascimento da Clínica 5ª. Ed .Rio de Janeiro: Forense, 1998.
3. CHALHOUB, S. Cidade Febril. Cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo:Companhia das Letras, 1996, p. 15-59.
4. NORDENFELT, L. Algumas definições clássicas de saúde. e O significado comum de saúde (saúde mental) In: Conversando sobre saúde. Um diálogo filosófico. Florianópolis:Bernúncia, 2000. P. 53- 69; p. 77-94.
5. GOLDBERG, M. Esse obscuro objeto da epidemiologia. In: Epidemiologia. Teoria e Método. 2 ed. Costa, D. C (org.). São Paulo:HUCITEC-ABRASCO, 1994, p. 86-133.
6. GRISOTTI, M. Indicadores de saúde e doenças emergentes. In: Tese de Doutorado, 2003.
7. AVILA PIRES, F. D. de. Ecologia dos vetores. In: Fundamentos históricos da ecologia. Ribeirão Preto:Holos, 1999, p. 3-24.
8. ZATZ, M. Os dilemas éticos do mapeamento genético. In: Revista da USP:Dossiê genética e ética, p. 20-27.
9. JACOB, F. A importância do imprevisível. In: O rato, a lesma e o homem. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.13-31.
10. GRISOTTI, M. Políticas e sistemas médicos. In: Revista Katalysis, n. 03, 1998, p.49-60.
11. \_\_\_\_\_. Como a ciência constrói seus objetos e o processo de continuidade e descontinuidade na história da ciência. In: Tese de doutorado/USP, 2003.
12. \_\_\_\_\_. Uma breve visão histórico-crítica da produção do conhecimento médico. In: Idem.
13. \_\_\_\_\_. Representações sociais em saúde: soma de percepções individuais ou propriedades emergentes. In: Cadernos CERU, São Paulo:Humanitas, série 2, n.16, 2005.
14. HOCHMAN, G. A Era do Saneamento. As bases da política de saúde pública no Brasil. São Paulo: HUCITEC-ANPOCS, 1998.
15. LIMA, N. T. e HOCHMAN, G. Pouca saúde e muita saúde. In: Cuidar, controlar, curar. Ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Hochman, G (org. ), Rio de Janeiro:Fiocruz, 2004, p. 493-528.
16. DURKHEIM, E. Representações individuais e representações coletivas. In: Sociologia e Filosofia. RJ:Forense Universitária, 1970.
17. GEERTZ, Clifford. O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem. In: A Interpretação das Culturas. RJ:Zahar, 1978, 45-66.
18. LÉVI-STRAUSS. A eficácia simbólica. In: Antropologia Estrutural I. RJ:Tempo Brasileiro, 2002.
19. LANGDON, Jean. Cultura e os processos de saúde e doença. In: Anais do seminário Cultura, saúde e doença, Londrina, p. 91-107.
20. \_\_\_\_\_. A Doença como experiência: O papel da narrativa na construção sociocultural da doença. In: Etnográfica: Revista do centro de Estudos de Antropologia Social, v. 2, 2001.
21. GOFFMAN, E. Estigma e identidade social. In: Estigma Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada, 4 ed. Rio de Janeiro:Guanabara, 1988, p.11-50.
22. FERREIRA, J. O corpo sócnico. In: Saúde e doença. Um olhar antropológico. (Alves, P. C. e Minayo, M. C. de S. orgs), Rio de Janeiro:FIOCRUZ, p. 101-112.
23. RABELO, M. C. Religião e cura: Algumas reflexões sobre a experiência religiosa das classes populares urbanas. In: Cadernos de saúde Pública, Rio de Janeiro, 9 (3):316-325, 1993.
24. RABELO, M. C. Religião, ritual e cura. In: Saúde e doença: Um olhar antropológico. RJ:FIOCRUZ, 1994, p. 46-55.

25. GEERTZ, Clifford. A Religião como sistema de cultural. In: A Interpretação das culturas. RJ:Zahar, 1978, p.101-142.
26. LOYOLA, Maria A. Rezas e curas de corpo e alma. In: Revista Ciência Hoje n. 35, vol.6,1987, p.35-43.
27. RABELO, M. C. e ALVES, P. C. Tecendo self e emoção nas narrativas do Nervoso. Experiência da doença e narrativa. In: Saúde e doença: Um olhar antropológico. RJ:FIOCRUZ, 1994, p. 187-204.
28. DUARTE, L. F. Doença dos nervos: um estudo de representação e visao de mundo de um grupo de trabalhadores. Ciência Hoje. 1981, 1:368-376.
29. FARMER, P.Mandando doença:feitiçaria, política e mudança nos conceitos da Aids no Haiti rural. In: Cuidar, controlar, curar. Ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Hochman, G (org. ), Rio de Janeiro:Fiocruz, 2004, p. 535-565.
30. SPINK, M. J. et al. A construção da AIDS-notícia. In: Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 17(4):851-862, 2001.
31. HELMAN, C. G. A Psiquiatria transcultural através das culturas. In: Cultura, Saúde e Doença, POA:Artes Médicas, 1994. p. 216-246.
32. \_\_\_\_\_. Aspectos culturais do estresse. In: Cultura, Saúde e Doença, POA:Artes Médicas, 1994. p. 247-262.

### 9. SPO XXXX - SOCIOLOGIA ECONÔMICA (72 h/aula)

EMENTA: Análise sociológica dos fenômenos econômicos nos autores clássicos e contemporâneos: métodos e conceitos. Estado e regulação da economia. Análise da emergência da ideologia liberal. Ética e economia. A construção social do mercado.

#### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. ABRAMOVAY, Ricardo. Entre Deus e o diabo. Mercados e interação humana nas ciências sociais. *Tempo Social*, 16(2), 2004, pp. 35-64.
2. BOURDIEU, Pierre. O campo econômico. *Política&Sociedade*, 6, abril de 2005, pp. 15-58.
3. DIMAGGIO, Paul. Aspectos culturais da acção e da organização econômica. In: PEIXOTO, João; MARQUES, Rafael (Eds). *A Nova Sociologia Econômica*. Oeiras: Celta, 2003, pp. 167-194.
4. DUMONT, Louis. *Homo Aequalis: gênese e plenitude da ideologia econômica*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.
5. FLIGSTEIN, Neil. Mercado como política: uma abordagem político-cultural das instituições de mercado. *Contemporaneidade e Educação*, 9, 2001, pp. 26-55.
6. GARCIA-PARPET, Marie-France. A construção social de um mercado perfeito: o caso de Fontaines-en-Sologne. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 20, pp.5-44, 2003.
7. GRANOVETTER, Mark. Acção econômica e estrutura social: o problema da incrustação. In: PEIXOTO, João; MARQUES, Rafael (Eds). *A Nova Sociologia Econômica*. Oeiras: Celta, 2003, pp. 69-102.
8. HIRSCHMAN, Albert O. *As paixões e os interesses*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
9. HOLTON, Robert J. *Economia e Sociedade*. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
10. LOPES Jr, Edmilson. As potencialidades analíticas da Nova Sociologia Econômica. *Sociedade e Estado*, UnB, 17(1), 2002, pp. 39-62.
11. STEINER, Philippe. *A Sociologia Econômica*. São Paulo: Atlas, 2006.
12. SWEDBERG, Richard. *Max Weber e a idéia de sociologia econômica*. Rio de Janeiro: UFRJ; Beca, 2005.
13. WANDERLEY, Fernanda. Avanços e desafios da Nova Sociologia Econômica: notas sobre os estudos sociológicos do mercado - uma introdução. *Sociedade e Estado*, UnB, 17(1), 2002, pp. 15-38.

## 10. SPO XXXX - CIÊNCIAS SOCIAIS E SISTEMA FINANCEIRO (72 h/aula)

EMENTA: Desenvolver capacidades teóricas e metodológicas para analisar o sistema financeiro contemporâneo a partir da perspectiva sociopolítica. Análise do sistema financeiro a partir da contribuição teórica e metodológica dos autores clássicos e contemporâneos das Ciências Sociais. Temas abordados: instituições financeiras contemporâneas, crédito e poder; as contribuições da Sociologia do Dinheiro; características e tendências do sistema financeiro brasileiro e internacional; capital financeiro e grupos econômicos; redes financeiras; organização política e corporativa do empresariado do setor; trabalhadores bancários; sistema financeiro e movimentos sociais; formas alternativas ( moeda social, cooperativas de crédito, finanças solidárias, bancos públicos entre outras.

### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. MINELLA, Ary. (resenha e Comentários), *Análise sócio-política dos sistemas financeiros* – texto 1. Introdução – breve referencia aos clássicos. Florianópolis, 1999, mimeo.(SWEDBERG, Richard 1989. “Banks from a sociological perspective”.)
2. MARX, K. “Terceiro manuscrito” In: *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Lisboa, Edições 70, 1989, pp 229-235 (“Dinheiro”)
3. MARX, K. O capital. *Civilização Brasileira*, Livro 3, volume 5, parte quinta (capítulos selecionados)
4. WEBER, Max. 1991. *Economia e sociedade. Fundamentos da Sociologia Compreensiva*. Brasília, Editora da UnB, vol. 1. 1991 29º, pp106-107; e vol 2, 1999, cap. IX, seção 1 parágrafo 1, pp 1877-193. (ou *Economia y Sociedad*. 2 ed. 1964. México, Fondo de Cultura Económica, pp. 128-130; 695-700)
5. MINELLA, Ary (resenha e Comentários) *Análise sócio-política dos sistema financeiros*. Florianópolis , 1999, mimeo (SWEDBERG, Richard 1989. “Banks from a sociological perspective”.)
6. MINELLA, Ary. (resenha e Comentários), *Análise sócio-política dos sistema financeiros*. Florianópolis, 1999, mimeo ( MIZRUCHI, Mark S. e STEARNS, Linda Brewster. 1994 “Money, banking, and financial markets”.)
7. CANO, Wilson. *Introdução à economia brasileira: uma abordagem crítica*. São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1998. cap. 6, pp. 155-183.
8. CARVALHO, Carlos Eduardo. *Mercado Financeiro*. 3 ed. São Paulo, Global, 1981, pp. 49-117.
9. CARDOSO, Eliana A> *Economia Brasileira ao alcance de todos*. São Paulo, Brasiliense, 1998, pp. 120-151
10. FREITAS, Maria <sup>a</sup> P.de (org.) *Abertura do sistema financeiro no Brasil nos anos 90*. São Paulo, Fundap: Fapesp; Brasília, IPEA, 1999.
11. MINELLA, Ary. (Resenha e Comentários). *Introdução ao estudo de redes Corporativas*. Florianópolis, maio 1999, mimeo (SCOTT, John. *Social network analysis and intercorporate relations*.)
12. MINELLA, ARY(Resenha e Comentários). *Redes financeiras – referências introdutórias*. Florianópolis, maio 1999, mimeo. (SWEDBERG, Richard. *International financial networks and institutions*)
13. HARVEY, David. *Condição Pós moderna*. São Paulo, Loyola, 1993, parte II, pp. 115-184.
14. GONÇALVES, Reinaldo et.al. *A nova economia internacional. Uma perspectiva brasileira*. 3 ed. Rio de Janeiro, Campus, 1998, cap. 7.

## 11. SPO XXXX - PRÁTICAS E INTERVENÇÕES SOCIOLÓGICAS (72 h/aula)

EMENTA: A Sociologia como herdeira e geradora de práticas e intervenções. A estatística , o trabalho social e os movimentos sociais. Estudo de casos.

## 12. SPO XXXX - SOCIOLOGIA DA JUVENTUDE (72 h/aula)

EMENTA: A Sociologia das Gerações como campo de estudos teóricos e de intervenções práticas. As abordagens teóricas e metodológica da Sociologia da Juventude, como campo de investigação e intervenção das políticas públicas. Análise da sociabilidade juvenil relacionada com a transformação social na sua interface com a cultura, processos educativos e a formação política.

### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA:

1. ABRAMO, Helena & BRANCO, Pedro P. **Retratos da Juventude Brasileira- Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania / Perseu Abramo, 2004.
2. EISENSTADT, S. N. **De geração em geração**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
3. FORACCHI, Marialice M. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Pioneira, 1972.
4. \_\_\_\_\_. **A participação social dos excluídos**. São Paulo: Hucitec, 1982.
5. \_\_\_\_\_. **O estudante na transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1965.
6. GROppo, Luis Antonio. **Juventude— ensaios sobre a sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.
7. BRITTO, S. **Sociologia da juventude I , II, III e IV**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
8. JOVENS ACONTECENDO NA TRILHA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS. Brasília: CNPD, 1998.
9. KLEIN, Naomi. **Sem logo-** a tirania das marcas em um planeta vendido. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed.Record, 2002.
10. LOUREIRO, Isabel ( org) **Herbert Marcuse- A grande recusa hoje**. São Paulo: Vozes, 1999.
11. MACIEL, Luiz Carlos. **Geração em transe-memórias do tempos do tropicalismo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
12. MADEIRA, Felícia R.. A roda viva do mercado. **Tempo e Presença**, n.240, ano11, p. 9-13, 1989.
13. \_\_\_\_\_. Os jovens e as mudanças estruturais na década de 70: questionando pressupostos e sugerindo pistas. **Cadernos de Pesquisa** São Paulo, n. 58, p. 15-48, agosto 1986.
14. MARGULIS, Mario & Urresti, Marcelo La juventud es más que una palabra. In:\_\_\_\_\_: **La juventud es más que una palabra-Ensayos sobre cultura y juventud**. Buenos Aires, Edit. Biblos, 2000, p.13-30.,
15. MANHEIMN, Karl. Funções das gerações novas. In: FORACCHI, M. M. & PEREIRA, L. **Educação e sociedade — Leituras de sociologia da educação**. São Paulo: Biblioteca Universitária, 1978, p. 1-97.
16. MARTINS, Luciano. A geração AI-5 – um ensaio sobre autoritarismo e alienação. **Ensaio de Opinião**, v.2, p. 72-103, 1979.
17. – Juventude e Contemporaneidade **Revista Brasileira de Educação- ANPED**. n. 5 e 6 , 1997.
18. NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo. **Juventude e Sociedade.Trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Instituto Cidadania/Perseu Abramo, 2003.
19. PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1996.
20. LEVI, G. & SCHMIDT, J.C. **História dos jovens I e II**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
21. POERNER, Arthur José. **O poder jovem**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1968.

22. Dossiê Juventude, Movimentos e Contestações. Sousa, Janice T. Ponte (org). **Revista Política & Sociedade** - Programa de Pós Graduação em Sociologia Política, UFSC, n.8, 2006.
23. SOARES, Luiz Eduardo, BILL MV, ATHAIDE, Celso. **Cabeça de Porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
24. SOUSA, Janice T. Ponte de. **Reinvenções da Utopia**- a militância política de jovens nos anos 90. São Paulo: Haecker, 1999.
25. \_\_\_\_\_ Insurgências Juvenis e as novas narrativas contra o instituído. **CADERNOS DE PESQUISA**, PPGSP, 2002.
26. \_\_\_\_\_ **Juventude**, contestação e a política de pernas para o ar: O Movimento Passe Livre em Florianópolis. **Mimeo**.

### 13. SPO XXXX - LABORATÓRIO DE OBSERVAÇÃO SOCIAL (72 h/aula)

EMENTA: Definição e seleção de uma agenda de eventos locais e regionais; preparação dos alunos para participarem como observadores de eventos (ex. Seminários, congressos de categorias ou temáticos que tenham conteúdo político, sociológico ou cultural); organizar metodologias de observação, acompanhamento e análise do evento. Produção de relatório, seminário interno de avaliação do evento. Encaminhamento de relatório analítico aos promotores dos eventos

BIBLIOGRAFIA MÍNIMA: A ser definida pelo professor e tendo em vista as questões tratadas.

### 14. SPO XXXX - SOCIOLOGIA BRASILEIRA (72 h/aulas)

EMENTA: A Sociologia Crítica de Florestan Fernandes e Otávio Ianni, bem como suas abordagens sobre a associação entre pesquisa sociológica, teoria e suas aplicações na solução de problemas sociais brasileiros.

### 15. SPO XXXX - TEORIA SOCIAL MARXISTA (72 h/aulas)

EMENTA: A esquerda hegeliana e a contribuição de Karl Marx e Friedrich Engels. Epistemologia dialética e teoria social. História, ontologia e revolução social. Romantismo, estruturalismo, teoria da práxis e hegemonia.

BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. BOBBIO, Norberto. "Marx, o Estado e os clássicos", in: *Teoria Geral da Política*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
2. LUKÁCS, G. (1979b). *Ontologia do Ser Social – A Falsa e a Verdadeira Ontologia de Hegel*. São Paulo: LECH.
3. LUKÁCS, G. (1979). *Ontologia do Ser Social: os Princípios Ontológicos Fundamentais de Marx*. São Paulo: LECH.
4. LUKÁCS, Georg (1978). "As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem", *Temas de Ciências Humanas*, São Paulo: Ciências Humanas.
5. LUKÁCS, Georg (1974). *História e Consciência de Classe*. 2 ed., Porto: Elfos.
6. MARX, K. *Obras Escolhidas*, S. Paulo: Alfa-Omega, sd, 3 vols..
7. MARX, K. (1989). *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Lisboa: Edições 70.
8. MARX, K. (2002). *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. S. Paulo: Martin Claret.
9. MARX, K. *O Dezoito Brumário e Cartas a Kugelmann*. 2 ed., Rio: Paz e Terra, 1974.
10. MARX, Karl. "Crítica da filosofia do direito de Hegel – introdução", in: *Temas de Ciências Humanas*, n. 2, São Paulo: Grijalbo, 1977.

11. MARX, Karl. "Sobre o caráter mercantil da sociedade capitalista: manifestação da lei da apropriação na circulação simples – 1", in *Grundrisse*, mimeo.,
12. MESZAROS, István (2002). *Para além do capital*. S. Paulo: Boitempo.
13. MESZAROS, István (2003). *O século XXI: socialismo ou barbárie?*. S. Paulo: Boitempo.
14. PAULO NETTO, José (2004). *Marxismo impertinente: contribuição à história das idéias marxistas*. S. Paulo: Cortez.
15. PAULO NETTO, José (org.) (1992). *Lukács*. (Col. Grandes Cientistas Sociais). S. Paulo: Ática.
16. POSTONE, Moishe. *Necessidade, Tempo e Trabalho: uma reinterpretação da crítica marxiana do capitalismo*, in *Social Research* 45 (Winter 1978), p. 739-788. Mimeo., 20 p..
17. POSTONE, Moishe. *Repensando a Crítica de Marx ao Capitalismo*. (Capítulo 1 do livro *Time, Labor and Social Domination. A Reinterpretation of Marx's Critical Theory*), Cambridge University Press, 1993). Mimeo., 32 p..
18. WOOD, Ellen M.: "História ou Teleologia? Marx versus Weber", p. 129-154, in Wood, Ellen M., *Democracia contra Capitalismo*, S. Paulo: Boitempo, 2002.
19. ZEITLIN, Irving. *Ideología y Teoría Sociológica*. 2 ed., Buenos Aires: Amorrortu, 1973.
20. DUAYER, M. (2001). "Marx, Verdade e Discurso", *Perspectiva*, n. 35. Florianópolis: UFSC.
21. DUAYER, M. e MEDEIROS, J.L. (2003). "Miséria Brasileira e Macrofilantropia: Psicografando Marx". *Revista de Economia Contemporânea* v.7, n. 2. Rio de Janeiro: UFRJ.

**16. SPO XXXX - TÓPICOS ESPECIAIS EM SOCIOLOGIA I (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de um tema específico e pertinente em Sociologia.

**17. SPO XXXX - TÓPICOS ESPECIAIS EM SOCIOLOGIA II (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de um tema específico e pertinente em Sociologia.

**18. SPO XXXX - TÓPICOS ESPECIAIS EM SOCIOLOGIA III (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de um tema específico e pertinente em Sociologia.

**19. SPO XXXX - TÓPICOS ESPECIAIS EM SOCIOLOGIA IV (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de um tema específico e pertinente em Sociologia.

**20. SPO XXXX - TÓPICOS ESPECIAIS EM SOCIOLOGIA V (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de um tema específico e pertinente em Sociologia.

**21. SPO XXXX - TÓPICOS ESPECIAIS EM SOCIOLOGIA VI (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de um tema específico e pertinente em Sociologia.

**22. SPO XXXX - TÓPICOS ESPECIAIS EM SOCIOLOGIA VII (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de um tema específico e pertinente em Sociologia.

**23. SPO XXXX - TÓPICOS ESPECIAIS EM SOCIOLOGIA VIII (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de um tema específico e pertinente em Sociologia.

**24. SPO XXXX - TÓPICOS ESPECIAIS EM SOCIOLOGIA IX (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de um tema específico e pertinente em Sociologia.

**25. SPO XXXX - TÓPICOS ESPECIAIS EM SOCIOLOGIA X (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de um tema específico e pertinente em Sociologia.

**26. SPO 7170 – DEBATES ATUAIS EM SOCIOLOGIA (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de um tema de interesse atual ou de demanda conjuntural.

BIBLIOGRAFIA MÍNIMA: A ser definida conforme o tema a ser tratado.

ÁREA DE CIÊNCIA POLÍTICA

**1. SPO XXXX - RELAÇÕES INTERNACIONAIS NO SÉCULO XXI (72 horas/aula)**

EMENTA: Paradigmas clássicos das relações internacionais. Novos atores e processos da política internacional das últimas décadas do século XX. Paz e Guerra no século XX e no início do século XXI. América Latina e Brasil no mundo contemporâneo (a política exterior brasileira). Hipóteses para pensar a formação da nova ordem internacional.

BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. ALMEIDA, Paulo Roberto de. Os primeiros anos do século XXI. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002
2. ALMEIDA, Paulo Roberto de. Relações Internacionais e Política Externa do Brasil. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 1998
3. ALVES, José Augusto Lindgren. Relações Internacionais e Temas Sociais. Brasília, IBRI, 2001
4. ARON, Raymond. Paz e Guerra entre as Nações. Brasília, IBRI, 2002,
5. BOBBIO, Norberto. O problema da guerra e as vias da paz. São Paulo, Editora UNESP, 2003
6. BOBBITT, Philip. A Guerra e a Paz na História Moderna. Rio de Janeiro, Editora Campus, 2003,
7. BULL, Hedley. A Sociedade Anárquica. Brasília, Editora UnB, 2002
8. BRZEZINSKI, Zbigniew. El gran tablero mundial. Buenos Asires, Paidós, 1998,
9. CASTELLS, Manuel. End of Millenium (Information Age, Vol. 3). Blackwell Publishers, 1998,
10. COMISSÃO SOBRE GOVERNANÇA GLOBAL. Nossa Comunidade Global (O Relatório da Comissão sobre Governança Global). Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1996
11. FUKUYAMA, Francis. O fim da historia e o último homem. Rio de Janeiro, Rocco, 1992, pp.
12. GILPIN, Robert. A Economia Política das Relações Internacionais. Brasília, Editora UnB, 2002,
13. HARDT, Michael e Antonio Negri. Império. Rio de Janeiro, Record, 2001,
14. HUNTINGTON, Samuel P. O Choque de Civilizações. Rio de Janeiro, Objetiva, 1996,
15. KAGAN, Robert. Do Paraíso e do Poder. Rio de Janeiro, Rocco, 2003,
16. KEOHANE, Robert O. & Joseph S. Nye. Power and Interdependence (3a. edição). New York, Longman, 2001
17. MERLE, Marcel. Sociologia das Relações Internacionais. Brasília, Editora UnB, 1981
18. MORGENTHAU, Hans J. A política entre as nações. Brasília, Editora UnB, 2003
19. ROSENAU, James N. Along the Domestic-Foreign Frontier. Cambridge, Cambridge University Press, 1997,

20. STIGLITZ, Joseph. A Globalização e seus malefícios. São Paulo, Editora Futura, 2002,
21. WALTZ, Kenneth N. Teoria das Relações Internacionais. Lisboa, Gradiva, 2002
22. WALZER, Michael. Guerras justas e injustas. Barcelona, Editora Paidós, 2001

## 2. SPO XXXX - INSTITUIÇÕES E COMPORTAMENTO POLÍTICO NO BRASIL (72 horas/aula)

EMENTA: Instituições políticas brasileiras: o sistema de governo presidencialista; o federalismo; o sistema eleitoral. Partidos e sistema partidário. Relações Executivo/Legislativo; comportamento legislativo. Cultura política e comportamento eleitoral no Brasil.

### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. Abranches, Sérgio. "Presidencialismo de coalizão: o dilema institucional brasileiro", Dados, vol. 31, n. 1, 1988. (pp.5-34).
2. Abrucio, Fernando. Os barões da Federação: os governadores e a redemocratização brasileira, São Paulo, Hucitec, 1998.
3. Almeida, Maria Hermínia T. "Federalismo, democracia e governo no Brasil: idéias, hipóteses e evidências", Bib (Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais), n. 51, 2001 (pp.13-34).
4. Ames, Barry. Os entraves à democracia no Brasil, Rio de Janeiro, FGV, 2003.
5. Amorim Neto, Octavio. Presidencialismo e Governabilidade nas Américas. Rio de Janeiro: Fundação Konrad-Adenauer / Ed. FGV, 2006.
6. Avelar, Lúcia e Cintra, Antônio Octávio (orgs.). Sistema Político Brasileiro: uma Introdução. São Paulo: Fundação Konrad-Adenauer / Ed. Unesp, 2004.
7. Avritzer, Leonardo. "Cultura política, atores sociais e democratização", Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 28, 1995 (pp. 109-122).
8. Baquero, Marcelo. "Democracia, cultura e comportamento político: uma análise da situação brasileira", in: Perissinoto, Renato e Fuks, Mário (org.) Democracia: Teoria e prática. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2002. (pp.105-140).
9. Benevides, Maria Victoria e Vannuchi, Paulo (orgs.). Reforma Política e Cidadania. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
10. Carreirão, Yan. A decisão de voto nas eleições presidenciais brasileiras, Rio de Janeiro/Florianópolis, FGV/EDUFSC, 2002.
11. Carvalho, Nelson Rojas. E no início eram as bases: geografia do voto e comportamento legislativo no Brasil, Rio de Janeiro, Revan, 2003.
12. Castro, Mônica M.M. Determinantes do comportamento eleitoral: a centralidade da sofisticação política, Rio de Janeiro, IUPERJ (Tese de doutorado), 1994
13. Figueiredo, Argelina e Limongi, Fernando. Executivo e Legislativo na nova ordem constitucional. Rio de Janeiro, FGV, 1999.
14. Figueiredo, Marcus. A decisão de voto. São Paulo, Idesp/Sumaré, 1991.
15. Kinzo, Maria D'Alva. "Partidos, eleições e democracia no Brasil pós-1985", Revista Brasileira de Ciências Sociais, n.54, 2004 (pp.23-40).
16. Lamounier, Bolivar e Cardoso Fernando H. (org.) Os partidos e as eleições no Brasil, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978 (2ª ed.).
17. Lamounier, Bolivar (org.) Voto de desconfiança. Eleições e mudança política no Brasil, 1970-1979, Petrópolis, Vozes, 1980.
18. Lavareda, Antônio. A democracia nas urnas: o processo partidário-eleitoral brasileiro, Rio de Janeiro, Rio Fundo, 1991.
19. Limongi, Fernando. "O Novo Institucionalismo e os estudos legislativos: a literatura norte-americana recente", Bib (Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais), n. 37, São Paulo, Anpocs, 1994. (pp. 3-38).
20. Mainwaring, Scott. Sistemas partidários em novas democracias: o caso do Brasil, Porto Alegre/Rio de Janeiro, Mercado Aberto/FGV, 2001.
21. Melo, Carlos Ranulfo. Retirando as Cadeiras do Lugar: Migração Partidária na Câmara dos Deputados (1985-2002). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.
22. Moisés, José Álvaro. Os Brasileiros e a Democracia, São Paulo, Ática, 1995.
23. Nicolau, Jairo. Sistemas eleitorais, Rio de Janeiro, FGV, 1999.
24. Reis, Fábio W. (org.) Os partidos e o regime, São Paulo, Símbolo, 1978.

25. Rodrigues, Leôncio M. Partidos, ideologia e composição social, São Paulo, Edusp, 2002.
26. Santos, Fabiano. O Poder Legislativo no Presidencialismo de Coalizão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
27. Santos, Wanderley G. Sessenta e quatro: anatomia da crise, São Paulo, Vértice, 1986.
28. Santos, Wanderley G. Regresso: máscaras institucionais do liberalismo oligárquico, Rio de Janeiro, Ópera Nostra, 1994.
29. Silveira, Flávio E. A decisão de voto no Brasil, Porto Alegre, EdipucRS, 1998.
30. Singer, André. Esquerda e direita no eleitorado brasileiro. São Paulo, Edusp, 2000.
31. Soares, Gláucio. Sociedade e Política no Brasil, São Paulo, Difel, 1973.
32. Soares, Gláucio A. D. e Rennó, Lucio (orgs.). Reforma Política: Lições da História Recente. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.
33. Souza, Maria do Carmo C. Estado e partidos políticos no Brasil (1930 a 1964), São Paulo, Ed. Alfa-Ômega, 1983 (2ª ed.).
34. Tavares, José A.G. Sistemas eleitorais nas democracias contemporâneas. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994.
35. Santos, Fabiano. (org.) O poder Legislativo nos Estados: diversidade e convergência. Rio de Janeiro, FGV, 2001.

### **3. SPO XXXX - PENSAMENTO POLÍTICO BRASILEIRO (72 horas/aula)**

EMENTA: História do pensamento político no Brasil nos períodos imperial e republicano. Correntes do pensamento político brasileiro (liberalismo, conservadorismo, autoritarismo, marxismo, desenvolvimentismo, nacionalismo etc.). Autores exemplares, tais como: Tavares Bastos, Visconde de Uruguai, Rui Barbosa, Alberto Torres, Oliveira Vianna, Azevedo Amaral, Alceu Amoroso Lima, Plínio Salgado, Sergio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Vitor Nunes Leal, Raymundo Faoro, Florestan Fernandes.

### **4. SPO XXXX - POLÍTICA BRASILEIRA: TEORIA E HISTÓRIA (72 horas/aula)**

EMENTA: Esboço das principais linhas explicativas da evolução histórica brasileira concernentes ao processo político e à organização institucional. Política, Ideologia e Cultura: bases para uma interpretação histórica do Brasil. A formação social brasileira, a organização política e a construção do Estado. Liberalismo, Autoritarismo e Conservadorismo na República Velha.

#### **BIBLIOGRAFIA MÍNIMA:**

1. Roberto Gomes, *Crítica da Razão Tupiniquim*. P.Alegre: Ed. Movimento, 1978, 2a.ed., caps.: I, II, V, VI, VII, IX e XI
2. José Carlos Ruy, "Visões da História -- da razão de Estado à emergência do povo" (1) in *Princípios* (tbém. no site: [www.oficinainforma.com.br](http://www.oficinainforma.com.br)) (ver Oskar Negt, *Dialética e história*. Cap. V O elemento moral no conceito matwrialista de política e história". P.Alegre: Ed. Movimento, 1984.
3. Alfredo Bosi, *Dialética da Colonização*. S.Paulo: Cia. Das Letras, 1995, "A Escravidão entre dois liberalismos", pp.194-245.
4. José Honório Rodrigues, *Conciliação e Reforma no Brasil*. Rio: Nova Fronteira, 1982, 2a.ed., "Prefácio da 2a. edição" pp. 9-16; "Introdução", pp. 17- 25; cap.1. "A Política de Conciliação: História Cruenta e Incruenta", pp.29-120; "Poder e Sociedade: o dissídio político brasileiro", pp.247-253
5. Wanderley Guilherme dos Santos, *Décadas de Espanto e uma Apologia Democrática*. Rio:Rocco, 1998, "A Práxis Liberal no Brasil", pp. 9-61.

6. José Antônio Giusti Tavares e Raúl Enrique Rojo (organizadores), *Instituições Políticas Comparadas dos Países do Mercosul*. Rio/SP: Editora FGV. Parte I Sociedade e Estado no Brasil: formação, presente e perspectivas. Cap. 1. "Patrimonialismo e feudalismo", pp.155-162
7. idem, ibidem, Cap. 4 "Regionalismo, sociedade de classes, Estado e modernização autoritária". pp.171-202
8. Raimundo Faoro, *Machado de Assis: A Pirâmide e o Trapézio*. Rio: Sec. de Cultura, 1974, cap. IV
9. Sérgio Buarque Holanda, *História Geral da Civilização Brasileira. Do Império à República*. V.5, L.5. S.Paulo: Difel, 1972, cap. III (A Fronda Pretoriana).
10. José Antônio Giusti Tavares e Raúl Enrique Rojo (organizadores), op. cit. Parte II As instituições políticas. Cap. 6 " A Federação brasileira, seu desenvolvimento e seus problemas". pp. 229-244.
11. Florestan Fernandes, *A Revolução Burguesa no Brasil*. Rio:Zahar, 1975, cap. IV
12. Manoel Maurício de Albuquerque, *Pequena História da Formação Social Brasileira* Rio: Graal, 1981. ver, Etapa Republicana. "A Ditadura Republicana e a Solução Federalista", pp. 511-533; "A Políticas dos Governadores e a dominância dos grandes Estados", pp.533-567.
13. Vicente Barreto e Antonio Paim, "Liberalismo, Autoritarismo e Conservadorismo na República Velha", in *Curso de Introdução ao Pensamento Político Brasileiro*. Brasília:UNB, Unidade V e VI, 1982, pp. 77-117
14. Gizlene Neder, *Os compromissos conservadores do liberalismo no Brasil*. Rio: Achiamé, 1979
15. José Antônio Giusti Tavares e Raúl Enrique Rojo, op.cit. Cap.2 "O coronelismo e a política dos governadores". pp. 163-166.
16. José Murilo Carvalho, *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano*. III, 2, L.2. S.Paulo: Difel, 1977, cap. V "As Forças Armadas na Primeira República: O Poder Desestabilizador", pp. 181- 234
17. Boris Fausto, *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano*. V.1 L.2 S.Paulo: Difel, 1982, cap. 1 (A Expansão do Café e a Política Cafeeira).
18. José Antônio Giusti Tavares e Raúl Enrique Rojo, op.cit. Cap. 3 "Cartorialismo e clientelismo". pp.167-169.
19. Antônio Cândido, *Teresina Etc*. Rio:Paz e Terra, 1992. Ver I " Teresina e seus amigos", pp.21-28; 31,32,45,46,47,48; 53-73
20. Maurício Tragtenberg, *Memórias de um autodidata no Brasil*. S.Paulo, Ed. Escuta, 1999. "Minha Formação", excertos pp. 22-58; "Memória, cultura e política", pp. 79-100.
21. José de Souza Martins, *O Poder do Atraso. Ensaios de Sociologia da História Lenta*. S.Paulo: Editora Hucitec, 1999. 2ª.ed. Primeira Parte. O Estado: O uso conservador da mediação do Estado. Cap. I "Clientelismo e corrupção no Brasil contemporâneo". pp. 19-51
22. Afonso Arinos de Melo Franco, *História e teoria dos partidos políticos no Brasil*, S.Paulo: Alfa-Omega, 1980, 3ª. ed. "Os partidos políticos no Império", pp. 23-52; "Os partidos políticos na República", pp.53-82

23. Aquiles Côrtes Guimarães, "Partidos Políticos e Eleições no Império e na República Velha", in *Curso de Introdução ao Pensamento Político Brasileiro*. Brasília:UNB, 1982, Estudo de Caso, pp.25-60
24. Bolivar Lamounier, *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano*. V.1 L.2 S.Paulo: Difel, 1982, (A Formação de um Pensamento Autoritário na Primeira República), pp. 343-374
25. Victor Nunes Leal, *Coronelismo, Enxada e Voto*, S.Paulo: Alfa-Ômega, 1975, cap. 1

## 5. SPO XXXX - POLÍTICA E CULTURA (72 horas/aula)

EMENTA: Tópicos de investigação e questões de método. Conceitos, categorias e ressignificação. Relações entre pesquisa social e análise política: ênfase sobre o eixo política e cultura. Relações entre política e cultura na perspectiva do debate contemporâneo sobre as tensões entre história e realidade. Marxismo, marxismo cultural e estudos culturais: as relações entre política e cultura e a convergência entre agir humano, ser social e consciência social. Determinação, mediação e contradições: produção cultural; produção simbólica; horizonte político-ideológico; hegemonia, ideologia e base material. Teoria Crítica. Linguagem, mídia, e semiologia. Estudos de caso.

### BIBLIOGRAFIA MINIMA

1. MORAES, Maria Célia e MÜLLER, Ricardo G.. *Tempos em que a razão deve ranger os dentes: E. P. Thompson, História e Sociologia*. Mimeo (XI Congresso Brasileiro de Sociologia, SBS, Unicamp, setembro de 2003);
2. MÜLLER, Ricardo G.. "Realismo e Utopia: E. P. Thompson e o exterminismo", in *Esboços*, n. 12, Florianópolis, Programa de Pós-graduação em História/UFSC, 2004, p. 97-106.
3. Thompson E. P.: "Prefácio", in *A Formação da Classe Operária Inglesa*, 2ª ed, Rio, Paz e Terra, p. 9-14,
4. Thompson E. P.: *A miséria da teoria, ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 47-62 (Cap. 7: "A lógica histórica").
5. Bourdieu, Pierre. "O Campo Econômico", in *Revista Política e Sociedade*, Dossiê: Estado, mercado e regulação, Florianópolis: UFSC/PPGSP/Cidade Futura, n. 6, abril de 2005, p. 15-57;
6. Bourdieu, Pierre. "Sobre o Poder Simbólico". In: **O Poder Simbólico**, 6. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 7-16;
7. Wood, Ellen M.: "Prefácio à edição brasileira", p. 7-10; "Introdução", p. 13-24; "A separação entre o 'econômico' e o 'político' no capitalismo", p. 27-49, in *Democracia contra Capitalismo*, S. Paulo: Boitempo, 2002.
8. Wood, Ellen M., "Sociedade civil e as políticas de identidade", p. 205-226, in *Democracia contra Capitalismo*, S. Paulo: Boitempo, 2002.
9. Wood, Ellen M., "Capitalismo e emancipação humana: raça, gênero e democracia", p. 227-242, e "Conclusão", p. 243-250, in id..
10. Schwarz, Roberto. "Prefácio com perguntas", p. 11-23, in Oliveira, Francisco, *Crítica à razão dualista e o ornitorrinco*. S. Paulo: Boitempo, 2003.
11. Oliveira, Francisco, "O Ornitorrinco", p. 121-150, in Oliveira, Francisco, *Crítica à razão dualista e o ornitorrinco*. S. Paulo: Boitempo, 2003.

12. Arantes, Paulo Eduardo. "A fratura brasileira do mundo", in *Zero à Esquerda*. S. Paulo: Conrad, 2004, p. 25-78.
13. Arantes, Paulo Eduardo. "Esquerda e direita no espelho das ONGs", in *Zero à Esquerda*. S. Paulo: Conrad, 2004, p. 165-190.
14. Ahmad, Aijaz. "Cultura, nacionalismo e o papel dos intelectuais", in *Linhagens do Presente*. S. Paulo: Boitempo. 2002, p. 219-248.
15. Ahmad, Aijaz. "Teoria dos Três Mundos: fim de um debate", in *Linhagens do Presente*. S. Paulo: Boitempo. 2002, p. 167-196.
16. Arantes, Paulo Eduardo. "Apagão", in *Zero à Esquerda*. S. Paulo: Conrad, 2004, p. 13-24.
17. Arantes, Paulo Eduardo. "O pensamento único e o marxista distraído", in *Zero à Esquerda*. S. Paulo: Conrad, 2004, p. 115-132.
18. Arantes, Paulo Eduardo. "Nem tudo que é sólido desmancha no ar", in *Zero à Esquerda*. S. Paulo: Conrad, 2004, p. 133-138.
19. Meszáros, Istvan. *O Século XXI: Socialismo ou Barbárie*. S. Paulo: Boitempo, 2003.
20. Kurz, Robert. *Antologia de textos*. Niterói:UFF, 2005, mimeo.
21. Sader, Emir. "Apresentação: Da miséria da política à miséria da teoria e ao seu resgate", in *A Vingança da História*. S. Paulo: Boitempo. 2003, p. 13-20.
22. Sader, Emir. "A esquerda brasileira e seus enigmas: que estratégia para qual esquerda?", in *A Vingança da História*. S. Paulo: Boitempo. 2003, p. 161-176.
23. Sader, Emir. "Lula: o pós-neoliberalismo chegou?", in *A Vingança da História*. S. Paulo: Boitempo. 2003, p. 177-188.
24. Sader, Emir. "Os desafios do Brasil de Lula", in *A Vingança da História*. S. Paulo: Boitempo. 2003, p. 189-196.
25. Sader, Emir (org.) (1997). *Vozes do Século: Entrevistas da New Left Review*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. ("Mídia, Margens e Modernidade", entrevista de Raymond Williams e Edward Said, p. 271-290).
26. Schwarz, Roberto. "As Idéias fora do Lugar", in *Ao Vencedor as Batatas!*. 3 ed., S.Paulo: Duas Cidades, 1988, p. 13-28.
27. Schwarz, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. S. Paulo: Duas Cidades, 1990.
28. Wood, Ellen M.: "Repensar a base e a superestrutura", p. 51-73, in *Democracia contra Capitalismo*, S. Paulo: Boitempo, 2002.
29. Wood, Ellen M.: "Classe como processo e como relação", p. 73-98, in *Democracia contra Capitalismo*, S. Paulo: Boitempo, 2002.
30. Wood, Ellen M.: "História ou Teleologia? Marx versus Weber", p. 129-154, in *Democracia contra Capitalismo*, S. Paulo: Boitempo, 2002.

## **6. SPO XXXX - ABORDAGENS E PROBLEMAS CONTEMPORÂNEOS NA CIÊNCIA POLÍTICA (72 horas/aula)**

EMENTA: Behaviorismo e pluralismo na Ciência política. A teoria da escolha racional e os problemas da ação coletiva e da escolha pública. O marxismo analítico. Realismo e realismo crítico. O neo-institucionalismo em suas diferentes vertentes. Introdução à teoria dos jogos aplicada à Ciência política.

### **BIBLIOGRAFIA MINIMA**

1. ARCHER, Margaret S. *Cultura y Teoría Social*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1997.
2. BHASKAR, Roy (2001). *Sociedades*. Mimeo.

3. BHASKAR, R. (2005). *Uma Teoria Realista da Ciência*. Mimeo.
4. BHASKAR, Roy. "Realismo crítico, relações sociais e argumentos para o socialismo", mimeo. (1º. capítulo de Bhaskar, Roy, *Reclaiming Reality: a Critical Introduction to Contemporary Philosophy*, London & New York: Verso, 1993, p. 1-10).
5. DUAYER, Mario. "Economia depois do relativismo: crítica ontológica ou ceticismo instrumental?", Niterói, UFF/Faculdade de Economia, 2003, mimeo, 14 p..
6. MEDEIROS, João Leonardo. "A economia diante do horror econômico: sete teses sobre o mundo social (e sobre o conhecimento deste mundo)", Rio de Janeiro: UFRJ/Instituto de Economia, Tese de Doutorado, 287 p., mimeo., 2004.
7. AVRITZER, L. Racionalidade, mercado e normatividade. Uma crítica dos pressupostos da teoria da escolha racional. *Novos estudos CEBRAP*. n. 44, mar. 1996. P. 165-178.
8. AVRITZER, L. *A moralidade da democracia*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
9. BOBBIO, N. *Liberalismo e democracia*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
10. CARDOSO, S. (org.). *Retorno ao Republicanismo*, Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2004.
11. EISEMBERG, J. *A democracia depois do liberalismo*. Rio de Janeiro: Relumé Dumará: 2003.
12. HARDY, H. & HAUSHEER, R. *Estudos sobre a humanidade*. Uma antologia de ensaios. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
13. ELSTER, J. Racionalidade e normas sociais. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.12, vol.5, fev. 1990, p. 53-69.
14. ELSTER, J. As possibilidades de política racional. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 14, n. 39, fevereiro de 1999, p. 13-40.
15. PETTIT, P. *Republicanismo*. Una teoria sobre la libertad y el gobierno. Barcelona: Paidós, 1999.
16. POCOCK, J. *Linguagens do Ideário Político*, São Paulo, Edusp, 2003
17. REIS, F. W. *Política e racionalidade*. Teoria e método numa teoria crítica da política. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
18. RAWLS, J. *Justiça como equidade: uma concepção política, não metafísica*. *Lua Nova*, v. 25, 1992.
19. RAWLS, J. *O liberalismo político*. Lisboa: Editorial Presença, 1996.
20. VITA, Á. *A justiça igualitária e seus críticos*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

### **7. SPO XXXX - TEORIA E MÉTODO NA HISTÓRIA DAS IDÉIAS POLÍTICAS (72 horas/aula)**

EMENTA: Alternativas metodológicas para o estudo da história do pensamento político. Procedimentos interpretativos na formulação, análise e crítica da teoria política. Modelos analíticos para o estudo do papel das idéias nas instituições e processos políticos. Ideologia e ação política.

### **8. SPO 7231 - ESTADO E POLÍTICAS PÚBLICAS (72 horas/aula)**

EMENTA: O conceito de Estado. Estado e sociedade no capitalismo contemporâneo. Democracia, descentralização e reforma do Estado. Estado e instituições. Estado e proteção social num mundo globalizado. *Welfare State*: emergência e declínio. Razões do Estado-providência e condições morais do Estado-prisonal. Políticas públicas, neo-institucionalismo e escolha racional. Novos bens públicos e as agências regulatórias. Federalismo e poder local. Políticas Públicas e Sociedade Civil. Movimentos sociais e esferas públicas de gestão.

### **9. SPO XXXX - ANÁLISE E AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS (72 horas/aula)**

EMENTA: Políticas Públicas e *Welfare State*: o estado da arte do debate. Dimensões da racionalidade econômica, política e social no âmbito das políticas públicas. Modelos de gestão pública: planejamento público. Gestão participativa. Análise e formulação de políticas públicas: políticas setoriais, políticas temáticas, políticas emergentes e georeferenciadas. Análise e avaliação de políticas públicas: aspectos metodológicos e critérios políticos e sociológicos. Avaliação de políticas públicas: métodos quantitativos. Gastos públicos e indicadores sociais.

#### **10. SPO 7232 - ECOLOGIA POLITICA**

EMENTA: Da ecologia à crítica radical da sociedade industrial. Desequilíbrio social. Conservacionismo e ecologismo. Movimentos ecológicos e questionamentos da cultura política materialista. Ecologismo e Ecosocialismo.

BIBLIOGRAFIA MÍNIMA:

1. MORIN (2000, caps. 1 a 5).
2. GADOTTI (2000, cap. 1)
3. KERN (1995: Prólogo e caps. 1 a 3).
4. MEADOWS *ET AL.* (1978) e DUPUY (1980)
5. SADER (2000) e BOFF (1996, cap. 1)
6. GALLOPÍN (1986, pp.126-151)
7. VILLAVERDE (1997), VON BERTALANFFY (1975).

#### **SPO XXXX - TÓPICOS ESPECIAIS EM POLÍTICA I (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de um tema específico e pertinente em Política.

#### **11. SPO XXXX - TÓPICOS ESPECIAIS EM POLÍTICA III (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de um tema específico e pertinente em Política.

#### **12. SPO XXXX - TÓPICOS ESPECIAIS EM POLÍTICA II (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de um tema específico e pertinente em Política.

#### **13. SPO XXXX - TÓPICOS ESPECIAIS EM POLÍTICA IV (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de um tema específico e pertinente em Política.

#### **14. SPO XXXX - TÓPICOS ESPECIAIS EM POLÍTICA V (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de um tema específico e pertinente em Política.

#### **15. SPO XXXX - TÓPICOS ESPECIAIS EM POLÍTICA VI (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de um tema específico e pertinente em Política.

#### **16. SPO XXXX - TÓPICOS ESPECIAIS EM POLÍTICA VII (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de um tema específico e pertinente em Política.

#### **17. SPO XXXX - TÓPICOS ESPECIAIS EM POLÍTICA VIII (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de um tema específico e pertinente em Política.

**18. SPO XXXX - TÓPICOS ESPECIAIS EM POLÍTICA IX (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de um tema específico e pertinente em Política.

**19. SPO XXXX - TÓPICOS ESPECIAIS EM POLÍTICA X (72 horas/aula)**

EMENTA: Estudo de um tema específico e pertinente em Política.

DISCIPLINAS OPTATIVAS COMPARTILHADAS: ANTROPOLOGIA, CIÊNCIA POLÍTICA E SOCIOLOGIA.

**1. ANT/SPO 7421 - ATIVIDADE EXTRA-CLASSE (72 horas/aula)**

**2. ANT/SPO 7431 – PROGRAMA DE INTERCÂMBIO I (00 horas/aula)**

EMENTA: Disciplina destinada aos alunos em programas de intercambio em outras instituições.

BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

Não há. Disciplina exclusiva para alunos que realizam intercâmbio em outras instituições.

**3. ANT/SPO 7432 – PROGRAMA DE INTERCÂMBIO II (00 horas/aula)**

EMENTA: Disciplina destinada aos alunos em programas de intercâmbio em outras instituições.

BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

Não há. Disciplina exclusiva para alunos que realizam intercâmbio em outras instituições.

## OUTROS DEPARTAMENTOS

### ECOLOGIA

#### **1. ECZ 5106 - DINÂMICA DE POPULAÇÕES (72 HORAS-AULA)**

Ementa: Conceito de indivíduo e população. Processos demográficos. Distribuição espacial de populações. Fatores e processos determinantes de densidade. Modelos de crescimento populacional. Regulação populacional. Estratégias bionômicas.

### BIOLOGIA CELULAR, EMBRIOLOGIA E GENÉTICA

#### **1. BEG 5536 - EVOLUÇÃO HUMANA (72 horas/aula)**

Ementa: Fundamentos de evolução. Biologia comparada evolutiva dos primatas. Adaptações evolutivas, morfológicas e comportamentais nos homínídeos. Registro fóssil dos ancestrais humanos. Evolução em populações modernas.

### GEOGRAFIA

#### **1. GCN 5184 - GEOGRAFIA HUMANA: ECONÔMICA (72 horas/aula)**

Ementa: Definição de Geografia Econômica. Espaço Geográfico. A produção social do espaço nos países periféricos. População.

### FILOSOFIA

#### **1. FIL XXXX - ÉTICA (72 horas/aula)**

Ementa: Ética geral. O fenômeno moral e a filosofia ética. Fundamentos da eticidade e escolas que o interpretam. Lei natural e lei positiva. Direito e dever. Consciência ética. Ética especial: aspectos éticos referentes à vida, à procriação, à família, à ordem social, à propriedade. Declaração dos direitos do Homem. Ética profissional.

### ARQUITETURA E URBANISMO

#### **ARQ5210 - ARQUITETURA E SOCIEDADE**

Cultura urbana. Classes sociais, movimentos sócio-políticos e arquitetura. Nascimento e crescimento das cidades. Problemática da organização dos indivíduos: a família, os grupos, as associações e as comunidades. Os espaços coletivos: análise e avaliação crítica. A inadequação da cidade contemporânea frente aos indivíduos: crianças, adultos, velhos, inválidos, etc...

### DIREITO

#### **1. DIR 5933 – DIREITOS HUMANOS**

Fundamentos e desenvolvimento histórico da construção dos direitos humanos. Cidadania enquanto fenômeno jurídico, direitos humanos e Constituição. cidadania e

## Previsão de solicitação de optativas de outros departamentos

DEPARTAMENTO DE ECOLOGIA

**DINÂMICA DE POPULAÇÕES**

DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA CELULAR, EMBRIOLOGIA E GENÉTICA

**EVOLUÇÃO HUMANA**

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

**GEOGRAFIA HUMANA: ECONÔMICA**

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

**ÉTICA**

DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

**ARQUITETURA E SOCIEDADE**

DEPARTAMENTO DE DIREITO

**DIREITOS HUMANOS**

## DISCIPLINAS ESPECÍFICAS PARA HABILITAÇÃO EM LICENCIATURA

### DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E METODOLOGIA DO ENSINO

#### 1. MEN 5602 - DIDÁTICA ( 72 h/aulas)

Ementa: A disciplina tem por objeto de estudo o ensino em sua condição de prática pedagógica que possibilita a realização da função cultural da instituição escolar, e assim, do desenvolvimento do currículo. Desta forma, a disciplina articular-se-á em torno de estudos originados no campo da teoria sobre o ensino com o propósito de instrumentalizar o aluno para a configuração (planejamento) do ensino de cada área específica. Núcleos temáticos:

- educação escolar como fenômeno histórico-social;
- o trabalho pedagógico e o contexto escolar e
- a organização da mediação pedagógica no processo ensino-aprendizagem.

#### 2. MEN 7XXX - METODOLOGIA DE ENSINO EM CIÊNCIAS SOCIAIS (108 h/aulas: 4 teóricas e 2 PPCC)

Ementa: A constituição, organização e desenvolvimento do ensino das Ciências Sociais no contexto da educação escolarizada no Brasil. Os princípios teórico-metodológicos das atividades de ensino e de aprendizagem e a especificidade do trabalho pedagógico nas Ciências Sociais. As propostas curriculares e os materiais e recursos didáticos para o ensino das Ciências Sociais. As pesquisas e a discussão contemporânea sobre as possibilidades e os desafios do ensino de Ciências Sociais na realidade escolar brasileira. Desenvolvimento de ensaios pedagógicos e de pré-projetos de ensino.

#### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. CARVALHO, L. (org). Sociologia e Ensino em debate: experiências e discussão de sociologia no ensino médio. Ijuí (RS): Ed. UNIJUÍ, 2004.
2. FERNANDES, F. A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 105-120.
3. IANNI, O. A Sociologia numa época de globalismo. In: L. Ferreira (org.). A sociologia no horizonte do século XXI. São Paulo: Boitempo, 1997, p. 13-25.
4. \_\_\_\_\_. Sobre a inclusão da sociologia no curso secundário. IV Congresso dos alunos da FFLCH da USP. In: Revista Atualidades Pedagógicas, ano VIII, n.º 40, jan-abril 1957, p 19-20.
5. JINKINGS, N. As particularidades e os desafios do ensino de Sociologia nas escolas. In: M. F. DIAS et al. (orgs). Formação de professores: experiências e reflexões. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2006, p. 135-151.
6. KUENZER, A. O Ensino Médio agora é para a vida: entre o pretendido, o dito e o feito. Educação & Sociedade. Ano XXI, nº 70. Campinas: Unicamp, abril, 2000, p. 15-39.
7. MICELI, S. (org.). História das Ciências Sociais no Brasil. **Vol. 1.** São Paulo: Vértice. Editora Revista dos Tribunais: IDESP, 1989.
8. MILLS, W. A imaginação sociológica. 3ª. ed. Trad. de W. Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1972, p. 9-32.
9. ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO. Volume 3: Ciências Humanas e suas Tecnologias. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
10. PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA – Ensino Fundamental e Médio. Florianópolis: Secretaria do Estado de Educação, 1998.

11. SILVA, I. A Sociologia no Ensino Médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. *SBS – XII Congresso Brasileiro de Sociologia*. Belo Horizonte, maio/junho 2005.

### **3. ESTÁGIO SUPERVISIONADO I** (14 horas/aula - pré-requisito: Metodologia de Ensino)

O estágio como atividade teórico-prática na formação de professores. Estágio supervisionado em escolas de Ensino Básico: pesquisa da realidade escolar constituída em campo de estágio e elaboração de projeto de ensino.

#### **BIBLIOGRAFIA MÍNIMA**

1. ANDRÉ, M. (org.). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. 4ª ed. Campinas: Papirus Editora, 2005.
2. COSTA, C. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2002.
3. CUNHA, M. I. *O bom professor e sua prática*, 5ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.
4. LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.
5. \_\_\_\_\_ et al. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez, 2003.
6. LÜDKE, M. (org.). *O professor e a pesquisa*. 3ª ed. Campinas: Papirus Editora, 2004.
7. MARTINS, C. B. *O que é Sociologia*, 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
8. MEKSENAS, P. *Sociologia*, 2ª ed. revista e aumentada. São Paulo: Cortez, 1994.
9. OLIVEIRA, P. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Ática, 2001.
10. PIMENTA, S. e LIMA, M. S. *Estágio e docência*. Coleção Docência em formação – Série Saberes pedagógicos. São Paulo: Cortez, 2004.
11. PIMENTA, S. *O estágio na formação de professores: unidade e prática?*, 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.
12. TOMAZI, N. (org.). *Iniciação à Sociologia*. 2ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Atual, 2000.

### **4. ESTÁGIO SUPERVISIONADO II** (14 horas/aula - pré-requisito: Estágio Supervisionado I.)

O estágio como atividade teórico-prática na formação de professores. Estágio supervisionado em escolas de Ensino Básico: planejamento das atividades docentes; desenvolvimento de projeto de ensino; avaliação. Produção de artigo com análise da pesquisa e da prática de ensino.

#### **BIBLIOGRAFIA MÍNIMA**

13. ANDRÉ, M. (org.). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. 4ª ed. Campinas: Papirus Editora, 2005.
14. COSTA, C. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2002.
15. CUNHA, M. I. *O bom professor e sua prática*, 5ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.
16. LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.
17. \_\_\_\_\_ et al. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez, 2003.
18. LÜDKE, M. (org.). *O professor e a pesquisa*. 3ª ed. Campinas: Papirus Editora, 2004.

19. MARTINS, C. B. *O que é Sociologia*, 4<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
20. MEKSENAS, P. *Sociologia*, 2<sup>a</sup>. ed. revista e aumentada. São Paulo: Cortez, 1994.
21. OLIVEIRA, P. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Ática, 2001.
22. PIMENTA, S. e LIMA, M. S. *Estágio e docência*. Coleção Docência em formação – Série Saberes pedagógicos. São Paulo: Cortez, 2004.
23. PIMENTA, S. *O estágio na formação de professores: unidade e prática?*, 5<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
24. TOMAZI, N. (org.). *Iniciação à Sociologia*. 2<sup>a</sup> ed. revista e ampliada. São Paulo: Atual, 2000.

##### 5. EED 5187 – ORGANIZAÇÃO ESCOLAR (72 horas/aula)

Ementa: Teorias que norteiam o tema organização escolar e o currículo. Estrutura organizacional do sistema nacional de educação. Níveis e modalidades de ensino da Educação Básica. Projeto Político Pedagógico. A teoria curricular e os aspectos da ideologia, da cultura e do poder. O currículo e os ritos de exclusão. PCNs; Propostas Curriculares: estadual e municipais. A avaliação curricular. O currículo e as identidades sociais.

##### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA

1. APPLE, M.W. Aliança estratégica ou estratégia hegemônica? Conservadorismo entre os desfavorecidos. In *Educação & Sociedade*. Campinas: CEDES, vol. 24, nº 84, Especial/2003, p. 1019-1040.
2. \_\_\_\_\_. Ideologia e currículo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982 (Publicação original em inglês, 1979).
3. \_\_\_\_\_. A política do conhecimento oficial: Faz sentido a idéia de um currículo nacional? In MOREIRA, A.F. e SILVA, T.T. (Orgs.) *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez (1994), 6<sup>a</sup> ed. 2002a, p. 59-91.
4. \_\_\_\_\_. Aliança estratégica ou estratégia hegemônica? Conservadorismo entre os desfavorecidos. In *Educação & Sociedade*. Campinas: CEDES, vol. 24, nº 84, Especial/2003, p. 1019-1040.
5. \_\_\_\_\_. *Educação e poder*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989 (Publicação original em inglês, 1985).
6. \_\_\_\_\_. O campo do currículo no Brasil: os anos 90. In *Didática, currículo e saberes escolares*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000, p. 60-77.
7. \_\_\_\_\_. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In SILVA, T.T. (Org.) *Alienígenas na sala de aula; uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995b, p. 85-103.
8. \_\_\_\_\_. Repensando ideologia e currículo. In MOREIRA, A.F. e SILVA, T.T. (Orgs.) *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez (1994), 6<sup>a</sup> ed. 2002b, p. 39-57.
9. ALVES, N. e OLIVEIRA, I.B. Uma história da contribuição dos estudos do cotidiano escolar ao campo do currículo. In LOPES, A.C. e MACEDO, E. (Orgs.) *Currículo: debates contemporâneos*. São Paulo: Cortez Editora, 2002, p. 78-102.
10. AZEVEDO, F. Os sistemas escolares. In PEREIRA, L. e FORACCHI, M.M. *Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação*. São Paulo: Ed. Nacional, 1978, p. 138-149.
11. BERGER, B. e BERGER, P.L. O que é uma instituição escolar?. In FORACCHI, M.M. e MARTINS, J.S. *Sociologia e sociedade (Leituras de introdução à sociologia)*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 193-199.
12. BLAU, P.M. Componentes burocráticos dos sistemas escolares. In PEREIRA, L. e FORACCHI, M.M. *Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação*. São Paulo: Ed. Nacional, 1978, p. 150-162.
13. BOTO, C. Na Revolução Francesa, os princípios democráticos da escola pública, laica

- e gratuita: o relatório de Condorcet. In Educação & Sociedade. Campinas: CEDES, v. 24, nº 84, setembro/2003, p. 735-762.
14. BOURDIEU, P. Os excluídos do interior. In NOGUEIRA, M.A. e CATANI, A. Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, p. 217-227.
  15. CAMPOS, E. (Org.) Sociologia da burocracia. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
  16. CANDIDO, A. A estrutura da escola. In PEREIRA, L. e FORACCHI, M.M. Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação. São Paulo: Ed. Nacional, 1978, p. 107-128.
  17. CARVALHO, J.S. O discurso pedagógico das diretrizes curriculares nacionais: competência crítica e interdisciplinaridade. In Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas. São Paulo: Autores Associados, nº 112, março/2001, 155-165.
  18. CARVALHO, M.P. Quem são os meninos que fracassam na escola? In Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas. São Paulo: Autores Associados, nº 121, jan./abr./2004, p. 11-40.
  19. CORTELLA, M.S. A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos. São Paulo: Cortez, 2000.
  20. COSTA, Fabíola et. al. Escola viva Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2004.
  21. CURY, C.R.J. A educação Básica no Brasil. In Educação & Sociedade. Campinas: CEDES, v. 23, nº 80, setembro/2002, p. 169-201.
  22. CURY, C.R.J. A educação como desafio na ordem jurídica. In LOPES, E.M.T. et al. 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000b, p. 567-584.
  23. CURY, C.R.J. Legislação educacional brasileira. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000a.
  24. DUBET, F. A escola e a exclusão. In Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas. São Paulo: Autores Associados, nº 119, julho/2003, p. 29-45.
  25. ESTEBAN, M.T. (Org.) Escola, currículo e avaliação. São Paulo: Cortez, 2003.
  26. FERRETTI, C.J. E SILVA Jr., J.R. Educação profissional numa sociedade sem empregos. In Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas. São Paulo: Autores Associados, nº 109, março/2000, 43-66.
  27. FIORI, N. Etnia e educação; a escola alemã do Brasil e estudos congêneres. Florianópolis: Ed. da UFSC e Tubarão: Ed. da UNISUL, 2003.
  28. FORQUIN, J.-C. Escola e cultura; as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993 (Publicação original em francês, 1990).
  29. GARCIA, R.L. E MOREIRA, A.F.B. (Orgs.) Currículo na contemporaneidade; incertezas e desafios. São Paulo: Cortez, 2003.
  30. GIROUX, H.A. e McLAREN, P. Formação do professor como uma contra-esfera pública: A pedagogia radical como uma forma de política cultural. In MOREIRA, A.F. e SILVA, T.T. (Orgs.) Currículo, cultura e sociedade. São Paulo: Cortez (1994), 6ª ed. 2002, p. 125-154.
  31. GIROUX, H.A. e SIMON, R. Cultura popular e pedagogia crítica: A vida cotidiana como base para o conhecimento curricular. In MOREIRA, A.F. e SILVA, T.T. (Orgs.) Currículo, cultura e sociedade. São Paulo: Cortez (1994), 6ª ed. 2002, p. 93-124.
  32. GIROUX, H.A. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In SILVA, T.T. (Org.) Alienígenas na sala de aula; uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995a, p. 133-158.
  33. GOMES, C.A. e CARNIELLI, B.L. Expansão do ensino médio: temores sobre a educação de jovens e adultos. In Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas. São Paulo: Autores Associados, nº 119, julho/2003, p. 47-69.
  34. GRIGNON, C. Cultura dominante, cultura popular e multiculturalismo popular. Uma introdução aos estudos culturais em educação. In SILVA, T.T. (Org.) Alienígenas na sala de aula; uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 178-189.
  35. LAHIRE, B. Reprodução ou prolongamentos críticos? In Educação e Sociedade. Dossiê "Ensaio sobre Pierre Bourdieu", Ano XXIII, nº 78, Abril/2002, p. 37-55.
  36. LANGOUËT, G. A escola francesa se democratiza, mas a inserção social torna-se cada vez mais difícil. In Perspectiva. Revista do Centro de Ciências da Educação.

- Florianópolis: Editora da UFSC, vol. 20, nº Especial, julho/dezembro 2002, p. 85-106.
37. LAPASSADE, G. Grupos, organizações, instituições. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 3ª ed. 1989 (Publicação original em francês, 1974).
  38. LIBÂNEO, J.C. Produção de saberes na escola: suspeitas e apostas. In Didática, currículo e saberes escolares. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000, p. 11-45.
  39. LOPES, A.C. e MACEDO, E. O pensamento curricular no Brasil. In LOPES, A.C. e MACEDO, E. (Orgs.) Currículo: debates contemporâneos. São Paulo: Cortez Editora, 2002, p. 13-54.
  40. MACEDO, E. Aspectos metodológicos em história do currículo. In OLIVEIRA, I.B. E ALVES, N. (Orgs.) Pesquisa no/do cotidiano das escolas; sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001, p. 131-148.
  41. MANNHEIN, K. e STEWART, W.A.C.O subgrupo de ensino. In PEREIRA, L. e FORACCHI, M.M. Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação. São Paulo: Ed. Nacional, 1978, p. 129-137.
  42. MONTEIRO, A.M. A prática de ensino e a produção de saberes na escola. In Didática, currículo e saberes escolares. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000, p. 129-147.
  43. MORAES, R.C. Reformas neoliberais e políticas públicas: hegemonia ideológica e redefinição das relações Estado-sociedade. In Educação & Sociedade. Campinas: CEDES, v. 23, nº 80, setembro/2002, p. 13-24.
  44. MOREIRA, A.F. e SILVA, T.T. Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução. In MOREIRA, A.F. e
  45. MOREIRA, A.F.B. Currículos e programas no Brasil. Campinas: Papyrus (1990), 10ª ed., 2003.
  46. MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 9ª ed., 2004.
  47. NUNES, C. Ensino médio. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.
  48. PERRENOUD, P. A pedagogia na escola das diferenças; fragmentos de uma sociologia do fracasso. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
  49. PERRENOUD, P. Sucesso na escola: só o currículo, nada mais que o currículo! In Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas. São Paulo: Autores Associados, nº 119, julho/2003, 9-27.
  50. PIMENTA, S.G. A pesquisa em didática – 1996 a 1999. In Didática, currículo e saberes escolares. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000, p. 78-106.
  51. PINTO, J.M.R. Financiamento da educação no Brasil: um balanço do Governo FHC (1995-2002). In Educação & Sociedade. Campinas: CEDES, v. 23, nº 80, setembro/2002, p. 109-136.
  52. REVISTA PONTO DE VISTA, v. 3/4, Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2004.
  53. SANTOS, L.L.C.P. Pluralidade de saberes em processos educativos. In Didática, currículo e saberes escolares. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000, p. 46-59.
  54. SILVA, T.T. (Orgs.) Currículo, cultura e sociedade. São Paulo: Cortez (1994), 6ª ed. 2002, p. 7-37.
  55. SILVA, T.T. da. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
  56. SILVA, Tomaz T.; MOREIRA, Antônio F. (org.) .Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis, Vozes, 1995.
  57. SILVA, Tomaz T.; MOREIRA, Antônio F. (org.). Currículo, Cultura e Sociedade. São Paulo: Cortez, 1994.
  58. TARDIF, M. Os professores enquanto sujeitos do conhecimento: subjetividade, prática e saberes no magistério. In Didática, currículo e saberes escolares. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000, p. 112-128.
  59. TORRES SANTOMÉ, A instituição escolar e a compreensão da realidade: o currículo integrado. In: Silva, Luiz Heron da. Reestruturação Curricular: novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais. Porto Alegre: Sulina, 1996. p. 58-74.
  60. VALENTE, I. e ROMANO, R. PNE: Plano nacional de Educação ou carta de intenção?. In Educação & Sociedade. Campinas: CEDES, v. 23, nº 80, setembro/2002, p. 97-108.

61. VALLE, I.R. A era da profissionalização. Formação e socialização profissional do corpo docente de 1ª a 4ª série. Florianópolis: Cidade Futura, 2003.
62. VALLE, I.R., MIZUKI, G.E.P. E CASTRO, I.M.F. Democratizar, descentralizar, municipalizar: A expansão do ensino fundamental catarinense. In Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas. São Paulo: Autores Associados, nº 121, jan./abr./2004, p. 187-212.
63. VALLE, I.R. Formação de professores: um esforço de síntese. In IV Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. Florianópolis: ANPED, novembro/2002.
64. VEIGA, I.P.A. Educação Básica e Educação Superior; projeto político pedagógico. São Paulo: Papyrus Editora, 2004.
65. VIANNA, C.P. e UNBEHAUM, S. O Gênero nas políticas públicas de educação no Brasil: 1988-2002. In Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas. São Paulo: Autores Associados, nº 121, jan./abr./2004, p. 77-104.
66. ZNANIECKI, F. A escola como grupo instituído. In PEREIRA, L. e FORACCHI, M.M. Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação. São Paulo: Ed. Nacional, 1978, p. 104-106.

#### **6. SPO 7XXX - SEMINÁRIO DE LICENCIATURA (72 h/aulas)**

EMENTA: Apresentação pública dos trabalhos finais do estágio supervisionado dos alunos do 9º semestre de licenciatura e com o envolvimento dos alunos do 6º semestre cursando Metodologias do Ensino de Ciências Sociais (horas PPCC), voltada para a reflexão da experiência de elaboração do TCL.

BIBLIOGRAFIA MÍNIMA:

Não se aplica, tendo em vista tratar-se de disciplina para discussão sobre os trabalhos elaborados pelos alunos.

#### **7. EED 5331 - TEORIAS DA EDUCAÇÃO**

EMENTA: Conceito de educação: elaborações e práticas em torno da formação moral, intelectual e estética do homem. Conceito de pedagogia: pedagogia da essência e pedagogia da existência - referências clássicas, modernas e contemporâneas. Pensamento pedagógico brasileiro.

BIBLIOGRAFIA MÍNIMA:

1. AQUINO, Tomás de. Sobre o ensino (De Magistro). São Paulo: Martins Fontes, 2001.
2. ARENDT, Hannah. A crise na educação. In: Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1992.
3. COMÊNIO, João Amós. Didática Magna. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.
4. FRANCA, Leonel. O método pedagógico dos jesuítas. Rio de Janeiro: Agir, 1952.
5. JAEGER, Werner. O Protágoras. In: Paidéia – a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
6. KANT, Immanuel. Sobre a pedagogia. São Paulo: Unimep, 1999.
7. MONTAIGNE, Michel de. “Da educação das crianças”. In: Ensaio. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
8. SUCHODOLSKY, Bogdan. A pedagogia e as grandes correntes filosóficas. Lisboa: Livros Horizonte, s/d.
9. DI GIORGIO, Cristiano. Escola Nova. São Paulo: Ática, 1998.
10. GHIRALDELLI JR., Paulo. Didática e teorias educacionais. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
11. LIBÂNEO, J. C. Democratização da escola pública. São Paulo: Loyola, 1985.
12. SAVIANI, Demerval. “Tendências e correntes da educação brasileira.” In: MENDES, D. T. (coord.) Filosofia da educação brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

13. \_\_\_\_\_. Escola e democracia. São Paulo: Cortez e AA, 1991.
14. \_\_\_\_\_. Pedagogia histórico-crítica – primeiras aproximações. São Paulo: Cortez e AA, 1991.
15. CUNHA, Marcos Vinicius da. John Dewey – Uma filosofia para educadores em sala de aula. Petrópolis: Vozes 1998.

## 8. ANT 7XXX - ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Ementa: Relações raciais e racismo no Brasil. Relações interétnicas e Identidade étnica. Estudos sobre os negros no Brasil.

### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA:

1. BANTON, Michel. A idéia de raça. Lisboa: Martins Fontes.
2. NOGUEIRA, Oracy. Tanto preto quanto branco: estudo de relações raciais. São Paulo T. A Queiroz, 1981
3. SCHWARCZ, Lília Moritz. Retrato em branco e negro: jornais escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo. Comp. das Letras 1987
4. SKIDMORE, Thomas E. Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
5. DUNN, L. C. e outros. Raça e Ciência II. São Paulo: Perspectiva.
6. SCHWARTZ, Lília M. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras.
7. SCHWARCZ, Lília Moritz, QUEIROZ, Renato da Silva. (orgs). Raça e diversidade. São Paulo: Edusp.
8. SEYFERTH, Giralda. “A invenção da raça e o poder dos estereótipos”. Anuário Antropológico/ 93, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
9. MAIO, M.C., SANTOS, R.V. (orgs.). Raça, ciência e sociedade. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB.
10. MONTES, Maria Lúcia. “Raça e identidade: entre o espelho, a invenção e a ideologia” In SCHWARCZ, Lília Moritz, QUEIROZ, Renato da Silva. (orgs). Raça e diversidade. São Paulo: Edusp. 1996. (pp. 47-75)
11. SEVCENKO, Nicolau. “As alegorias da experiência marítima e a construção do europocentrismo”. Idem. 1996. (pp. 113-145)
12. QUEIROZ, Renato da Silva. “Tanto preto quanto branco, mas sobretudo pretos”. Idem. 1996. (pp. 297-305)
13. FRY, Peter. A persistência da Raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África Austral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005.
14. REZENDE, C. B.; MAGGIE, Y. (orgs), Raça como retórica: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
15. GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. “Preconceito de cor e racismo no Brasil” In Revista de Antropologia da USP, São Paulo: 2004. (pp.9-43)
16. VENTURA SANTOS, Ricardo e MAIO, Marcos Chor Qual “retrato do Brasil”? Raça, biologia, identidades e política na era da genômica” In Mana. Estudos de Antropologia Social. 10(1) (pp. 61-95). PPGAS/Museu Nacional. Rio de Janeiro. 2004.

17. GOLDMAN, Márcio. "Segmentariedades e movimentos negros nas eleições em Ilhéus" In *Mana. Estudos de Antropologia Social*. 7(2) (pp. 57-93) PPGAS/Museu Nacional. Rio de Janeiro. 2001.
18. BARTH, Fredrik. Los grupos étnicos y sus fronteras. Mexico. Fondo de Cultura econômica. 1976.
19. AZEVEDO, Célia M. M. de. Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites. Séc. XIX. RJ. Paz e Terra. 1987.
20. CUNHA, Manuela C. Negros, estrangeiros. Os libertos e sua volta à África. Brasiliense. SP. 1985.

## DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

### 1. PSI 5137 - PSICOLOGIA EDUCACIONAL: APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO (72 h/aulas)

Ementa: Breve contextualização da Psicologia enquanto ciência: histórico; multiplicidade teórica; objetos de estudo; métodos e campos de aplicação. A Psicologia na Educação. Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem: principais concepções; a constituição do sujeito: aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais. Infância, adolescência e sociedade. O processo de aprendizagem e o contexto escolar: o processo ensino-aprendizagem; as interações sociais no contexto educacional; o fracasso escolar: a contribuição da psicologia na explicação do fenômeno.

#### BIBLIOGRAFIA MÍNIMA:

1. AQUINO, Júlio (org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.
2. \_\_\_\_\_ *Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo : Summus, 1997.
3. \_\_\_\_\_ *Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas*. SP: Summus, 1998.
4. \_\_\_\_\_ *Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas*. SP: Summus, 1999
5. BOCK, Ana M. B.; FURTADO, O e TEIXEIRA, M. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2000.
6. BECKER, Daniel. *O que é adolescência*. São Paulo : Brasiliense, 1986.
7. COLLARES, C. A. L. e MOYSÉS, M. A. de A. *Respeitar ou submeter: a avaliação de inteligência em crianças em idade escolar*. Em: *Educação especial em debate*. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia, 1997. P. 117-136.
8. CROCHÍK, J. L. *Aspectos que permitem a segregação na escola pública*. Em: *Educação especial em debate*. São Paulo: Conselhos Regionais de Psicologia, 1997. P. 13-22
9. MEIRIEU, Philippe. *Aprender... sim, mas como?* Porto Alegre : Artes Médicas, 1998.
10. MUSSEN, P.H.; CONGER, J. J.; KAGAN, J.e HUSTON, C. A. *Desenvolvimento e Personalidade da Criança*. Harbra. S.P.1995.
11. PAPALIA, Diane E. & OLDS, Sally W. *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre : Artes Médicas Sul, 2000.
12. PATTO, M. H. S. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990. P. 09-52.
13. SALVADOR, César Coll. Et al. *Psicologia do ensino*. Porto Alegre : Artes Medicas Sul, 2000.

14. TOZZI, D. A . et alii (org.) Série Idéias. Toda criança é capaz de aprender?  
São Paulo: FDE, n.06, 1990. P. 17-23.
15. WOOLFOLK, A. Psicologia da Educação. Artes Médicas, P. A. 2000

## 9) CONCEPÇÃO E COMPOSIÇÃO DOS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO E ESTÁGIO CURRICULAR PROFISSIONAL

Para habilitar-se como bacharel em Ciências Sociais o estudante deverá optar entre 1) o desenvolvimento de uma pesquisa e a elaboração de uma Trabalho de Final de Curso -TCC - sob a orientação de um professor do Curso de Ciências Sociais da UFSC, ou 2) a realização de um Estágio Curricular Profissional, que se desenvolverá em instituições/órgãos públicos ou privados, sob a supervisão de um Coordenador de Estágio no local de realização do estágio e de um professor do curso de Ciências Sociais que orientará a realização do estágio, a elaboração e a apresentação do Relatório Final do Estágio Curricular Profissional, conforme anexo 1: Projeto para o regulamento interno do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC).

Pretende-se que ambas as atividades tenham suporte teórico e metodológico no conjunto das disciplinas do curso, enfocando uma atenção mais dirigida à etapa final do curso.

A experiência do processo de elaboração dos trabalhos de final de curso – TCC ou ECP - tem mostrado o despreparo da maioria dos alunos para a realização desta etapa final do curso, tendo por conseqüência um desgaste do professor na orientação dos trabalhos e do próprio aluno que vive o “martírio” de pesquisar neste momento do curso. Terminados os créditos necessários, o aluno recolhe-se para a sua pesquisa temática, tarefa acadêmica solitária e, raramente, compartilhada com os demais colegas na mesma situação. Isto faz com que interrompa abruptamente sua trajetória e participação nas diversas atividades do curso, ainda que se concentre num único fazer e desconheça a possibilidade de desenvolver estudos, discussões coletivas correlatas que poderiam aprimorar suas reflexões e aprimorar seu trabalho individual, ou em grupo, com auxílio dos demais colegas.

Considerando estes limites, esta proposta curricular prevê disciplinas que buscam cooperar para o aprendizado continuado do aluno na direção da elaboração de seu trabalho final de curso, dando ênfase na experiência coletiva, formulação de interpretações/análises/explicações e crítica em encontros voltados, exclusivamente, para os trabalhos temáticos dos alunos.

Assim, desde o 5º e 6º semestres, no bloco das disciplinas metodológicas, os alunos deverão aprofundar seus conhecimentos de conteúdos específicos para que a autonomia de escolha, projeção e investigação de um tema sob a forma de um trabalho de final de curso ou intervenção em algum campo de estágio. Nas disciplinas de Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais I e II, deverão elaborar um projeto de pesquisa ou de estágio curricular profissional. Nas disciplinas Seminário de Pesquisa e TCC / ECP I e II (7º e 8º semestres para o turno diurno; 8º e 9º semestres par ao turno noturno) estão previsto encontros coletivos para os alunos que estão desenvolvendo seus trabalhos de pesquisa ou de estágio, que pretendem acompanhar e discutir os trabalhos desenvolvidos pelos alunos.

Conforme a indicação da discussão entre professores e alunos do curso, nos diversos encontros promovidos no Curso, fica indicado o tempo de 1 (um) ano para o planejamento,

execução e elaboração do TCC ou do ECP, aberta a possibilidade para a apresentação de projetos de investigação conjuntos, isto é, por dois alunos.

Os departamentos responsáveis pelo curso – Departamentos de Antropologia e Departamento de Sociologia e Ciência Política - deverão oferecer condições para a realização dos trabalhos de finais de curso e dos estágios profissionais, designando um professor orientador para o aluno, por ocasião da sua matrícula na disciplina TCC I e ECPI.

As atividades referentes aos TCC e ECP deverão ser centralizadas pela Coordenação Pedagógica do Curso, responsável pela organização do calendário das defesas dos projetos e trabalhos finais, em comum acordo com os orientadores e seus orientandos, bem como pela divulgação previa e ampla das datas de defesa das monografias e relatórios de estágio profissional, possibilitando que o conjunto dos alunos do curso se integrem à atividade aperfeiçoando a sua formação acadêmica. Prevê-se que as defesas devam acontecer em um mesmo período do semestre letivo, permitindo, desse modo, transformá-las em atividades de ensino e aprendizagem para os demais alunos do curso.

Recomenda-se a atribuição de 2 créditos semestrais para os alunos matriculados nas atividades das disciplinas acima, e 2 horas de carga horária para o professor-orientador. Recomenda-se que cada professore tenha no máximo 05 orientados de graduação.

## 10) CONCEPÇÃO E COMPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Entende-se como atividades complementares do curso de Ciências Sociais as atividades curriculares extra-classe realizadas pelos alunos no âmbito da pesquisa, do ensino e da extensão universitárias, com a comprovação de supervisão docente e obrigatoriamente relacionadas com as áreas de Antropologia, Sociologia e Ciência política.

São consideradas complementares as atividades científico - culturais e de extensão, conforme quadro abaixo, que assegurem a participação dos alunos em projetos de pesquisa integrados ou individuais de professores; projetos de iniciação científica; grupos de estudo e intervenção com projeto nas áreas das Ciências Sociais; projetos de extensão devidamente aprovados nos departamentos; monitoria; estágios extra-curriculares supervisionado em empresas/órgão públicos ou privados; atividades científico-culturais; outras atividades sob responsabilidade e organização do Centro Acadêmico de Ciências Sociais ou da Coordenação do Curso, desde que aprovadas pelo Colegiado, como, por exemplo, encontros que visem a participação em diferentes atividades político-culturais.

### ATIVIDADES CIENTÍFICO-CULTURAIS (ACC)

A cumprir horas (200 horas/aulas)

Nº	Atividade	Período Máximo	Carga Horária Máxima Anual
1	Monitoria (voluntária ou bolsa de monitoria na instituição)	3 anos	50 horas
2	Iniciação Científica (voluntária ou bolsa de iniciação na instituição), com período $\geq$ 12 meses	3 anos	50 horas
3	Estágio de curta duração (1 a 3 meses) em laboratório ou projeto de pesquisa	3 anos	10 horas (até um máximo de 2 estágios/ano)
4	Participação em eventos com apresentação de trabalho	-	10 horas/publicação (sem limite anual)
5	Participação em eventos sem apresentação de trabalho	-	2 horas/participação (até um máximo de 3 participações/ano)
6	Participação em publicação de artigo técnico-científico em revista indexada	4 anos	25 horas/publicação (sem limite anual)
7	Curso / Mini-curso / Oficina / Grupo de estudos em assunto correlato ao curso	-	Carga horária cursada
8	Curso de Língua Estrangeira completo/estatística e outros relacionados às Ciências Sociais	-	30 horas
9	Curso de informática completo*	-	30 horas
10	Participação em organização de eventos de natureza técnico-científica	-	5 horas/evento (até um máximo de 20 horas)

\*Carga horária abaixo de 30 horas, a pontuação obedecerá a carga horária informada no certificado.

### ATIVIDADES DE EXTENSÃO (AE)

(correspondendo até 10% da carga horária total em cada uma das habilitações)

Nº	Atividade	Período Máximo	Carga Horária Máxima Anual
1	Monitoria (voluntária ou bolsa de monitoria em outra instituição/empresa)	2 anos	50 horas
2	Estágio em projeto de Extensão (apenas quando se relacionar com AE)	3 anos	50 horas
3	Monitoria em evento (apenas quando se relacionar com AE)	4 anos	20 horas
4	Estágio Extra Curricular (apenas quando se relacionar com AE)	4 anos	25 horas
5	Representação estudantil (participação em Centro Acadêmico, Diretório Estudantil, Conselhos)	3 anos	5 horas
6	Assessoria a movimentos sociais, culturais, movimentos sociais, sindicatos e outros de natureza afim.	4 anos	20 horas
7	Estágio em ensino de Antropologia, Ciência Política e Sociologia (rede pública e mínimo de 02 semestres letivos), à exceção das disciplinas de Estágio Supervisionado e Estágio Curricular Profissional.	3 anos	20 horas
8	Participação em Campanhas públicas relacionadas a programas sociais e culturais durante o período de integralização do curso	4 anos	5 horas/campanha
9	Participação em curso de extensão oferecido à comunidade em geral como palestrante ou monitor	-	2 horas/palestra (até um máximo de 10 horas)
10	Participação em mostras, apresentações, projeções comentadas de vídeos técnicos à comunidade durante o período de integralização do curso.	-	1h/ atividade (até um máximo de 20 horas)
11	Excursões científicas (apenas quando se relacionar com AE)	-	2 horas/excursão (até um máximo de 10 horas)

Estas atividades deverão ser aprovadas pelo coordenador do curso para serem registradas no histórico escolar dos (as) alunos (as) e terão seus créditos atribuídos num total de 200 horas. As horas excedentes à carga mínima exigida não poderão ser validadas como disciplinas optativas.

A comissão de reforma curricular propõe, ainda, a criação do LAC - laboratório de atividades complementares – o qual terá como principal objetivo:

- a) a criação de um espaço de convergência teórico-prática;
- b) suporte operacional para o desempenho qualitativo do ensino aprendizagem;
- c) suporte às atividades extra – classe dos alunos.

Extensivamente discutida entre os professores e alunos na II Jornada Político-Pedagógica, essa proposta obteve o apoio do conjunto do curso, argumentada como um dos meios de cobrir a precariedade das condições de estudo dos alunos da graduação, principalmente, dos alunos do curso noturno. Assim, é importante destacar que materiais e equipamentos do LAC serão utilizados pela totalidade dos alunos do curso de Ciências Sociais bem como pelos professores do Departamento de Antropologia e de Sociologia e Ciência Política, sob a supervisão e responsabilidade da Coordenação do Curso. (Conforme ANEXO V, projeto FUNGRAD/2003, em anexo).

Pretende-se que o LAC ainda cumpra as seguintes funções:

- a) Possibilitar a utilização adequada de recursos de informática, tais como programas computacionais para a análise de dados de pesquisa;
- b) Auxiliar no processo de estudo dos alunos através da atualização do acervo bibliográfico na área;
- c) Permitir a pesquisa em bancos de dados bibliográficos e estatísticos;
- d) Integrar a base de dados do Centro de Filosofia e Ciências Humanas em consórcio com recursos de multimídia, textos na íntegra, imagens e vídeos;
- e) Articular a prática de ensino das Ciências Sociais com instrumentos didático-pedagógicos atualizados;
- f) Promover o encontro interdisciplinar do curso;
- g) Propiciar a articulação entre as disciplinas teóricas e questões práticas em um espaço laboratorial de experiência-ação-reflexão.

A implantação do LAC deverá se dar desde a sua instalação física até a instalação didático-pedagógica junto ao colegiado do curso de Ciências Sociais, a comissão de reforma curricular e os departamentos que integram o curso. A articulação entre estas instâncias visa uma melhor utilização dos recursos e a incorporação da proposta pelo corpo docente.

## 11) AS FORMAS DE AVALIAÇÃO

### PRINCÍPIOS GERAIS

#### **Avaliação Professor → aluno**

- A avaliação deverá ser primeiramente, um processo, isto é, o professor priorizará o desenvolvimento do aluno quanto ao domínio sobre as temáticas/questões abordadas na disciplina. A avaliação focará, portanto, as transformações/desenvolvimento na abordagem e na análise feita pelo aluno acerca das questões/temáticas próprias da disciplina. Não se trata, portanto, de “ aferir ” o acúmulo de informações – as quais não devem ser desconsideradas, de modo a evitar a fórmula tão conhecida que privilegia a forma em detrimento do conteúdo - mas de valorizar as modificações na abordagem/reflexão do aluno. Em outros termos, trata-se de realizar avaliações que permitam perceber em que medida o conhecimento propiciado pela disciplina resultou em transformações na perspectiva de análise e compreensão do aluno sobre questões próprias das temáticas tratadas na disciplina e sobre a realidade social;
  
- A avaliação priorizará as relações e as sínteses feitas a partir do conhecimento oferecido nas disciplinas. Trata-se de perceber e considerar se o aluno relaciona temas/questões/autores tratados na disciplina. Desta forma, uma avaliação deverá também considerar o domínio do aluno sobre os “conteúdos” da disciplina. Além disso, é importante ter em conta a capacidade do aluno de relacionar os conhecimentos adquiridos no conjunto das disciplinas cursadas antes e no momento em que ocorre a avaliação;
  
- Nesta perspectiva, é fundamental uma avaliação entendida como processo, isto é, contínua, diversificada e distribuída ao longo de todo o semestre. São bem vindos, portanto, exercícios tais como fichamentos, resenhas, seminários, participação e discussão em aula, produção de textos-síntese das unidades programáticas, os quais devem ser desenvolvidos ao longo da disciplina e não somente no dia de avaliação. Dentro desta perspectiva, tais exercícios desempenham uma dupla função. De um lado, possibilitam ao aluno a construção, individual e coletiva, de uma visão e avaliação acerca das temáticas/questões/discussões próprias da disciplina. De outro, permitem ao professor conhecer o desenvolvimento do aluno. Ou seja, a compreensão da avaliação como processo permite um movimento de duas mãos: construir o conhecimento e acompanhar o desenvolvimento dos alunos.
  
- Neste sentido, para que tais exercícios e avaliações sejam efetivamente meios de aprendizado - e não apenas aferição pontual do nível de “acúmulo” de informações - seus resultados deverão ser discutidos com o conjunto dos alunos da disciplina, não apenas com o aluno avaliado. Tal prática permite ao aluno discutir e comparar seu

próprio aprendizado em relação aos objetivos da disciplina e apreender a partir do coletivo.

- Por outro lado, a discussão contínua e conjunta dos exercícios realizados durante a disciplina, transforma a avaliação em um ato compartilhado entre alunos e professor, retirando-lhe o caráter arbitrário, visto que permite ao aluno conhecer e compreender os parâmetros da avaliação do professor. Novamente, se passa de um ato de pura aferição para um ato de conhecimento.
- Como um dos princípios que devem orientar as avaliações, a autonomia do aluno é priorizada. Pensando o aluno como agente do seu próprio aprendizado, as avaliações devem considerar a postura do aluno diante da disciplina, o que se traduz em seu interesse pela disciplina como um todo, em uma participação informada e crítica nas discussões em sala e exercícios, bem como na busca de informações para além do conteúdo programático;
- Sugere-se ainda que a auto-avaliação - justificada e pública - figure e seja considerada pelo professor, como uma das diferentes formas de avaliação em uma disciplina. Com tal prática, pretende-se que o professor estimule no aluno a consciência do desenvolvimento do seu conhecimento, ou seja, que o aluno reflita - e sustente diante do coletivo - sobre o seu aprendizado;
- Reitera-se, finalmente, a necessidade de que a avaliação final sobre um aluno expresse seu desenvolvimento ao longo da disciplina, ou seja, que o professor tenha e valorize uma visão global do desenvolvimento do aluno, do seu desenvolvimento dentro do esperado e dos objetivos da disciplina. Deve-se, portanto, evitar, como sugerido nos itens anteriores, avaliações únicas, visto serem ineficazes quanto o objetivo é conhecer o aprendizado realizado pelo aluno, seu percurso em relação às temáticas e questões próprias de cada disciplina.

### **Implementação, acompanhamento e avaliação do Projeto Político Pedagógico:**

O projeto político pedagógico do Curso deverá ser avaliado, de forma contínua e sistemática. Espera-se com isso que se possa realizar os ajustes, sempre esperáveis e necessários. Para tal se faz necessário constituir uma comissão permanente de implementação, acompanhamento e avaliação do Projeto Político Pedagógico, o que estará em consonância com os propósitos mais amplos da avaliação institucional. O curso deverá, assim, elaborar o seu instrumento de avaliação, assim como o documento de registro e divulgação dos resultados obtidos. A comissão de implementação,

acompanhamento e avaliação do PPP será composta por 05 professores dos dois principais departamentos do curso – Antropologia e Sociologia e Ciência Política, por alunos do curso de Ciências Sociais e por um professor de um Curso de Ciências Sociais de instituição de ensino de fora do Estado de Santa Catarina. A avaliação será bianual e seus resultados serão apresentados em relatório e discutidos com a comunidade do curso.

## ANEXOS

ANEXO 1:  
PROJETO PRELIMINAR PARA O REGULAMENTO INTERNO DO TRABALHO  
DE CONCLUSÃO DO CURSO (TCC)

Capítulo I

DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1. - O curso de Ciências Sociais, atendendo exigências da lei 6.494 de 07/12/77 e do decreto 87.497 de 18/08/82, torna obrigatório para os estudantes do Bacharelado a realização de trabalho de conclusão de curso, o qual integra o currículo.

Capítulo II

DO TRABALHO DE CONCLUSÃO

Art. 2. - O trabalho de conclusão de curso permitirá aos estudantes a complementação da sua formação, através do desenvolvimento de atividades próprias a sua futura atuação profissional.

Art. 3. - Na medida em que o currículo do curso possibilita qualificação nas áreas de antropologia, ciência política e sociologia, o trabalho de conclusão de curso deve, necessariamente, ser ligado a uma dessas áreas específicas.

Art. 4. - São consideradas como atividades de pesquisa para o TCC aquelas desenvolvidas nos seguintes campos:

I - pesquisa

II - planejamento

III – assessoria

Art. 5 - O aluno que pretender realizar o trabalho de conclusão no campo da pesquisa deverá escolher um tema dentro das linhas de pesquisa do Departamento da área temática escolhida.

Art. 6. – Os trabalhos de conclusão no campo da pesquisa poderão ser realizados em órgãos públicos ou privados, que desenvolvam atividades relacionadas às Ciências Sociais.

Art. 7. – Os trabalhos de conclusão no campo do planejamento ou no da assessoria deverão ser realizados (a) em órgãos públicos ou privados; (b) que desenvolvam atividades de planejamento ou assessoria ligados às temáticas e preocupações das Ciências Sociais. Nesse caso, os trabalhos devem contar com:

a) projeto do trabalho a ser desenvolvido;

b) orientador em um dos departamentos do curso de Ciências Sociais – Antropologia, Política ou Sociologia – com conhecida relação no campo do planejamento e da assessoria;

c) supervisão de profissional da instituição/empresa na qual o trabalho será desenvolvido.

Art. 8. – Em qualquer um dos campos escolhidos, o aluno poderá desenvolver seu trabalho de conclusão individualmente ou participar de um coletivo de pesquisa, de assessoria ou planejamento. No caso de o aluno optar por participar de um projeto coletivo, o projeto individual deverá ser parte do projeto coletivo, que também integrará o projeto do aluno.

Art. 9. – O trabalho de conclusão se desenvolverá nas 7ª e 8ª fases do curso e terá uma duração mínima de 360 horas, valendo, portanto, 20 créditos.

Art. 10. – Tendo em vista o volume de trabalho exigido durante a realização do trabalho de conclusão, é facultado ao aluno matricular-se nas disciplinas optativas, mas exclusiva e diretamente relacionadas ao tema de sua pesquisa, e na disciplina Seminário de Pesquisa.

Art. 11. – Diante do caráter conclusivo do trabalho de conclusão, o mesmo deverá ser realizado após a conclusão e aprovação nas disciplinas obrigatórias.

Art. 12. – Só poderá matricular-se no trabalho de conclusão o aluno que, além de cumprir todos os requisitos acima estabelecidos, tiver seu projeto de trabalho de conclusão aprovado, conforme Art. 16.

Art. 13. – O projeto de trabalho de conclusão de curso deverá, idealmente, ser elaborado no 7º semestre (bacharelado diurno), 8º semestre (bacharelado noturno).

### Capítulo III

#### DO PROGRAMA DE ATIVIDADES

Art. 14. – Cada aluno elaborará e cumprirá individualmente seu projeto de trabalho de conclusão de curso, mesmo no caso de integrar uma equipe de trabalho, devendo desenvolver atividades específicas do seu projeto de investigação, assessoria ou planejamento.

Art. 15. – O projeto de trabalho de conclusão de curso deverá conter obrigatoriamente os seguintes itens:

- 1 - Título
- 2 - Temática
- 3 - Objetivos gerais e específicos
- 4 - Justificativa teórica
- 5 - Metodologia
- 6 - Cronograma
- 7 - Bibliografia

Parágrafo único - Projetos de trabalhos de conclusão de curso a partir de assessoria ou planejamento deverão também descrever as atividades da instituição na qual o projeto será desenvolvido.

Art. 16. – O projeto do trabalho de conclusão de curso deverá ser avaliado por uma banca formada pelo professor orientador e dois outros professores, que devem, preferencialmente, estar ligados à área e temática do trabalho do aluno. No caso de projetos de assessoria ou planejamento, a banca incluirá o coordenador do aluno no local de desenvolvimento do projeto.

Art. 17. – Uma vez aprovado pela banca, o projeto será depositado, no prazo de uma semana, na coordenação de estágio, contendo o parecer da banca, feito no próprio projeto.

Parágrafo único - Os projetos de conclusão de curso ficarão guardados na sala da coordenação do curso e poderão ser consultados, através de empréstimo.

### Capítulo IV

## DO TRABALHO DE CONCLUSÃO

Art. 18. – O trabalho de conclusão de curso no campo da pesquisa deverá seguir todas as normas acadêmicas previstas e conhecidas pelo aluno nas disciplinas metodológicas.

Art. 19 - O trabalho de conclusão de curso no campo da assessoria ou planejamento, será sob a forma de relatório, cuja estrutura será definida pelo professor orientador e pelo coordenador. Do mesmo modo que o trabalho no campo da pesquisa, o relatório deverá obedecer as normas previstas para o trabalho acadêmico.

Art. 20. – Cabe ao aluno apresentar os exemplares necessários à banca, isto é, no campo da pesquisa, 3 exemplares; assessoria ou planejamento, 4 exemplares.

Art. 21 – Uma vez o trabalho de conclusão tenha recebido a aprovação da banca e tendo sido efetuadas as reformulações solicitadas pela banca, o aluno deverá encaminhar duas cópias finais do relatório ou monografia, sendo uma destinada à coordenação de estágio e outra à biblioteca universitária. Em caso de relatório, outro exemplar deverá ser encaminhado à instituição de desenvolvimento do projeto. Todos estes exemplares devem possuir capa dura, preta, constando na capa

- Universidade Federal de Santa Catarina
- Centro de Filosofia e Ciências Humanas
- Curso de Ciências Sociais
- Título do trabalho
- Nome do aluno
- Data de defesa

Art. 22. – Caso o aluno não possa concluir seu TCC no prazo determinado (1 ano) ser-lhe-á atribuído conceito I, uma única vez. O prazo poderá, então, ser prorrogado por mais um semestre, no máximo. Se esse novo prazo não for obedecido, o aluno será reprovado.

## Capítulo V

### DA AVALIAÇÃO

Art. 23. – A avaliação do trabalho de conclusão no campo da pesquisa, será feita por uma banca composta pelo professor orientador e dois professores de áreas e temas afins à temática do trabalho do aluno.

Art. 24 - A avaliação do trabalho de conclusão nos campos da assessoria ou do planejamento será feita por uma banca composta pelo professor orientador, dois professores de áreas e temas afins à temática do trabalho de aluno e o coordenador na instituição onde o projeto foi desenvolvido.

Art. 25 – As bancas de avaliação do projeto e do trabalho de conclusão de curso deverão ser aprovadas pela Coordenação do curso de Ciências Sociais, através de portaria.

Art. 26 – A avaliação da banca sobre o trabalho de conclusão deverá ser apresentada sob a forma de Ata, contendo parecer detalhado, individual ou coletivo, nota atribuída individualmente por cada membro da banca e média final do trabalho de conclusão.

Art. 27. – Será considerado aprovado o aluno que obtiver nota igual ou superior a 6.

Parágrafo único - Todas as defesas dos trabalhos de conclusão de curso acontecerão, a cada semestre, em uma única semana, definida pelo coordenador do curso conjuntamente com os chefes de departamentos.

## Capítulo VI

### DA ORIENTAÇÃO

Art. 28. – O orientador do trabalho de conclusão será designado pelo coordenador do curso, a partir de escolha feita pelo aluno e aceite por parte do professor. A escolha e o aceite deverão constar de formulário próprio, assinado pelo aluno e orientador, fornecido e arquivado na Coordenação do Curso.

Art. 29. – O orientador contará uma (01) hora na sua carga horária semanal para cada orientando, até o máximo de 5 horas aulas.

Parágrafo único – Cada professor orientará, no máximo, 05 alunos, simultaneamente.

Art. 30. – Compete ao orientador:

I – prestar assistência teórico/metodológica ao orientando, desde a elaboração do projeto até a conclusão da monografia/relatório;

II – auxiliar o aluno na obtenção de informações sobre financiamento, quando necessário, para o desenvolvimento de seu projeto.

III – redigir documentos, ou solicitar a quem de direito cabe, que permitam ao orientando maior acesso aos locais de desenvolvimento da pesquisa, informando e atestando a condição de aluno do curso de Ciências Sociais em fase de desenvolvimento de projeto de trabalho de conclusão de curso;

IV – responder, junto com o aluno, sobre o trabalho em desenvolvimento.

V - estabelecer adequação entre o cronograma do aluno e a pesquisa desenvolvida.

## Capítulo VII

### DA COORDENAÇÃO DE ESTÁGIO

Art. 31 – A coordenação de estágio, conforme estabelecem as “Normas de Funcionamento” do curso de Ciências Sociais, em seu Art. 31, será exercida por um docente, designado pelo colegiado do curso de Ciências Sociais, através da portaria, pelo coordenador do curso, observado o princípio da isonomia entre as 3 áreas que integram o curso – Antropologia, Política e Sociologia -, por um período de 2 anos.

Art. 32 – Compete à coordenação de estágio:

I – Divulgar entre os alunos do curso de Ciências Sociais, bem como no âmbito do curso, quaisquer informações ligadas ao trabalho de conclusão de curso;

II – Auxiliar os alunos na escolha dos professores orientadores e de instituições para realização de trabalhos de conclusão nos campos da assessoria e do planejamento, indicando lugares e contatos que permitam tal escolha;

III – Elaborar e divulgar no âmbito do curso de Ciências Sociais, calendário de defesas de projetos e trabalhos de conclusão;

IV – Garantir a presença dos alunos do Curso nas defesas de projetos e trabalhos de conclusão de curso, nos três campos, de modo a garantir que a participação nestas atividades integre, significativamente, a formação dos alunos de Ciências Sociais ;

V – Promover encontros semanais entre os alunos matriculados em TCC/ECP I e II, a fim de permitir quer a socialização de informações sobre os trabalhos e projetos, quer o compartilhamento de dificuldades e questões próprias destas fases finais da formação dos alunos;

VI – Procurar, de comum acordo com a Coordenação do Curso, identificar instituições – públicas ou privadas – interessadas em receber alunos do Curso, informando aos alunos sobre as possibilidades de realização dos trabalhos de conclusão, especialmente sobre projetos e atividades das instituições contatadas e disponíveis.

VII – Garantir, através de acompanhamento direto ao aluno e do orientador, que as atividades desenvolvidas pelos alunos que optaram pelos campos da assessoria ou do planejamento sejam estritamente relacionadas aos projetos aprovados.

Parágrafo único: em caso de desacordo entre as atividades previstas no projeto e as efetivamente desenvolvidas pelo aluno no âmbito da instituição escolhida para desenvolver o trabalho de conclusão de curso, a Coordenação de estágio deve indicar e comunicar à Coordenação e ao Colegiado do curso a suspensão imediata das atividades do aluno na instituição escolhida.

VIII – Ao coordenador de estágio serão designadas 10 horas semanais em seu Plano de Trabalho, as quais não contabilizam e não se confundem como hora-aula;

## Capítulo VIII

### DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 33 – A Coordenação de estágio desenvolverá suas atividades junto aos alunos das 7as e 8as fases em consonância e de forma colaborativa com a Coordenação do Curso, à qual está subordinada.

Art. 34 – Os casos omissos serão resolvidos pelo Coordenador do Curso e, se necessário, pelo Colegiado do curso.

ANEXO II  
SIMULAÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO DE CARGA HORÁRIA SEMANAL POR  
DISCIPLINA  
BACHARELADO DIURNO

1º Semestre (22 h/a)

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
7:30			INT. POL.		INT. ANT. PPCC
8:20	FIL	INT. ANT	INT. POL.	INT. SOC.	INT. ANT.LAC
9:10	FIL	INT. ANT	INT. POL.	INT. SOC.	INT. POL.LAC
10:10	FIL	INT. ANT	INT. POL.	INT. SOC.	INT. SOC. LAC
11:00	FIL	INT. ANT	INT.POL PPCC	INT. SOC.	INT. SOC PPCC

2º Semestre (24 h/a)

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
7:30	HST	T. SOC. I	T. ANT I	T. POL. I	T. ANT I PPCC
8:20	HST	T. SOC. I	T. ANT I	T. POL. I	T. ANT.I LAC
9:10	HST	T. SOC. I	T. ANT I	T. POL. I	T. POL.I LAC
10:10	HST	T. SOC. I	T. ANT I	T. POL. I	T. SOC. I LAC
11:00		T. SOC I PPCC	Prática de pesquisa	Prática de pesquisa	T. POL. I PPCC

3º Semestre (22 h/a)

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
7:30	FIL.	T. POL. II	T. ANT II	T. SOC. II	EPIST.
8:20	FIL.	T. POL. II	T. ANT II	T. SOC. II	EPIST.
9:10	EPIST.	T. POL. II	T. ANT II	T. SOC. II	EPIST.
10:10	EPIST.	T. POL. II PPCC	T. ANT II PPCC	T. SOC. II PPCC	FIL.
11:00	EPIST.				FIL.

4º Semestre ( 22 h/a)

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
7:30	PSI. SOC.	T. ANT III	T. POL. III	T. SOC. III	T. SOC. III PPCC
8:20	PSI. SOC.	T. ANT III	T. POL. III	T. SOC. III	T. SOC. III LAC
9:10	PSI. SOC.	T. ANT III	T. POL. III	T. SOC. III	POL.III LAC
10:10	PSI. SOC.	T. ANT III	T. POL. III	T. SOC. III	T. ANT III LAC
11:00		T. ANT III PPCC			T. POL. III PPCC.

5º Semestre (24 h/a)

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
7:30	PSB.			MÉTOD.	
8:20	PSB.	MÉTOD. I	OPT.1	MÉTOD.	ECON.POL
9:10	PSB.	MÉTOD. I	OPT.1	PSB.	ECON.POL
10:10	Prática de pesquisa	MÉTOD. I	OPT.1	PSB.	ECON.POL
11:00	Prática de pesquisa	MÉTOD. I	OPT.1	PSB.	ECON.POL

6º Semestre (22 h/a)

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
7:30	INE.			MÉTOD.II	
8:20	INE.	OPT.2	OPT.3	MÉTOD.II	OPT.4
9:10	MÉTOD.II	OPT.2	OPT.3	MÉTOD.II	OPT.4
10:10	MÉTOD.II	OPT.2	OPT.3	INE.	OPT.4
11:00	MÉTOD.II	OPT.2	OPT.3	INE.	OPT.4

7º Semestre (18 h/a)

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
7:30		TCC/ECP			TCC/ECP
8:20	OPT.5	TCC/ECP	OPT.6	Seminário de Pesquisa I	TCC/ECP
9:10	OPT.5	TCC/ECP	OPT.6	Seminário de Pesquisa I	TCC/ECP
10:10	OPT.5	TCC/ECP	OPT.6	Seminário de Pesquisa I	TCC/ECP
11:00	OPT.5	TCC/ECP	OPT.6	Seminário de Pesquisa I	TCC/ECP

8º Semestre (10 h/a)

<b>Horários</b>	<b>Segunda</b>	<b>Terça</b>	<b>Quarta</b>	<b>Quinta</b>	<b>Sexta</b>
7:30			TCC/ECP		TCC/ECP
8:20			TCC/ECP	Seminário de Pesquisa I	TCC/ECP
9:10			TCC/ECP	Seminário de Pesquisa I	TCC/ECP
10:10			TCC/ECP	Seminário de Pesquisa I	TCC/ECP
11:00			TCC/ECP	Seminário de Pesquisa I	TCC/ECP

ANEXO III  
SIMULAÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO DE CARGA HORÁRIA SEMANAL POR  
DISCIPLINA

BACHARELADO NOTURNO

1º semestre (18 h/a)

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
18:30-19:20	INTROD. ANT	INTROD SOC	INTROD POL	INT. ANT.LAC	INT. ANT.LAC
19:20-20:10	INTROD. ANT	INTROD SOC	INTROD POL	INT. POL.LAC	INT. POL.LAC
20:20-21:10	INTROD. ANT	INTROD SOC	INTROD POL	INT. SOC. LAC	INT. SOC. LAC
21:10-22:00	INTROD. ANT	INTROD SOC	INTROD POL		

2º semestre (20 h/a)

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
18:30-19:20	T. POL. I	T. ANT I	T. SOC I	T. ANT I.LAC	T. ANT I.LAC
19:20-20:10	T. POL. I	T. ANT I	T. SOC I	T. POL I.LAC	T. POL I.LAC
20:20-21:10	T. POL. I	T. ANT I	T. SOC I	T. SOC I. LAC	T. SOC I. LAC
21:10-22:00	T. POL. I	T. ANT I	T. SOC I		

3º semestre A (20 h/a)

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
18:30-19:20	T. SOC II	T. POL II	T. ANT II	HST	LLV
19:20-20:10	T. SOC II	T. POL II	T. ANT II	HST	LLV
20:20-21:10	T. SOC II	T. POL II	T. ANT II	HST	LLV
21:10-22:00	T. SOC II	T. POL II	T. ANT II	HST	LLV

4º semestre A (20 h/a)

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
18:30-19:20	T. ANT III	T. SOC III	T. POL III	Prática de Pesquisa	T. ANT II. LAC
19:20-20:10	T. ANT III	T. SOC III	T. POL III	Prática de Pesquisa	T. ANT II. LAC
20:20-21:10	T. ANT III	T. SOC III	T. POL III	T. SOC II. LAC	T. POL II. LAC
21:10-22:00	T. ANT III	T. SOC III	T. POL III	T. SOC II. LAC	T. POL II. LAC

5º semestre (20 h/a)

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
18:30-19:20	PSB.	EPIST.	FIL	EPIST.	ECON.POL.
19:20-20:10	PSB.	EPIST.	FIL	EPIST.	ECON.POL.
20:20-21:10	PSB.	EPIST.	FIL	PSB.	ECON.POL.
21:10-22:00	PSB.	EPIST.	FIL	PSB.	ECON.POL.

6º semestre (20 h/a)

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
18:30-19:20	INE	MÉTOD 1	OPT 1	Prática de Pesquisa	PSI SOCIAL
19:20-20:10	INE	MÉTOD 1	OPT 1	Prática de Pesquisa	PSI SOCIAL
20:20-21:10	INE	MÉTOD 1	OPT 1	MÉTOD 1	PSI SOCIAL
21:10-22:00	INE	MÉTOD 1	OPT 1	MÉTOD 1	PSI SOCIAL

7º semestre (18h/a)

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
18:30-19:20	OPT 2	MÉTOD 2	OPT 3	MÉTOD 2	OPT 4
19:20-20:10	OPT 2	MÉTOD 2	OPT 3	MÉTOD 2	OPT 4
20:20-21:10	OPT 2	MÉTOD 2	OPT 3		OPT 4
21:10-22:00	OPT 2	MÉTOD 2	OPT 3		OPT 4

8º semestre (20 h/a)

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
18:30-19:20	OPT 5	TCC/ECP1	SEM.PESQ.1	TCC/ECP1	TCC/ECP1
19:20-20:10	OPT 5	TCC/ECP1	SEM.PESQ.1	TCC/ECP1	TCC/ECP1
20:20-21:10	OPT 5	TCC/ECP1	SEM.PESQ.1	TCC/ECP1	
21:10-22:00	OPT 5	TCC/ECP1	SEM.PESQ.1	TCC/ECP1	

9º semestre (16 h/a)

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
18:30-19:20	OPT 6	TCC/ECP2	SEM.PESQ.2	TCC/ECP2	TCC/ECP2
19:20-20:10	OPT 6	TCC/ECP2	SEM.PESQ.2	TCC/ECP2	TCC/ECP2
20:20-21:10	OPT 6	TCC/ECP2	SEM.PESQ.2	TCC/ECP2	
21:10-22:00	OPT 6	TCC/ECP2	SEM.PESQ.2	TCC/ECP2	

ANEXO IV  
SIMULAÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO DE CARGA HORÁRIA SEMANAL POR  
DISCIPLINA

LICENCIATURA

1º Semestre (22 h/a)

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
7:30			INT. POL.		INT. ANT. PPCC
8:20	FIL	INT. ANT	INT. POL.	INT. SOC.	INT. ANT.LAC
9:10	FIL	INT. ANT	INT. POL.	INT. SOC.	INT. POL.LAC
10:10	FIL	INT. ANT	INT. POL.	INT. SOC.	INT. SOC. LAC
11:00	FIL	INT. ANT	INT.POL PPCC	INT. SOC.	INT. SOC PPCC

2º Semestre (24 h/a)

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
7:30	HST	T. SOC. I	T. ANT I	T. POL. I	T. ANT I PPCC
8:20	HST	T. SOC. I	T. ANT I	T. POL. I	T. ANT.I LAC
9:10	HST	T. SOC. I	T. ANT I	T. POL. I	T. POL.I LAC
10:10	HST	T. SOC. I	T. ANT I	T. POL. I	T. SOC. I LAC
11:00		T. SOC I PPCC	Prática de pesquisa	Prática de pesquisa	T. POL. I PPCC

3º Semestre (22 h/a)

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
7:30	FIL.	T. POL. II	T. ANT II	T. SOC. II	EPIST.
8:20	FIL.	T. POL. II	T. ANT II	T. SOC. II	EPIST.
9:10	EPIST.	T. POL. II	T. ANT II	T. SOC. II	EPIST.
10:10	EPIST.	T. POL. II PPCC	T. ANT II PPCC	T. SOC. II PPCC	FIL.
11:00	EPIST.				FIL.

4º Semestre ( 22 h/a)

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
7:30	T. EDUCAC.	T. ANT III	T. POL. III	T. SOC. III	T. SOC. III PPCC
8:20	T. EDUCAC.	T. ANT III	T. POL. III	T. SOC. III	T. SOC. III LAC
9:10	T. EDUCAC.	T. ANT III	T. POL. III	T. SOC. III	POL.III LAC
10:10	T. EDUCAC.	T. ANT III	T. POL. III	T. SOC. III	T. ANT III LAC

11:00		T. ANT III PPCC			T. POL. III PPCC.
-------	--	--------------------	--	--	----------------------

**5º Semestre (22 H/A)**

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
7:30		PSB.		MÉTOD. I	
8:20	MÉTOD. I	PSB.	DIDÁTICA	MÉTOD. I	PSI. EDUC
9:10	MÉTOD. I	PSB.	DIDÁTICA	PSB.	PSI. EDUC
10:10	MÉTOD. I	Prática de pesquisa	DIDÁTICA	PSB.	PSI. EDUC
11:00	MÉTOD. I	Prática de pesquisa	DIDÁTICA	PSB.	PSI. EDUC

**6º Semestre (20 h/a)**

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
7:30					
8:20	OPT 1	SOC. EDUC	ORG. ESCOL	MET.ENSINO	OPT2
9:10	OPT 1	SOC. EDUC	ORG. ESCOL	MET.ENSINO	OPT2
10:10	OPT 1	SOC. EDUC	ORG. ESCOL	MET.ENSINO	OPT2
11:00	OPT 1	SOC. EDUC	ORG. ESCOL	MET.ENSINO	OPT2

**7º Semestre (22 h/a)**

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
7:30		ESTAGIO I		ESTAGIO I	
8:20	OPT 3	ESTAGIO I	EST.AFRO	ESTAGIO I	ESTAGIO I
9:10	OPT 3	ESTAGIO I	EST.AFRO	ESTAGIO I	ESTAGIO I
10:10	OPT 3	ESTAGIO I	EST.AFRO	ESTAGIO I	ESTAGIO I
11:00	OPT 3	ESTAGIO I	EST.AFRO	ESTAGIO I	ESTAGIO I

**8º Semestre (18 h/a)**

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
7:30		ESTAGIO II		ESTAGIO II	
8:20		ESTAGIO II	OPT 4	ESTAGIO II	ESTAGIO II
9:10		ESTAGIO II	OPT 4	ESTAGIO II	ESTAGIO II
10:10		ESTAGIO II	OPT 4	ESTAGIO II	ESTAGIO II
11:00		ESTAGIO II	OPT 4	ESTAGIO II	ESTAGIO II

**9º Semestre (12 h/a)**

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
7:30					
8:20		SEMIN. LIC.	TCL	TCL	

9:10		SEMIN. LIC.	TCL	TCL	
10:10		SEMIN. LIC.	TCL	TCL	
11:00		SEMIN. LIC.	TCL	TCL	

# UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

## PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO-PREG

### FUNGRAD/2003

Para uso da PREG

#### 1. IDENTIFICAÇÃO DO COORDENADOR

<b>Nome Completo</b> Janice Tirelli Ponte de Sousa	<b>Departamento</b> Sociologia e Ciência Política
<b>Cargo/Função</b> Presidente do Colegiado do Curso de Ciências Sociais	<b>Titulação</b> Doutora

#### 2. DADOS DO PROJETO

<b>Título do Projeto</b> Implantação do LAC- Laboratório de Atividades Complementares em Ciências Sociais	<b>Duração</b> 2 fevereiro de 2004 a 2 fevereiro de 2005
<b>Número de Alunos Envolvidos</b> 350	<b>Curso(s)</b> Ciências Sociais
<b>Número de Professores Envolvidos</b> 45	<b>Total de Recursos Solicitados</b> R\$ 19.940,00
<b>Objetivos</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Contribuir para o aprimoramento das atividades de ensino e aprendizagem desenvolvidas no Curso de Ciências Sociais;</li> <li>- Possibilitar o apoio operacional e acadêmico aos alunos do curso no contato, utilização e interação com as diferentes fontes de pesquisa e ( bibliográfica orais e em rede) com monitoramento docente;</li> <li>- Propiciar o desenvolvimento individual dos alunos de Ciência Sociais, através da mediação de um espaço laboratorial no conjunto a das atividades previstas na atual e na futura estrutura curricular do curso.</li> </ul>	

#### 3. CONCORDÂNCIA DO CHEFE DO DEPARTAMENTO

Data <u>24</u> / <u>10</u> / <u>2003</u>	Assinatura/Carimbo
--	--------------------

## 4. DESCRIÇÃO DO PROJETO

### 4.1. INTRODUÇÃO

As profundas mudanças no processo produtivo, nas práticas sociais e na esfera pública em curso na sociedade brasileira, têm desafiado o sistema de ensino e exigido respostas inovadoras dos novos cientistas sociais (bacharéis e licenciados). No conjunto destas transformações, o perfil do cientista social vem se diversificando a cada dia e indicando que seu envolvimento intelectual, atualmente, passa pela abordagem interdisciplinar e pela atualização na diversidade dos meios e métodos de investigação e análise no campo da pesquisa social.

Atualmente é impossível pensarmos no ensino da Sociologia, Antropologia e da Ciência Política dependendo exclusivamente da sala de aula, do quadro negro e do giz, sem a disponibilidade de tecnologias de informação, com acesso restrito à Internet, a banco de dados nacionais e internacionais, a periódicos eletrônicos, sem uma biblioteca bem equipada com acervo de obras clássicas e contemporâneas.

Nesse sentido, o Curso de Graduação em Ciências Sociais da UFSC já com três décadas de funcionamento, embora seja considerado um dos mais qualificados do país, enfrenta dificuldades para corresponder à formação das competências exigidas pelas mudanças inicialmente apontadas. Conta com um corpo docente gabaritado, majoritariamente portador do título de doutorado e pós doutorado mas possui uma infra-estrutura incompatível com o número de alunos que atende. As condições adequadas para uma formação acadêmica e de ensino, contemplam apenas aqueles alunos bolsistas da graduação que estão vinculados aos Núcleos e Laboratórios de Estudos e Pesquisa dos Programas de Pós Graduação em Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Os alunos bolsistas correspondem a no máximo 5% do total dos alunos confirmando o caráter restrito do acesso às condições ideais de aprendizagem.

Realizado nos períodos matutino e noturno, o curso apresenta uma estrutura curricular direcionada para a capacitação analítica e interpretativa da realidade social e está voltado para a pesquisa, intervenção e magistério desenvolvendo um conjunto de atividades que objetivam a aquisição e a produção de conhecimentos das múltiplas e complexas relações sociais.

Nessa perspectiva, o curso subdivide-se em três áreas de conhecimento que formam o seu eixo central (Antropologia, Sociologia e Ciência Política) cujos temas e áreas de pesquisa abrangem: o sistema político – a questão do Estado, a representação, os modelos de democracia, a governabilidade, etc; as políticas públicas, as instituições sociais – família, escola, religião, indústria cultural mídia, educação; o sistema empresarial; as transformações no mundo do trabalho; os movimentos sociais e comunitários; a diversidade social, cultural e artística; as relações geracionais, de gênero e étnicas; a

problemática da violência , da cidadania, da agricultura familiar; a questão indígena, ambiental, entre tantas outras .

O curso tem procurado, mesmo antes da implantação do seu novo currículo, seguir as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino na área, que exigem um tratamento central na aprendizagem de conteúdos no desenvolvimento de competências na dimensão conceitual – na forma de teorias, informações, conceitos; na dimensão procedimental – na forma do saber fazer e na dimensão atitudinal – na forma de valores e atitudes que estarão em jogo na atuação profissional e que devem estar contemplados no projeto pedagógico. ( Diretrizes Curriculares Nacionais)

Portanto, as faces acadêmica e profissional do curso apontam para a atualização dos métodos, contato incondicional com a realidade social, o acesso a publicações impressas e virtuais sob a forma de novas tecnologia educativas. Consideramos a consulta, o debate interdisciplinar, a troca de experiências, a articulação das disciplinas em cada fase, a promoção de pequenos encontros voltados para conteúdos específicos e gerais entre alunos veteranos e calouros, a extensão da consulta `a bases de dados e recursos multimídia na área, enfim, contato com outras linguagens que já são objeto das Ciências Sociais, oportunidade reservada ainda, a poucos graduandos em termos proporcionais.

Um outro dado a acrescentar é que a estrutura do curso, para a maioria dos seus estudantes, estatisticamente, é o único meio de acompanhamento e aquisição dos novos conhecimentos. Uma pesquisa realizada por esta coordenadoria ( “ O perfil do aluno de Ciências Sociais “ – apoiado pelo Fungrad, 2001), demonstrou que 75% dos nossos alunos percebem de um a cinco salários mínimos. Assim, além de serem na sua maioria trabalhadores , ganham pouco e estão praticamente impossibilitados de adquirirem livros, computadores e acesso à rede virtual de informação, participarem de encontros. Os próprios alunos, na pesquisa referida, apontaram uma série de lacunas no curso, entre outras, a carência de livros, periódicos e de um acervo audiovisual que contemplem o seu aprendizado acadêmico, pontos a exigir que o espaço das disciplinas seja potencializado ao máximo.

A implantação do LAC – Laboratório de Atividades Complementares, portanto, apoiada na realidade acima indicada se propõe como uma revitalização da graduação em Ciências Sociais. Procura um equilíbrio :

- entre a situação precária de recursos materiais disponíveis para o conjunto dos alunos e o acúmulo de envolvimento acadêmico dos recursos humanos dos quais dispõe, uma vez que “divide” os mesmos recursos humanos com os programas de pós graduação – Antropologia Social e Sociologia Política.
- (2) para maior integração professor/ aluno propiciado na convivência no espaço laboratorial a ser criado porque visa primordialmente ter um resultado prático na melhoria da qualidade de ensino

Ressaltamos ainda que, este resultado com relação à qualidade de ensino cumpre se expressar em

duas relações: primeira, na qualidade curso propriamente dito, considerando a diversidade de interesses que permitem relacionar as atividades de ensino, pesquisa e extensão, o que incidirá na melhor avaliação futura do curso . Segundo, o laboratório é um programa de atividades sistemáticas que, evidentemente, repercutirá na avaliação, também, da atuação dos profissionais aqui formados. Segue abaixo o detalhamento da proposta:

#### **4.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Criação de um espaço de convergência teórico-prática para o desenvolvimento de atividades curriculares complementares no conjunto do projeto político pedagógico do curso.
- Propiciar a articulação das disciplinas teóricas com as questões aplicadas que as envolvem como um espaço de experiência - ação-reflexão;
- Estimular a pesquisa na graduação atualizada nas novas tecnologias e uso de bases e banco de dados textuais e aplicativos próprios das Ciências Sociais, instrumentalizando os alunos para sua utilização adequada através de um espaço laboratorial específico;
- Integrar a base de dados a ser utilizada no LAC num consórcio de informações de pesquisa com recursos de multimídia, textos na íntegra, imagens e vídeos;
- Articular a prática de ensino das Ciências Sociais com instrumentos didático-pedagógicos atualizados e que promovam o encontro interdisciplinar do curso ;

#### **4.3. METODOLOGIA**

A implantação do LAC deverá ser desenvolvida pelo Colegiado do Curso de Ciências Sociais, pela Comissão de Reforma Curricular e os dois Departamentos responsáveis pelo curso. A articulação entre estas instâncias visa a melhor utilização dos recursos e incorporação da proposta pelo corpo docente.

Os materiais, os recursos e os equipamentos solicitados serão utilizados pela **totalidade dos alunos do Curso de Ciências Sociais** bem como **pelos professores do SPO e ANT**, devendo ficar sob a supervisão e responsabilidade da Coordenadoria do Curso. O material bibliográfico impresso deverá ficar disponível na Biblioteca Central, e os recursos audiovisuais (fitas, documentários)

adquiridos deverão ser instalados e integrados como conteúdos da base de dados e à disposição , também, no acervo do Labics ( Laboratório de Imagem das Ciências Sociais) pertencente aos Departamentos de Antropologia e Sociologia e Ciência Política.

#### **4.4. CRONOGRAMA**

outubro a março de 2004 –

- Levantamento do acervo bibliográfico e áudio-visual;
- Aquisição de materiais
- Instalação do LAC- Laboratório de Atividades Complementares do CSO
- Elaboração de Folder com instruções de funcionamento do espaço
- Orientação do Colegiado para os Departamentos envolvidos
- Orientação aos estudantes através de seus representantes

abril e junho de 2004-

- início das atividades disciplinares LAC , contratação de serviços especializados para atualização da home page do Curso de Ciências Sociais

julho de 2004

- avaliação das atividades realizadas no semestre 2004/01

agosto de 2004

- início das atividades de 2004/02

outubro de 2004

- Avaliação e relatório final para prestação de contas

#### **4.5. VIABILIDADE DO PROJETO**

Aprovado pelo Colegiado de Curso de Ciências Sociais e pela Comissão de reforma Curricular instalada pela portaria n.001/CCSO/2003, o projeto apresenta viabilidade por se constituir numa proposta resultante da discussões no âmbito destas instâncias de ensino e administração do curso.

Conta com o apoio, também, de ambos os departamentos envolvidos no curso que concordam com a oportunidade de maior interação entre as três com a criação deste espaço de trabalho e vivências pedagógicas .

#### **4.6. BIBLIOGRAFIA**

- Documento do MEC: “ Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Ciências Sociais
- JUNIOR, Edmilson L. “O curso de Ciências Sociais também é como um lago” Texto, 2002.
- LUCHMANN, Lígia H. H. “Relatório do II Seminário de Avaliação do Curso de Ciências Sociais da UFSC”, Coordenadoria de Graduação- CSO, 1996.
- \_\_\_\_\_ Relatório Fungrad 2001: “ O curso de Ciências Sociais da UFSC”.
- MINELLA, Luzinete S. “Relatório do I Seminário de Avaliação do Curso de Ciências Sociais da UFSC”, Coordenadoria de Graduação- CSO, 1995.
- NEVES, Clarissa E. B. “Qualificação e Mercado de Trabalho: a perspectiva dos cientistas sociais” Relatório de Pesquisa/CNPq/PPG Sociologia/UFRGS. Porto Alegre, 2001.
- SEIBEL, Erni. “O Cientista Social e a Busca de Identidades Profissionais: documento para debate”, Coordenadoria de Graduação – CSO, 1996.
- SILVA, Ricardo. “Banco de Dados das Ciências Sociais: subsídios para a reestruturação do Curso de Graduação em Ciências Sociais da UFSC”, Coordenadoria de Graduação – CSO, 2000
- NACKE, Aneliese. “ relatório da comissão do colegiado do curso de Ciências Sociais”, 1997
- LISBÔA, M. Regina <sup>a</sup> “ A trajetória dos alunos do curso de Ciências Sociais – de 90 a 95”, 1995.

#### **4.7. CURRÍCULO DO COORDENADOR (modelo LATTES CNPq)**

#### **4.8. RECURSOS DISPONÍVEIS**

Sala da Coordenação do Curso de Ciências Sociais

Salas de Aula

Labics- Laboratório de Imagem das Ciências Sociais

Recursos Humanos Docentes e Administrativos da Secretaria do Curso e dos depts SPO e ANT.

<b>4.9. ORÇAMENTO</b>	
<b>RUBRICA**</b>	<b>VALOR</b>
<b>Material de consumo</b>	
- 10 resmas de papel 4.....(10,00)	
- 10 cartuchos de tinta para impressora P&B.....(50,00)	100,00
- 1 quadro branco 3,00 x1,20.....(310,00)	500,00
	310,00
<b>Sub-Total.....</b>	<b>.....910,00</b>
<b>Equipamentos</b>	
6 Micro Computores com a seguinte especificação:	
- Placa-mãe ASUS A7N 8X.-.....	2.100,00
( 350,00)	
- 256 mb de memória RAM DDR 400 .....	1.320,00
( 220,00)	
- Athlon XP2400+ c/ cooler .....	1.200,00
( 200,00)	1.800,00
- Placa de vídeo GeForce 128 Mb.....	1.500,00
( 300,00)	1.200,00
- Disco rígido de 60 GB.....	600,00
(250,00)	
-Unidade combo ou LG.....	1.800,00
( 200,00 )	90,00
- 6Gabinetes ATX 450W com USB frontal	
.....( 100,00)	

- Monitor Samsung 15" ..... 300,00	120,00
- Drive 3 ½..... 15,00	150,00
-Teclado ABNT2..... ..... 20,00	150,00
-Mouse c/ scrool..... 25,00	900,00 2.800,00
- Caixas de som de 180W. .... 25,00	300,00 1.000,00
- 3 impressoras Epson Stylus C20SX..... 300,00	
- móveis e armários adaptáveis (computador/ material...).....	.....17.030,0 0
- 6 cadeiras giratórias simples..... 50,00	
- 1 mesa grande para reunião com 12 cadeiras..... ..1.000,00	
<b>Sub-total .....</b>	
<b>Serviços (Pessoa Jurídica)</b>	
- Serviços de reprografia .....	1. 000,00

- Assessoria de Informática	1.000,00
.....	.....
<b>Sub-Total</b> .....	<b>2.000,00</b>
<b>Total Geral</b> .....	<b>19.940,00</b>

## **JUSTIFICATIVA:**

Depois de 30 anos de sua criação, o Curso de Graduação em Ciências Sociais, ainda hoje, não possui o seu próprio laboratório de ensino para integrar as atividades de ensino, extensão e pesquisa que envolve alunos e professores.

As faces acadêmica e profissional do curso de Ciências Sociais apontam para a necessidade do acesso a publicações impressas e virtuais, bem como de recursos multimídia que a cada dia estão se especializando como forma de novas tecnologia educativas .

A Biblioteca Central apresenta um acervo muito aquém das necessidades da área. Tradicionalmente o recurso básico no processo de ensino aprendizagem do aluno da graduação em Ciências Sociais é o texto. Através deles, quer sob a forma de livros, imagens , sons pelas novas tecnologias, o aluno aprimora seu olhar e reflexão sobre o social. A pesquisa junto aos alunos ( Luchman, 2001), constatou que os procedimentos didático-pedagógicos utilizados como aulas expositivas, limitadas aos textos de apoio, estão ultrapassados e há expectativas de que a reforma curricular renove os procedimentos de ensino. Nesse sentido, a idéia de criar um espaço próprio para atividades complementares, de acordo com a realidade de nosso curso, está completamente sintonizada com as exigências das novas diretrizes do MEC.

Com sua criação atingiremos duas dimensões das carências do curso : atualização pedagógica e acesso discente às fontes novas e tradicionais do conhecimento da área, oportunidade reservada ainda, a poucos graduandos em termos proporcionais. A estrutura do curso, para a maioria dos seus estudantes é o único meio de acompanhamento e aquisição dos novos conhecimentos. No momento contamos apenas com um Laboratório de Informática compartilhado diariamente entre todos as disciplinas dos cursos de graduação do Centro de Filosofia e Ciências Humanas e com infra-estrutura técnica voltada para fins específicos

A implantação do LAC – Laboratório de Atividades Complementares, revitalizará a graduação em Ciências Sociais. Conferirá um sentido de novidade ao curso, imprimindo-lhe o dinamismo tão necessário atualmente para motivar professores e alunos, Proposto como um espaço incorporado ao projeto político pedagógico do curso será o lugar onde alunos e professores interagirão teórica e praticamente a partir do que aprendem em sala de aula; terão oportunidade de propor uma série de atividades acadêmicas; trocarão suas experiências ; conviverão e solucionarão problemas; viabilizarão o planejamento de saídas em campo / visitas à comunidades; farão consultas e pesquisas.

O seu caráter coletivo pode ser o balizador de uma série de convergências de interesses e novos planos de ensino, pesquisa e extensão na graduação. A sua flexibilidade , inspirada nas múltiplas dimensões propostas pelas novas diretrizes curriculares do Mec para as atividades complementares, permitirá a articulação e melhor rendimento das atividades já consagradas, como as de monitoria e estágio para os alunos.

